

EMILY
BRONTË

*O Morro dos
Ventos Uivantes*

Emily Brontë

O

Morro dos
Ventos Uivantes

Círculo do Livro

Digitalização , Revisão e Formatação: Vick

CÍRCULO DO LIVRO S.A.
Caixa postal 7413
São Paulo, Brasil

Edição integral
Título do original: "Wuthering Heights"
Tradução de Vera Pedroso

Licença editorial para o Círculo do Livro
por cortesia da Cedibra - Companhia Editora Brasileira

É proibida a venda a quem não pertença ao Círculo

Composto pela Linoart Ltda.
Impresso e encadernado em oficinas próprias

10 9 8 7 6 5 4 3 2

NOTICIA BIOGRÁFICA SOBRE ELLIS E ACTON BELL

Pensou-se, durante algum tempo, que todas as obras editadas com os nomes de Currer, Ellis e Acton Bell fossem, realmente, o produto da pena de uma só pessoa. Tentei corrigir esse engano mediante algumas palavras de retificação, apenas à terceira edição de *Jane Eyre*. Mas, como parece que tampouco elas mereceram crédito, aconselham-me agora, por ocasião desta nova edição de *O Morro dos Ventos Uivantes*, que esclareça o caso de uma vez por todas.

Efetivamente, eu própria acho que é mais do que tempo de dissipar a obscuridade que cerca esses dois nomes, Ellis e Acton. O pequeno mistério, que outrora proporcionou um certo prazer inocente, já perdeu o interesse; as circunstâncias mudaram. Torna-se, pois, meu dever explicar sucintamente a origem e a autoria dos livros escritos por Currer, Ellis e Acton Bell.

Há cerca de cinco anos, após um prolongado período de separação, eu e minhas duas irmãs voltamos a reunir-nos em casa. Residindo num remoto distrito, onde a instrução pouco progresso fizera e onde, em consequência, não havia satisfação em procurar relações sociais fora do círculo doméstico, dependíamos inteiramente de nós mesmas e umas das outras, da leitura e do estudo para preenchermos as necessidades de diversão e de ocupação das nossas vidas. O mais alto estímulo e o maior prazer que conhecêramos desde a infância baseara-se em tentativas de composição literária. A princípio costumávamos mostrar o que escrevíamos; ultimamente, porém, esse hábito

de comunicação e consulta fora posto de lado, daí resultando ignorarmos mutuamente os progressos que cada qual tinha feito.

Um belo dia, no outono de 1845, descobri, acidentalmente, um caderno de versos escritos na letra de minha irmã Emily. Não fiquei surpresa, pois sabia que ela escrevia versos: li-os e algo mais do que surpresa tomou conta de mim — a certeza de que aquelas não eram efusões comuns, nem de forma alguma semelhantes aos versos que as mulheres geralmente escrevem. Achei-os condensados e tensos, vigorosos e genuínos. Pareciam-me, também, ter uma música peculiar — selvagem, melancólica e inspiradora.

Minha irmã Emily não era pessoa comunicativa, nem permitia que ninguém — nem mesmo a família — penetrasse, sem pedir licença, nos recessos da sua mente ou dos seus sentimentos. Foram necessárias horas para que se reconciasse comigo pela descoberta que eu fizera e dias para persuadi-la de que aqueles poemas mereciam ser publicados. Eu sabia que uma personalidade como a dela não podia deixar de conter alguma centelha latente de ambição honrada e recusei-me a desistir das minhas tentativas de inflamá-la.

Entretanto, a minha irmã mais jovem ia buscar algumas das suas próprias composições, alegando que, como os versos de Emily me tinham dado prazer, talvez eu quisesse também ler os dela. Embora o meu juízo fosse parcial, achei que também aqueles versos demonstravam uma emoção sincera e original.

Desde muito cedo, tínhamos alimentado o sonho de virmos um dia a ser escritoras. Esse sonho, nunca abandonado mesmo quando a distância nos dividia e diferentes tarefas nos absorviam, de repente adquiria força e consis-

tência, revestindo-se das características de uma resolução. Concordamos em fazer uma pequena seleção dos nossos poemas e, se possível, editá-los. Adversas à publicidade pessoal, ocultamos os nossos nomes sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, sendo a escolha ditada por uma espécie de escrúpulo que nos levava a assumir nomes positivamente masculinos, não querendo confessarmo-nos mulheres porque — embora então não suspeitássemos de que a nossa maneira de pensar e de escrever não era o que se chama "feminina" — tínhamos a impressão de que as escritoras eram encaradas com espírito preconcebido.

Notáramos que os críticos por vezes usavam a arma do desprezo pelos escritos femininos ou, ao contrário, da lisonja gentil ao belo sexo.

A publicação do nosso livrinho foi trabalho árduo. Como era de esperar, nem nós nem a nossa poesia fomos bem acolhidas. Mas estávamos preparadas para isso; embora inexperientes, conhecíamos a experiência de outros. A maior dificuldade estava em obter uma resposta qualquer dos editores aos quais nos dirigíamos. Bastante desencorajada por esse obstáculo, aventurei-me a escrever aos Srs. Chambers, de Edimburgo, pedindo-lhes conselho. Talvez *eles* tenham esquecido as circunstâncias, mas *eu* não, pois deles recebi uma resposta breve, porém polida e sensata, com base na qual agimos e, finalmente, conseguimos levar avante o nosso sonho.

O livro foi publicado: pouca gente o conhece e tudo o que dele merece ser conhecido são os poemas de Ellis Bell. A convicção que eu tinha e tenho do valor desses poemas não recebeu a confirmação de uma crítica muito favorável; não obstante, mantenho a minha opinião.

O insucesso não nos abateu: o simples esforço para triunfar dera um novo sabor à nossa existência; tinha de ser continuado. Cada uma de nós começou a trabalhar numa obra em prosa: Ellis Bell escreveu *O Morro dos Ventos Uivantes*, Acton Bell produziu *Agnes Grey* e Currer Bell também escreveu uma novela em um volume. Todos esses trabalhos foram perseverantemente enviados a vários editores durante um ano e meio; seu destino era sempre uma abrupta e humilhante recusa.

Finalmente, *O Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Grey* foram aceitos em termos algo desfavoráveis para as duas autoras; quanto ao livro de Currer Bell, não encontrou aceitação em parte alguma, nem qualquer reconhecimento de mérito, e algo como o gelo do desespero começou a invadir-lhe o coração. Como última esperança, Currer Bell tentou mais uma editora — Smith, Elder & Co. Em muito menos tempo do que aquele que a experiência lhe ensinara a esperar, chegou-lhe uma carta, que abriu, na triste expectativa de encontrar duas linhas secas e desencorajadoras, informando que Smith, Elder & Co. "não estavam interessados na publicação do manuscrito". Em vez disso, saiu do envelope uma carta de duas páginas, que Currer Bell leu com mãos trêmulas. A editora recusava-se, realmente, a publicar a novela, por razões comerciais, mas apontava os seus méritos e os seus defeitos de maneira tão cortês, com um espírito tão racional, com uma visão tão esclarecida, que a recusa foi para a autora muito mais encorajadora do que o teria sido uma vulgar aceitação. A carta acrescentava que uma obra em três volumes receberia a melhor das atenções.

Eu estava então terminando *Jane Eyre*, em que trabalhara enquanto a tal novela de um volume batia às portas das editoras: mandei-a em três semanas e

mãos amigas e competentes a receberam. Foi isso no começo de setembro de 1847; antes do fim de outubro, *Jane Eyre* via a luz, ao passo que *O Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Grey*, os livros das minhas irmãs, que havia meses estavam na tipografia, demoraram ainda a sair por outras editoras.

Finalmente, apareceram. Os críticos não lhes fizeram justiça. Os poderes imaturos, mas autênticos, revelados em *O Morro dos Ventos Uivantes* mal foram reconhecidos; a sua significação e natureza foram incompreendidas; a identidade da sua autora foi confundida: afirmou-se ser o romance uma prévia e rude experiência da mesma pena que escrevera *Jane Eyre*. Injusto e tremendo engano! Fez-nos rir na ocasião, mas agora lamento-o profundamente. Acho que daí surgiu um preconceito contra o livro. Um autor que fosse capaz de tentar impingir uma produção imatura e inferior aproveitando-se de um sucesso posterior deveria, efetivamente, preocupar-se muito com a sua obra secundária e ser lamentavelmente indiferente ao verdadeiro galardão. Se os críticos e o público de fato acreditaram nisso, não admira que encarassem com maus olhos o novo livro.

Contudo, não quero que se pense que estou fazendo disso motivo de queixa ou censura; não ousa fazê-lo; o respeito pela memória de minha irmã proíbe-me tal coisa. Qualquer manifestação desse gênero teria por ela sido considerada como uma indigna e ofensiva demonstração de fraqueza.

É meu dever, bem como meu prazer, fazer constar uma exceção à regra geral das críticas. Um comentarista (Vide o *Palladium* de setembro de 1850), dotado da visão lúcida e da bela percepção do gênio, discerniu a verdadeira natureza de *O Morro dos Ventos Uivantes* e, com igual precisão, indicou-lhe as belezas e os defeitos. Muitas vezes os críticos nos recordam a quantidade de

astrólogos, caldeus e adivinhos reunidos diante de uma "inscrição mural" e incapazes de decifrar-lhe os caracteres ou tornar conhecida a sua interpretação. Temos o direito de nos felicitar-mos quando por fim aparece um autêntico vidente, alguém de grande espírito, ao qual foram dadas luz, sabedoria e compreensão e que é capaz de traduzir exatamente o *Mene, Mene, Tekel, Upharsin* de uma mente original (por mais imatura, pouco cultivada e parcialmente desenvolvida que essa mente seja) e dizer, com absoluta certeza: "É esta a interpretação do que aí está escrito".

Entretanto, até mesmo a pessoa a quem me refiro compartilha o engano sobre a sua autoria e me faz a injustiça de crer que cometi um erro ao rejeitar essa honra (pois considero-a uma honra). Posso assegurar-lhe que, neste e noutros casos iguais, jamais cometeria erros dessa natureza. Acho que a língua nos foi dada para tornar claro o que queremos dizer e não para o envolvermos numa dúvida desonesta.

O locatário de Wildfell Hall, por Acton Bell, também teve uma acolhida desfavorável. Disso, porém, não me posso espantar. A escolha do assunto foi um completo erro. Nada menos de acordo com a natureza da autora poderia ter sido concebido. Os motivos que lhe ditaram essa escolha foram, creio, puros, mas ligeiramente mórbidos. Durante a sua vida coubera-lhe contemplar, de perto e por longo tempo, os terríveis efeitos de talentos mal-empregados e de faculdades desperdiçadas; o seu temperamento era naturalmente sensível, reservado e aflito; o que viu impressionou-a grandemente e fez-lhe mal. Meditou naquilo até julgar seu dever reproduzir todos os detalhes (obviamente com personagens, incidentes e situações fictícios), como uma lição para quem a lesse. Detestava o seu trabalho, mas

prosseguia nele. Encarava os comentários que lhe fazíamos a propósito do assunto como uma tentação a combater. Tinha de ser honesta: não podia enfeitar, abrandar ou esconder nada. Essa bem-intencionada decisão acarretou-lhe uma interpretação errônea e muitas críticas, que ela recebeu como era seu costume receber as coisas desagradáveis — com paciência e resignação. Era uma verdadeira, sincera cristã, mas o timbre da melancolia religiosa imprimiu um contorno triste à sua curta e inocente vida.

Nem Ellis nem Acton se permitiram, por um momento sequer, desanimar por falta de encorajamento; a energia estimulava a primeira, a resistência amparava a segunda. Estavam ambas preparadas para tentar de novo e creio que nelas a esperança e a sensação de serem capazes ainda continuavam fortes. Mas ocorreu então uma grande mudança: algo se abateu sobre elas nessa forma que se teme antecipar e que tanta dor causa recordar. Em pleno calor do dia, as lavradoras tombaram sobre a sua seara.

Minha irmã Emily foi a primeira. Os pormenores da sua doença estão marcados a fogo na minha memória, mas deter-me neles, seja em pensamento ou em narrativa, está além das minhas forças. Nunca na sua vida ela demorara a cumprir o que tinha pela frente, e dessa vez tampouco demorou. Declinou rapidamente. Apressou-se em nos deixar. E contudo, embora perecendo fisicamente, mentalmente se tornava mais forte do que jamais a tínhamos conhecido. Dia a dia, ao vê-la enfrentar com tal fortaleza o sofrimento, eu a olhava com uma angústia feita de amor e admiração. Nunca vi nada assim; mas, também, nunca vi ninguém que se lhe comparasse em nada. Mais forte do que um homem, mais simples do que uma criança, a sua natureza era única. O terrível era que, cheia de compaixão pelos outros, dela própria não

tinha pena. O espírito continuava inexorável; da mão trêmula, dos membros inertes, dos olhos apagados era exigido o mesmo serviço que eles tinham prestado quando sãos. Testemunhar isso e não ousar protestar era uma dor que não se pode traduzir por palavras.

Dois cruéis meses de esperança e temor se passaram e chegou finalmente o dia em que o terror e os padecimentos da morte seriam suportados por aquele tesouro, que se fora tornando mais e mais caro aos nossos corações à medida que definhava aos nossos olhos. No fim desse dia, nada mais tínhamos de Emily senão os seus restos mortais, tais como a tísica os deixara. Faleceu a 19 de dezembro de 1848.

Achamos o golpe demasiado: pois nos enganávamos redonda e presunçosamente. Ela ainda não fora sepultada, quando Anne caiu doente. Não havia uma quinzena que o enterro se realizara, quando percebemos que era necessário prepararmo-nos para ver a caçula acompanhar a irmã mais velha. Conforme o seu temperamento, ela seguiu o mesmo caminho com passo mais lento e uma paciência que igualava a fortaleza da outra. Já disse que ela era religiosa, e foi nessas doutrinas cristãs, em que tão firmemente acreditava, que Anne encontrou apoio para a sua dolorosa jornada. Testemunhei a sua eficácia no momento supremo e no calmo triunfo que elas lhe proporcionaram. Anne faleceu a 28 de maio de 1849.

Que mais direi acerca delas? Não posso e nem preciso dizer muito mais. Exteriormente, eram duas mulheres discretas; uma existência perfeitamente reclusa dera-lhes modos e hábitos retraídos. Em Emily, os extremos do vigor e da simplicidade pareciam encontrar-se. Sob uma cultura destituída de sofisticação, gostos naturais e uma aparência modesta, jaziam um fogo e um

poder secretos, que poderiam ter inflamado as veias e alimentado o cérebro de um herói; mas ela não tinha conhecimentos mundanos; os seus poderes não se adaptavam aos aspectos práticos da vida: ela não saberia defender os seus mais manifestos direitos, lutar pelas suas mais legítimas conveniências. Teria sempre de haver alguém entre ela e o mundo. A sua vontade não era flexível e geralmente se opunha aos seus interesses. O seu gênio era magnânimo, mas quente e impetuoso; o seu espírito, um modelo de firmeza.

O caráter de Anne era mais dócil e passivo; não tinha ó poder, o fogo, a originalidade da irmã, mas era bem dotada de virtudes próprias. Estóica, abnegada, refletida e inteligente, a reserva e a taciturnidade colocavam-na e mantinham-na na sombra, cobrindo-lhe a mente e, principalmente, os sentimentos com uma espécie de véu de freira, que ela raramente levantava. Nem Emily nem Anne eram intelectuais; não lhes passava pela cabeça aproveitar os frutos de outras mentes; escreviam sempre sob o impulso da sua natureza, sob os ditames da intuição e com os dados de observação que a sua limitada experiência lhe permitira acumular. Sumarizando, direi que, para os estranhos, elas não eram nada e para os observadores superficiais, menos que nada; mas, para aqueles que as haviam conhecido durante toda a vida, na intimidade de relações estreitas, elas eram genuinamente boas e verdadeiramente grandes.

Esta notícia foi escrita porque achei ser um dever sagrado remover-lhes a poeira das lápides e limpar os seus caros nomes.

Currer Bell

(Charlotte Brontë)

19 de setembro de 1850

PREFÁCIO DO EDITOR À NOVA EDIÇÃO DE *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*

Acabei de reler *O Morro dos Ventos Uivantes* e, pela primeira vez, obtive uma clara visão daquilo a que se chama (e, talvez, com razão) os seus defeitos; consegui ter uma noção definida de como o livro surge aos olhos de outras pessoas — às pessoas que não conheceram a autora, que desconhecem a localidade em que a história se desenrola, para quem os habitantes, os costumes, as características naturais dos distantes morros e povoados a oeste de Yorkshire são coisas estranhas e até exóticas.

Para todas essas pessoas, *O Morro dos Ventos Uivantes* deve parecer um livro rude e esquisito. As bravias charneças do norte da Inglaterra não podem ter, para elas, qualquer interesse; a linguagem, as maneiras, as próprias moradas e os usos domésticos dos poucos habitantes dessas regiões devem ser, para tais leitores, em grande parte ininteligíveis e — quando inteligíveis — repulsivos. Homens e mulheres que, talvez por natureza muito calmos, com sentimentos moderados e pouco marcados, tenham sido desde o berço ensinados a observar a mais completa temperança de maneiras e o mais perfeito policiamento de linguagem sem dúvida não saberão como encarar o linguajar forte, as paixões brutalmente manifestadas, as aversões não contidas e as obstinadas parcialidades dos camponeses iletrados e dos fidalgos não refinados que vivem nessa região, e que se criaram sem outros ensinamentos e outras contenções que os de mentores tão rudes quanto eles próprios.

Da mesma forma, uma vasta classe de leitores se chocará grandemente com a introdução, nas páginas deste livro, de palavras escritas com todas as

suas letras, quando se tornou costume apresentá-las apenas pela inicial e a última letra — um traço ou reticências preenchendo o intervalo. Devo logo ir dizendo que, quanto a isso, foge à minha capacidade pedir desculpas, já que eu próprio acho racional escrever as palavras por extenso. A prática de insinuar, por meio de uma ou duas letras, os expletivos com os quais as pessoas profanas e violentas habitualmente guarnecem as suas falas parece-me um procedimento que, embora bem-intencionado, peca pela fraqueza e pela futilidade. Não entendo que bem isso faz, que sensibilidade isso poupa, que horrores isso oculta.

A respeito da rusticidade de *O Morro dos Ventos Uivantes*, admito a acusação pois lhe sinto a qualidade. É todo ele rústico, selvagem e espinhoso como uma raiz de urze. Nem seria natural que fosse de outra maneira, uma vez que a autora era nascida e criada nas charnechas. Sem dúvida, houvesse ela nascido numa cidade, e os seus escritos — se ela tivesse escrito — teriam possuído outras características. Mesmo que o acaso ou o gosto a tivessem levado a escolher um assunto parecido, ela o teria tratado de outra forma. Tivesse Ellis Bell sido uma dama ou um cavalheiro acostumados àquilo a que se chama "o mundo", a sua visão de uma região remota e abandonada, bem como dos seus habitantes, teria diferido grandemente da focalizada por essa moça confinada à sua casa e à sua charneca. Sem dúvida teria sido mais ampla: mais original ou mais verdadeira é que já não garanto. No que toca ao cenário, dificilmente poderia ter sido tão sentido: Ellis Bell não o descreveu como o faria alguém cuja vista ou gosto, apenas, encontrassem prazer em fazê-lo; para ela, os seus morros nativos eram muito mais do que uma paisagem; eram o lugar onde ela vivia e representavam tanto quanto as aves

selvagens, suas habitantes, ou as urzes, seu produto. Portanto, as suas descrições do cenário natural são exatamente o que deveriam ser, e nada mais do que isso.

No que toca à delimitação do caráter humano, o caso é diferente. Devo confessar que ela tinha pouco mais conhecimento prático dos camponeses entre os quais vivia do que aquele que uma freira tem das pessoas que às vezes atravessam os portões do seu convento. O temperamento de minha irmã não era naturalmente sociável e as circunstâncias favoreciam e estimulavam a sua tendência à reclusão; exceto para ir à igreja ou dar um passeio pelos morros, ela raramente saía de casa. Embora olhasse com benevolência para as pessoas à sua volta, nunca procurou relacionar-se com elas e nem, com poucas exceções, as contactou. Não obstante, ela as conhecia: conhecia os seus costumes, a sua maneira de falar, as histórias das suas famílias; ouvia falar delas com interesse e podia falar delas com minúcia e exatidão — embora *com* elas raramente trocasse uma palavra sequer. Daí se segue que a sua mente reunira apenas, a respeito delas, aqueles terríveis e trágicos traços de que, ao ouvir os anais secretos de qualquer rústica vizinhança, a memória muitas vezes é compelida a registrar a impressão. A sua imaginação, mais sombria do que otimista, mais poderosa do que esportiva, encontrou nesses traços o material com que criou personagens como Heathcliff, Earnshaw e Catherine. Ao criar esses seres, ela não sabia o que tinha feito. Se o editor da sua obra, ao lê-la em manuscrito, estremeceu sob a terrível influência de naturezas tão inexoráveis e implacáveis, de espíritos tão perdidos e decaídos; se houve queixas de que a simples audição de certas cenas tirava o sono à noite e perturbava a mente durante o dia, Ellis

Bell não compreendia a razão e acusava os queixosos de afetação. Tivesse continuado viva e a sua mente ter-se-ia desenvolvido qual uma árvore forte, mais direita, mais alta e com maior alcance, e os seus frutos, amadurecidos, teriam atingido um sabor mais doce, um travo menos amargo. Mas, sobre essa mente, apenas o tempo e a experiência poderiam operar: à influência de outros intelectos, ela não se dobrava.

Tendo admitido que, por sobre grande parte de *O Morro dos Ventos Uivantes*, paira "o horror das trevas"; que, na sua atmosfera elétrica e tempestuosa, temos por vezes a sensação de respirar relâmpagos, permitam-me indicar alguns pontos em que a nebulosidade do dia e o sol eclipsado ainda atestam a sua existência. Como modelo de verdadeira benevolência e doméstica fidelidade, veja-se o personagem de Nelly Dean; como exemplo de constância e ternura, note-se o de Edgar Linton. (Algumas pessoas acharão que essas qualidades não brilham tanto encarnadas num homem quanto numa mulher, mas Ellis Bell não admitia isso: nada a indignava mais do que a insinuação de que a fidelidade e a clemência, a abnegação e a bondade, virtudes apreciadas nas filhas de Eva, se tornavam fraquezas nos filhos de Adão. Sustentava que a misericórdia e a indulgência eram os mais divinos atributos do Ente Supremo que tanto fez o homem como a mulher, e que o que dava glória ao Criador não podia desgraçar nenhum dos sexos da frágil humanidade.) Há um humor seco, fleumático na delineação do velho Joseph e alguns vislumbres de graça e alegria animam a jovem Catherine. E a primeira heroína desse nome não é destituída de uma certa e estranha beleza na sua ferocidade, ou de honestidade, em meio à perversa paixão e à apaixonada perversidade.

Heathcliff, é verdade, permanece irremível, nunca se afastando da sua trajetória rumo à perdição, desde que "aquela coisinha morena e de cabelo negro, tão escura como se tivesse vindo do Diabo" foi pela primeira vez colocada na cozinha da fazenda até o momento em que Nelly Dean encontrou o terrível, rígido cadáver deitado de costas na cama apainelada, com olhos arregalados, que pareciam "troçar da sua tentativa de fechá-los, lábios abertos e aguçados dentes brancos, que também troçavam dela".

Heathcliff revela um único sentimento humano, que *não é o* seu amor por Catherine; o qual é um sentimento selvagem e desumano, uma paixão que poderia fervilhar e brilhar na má essência de um gênio do mal, um fogo que poderia formar o centro tormentoso — a alma eternamente sofredora de um magnata do mundo infernal; e, pela sua insaciável e interminável devastação, acarreta a execução da sentença que o condena a levar consigo o inferno, aonde quer que ele vá. Não; o único elo que liga Heathcliff à humanidade é a sua mal confessada preocupação com Hareton Earnshaw — o jovem que ele arruinou — e a sua insinuada estima por Nelly Dean. Não fossem esses traços solitários, diríamos que ele não era nem um filho de cigana nem de Lascar, e sim um vampiro, uma forma humana animada por uma alma de demônio.

Se é direito ou aconselhável criar seres como Heathcliff, eu não sei: creio que não. Mas disto eu tenho a certeza: o escritor que possui o dom da criação possui algo que ele nem sempre pode controlar — algo que, às vezes, parece ter uma vontade independente. Ele pode estabelecer regras e princípios, aos quais, talvez durante anos, esse seu dom se sujeite, em obediência; mas, às vezes sem qualquer premonição de revolta, chega um dia em que o seu dom não mais consente em "arar os vales ou ser amarrado ao

rego do arado", em que "ri da multidão da cidade e não se importa com os gritos do condutor", em que, recusando-se a continuar fazendo cordas de areia, começa a trabalhar em estatuária — e temos então um Plutão ou um Júpiter, uma Tisífone ou uma Psique, uma sereia ou uma madona, conforme o quiserem o Destino ou a Inspiração. Seja a obra disforme ou gloriosa, terrível ou divina, pouca escolha nos fica, senão adotá-la. Quanto a vós — os artistas —, a vossa colaboração foi trabalhar passivamente, obedecendo a ditames que nem comunicastes nem pudestes questionar — que não poderíeis pronunciar nas vossas preces, nem suprimir ou alterar segundo os vossos caprichos. Se o resultado for atraente, o mundo elogiar-vos-á, a vós, que tão pouco mereceis elogios; se ele for repulsivo, o mesmo mundo vos culpará, embora tampouco sejais culpados.

O Morro dos Ventos Uivantes foi talhado numa oficina rude, com ferramentas simples e materiais caseiros. O escultor encontrou um bloco de granito numa charneca solitária; olhando para ele, viu como dali se podia tirar uma cabeça, selvagem, escura, sinistra; uma forma modelada com pelo menos um elemento de grandeza — a força. Trabalhou com um tosco cinzel e sem mais modelo do que a visão das suas meditações. Com tempo e trabalho, o bloco foi tomando forma humana; e lá está ele, colossal, escuro e cenhudo, meio estátua, meio rocha: no primeiro consenso, terrível e semelhante a um demônio; no segundo, quase belo, pois a sua coloração é um cinzento suave, que o musgo da charneca reveste; e a urze, com suas campânulas floridas e a sua fragrância, cresce fielmente junto ao pé do gigante.

Currer Bell

(Charlotte Brontë)

CAPÍTULO I

1801

Acabei de chegar de uma visita ao meu senhorio — o único vizinho que me poderá incomodar. Que bela região, esta! Em toda a Inglaterra, acho que não poderia ter encontrado um lugar tão completamente afastado da sociedade humana. Um perfeito paraíso para os misantropos; eu e o Sr. Heathcliff formamos um par bem adequado para dividi-lo entre ambos. Grande sujeito! Não deve ter suspeitado de como simpatizei com ele, assim que vi os seus olhos negros recolherem-se, desconfiados, sob as sobrancelhas, à medida que eu me aproximava, e os seus dedos afundarem ainda mais, com ciumenta determinação, no seu colete, quando anunciei quem era.

— Sr. Heathcliff? — disse eu. A resposta foi um aceno.

— Sou Lockwood, o seu novo inquilino. Tenho a honra de vir falar com o senhor logo após a minha chegada, para dizer-lhe que espero não o ter importunado com a minha insistência em solicitar a ocupação da Granja Thrushcross; ouvi dizer, ontem, que o senhor tinha pensado . . .

— A Granja Thrushcross pertence-me — interrompeu ele secamente. — Não iria permitir que ninguém me importunasse e, se pudesse me opor a isso. . . Entre!

Esse "entre" foi dito entre dentes e no tom de quem diz: "Vá para o diabo!" Até mesmo a cancela em que ele se apoiava não fez qualquer movimento para acompanhar as suas palavras, e acho que foi precisamente

isso que me levou a aceitar o convite: sentia-me interessado por aquele homem, cuja misantropia parecia ainda maior do que a minha.

Quando ele viu o meu cavalo empurrar a porteira, estendeu a mão para abri-la e precedeu-me, soturnamente, ordenando, ao entrarmos no pátio: — Joseph, leve o cavalo do Sr. Lockwood; e traga-nos vinho.

"Eis aí toda a criadagem", pensei, ao ouvir aquela dupla ordem. "Não espanta que a grama cresça entre as pedras do caminho e o gado seja o único jardineiro."

Joseph era um homem de idade, ou melhor, um autêntico velho; muito velho, talvez, embora saudável e enérgico. — Deus nos acuda! — murmurou com evidente desprazer, enquanto me desembaraçava do cavalo, e ao mesmo tempo me olhava com ar tão sombrio, que eu caridosamente conjecturei que talvez ele precisasse do socorro divino para digerir o seu almoço e sua piedosa exclamação nada tivesse que ver com a minha inesperada visita.

A propriedade do Sr. Heathcliff chama-se, adequadamente, Wuthering Heights (O Morro dos Ventos Uivantes, N. do E.), sendo *wuthering* um significativo adjetivo provinciano para designar o tumulto atmosférico ao qual ela está sujeita em tempo tempestuoso. De fato, ali sempre sopra um ar puro e estimulante; pode-se imaginar a fúria do vento do norte soprando sobre a propriedade, pela excessiva inclinação de alguns enfezados abetos plantados na extremidade da casa e por uma fila de esqueléticos espinheiros, todos estendendo os seus membros na mesma direção, como se pedindo esmolas ao sol. Felizmente, o arquiteto cuidou de fazê-la forte: as janelas, estreitas, estão bem embutidas na parede, e os cantos são defendidos por grandes pedras salientes.

Antes de atravessar a soleira, parei para admirar uma quantidade de grotescos entalhes espalhados sobre a fachada e, principalmente, à volta da porta, por cima da qual, entre uma orgia de grifos semi-esboroados e menininhos despudorados, detectei a data 1500 e o nome Hareton Earnshaw. Tive vontade de fazer alguns comentários e pedir ao proprietário que me fornecesse um breve histórico do lugar, mas a sua atitude parecia exigir que eu entrasse sem mais delongas ou então partisse, e não quis aumentar-lhe a irritação antes de ter entrado.

Um passo e estávamos na sala, sem qualquer vestíbulo ou corredor introdutório; aqui, dão à sala o nome de "casa", e geralmente serve de cozinha e de sala de estar. Mas creio que no Morro dos Ventos Uivantes a cozinha fora forçada a retirar-se para outros quartéis; pelo menos, distingui um barulho de tenazes e utensílios culinários vindo de dentro da casa, e não vi sinais de assados ou cozidos na enorme lareira, nem brilho de caçarolas de cobre ou passadores de lata nas paredes. Numa extremidade da sala, porém, a luz e o calor do fogo se refletiam esplendidamente em filas de imensos pratos de estanho, entremeados de canecas e jarras de prata, que se erguiam, sobre um vasto aparador de carvalho, como uma torre, até o teto. Este nunca fora tapado: toda a sua anatomia estava à vista, exceto onde uma prateleira, cheia de bolos de aveia, pedaços de pernas de bois e de carneiros, pernis e presuntos, a escondia. Sobre a lareira viam-se várias armas de fogo antigas, de aspecto terrível, e um par de enormes pistolas, além de três caixas de folhas para chá pintadas com cores vivas e dispostas, à guisa de ornamento, ao longo da beirada da lareira. O chão era de pedra branca e lisa; as cadeiras, primitivas e de espaldar alto, pintadas de verde; uma ou duas, mais pesadas e negras,

entreviam-se na penumbra. Sob um arco, debaixo do aparador, repousava uma grande cadela *pointer*, vermelho-escura e rodeada por uma porção de barulhentos cachorrinhos. Outros cães perambulavam de um lado para outro.

O aposento e a sua decoração não teriam nada de extraordinário se pertencessem a um pacato fazendeiro local, de aspecto teimoso e membros rijos, realçados por calções até os joelhos e polainas. Um tal fazendeiro, sentado na sua poltrona, caneca de cerveja espumando sobre uma mesa redonda à sua frente, é coisa que se vê em qualquer passeio de cinco ou seis milhas por estas colinas, desde que se faça a visita a uma hora certa, logo depois do almoço. Mas o Sr. Heathcliff contrasta singularmente com a casa em que mora e o seu estilo de vida. Na aparência, é um autêntico cigano de pele escura; no trajar e nas maneiras, um cavalheiro — isto é, um cavalheiro como o são tantos fidalgos do interior: bastante desalinhado, talvez, mas não desagradavelmente, graças à sua silhueta esbelta e ereta, e também bastante arisco. Possivelmente algumas pessoas veriam orgulho nele; eu tenho com ele uma afinidade que me diz não ser nada disso; sei, por instinto, que a sua reserva vai desde uma aversão às demonstrações ostensivas de sentimentos até as manifestações mútuas de gentileza. Deve amar e odiar igualmente, em silêncio, e achar uma espécie de impertinência no fato de ser amado e odiado. Não, estou me precipitando, atribuindo-lhe demasiadamente a minha própria maneira de ser. O Sr. Heathcliff talvez tenha razões inteiramente diferentes das minhas para não estender a mão ao fazer um novo conhecimento. Suspeito que o meu temperamento seja quase peculiar; a minha querida mãe costumava dizer que eu nunca teria um verdadeiro lar, e ainda no verão passado provei ser completamente indigno de o possuir.

Ao gozar um mês de bom tempo à beira-mar, conheci uma criatura fascinante: uma verdadeira deusa para os meus olhos, enquanto não reparou em mim. Nunca lhe confessei verbalmente o meu amor; mas, se é certo que os olhares falam, o mais completo idiota teria percebido que eu estava apaixonado. Por fim, ela o entendeu e lançou-me também um olhar — o mais doce dos olhares. E que foi que eu fiz? Confesso-o, envergonhado — recolhi-me a mim mesmo, qual um caramujo; a cada olhar dela, mais eu me encolhia, maior frieza aparentava; até que, finalmente, a pobre começou a duvidar dos seus próprios sentidos e, cheia de confusão pelo suposto engano, convenceu a mãe de que deviam partir. Graças a essa estranha mudança de atitude, ganhei a reputação de ser uma pessoa desumana; quão pouco a mereço, só eu o sei.

Tomei assento a uma das extremidades da lareira, em frente ao meu senhorio, e tentei preencher um intervalo de silêncio acariciando a cadela, que deixara a sua ninhada e se esgueirava por trás das minhas pernas, o focinho arreganhado e as brancas presas como que se preparando para morder. A minha carícia provocou um rosar longo e gutural.

— É melhor deixar a cadela em paz — rosnou também o Sr. Heathcliff, evitando maiores demonstrações com um pontapé. — Ela não está acostumada a mimos... — não a tratamos como um animal de estimação. — E, dirigindo-se para uma porta lateral, gritou, uma vez mais: — Joseph!

Joseph respondeu qualquer coisa dos fundos da adega, mas não deu sinal de subir, de modo que o amo mergulhou ao encontro dele, deixando-me *vis-à-vis* com a terrível cadela e um par de felpudos cães pastores, que com ela mantinham uma zelosa guarda sobre os meus movimentos. Não desejando

entrar em contato com as suas presas, conservei-me quieto; mas, imaginando que eles por certo não entenderiam insultos implícitos, tive a triste idéia de me pôr a piscar e a fazer caretas para o trio, e não sei que contorção da minha fisionomia irritou a madame, que de repente se atirou sobre mim, furiosa. Repeli-a e apressei-me a interpor a mesa entre nós. Esse procedimento excitou toda a matilha: meia dúzia de demônios de quatro patas, de vários tamanhos e idades, saíram de diversos esconderijos e pularam para cima de mim. Senti os calcanhares e as abas do casaco serem atacados; e, afastando os combatentes maiores da melhor maneira possível, com o atizador, vi-me obrigado a pedir, em voz alta, que alguém da casa me ajudasse a restabelecer a paz.

O Sr. Heathcliff e o seu criado subiram a escada da adega com irritante calma; não creio que se movessem um segundo mais depressa do que de hábito, embora a sala fosse um verdadeiro pandemônio de gritos e latidos. Felizmente, alguém da cozinha apressou-se um pouco mais: uma robusta senhora, com o vestido arregaçado, braços nus e faces avermelhadas pelo fogo, correu para onde estávamos, brandindo uma frigideira; e tal uso fez dessa arma e da sua língua, que a tempestade amainou magicamente, e só ela ficou ali, ofegando como o mar após um vendaval, quando o seu patrão entrou em cena.

— Que diabo está acontecendo aqui? — perguntou ele, olhando-me de maneira que eu mal podia suportar, após tão inóspito tratamento.

— Que diabo, realmente! — resmunguei. — Uma vara de porcos danados não poderia ter piores instintos do que esses seus cães. É quase a mesma coisa que deixar um estranho com um bando de tigres!

— Eles não se metem com pessoas que não mexem em nada — observou ele, colocando a garrafa diante de mim e devolvendo a mesa ao seu lugar. — Os cães fazem bem em ser vigilantes. Aceita um copo de vinho?

— Não, muito obrigado.

— Não foi mordido, foi?

— Se tivesse sido, teria deixado o meu sinete no animal.

O rosto de Heathcliff abriu-se numa espécie de sorriso.

— Ora, ora — disse —, o senhor está nervoso, Sr. Lockwood. Vamos, tome um copo de vinho. As visitas são de tal modo raras nesta casa, que eu e os meus cães, devo confessá-lo, mal sabemos como recebê-las. À sua saúde!

Curvei-me e brindei à saúde dele, começando a perceber que seria idiota ficar ofendido pelo mau procedimento de meia dúzia de cães; além disso, não queria proporcionar mais motivo para diversão, pois era isso o que estava acontecendo. Quanto a ele, provavelmente movido pela prudente lembrança de que era loucura ofender um bom inquilino, abandonou um pouco o lacônico estilo de economizar nos pronomes e nos verbos auxiliares e iniciou o que supunha ser um assunto de interesse para mim: uma dissertação sobre as vantagens e as desvantagens do meu novo lugar de retiro. Achei-o muito inteligente nos tópicos que tocamos; e, antes de me despedir, senti-me encorajado a dizer que voltaria amanhã. Evidentemente, ele não queria nova intrusão. Mesmo assim, irei. É espantoso como pareço sociável, se comparado com ele.

CAPÍTULO II

A tarde de ontem foi fria e enevoada. Estava com vontade de passá-la à beira da lareira, no meu escritório, em vez de atravessar urzes e lama até o Morro dos Ventos Uivantes. Entretanto, logo depois do almoço (*N.B.* — almoço entre o meio-dia e uma hora, pois a governanta, uma senhora matronal, que recebi junto com a casa, não pode ou não quer compreender o meu pedido de ser servido às cinco), ao subir a escada com essa preguiçosa intenção e entrar no escritório, dei com uma empregada de joelhos, rodeada de vassouras e baldes de carvão e levantando um pó infernal, ao tentar extinguir as chamas da lareira com montes de cinzas. Aquele espetáculo fez-me logo recuar; peguei no chapéu e, após caminhar umas quatro milhas, cheguei ao portão do jardim de Heathcliff bem a tempo de escapar aos primeiros flocos de uma nevasca.

No alto daquele desolado morro, a terra estava coberta de uma geada dura e enegrecida e o vento fazia-me tiritar. Não conseguindo remover a corrente, pulei por cima da cancela e, correndo pelo caminho empedrado e ladeado por groselheiras, bati em vão à porta, até os nós dos dedos me doerem e os cães começarem a uivar.

"Gente desgraçada!", invectivei mentalmente. "Vocês merecem viver eternamente isolados, pela falta de hospitalidade que demonstram. Eu, pelo menos, não trancaria as minhas portas durante o dia. Não importa — hei de entrar!" Assim decidido, agarrei a tranca e sacudi-a com toda a força. Não

tardou para que o rosto azedo de Joseph surgisse a uma das janelas redondas do celeiro.

— Que é que o senhor quer? — gritou ele. — O patrão está lá embaixo, no curral. Pode dar a volta pela ponta do lago, se quiser falar com ele.

— Não há ninguém em casa para me abrir a porta? — gritei também.

— Não tem ninguém, só a patroa; mas ela não vai abrir, nem que o senhor continue martelando a porta até de noite.

— Por quê? Você não lhe pode dizer quem sou, Joseph?

— Eu, não! Não quero me meter nisso! — resmungou ele, tirando a cabeça da janela.

A neve começou a cair com força. Agarrei a tranca para fazer outra tentativa, quando um jovem sem casaco, levando ao ombro uma forquilha, apareceu no pátio. Disse-me para segui-lo, e, após atravessarmos uma lavanderia e uma área empedrada, contendo um depósito de carvão, uma bomba e um pombal, entramos no enorme e quente aposento em que da primeira vez fora recebido. Um fogo imenso, alimentado com carvão, turfa e lenha, tornava-o ainda mais acolhedor; e perto da mesa, posta para um abundante chá, tive o prazer de ver a "patroa", pessoa de cuja existência até ali nem sequer suspeitara. Inclinei a cabeça, em cumprimento, esperei que ela me convidasse a tomar assento. Mas ela olhou para mim, reclinada na sua cadeira, e continuou imóvel e muda.

— Tempo horrível! — comentei. — Sinto muito, Sra. Heathcliff, mas a culpa é dos seus criados; quase tive de arrombar a porta para que eles me ouvissem.

Ela permaneceu calada. Olhei-a bem nos olhos — ela também me fitou; pelo menos manteve os olhos em mim, de uma maneira fria, indiferente, por demais embaraçosa e desagradável.

— Sente-se — disse o jovem, com secura. — Ele não demora.

Obedeci. Pigarreei e chamei a terrível Juno, que se dignou, naquele segundo encontro, agitar a extremidade da cauda, em sinal de reconhecimento.

— Lindo animal! — recomecei. — Pretende dar os filhotes?

— Não são meus — replicou a simpática anfitriã, de maneira ainda mais cortante do que Heathcliff teria respondido.

— Ah, os seus favoritos são, então, aqueles? — prossegui, apontando para uma almofada cheia de algo parecido com gatos.

— Estranho favoritismo, esse! — observou ela, com desdém.

Infelizmente, aquilo era um monte de coelhos mortos. Pigarreei outra vez e aproximei-me da lareira, repetindo o meu comentário a respeito do mau tempo.

— O senhor não deveria ter saído de casa — disse ela, levantando-se e tirando duas das latas pintadas que havia em cima da lareira.

Sentada como estava antes, contra a luz, não se podia vê-la bem. Agora, porém, o fogo iluminava-a toda. Era esbelta e aparentemente mal saída da adolescência. Tinha uma silhueta impecável e o mais belo rostinho que eu já tivera o prazer de contemplar: feições pequenas e harmoniosas; cachos louros ou, melhor, dourados, caindo sobre o seu pescoço delicado; e olhos que teriam sido irresistíveis, se a sua expressão fosse agradável; felizmente para o meu suscetível coração, o único sentimento que eles revelavam hesitava entre

o desprezo e algo assim como um desespero estranho e fora do natural. As latas estavam difíceis de alcançar; fiz um gesto para ajudá-la. Ela se voltou para mim como um avarento se voltaria se alguém tentasse ajudá-lo a contar o seu ouro.

— Não quero a sua ajuda — falou. — Posso apanhá-las sozinha.

— Mil perdões! — apressei-me a responder.

— O senhor foi convidado para o chá? — perguntou, atando um avental por cima do seu elegante vestido preto e segurando uma colher de chá sobre a chaleira.

— Gostaria muito de tomar uma xícara — respondi.

— Foi convidado? — repetiu ela.

— Não — disse eu, quase a sorrir. — Mas a senhora e a pessoa indicada para me convidar.

Ela pôs o chá de volta na lata e voltou para a sua cadeira, a testa enrugada e o lábio inferior espichado, como uma criança prestes a chorar.

Entretanto, o jovem jogara sobre si uma jaqueta decididamente gasta, e, erguendo-se diante do fogo, olhou para mim com o canto do olho, como se entre nós houvesse uma rivalidade mortal. Comecei a pensar que ele talvez não fosse um empregado; a sua roupa e a sua maneira de falar eram ambas grosseiras, sem qualquer traço da superioridade comum ao Sr. e à Sra. Heathcliff; seu cabelo, grosso e castanho, era maltratado, as suíças espalhavam-se desordenadamente pelas suas bochechas, e tinha as mãos encardidas como as de um serviçal. Mas os seus modos eram livres, quase arrogantes, e ele não mostrava servilismo perante a dona da casa. Na ausência de provas claras, achei melhor abster-me de reparar na sua curiosa conduta; e,

cinco minutos depois, a chegada de Heathcliff veio, de certo modo, aliviar-me da desconfortável posição em que me encontrava.

— Como vê, aqui estou eu, conforme prometi! — exclamei, adotando um ar alegre. — E acho que vou ter que ficar aqui mais meia hora, se o senhor me puder abrigar durante esse tempo.

— Meia hora? — repetiu ele, sacudindo os flocos de neve dos seus trajas. — Não posso compreender por que razão o senhor foi escolher uma tempestade de neve para andar por aí. Sabe que corre o perigo de se perder nos pântanos? As pessoas que os conhecem bem muitas vezes se perdem, em tardes como essa. E digo-lhe que o tempo não vai mudar.

— Talvez algum dos seus rapazes me possa guiar e pernoitar na granja. Pode ceder-me alguém?

— Não, não posso.

— Oh, bem, então tenho de confiar no meu sentido de orientação.

— Hum!

— Vai fazer o chá ou não vai? — perguntou o da jaqueta andrajosa, desviando o olhar feroz de mim para a jovem.

— *Ele* vai tomar chá? — perguntou ela, por sua vez, dirigindo-se a Heathcliff.

— Faça logo o chá! — foi a resposta, dita num tom tão furioso que estremeci, pois revelava uma péssima natureza. Já não me sentia inclinado a considerar Heathcliff um grande sujeito. Quando o chá ficou pronto, ele me convidou com: — Vamos, chegue a sua cadeira. — E todos nós, inclusive o jovem rústico, nos aproximamos da mesa, à volta da qual se instalou um desconfortável silêncio.

Pensei que, uma vez que o causara, fosse meu dever esforçar-me por dissipá-lo. Não era possível que todos os dias se sentassem para tomar chá num ambiente tão taciturno; e tampouco era possível que, por pior gênio que tivessem, aquelas caras fechadas fossem a sua expressão cotidiana.

— É estranho — comecei, entre uma xícara e outra —, é estranho como o hábito pode moldar os nossos gostos e as nossas idéias. Muita gente não imaginaria que poderia haver felicidade numa vida de completo exílio do mundo, como é a sua, Sr. Heathcliff; e, contudo, ousou dizer que, rodeado da sua família e com a sua encantadora senhora presidindo em seu lar e em seu coração. . .

— Minha encantadora senhora! — interrompeu ele, com uma expressão quase diabólica. — Onde está ela. . . a minha encantadora senhora?

— Refiro-me à Sra. Heathcliff, sua esposa.

— Oh, sim. . . Pelo visto, o senhor insinua que o seu espírito assumiu a forma de anjo da guarda, velando pela felicidade do Morro dos Ventos Uivantes mesmo depois da morte. É isso?

Percebendo que tinha cometido uma gafe, tentei corrigi-la. Devia ter visto que havia demasiada disparidade entre as idades de ambos para que se pudesse pensar neles como marido e mulher. Ele devia andar pelos quarenta anos, uma idade de vigor mental, em que os homens raramente acalentam a ilusão de que as jovens se casam com eles por amor — esse sonho é reservado ao consolo dos anos de declínio. Quanto a ela, talvez não tivesse sequer dezessete anos.

Ocorreu-me, então: "Essa rude criatura a meu lado, tomando chá numa caneca e comendo pão sem lavar as mãos, deve ser o marido dela: Heathcliff

Junior, sem dúvida. Eis a conseqüência de se deixar enterrar em vida: uma moça tão bonita desperdiçada com esse rapaz horrível, só por não conhecer ninguém melhor! Uma pena — tenho de ter cuidado para não a fazer lastimar a sua escolha". Essa última reflexão podia parecer convencimento, mas não era. O meu vizinho de mesa era quase repulsivo; quanto a mim, sabia, por experiência, que era um tanto atraente.

— A Sra. Heathcliff é minha nora — informou Heathcliff, corroborando a minha suposição. Ao falar, lançou-lhe um olhar peculiar: um olhar de ódio; a menos que tenha um jogo especial de músculos faciais, que, ao contrário das outras pessoas, não interprete o que lhe vai na alma.

— Ah, sim, agora entendo: o senhor é o feliz possuidor da bela fada — comentei, virando-me para o meu vizinho.

Foi pior a emenda do que o soneto: o jovem ficou escarlate e fechou o punho, dando-me a impressão de que me ia esmurrar. Mas logo pareceu dominar-se, e, controlando-se brutalmente, resmungou qualquer coisa para mim, que procurei ignorar.

— O senhor não tem sorte nas suas conjeturas — observou o meu anfitrião. — Nenhum de nós dois tem o privilégio de ser possuidor da sua bela fada; o marido dela morreu. Disse-lhe que ela era minha nora, de modo que é fácil deduzir que casou com meu filho.

— Mas esse jovem não é. . .

— Não é meu filho, claro!

Heathcliff sorriu de novo, como se fosse uma piada de péssimo gosto atribuir-lhe a paternidade daquele urso.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — grunhiu o outro. — Aconselho você a respeitá-lo!

— Não me parece que o tenha desrespeitado — repliquei, rindo interiormente da dignidade com que ele se anunciara.

Fixou em mim um olhar que eu procurei não devolver, por medo de não resistir à tentação de esbofeteá-lo ou então de rir em voz alta. Começava a sentir-me inconfundivelmente mal e deslocado naquele agradável círculo familiar. O horrível ambiente vencia e mais que neutralizava o conforto físico que me rodeava, e resolvi tomar mais cuidado antes de aventurar-me uma terceira vez sob aquele teto.

Terminada a ocupação de comer e como ninguém pronunciasse uma só palavra de palestra social, aproximei-me de uma janela para ver como estava o tempo. O que vi foi desanimador: a escuridão da noite caía prematuramente e o céu e as colinas se confundiam num remoinho de vento e de neve.

— Não acho que vá poder chegar a casa sem um guia — exclamei. — As estradas já devem estar cobertas de neve; e, mesmo que não estejam, mal vou conseguir ver onde ponho os pés.

— Hareton, toque aquela dúzia de carneiros para o andar de cima do celeiro. Vão ficar enregelados se os deixarem no curral toda a noite. E ponha uma tábua à frente deles — disse Heathcliff.

— Que hei de fazer? — insisti, com crescente irritação.

Não tive resposta. Olhando em volta, vi apenas Joseph, trazendo um balde com mingau para os cães, e a Sra. Heathcliff divertindo-se a acender no fogo um feixe de fósforos que tinham caído do alto da lareira quando ela

pusera a lata de chá no seu lugar. Após ter depositado o balde no chão, o velho criado olhou em redor com ar crítico e, com voz rachada, invectivou:

— Não entendo como é que se pode ficar aí sem fazer nada! Mas não adianta falar, quem é mau já nasce torto e acaba no inferno, igualzinho à mãe!

Por um momento pensei que aquele sermão fosse dirigido a mim e, suficientemente enraivecido, avancei para o homem, com a intenção de chutá-lo porta afora. Mas a resposta da Sra. Heathcliff deteve-me a tempo.

— Seu velho hipócrita! — replicou ela. — Será que você não tem medo de que o Diabo o carregue, de tanto falar no inferno? Aconselho-o a não me provocar, ou pedirei ao Maligno que o leve. Espere aí, Joseph — continuou, tirando um livro comprido e escuro da prateleira. — Vou lhe mostrar como progredi na magia negra. Em breve poderei lidar com vocês todos. A vaca vermelha não morreu por acaso e o seu reumatismo não pode ser considerado uma bênção dos céus!

— Malvada, malvada! — arquejou o velho. — Que o Senhor nos salve do mal!

— Não, você é um réprobo! Cuidado, ou eu ainda lhes farei muito mal! Tenho vocês todos modelados em cera e barro, e o primeiro que ultrapassar os limites que eu fixar há de. . . não vou dizer, mas vocês vão ver! Agora, fora daqui!

A bruxinha pôs uma expressão diabólica nos seus belos olhos, e Joseph, tremendo de autêntico pavor, saiu correndo, rezando e murmurando "malvada". Achei que a conduta dela devia ser motivada por um estranho senso de humor; e, aproveitando que estávamos sozinhos, tentei interessá-la no meu caso.

— Sra. Heathcliff — disse, sem esconder a minha preocupação —, desculpe-me incomodá-la. Com esse rosto, tenho a certeza de que a senhora possui um bom coração. Diga-me como me poderei orientar para voltar para casa. Não tenho mais idéia de que caminho tomar do que se tivesse de ir agora para Londres!

— Tome o mesmo caminho pelo qual o senhor veio — respondeu ela, aninhando-se numa poltrona, com uma vela e o livro preto aberto à sua frente. — É o melhor conselho que lhe posso dar.

— Quer dizer que, se me encontrarem morto no pântano ou caído num poço cheio de neve, a sua consciência não a acusará?

— Por quê? Não posso acompanhá-lo. Não me deixariam chegar à ponta do muro do jardim.

— *A senhora!* Eu jamais lhe pediria para pôr o pé fora da casa numa noite destas só por minha causa! — exclamei. — Quero que me *diga* que caminho tomar, não que o *mostre*; ou, então, que convença o Sr. Heathcliff a me dar um guia.

— Mas quem? Há ele, Earnshaw, Zillah, Joseph e eu. Qual de nós lhe serviria?

— Não há empregados na fazenda?

— Não; somos só nós.

— Então serei obrigado a pernoitar aqui.

— Isso o senhor pode acertar com o dono da casa. Eu nada tenho com isso.

— Espero que isto o ensine a não se aventurar mais por estes morros — falou a severa voz de Heathcliff, da porta da cozinha. — Quanto a

pernoitar aqui, não tenho acomodações para hóspedes; se quiser ficar, terá de partilhar uma cama com Hareton ou com Joseph.

— Posso dormir numa poltrona, aqui mesmo na sala _repliquei.

— Não, não! Um estranho é um estranho, seja ele rico ou pobre! Não quero ninguém aqui enquanto estou dormindo! — disse o desgraçado.

Com esse insulto, a minha paciência estava no fim. Murmurei uma expressão de desagrado e precipitei-me para o pátio, quase dando um encontrão em Earnshaw, na minha pressa. Estava tão escuro, que não conseguia encontrar a saída. Enquanto a procurava, ouvi mais uma amostra da cordialidade que reinava entre eles. A princípio, o jovem parecia estar do meu lado.

— Vou com ele até o parque — anunciou.

— Você vai com ele mas é para o inferno! — exclamou o patrão ou fosse lá o que fosse. — E quem vai tratar dos cavalos, hein?

— A vida de um homem é mais importante do que deixar uma noite de cuidar dos cavalos. Alguém tem de ir com ele — murmurou a Sra. Heathcliff, para minha surpresa.

— Não se você mandar! — retrucou Hareton. — Se você simpatizou com ele é melhor ficar calada.

— Pois então espero que o fantasma dele o persiga; e espero que o Sr. Heathcliff nunca mais consiga outro inquilino até que a granja fique em ruínas! — contra-atacou ela, furiosa.

— Escute só, ela está amaldiçoando eles! — murmurou Joseph, em cuja direção eu me encaminhara.

Estava sentado a pequena distância, ordenhando as vacas à luz de uma lanterna, que apanhei sem cerimônia, dizendo que a devolveria no dia seguinte e encaminhando-me para a porteira mais próxima.

— Patrão, patrão, ele está roubando a lanterna! — gritou o velho, correndo atrás de mim. — Ei, Gnasher! Ei, cachorro! Ei, Lobo, peguem ele! Peguem ele!

Quando abri a porteira, dois monstros peludos pularam-me ao pescoço, jogando-me ao chão e apagando a lanterna, enquanto a risada conjunta de Heathcliff e Hareton ultrapassava os limites da minha raiva e da minha humilhação. Felizmente, os bichos pareciam mais inclinados a esticar as patas, a bocejar e abanar as caudas do que a devorar-me vivo; mas não me deixavam levantar-me, e tive de jazer no chão até que os seus donos se dignaram chamá-los. Sem chapéu e tremendo de fúria, ordenei que me deixassem sair — talvez se arrependessem, se eu ficasse mais um minuto naquela casa — com várias e incoerentes ameaças de vingança, que, na sua virulência, faziam lembrar o Rei Lear.

A veemência da minha agitação fez-me sangrar copiosamente pelo nariz, aumentando as risadas de Heathcliff e a minha indignação. Não sei como terminaria aquilo, não fosse a entrada em cena de uma pessoa mais sensata do que eu e mais benévola do que o meu anfitrião: Zillah, a gorda governanta, que acorreu a saber as causas do tumulto. Pensou que me tivessem atacado e, não ousando voltar-se contra o patrão, assestou a sua artilharia vocal contra o jovem.

— Muito bem, Sr. Earnshaw! — exclamou. — Só quero ver a que ponto o senhor vai chegar! Com certeza vamos matar gente aqui em casa!

Estou vendo que esta casa não é para mim. . . vejam só o pobre rapaz, está sufocando-se! Espere aí, o senhor não pode ir embora assim. Entre, que eu lhe curo isso. Fique quietinho!

Assim falando, ela derramou uma vasilha de água gelada pelo meu pescoço abaixo e puxou-me para a cozinha. O Sr. Heathcliff seguiu-nos, novamente taciturno após aquela acidental explosão de riso.

Sentia-me tonto e fraco, o que me obrigou a aceitar alojamento para a noite. Heathcliff disse a Zillah que me desse um cálice de *brandy* e depois passou para a sala, enquanto a governanta lamentava o que me acontecera e, após me haver servido a bebida, mostrava-me o caminho do quarto.

CAPÍTULO III

Enquanto me precedia escada acima, Zillah recomendou-me que escondesse a vela e não fizesse barulho, pois o patrão tinha uma estranha cisma com o quarto em que ela me ia acomodar e nunca queria que ninguém pernoitasse nele. Perguntei-lhe a razão disso. Não sabia, respondeu; estava naquela casa havia apenas um ou dois anos e tanta coisa esquisita tinha acontecido, que ela não se dava ao trabalho de ser curiosa.

Sem forças nem para ser curioso, tranquei a porta e procurei a cama. Toda a mobília do quarto consistia numa poltrona, num guarda-roupa e num grande armário de carvalho, com aberturas quadradas junto ao alto, semelhantes a janelas de carruagem. Aproximei-me, olhei para dentro e vi que era uma espécie de cama antiga, convenientemente concebida para proporcionar a cada membro da família dormitório exclusivo. Efetivamente, formava um pequeno compartimento, e o peitoril da janela, que ele abarcava, servia de mesa-de-cabeceira. Pus para baixo os batentes laterais, entrei com a minha vela, fechei novamente os batentes e senti-me a salvo da vigilância de Heathcliff e de qualquer outro.

O peitoril, onde coloquei a vela, tinha, empilhados a um canto, alguns livros embolorados, e a sua pintura estava coberta de escritos, que, examinados de perto, mostravam ser apenas um nome, repetido em todos os tipos de letras, grandes e pequenas: *Catherine Earnshaw*, aqui e ali alterado para *Catherine Heathcliff*, e depois para *Catherine Linton*.

Entorpecido, apoiei a cabeça no peitoral e continuei a soletrar Catherine Earnshaw. . . Heathcliff. . . Linton, até que os meus olhos se fecharam; mas eles não tinham descansado nem cinco minutos, quando um brilho de letras brancas surgiu do escuro, como espectros, enchendo o ar de Catherines. Abrindo os olhos para dissipar aquele nome, vi que o pavio da vela se encostava num dos volumes embolorados e perfumava o aposento com um cheiro de couro queimado. Soprei o pavio, e, sob a dupla influência do frio e da náusea, sentei-me e abri o volume queimado contra o joelho. Era uma Bíblia, em tipo pequeno e cheirando horrivelmente a bolor; a folha inicial, em branco, tinha os dizeres *Catherine Earnshaw* e uma data, aproximadamente de há vinte e cinco anos atrás. Fechei o livro e peguei noutro, depois noutro, até ter examinado todos. A biblioteca de Catherine era escolhida e o seu estado mostrava que fora bem manuseada, embora nem sempre para fins de leitura apenas; raro era o capítulo que escapara a um comentário a tinta — pelo menos, assim parecia —, cobrindo todo o espaço em branco que o tipógrafo deixara. Em alguns casos eram frases soltas; em outros assumiam a forma de um diário, escrevinhado numa ortografia infantil. No alto de uma página extra (provavelmente considerada um tesouro, quando descoberta), dei de cara com uma excelente caricatura do meu amigo Joseph

— pouco mais do que esboçada, mas com talento. Aquilo despertou imediatamente, em mim, um interesse por aquela desconhecida Catherine, e pus-me a tentar decifrar os seus desbotados hieróglifos.

Domingo horrível! — começava o parágrafo abaixo.

— *Quem dera que meu pai ressuscitasse! Hindley é um detestável substituto. . . a sua conduta para com Heathcliff é atroz... H. e eu vamos rebelar-nos. . . já começamos esta tarde.*

A chuva caiu durante todo o dia; não pudemos ir à igreja, de modo que Joseph teve de reunir a sua congregação no sótão; e, enquanto Hindley e a mulher ficavam confortavelmente diante do fogo — fazendo tudo menos ler a Bíblia, isso eu garanto —, eu, Heathcliff e o pobre moço do arado fomos obrigados a pegar nos nossos livros de orações e subir; fomos dispostos numa fila, sobre um saco de trigo, resmungando e tiritando e esperando que Joseph também tintasse, para não demorar muito com o sermão. Vã esperança! O serviço durou exatamente três horas.

Apesar disso, o meu irmão ainda teve a coragem de exclamar, ao ver-nos descer: "O quê, já acabaram?" Aos domingos à noite costumavam deixar-nos brincar, desde que não fizéssemos muito barulho; agora qualquer barulhinho é suficiente para nos colocarem de castigo!

"Vocês se esquecem de que eu estou aqui", disse o tirano. "O primeiro que me irritar vai se arrepender! Faço questão de compostura e silêncio. Ah, foi você? Frances, querida, puxe o cabelo dele: ouvi-o estalar os dedos." Frances puxou-lhe o cabelo com força e depois sentou-se no colo do marido, e os dois ficaram se beijando e falando bobagens — bobagens mesmo, de que nós teríamos vergonha. Instalamo-nos o melhor que pudemos debaixo do tampo do aparador. Eu mal acabara de atar os nossos aventais e de pendurá-los como se fossem uma cortina, quando Joseph entrou, vindo da cavalaria. Derrubou o meu trabalho, deu-me um tapa nos ouvidos e grasnou:

"O patrão mal foi sepultado e o domingo ainda não acabou e o Evangelho ainda está nos seus ouvidos e vocês estão de papo pro ar! Que vergonha! Sentados, seus capetas! Tanto livro bom para ler! Sentem e pensem nas suas almas!"

Assim dizendo, obrigou-nos a corrigir a nossa posição, de modo a recebermos, do fogo distante, um mínimo de luz que nos iluminasse os livros que ele pôs diante de nós. Não pude suportar aquilo. Peguei no meu volume e joguei-o no canil, dizendo que detestava livros bons. Heathcliff deu um chute e mandou o dele para o mesmo lugar. Foi um escândalo!

"Patrão Hindley!", gritou o nosso capelão. "Patrão, venha cá! Cathy arrancou a capa do Livro da salvação e Heathcliff estraçalhou a primeira parte do Caminho para a destruição! O patrão não pode deixar eles fazer o que querem. O patrão velho não tinha conversa, dava logo uma surra neles — mas ele já está no Reino do Senhor!"

Hindley deixou o seu paraíso junto à lareira e, agarrando um de nós pelo colarinho e o outro pelo braço, atirou-nos a ambos na despensa, onde, segundo Joseph, "o Capeta" nos iria buscar dali a pouco. Assim confortados, cada qual procurou um canto onde esperar por essa visita. Apanhei este livro e um tinteiro numa prateleira, escancarei a janela para deixar entrar a luz e há vinte minutos que estou escrevendo; mas o meu companheiro está impaciente e sugere que apanhemos a capa da leiteira e demos um pulo até a charneca, debaixo dela. Agradável sugestão — se o velho entrar, vai pensar que a sua profecia se realizou; — e nós certamente não teremos mais frio debaixo da chuva do que aqui.

Suponho que Catherine tenha feito aquilo a que se propunha, pois no parágrafo seguinte o tom era lacrimoso.

Nunca imaginei que Hindley me fosse fazer chorar assim! — escrevia ela. — Minha cabeça dói tanto, que não posso apoiá-la no travesseiro; mas mesmo assim não consigo esquecer. Pobre Heathcliff! Hindley diz que ele é um vagabundo e proibiu-o de sentar-se conosco e de comer à mesa; proibiu-nos, também, de brincar juntos, e ameaça

expulsá-lo de casa se não lhe obedecermos. Culpa o nosso pai (como é que ele ousa?) por ter tratado H. demasiado bem; e jura que o vai pôr no seu lugar. . .

Comecei a cochilar: meus olhos vaguearam do manuscrito para o que estava impresso na página. Vi um título ornamentado e vermelho — *Setenta vezes sete, e o primeiro do septuagésimo primeiro. Sermão feito pelo Reverendo Jabes Branderham, na Capela de Gimmerden Sough*. Enquanto, ainda semi-inconsciente, eu partia a cabeça imaginando o que Jabes Branderham faria com aquele tema, caí de novo na cama e adormeci. Ah, os efeitos de um mau chá e de uma má acolhida! Que outros poderiam ser senão fazer-me passar uma noite terrível? Não me recordo de outra pior, desde que comecei a ter a capacidade de sofrer.

Mergulhei quase imediatamente no sonho. Era de manhã e eu me pusera a caminho de casa, com Joseph por guia. A neve acumulava-se na estrada e, à medida que avançávamos, o velho aborrecia-me com constantes censuras por eu não ter trazido um bastão de peregrino, dizendo-me que sem ele eu nunca poderia entrar em casa e brandindo orgulhosamente um pesado bastão. Por um momento, achei absurdo precisar de uma tal arma para poder entrar na minha própria casa. Mas logo um pensamento me ocorreu. Eu não ia para casa: íamos a caminho de ouvir o famoso Jabes Branderham pregar sobre o texto *Setenta vezes sete*; e um de nós três, Joseph, eu ou o pregador, tínhamos cometido o "primeiro do septuagésimo primeiro", e ia ser publicamente denunciado e excomungado.

Chegamos à capela. Já passei por ela algumas vezes, duas ou três, creio; fica numa espécie de vale, entre dois morros — um vale elevado, perto da charneca, cuja turfa úmida dizem que embalsama os poucos cadáveres lá depositados. O telhado tem resistido até aqui; mas, como os estipêndios do pastor são de apenas vinte libras por ano, mais uma casa com duas peças que ameaçam transformar-se numa só, não há quem queira assumir os deveres de pastor daquela capela, principalmente quando é voz corrente que o rebanho preferiria deixá-lo morrer de fome a aumentar-lhe a receita mediante a contribuição de um só *penny*. No meu sonho, porém, Jabes tinha uma vasta e atenta congregação; e pregava — Deus do céu! um sermão e tanto: dividido em *quatrocentas e noventa* partes, cada qual do tamanho de um sermão comum e analisando cada qual um pecado! Onde é que ele encontrava tantos, não sei dizer. Tinha uma maneira toda especial de interpretar o texto, e parecia necessário que o pecador pecasse diferentes pecados em cada ocasião. E havia pecados de todos os tipos: estranhas transgressões, que eu nunca sequer imaginara.

Oh, como eu estava cansado. Como me contorcia e bocejava e cabeceava e despertava, sobressaltado! Como eu me beliscava e esfregava os olhos e me levantava e voltava a sentar-me e acotovelava Joseph, para que me dissesse se achava que ele *algum dia* terminaria. Estava condenado a ouvir tudo. Finalmente, ele chegou ao "primeiro do septuagésimo primeiro". Nesse ponto crítico, uma súbita inspiração desceu sobre mim, fazendo com que me levantasse e denunciasse Jabes Branderham como culpado do pecado que nenhum cristão precisa perdoar.

— Senhores! — exclamei. — Aqui sentado, entre estas quatro paredes, supor-tei e perdoei as quatrocentas e noventa partes do sermão do pastor. Sete vezes setenta vezes apanhei o meu chapéu e tive ímpetos de partir . . .

Sete vezes setenta vezes o pastor me obrigou a sentar-me de novo. Sete vezes setenta vezes já é demais. Senhores, meus companheiros de martírio, vamos a ele! Tirai-o do púlpito e dai cabo dele, para que nunca mais nos atormente!

— *Tu és o Homem!* — gritou Jabes, após solene pausa, inclinando-se no púlpito. — Sete vezes setenta vezes contorceste o teu rosto, sete vezes setenta vezes consultei a minha alma. . . Ora, é apenas uma fraqueza humana; também isso pode ser absolvido! Mas eis que se chega ao primeiro do septuagésimo primeiro. Irmãos, executai nele a sentença escrita. Honrai todos os seus santos!

Ante essas palavras, toda a congregação, brandindo os seus bastões de peregrinos, formou uma roda à minha volta; e, como eu não tivesse com que me defender, comecei a lutar com Joseph, meu mais próximo e feroz atacante, tentando apoderar-me do dele. Em meio à confusão, vários bastões se entrecruzaram: golpes destinados a mim caíram sobre outras cabeças. Dali a pouco, toda a capela ressoava paus batendo uns nos outros; cada pessoa se voltava contra o vizinho, e Branderham, não desejando ficar parado, derramava o seu zelo numa chuva de batidas nas tábuas do púlpito, com tanto sucesso que, para meu indizível alívio, acabaram me acordando. E o que sugerira o tremendo tumulto? O que fizera o papel de Jabes? Simplesmente o galho de um pinheiro que tocava na minha janela, sacudido pelo vento, batendo com as suas pinhas secas contra as vidraças! Escutei atentamente, por

um momento; descobri o que perturbava o meu sono, voltei-me para o outro lado, adormeci e sonhei de novo — se possível, um sonho ainda mais desagradável do que o primeiro.

Desta vez, lembrava-me de que estava deitado no compartimento de carvalho e ouvia distintamente a ventania e o bater da neve contra o telhado; ouvia, também, o galho de pinheiro roçar contra a vidraça e sabia o que provocava aquele barulho impertinente; mas a tal ponto ele me incomodava, que resolvi silenciá-lo. Levantei-me e tentei abrir a janela. A lingüeta estava soldada, fato que eu observara quando acordado, mas que esquecera. — Tenho de acabar com esse barulho, seja como for! — murmurei, partindo a vidraça com o punho e esticando um braço para agarrar o importuno galho. Em vez disso, porém, os meus dedos pegaram os dedos de uma mão pequenina e gelada! O intenso horror do pesadelo tomou conta de mim: tentei retirar a mão, mas a mãozinha agarrou-se ainda mais a ela e uma vozinha melancólica soluçou: — Deixe-me entrar. . . deixe-me entrar! — Quem é você? — perguntei, enquanto lutava por me libertar. — Catherine Linton — respondeu a voz, como se tremesse de frio (por que razão fui pensar em *Linton*? Tinha lido o nome *Earnshaw* vinte vezes mais do que *Linton*). — Voltei. Perdi-me na charneca! — Enquanto ela falava, distingui, na escuridão, um rosto de criança olhando através da janela. O terror tornou-me cruel; e, vendo que era inútil livrar-me da criatura, puxei-lhe o pulso através da vidraça partida, para a frente e para trás, até que o sangue escorreu e encharcou a roupa de cama. Mesmo assim, a voz continuou a gemer: — Deixe-me entrar! — e a manter a mão agarrada à minha, quase me enlouquecendo de pavor. — Como é que eu posso? — consegui, por fim,

dizer. — Solte-me, para que eu a possa deixar entrar! — Os dedos relaxaram um pouco a sua pressão. Recolhi depressa a minha mão através do buraco, empilhei os livros numa pirâmide, a fim de tapá-lo, e levei as mãos aos ouvidos, para não ouvir o lamentoso pedido. Acho que os conservei fechados mais de um quarto de hora; mas, logo que os destapei, ouvi de novo o triste gemido. — Fora! — gritei. — Nunca deixarei você entrar, nem que fique aí pedindo durante vinte anos! — Faz mesmo vinte anos — gemeu a voz —, vinte anos. Há vinte anos que ando perdida! — Ouvi arranhar levemente a vidraça, e a pilha de livros começou a se mexer, como se alguém a empurrasse. Tentei levantar-me, mas não consegui mover-me. . . e então soltei um grito, no auge do pavor. Para meu espanto, passos rápidos aproximaram-se da porta do meu quarto; alguém a escancarou, com um empurrão, e uma luz brilhou através dos quadrados abertos no alto do compartimento. Sentei-me na cama, estremecendo e limpando o suor da testa. O intruso pareceu hesitar e murmurar para si mesmo. Finalmente, perguntou num sussurro, como se não esperasse resposta: — Há alguém aí? — Achei melhor confessar a minha presença, pois reconheci a voz de Heathcliff e temia que ele fizesse uma busca, se eu ficasse calado. Assim pensando, abri os batentes da porta. Nunca esquecerei o efeito que minha ação produziu.

Heathcliff estava junto à entrada, vestido apenas com a camisa e as calças. Uma vela pingava em cima dos seus dedos e o seu rosto estava tão branco quanto a parede atrás dele. O primeiro estalido do carvalho fê-lo estremecer como se fosse um choque elétrico. A vela pulou-lhe da mão para uma distância de alguns metros, e a sua agitação era tal, que mal conseguiu apanhá-la.

— Sou eu, o seu hóspede — falei, desejoso de lhe poupar a humilhação de continuar a mostrar-se apavorado. — Tive a infelicidade de gritar, devido a um terrível pesadelo. Lamento tê-lo acordado.

— Oh, demônios o levem, Sr. Lockwood! Oxalá o senhor vá para o inferno — começou o meu senhorio, pousando a vela numa cadeira, porque não podia segurá-la com firmeza. — Quem o trouxe para este quarto? — continuou, ferrando as unhas nas palmas das mãos e rangendo os dentes para dominar o tremor da sua mandíbula. — Quem foi? Queria expulsar imediatamente desta casa quem fez isso!

— Foi a sua criada Zillah — respondi, pulando da cama e vestindo-me rapidamente. — E acho bom que a expulse, Sr. Heathcliff; ela bem o merece. Suponho que queria ter mais uma prova de que o quarto era mal-assombrado. Pois é mesmo. . . cheio de fantasmas! O senhor tem toda a razão em trancá-lo, garanto-lhe. Ninguém lhe ficará grato por dormir neste antro!

— Que quer dizer com isso? — perguntou Heathcliff. — E que está fazendo? Deite-se e durma o resto da noite, uma vez que já *está* aqui. Mas, pelo amor de Deus, não repita esse horrível grito; não havia razão para ele, a menos que alguém o estivesse degolando!

— Se aquele diabinho tivesse entrado pela janela, provavelmente me haveria estrangulado! — retruquei. — Não pretendo voltar a suportar as perseguições dos seus hospitaleiros ancestrais. O Reverendo Jabes Branderham não seria, por acaso, seu parente, pelo lado materno? E esse diabo de Catherine Linton, ou Earnshaw, ou sei lá como se chamava. . . deve ter sido uma enjeitada; que alminha perversa! Disse-me que havia vinte anos

andava penando; sem dúvida uma pena justa para quem muito pecou aqui na terra!

Mal pronunciei essas palavras, lembrei-me da associação, no livro, dos nomes de Heathcliff e Catherine, coisa que me saíra inteiramente da memória. Corei; mas, não querendo mostrar-me consciente da ofensa, apressei-me a acrescentar: — A verdade é que passei a primeira parte da noite. . . — detive-me a tempo; ia dizer "folheando aqueles livros", mas percebi que isso revelaria que eu lera o que estava escrito, e, após uma hesitação, continuei — a repetir o nome escrito no peitoril da janela. Ocupação monótona, destinada a me adormecer, como contar carneiros, ou. . .

— Que *pretende* o senhor, falando dessa maneira *comigo*? — rugiu Heathcliff, com selvagem veemência. — Como. . . como *ousa* o senhor, na minha própria casa? . . . Meu Deus, ele deve estar louco, para falar assim! — E bateu na testa, enfurecido.

Eu não sabia se devia ofender-me ou prosseguir na minha explicação; mas ele parecia tão perturbado que senti pena e continuei a contar-lhe os meus sonhos, afirmando que nunca ouvira falar em "Catherine Linton", mas que o fato de ter lido repetidas vezes esse nome me levava a personificá-lo durante o sono. À medida que eu falava, Heathcliff foi-se deixando cair na cama, até ficar quase escondido atrás dela. Contudo, pela sua respiração irregular e entrecortada, percebi que ele se esforçava por vencer um acesso de violenta emoção. Não querendo mostrar-lhe o que notara, prossegui na minha toaleta, olhei para o meu relógio e comentei, em voz bem alta: — Ainda não são três horas! Podia jurar que já eram seis. O tempo aqui parece estagnar: devemos ter-nos deitado às oito!

— Sempre às nove, no inverno, e levantamo-nos às quatro — disse o meu anfitrião, contendo um gemido e, a julgar pelo movimento da sombra do seu braço, limpando uma lágrima dos olhos. — Sr. Lockwood — acrescentou —, o senhor pode ir para o meu quarto; só atrapalharia descendo assim tão cedo. . . e o seu grito infantil tirou-me o sono.

— A mim também — repliquei. — Ficarei no pátio até o dia raiar e depois irei embora; e não precisa recear que eu volte. Fiquei completamente curado da mania de procurar prazer na companhia dos outros, seja no campo ou na cidade. Um homem sensato deve saber encontrar prazer suficiente na própria companhia.

— Ótima companhia! — murmurou Heathcliff. — Leve a vela e vá para onde quiser. Irei ter com o senhor daqui a pouco. Mas não vá para o pátio, pois os cães estão soltos; e nem para a sala. . . Juno está de guarda lá e . . . não, o senhor só pode andar pelas escadas ou pelos corredores. Mas. . . saia daqui. Irei daqui a dois minutos!

Obedeci, ansioso de sair daquele quarto; mas, ignorando aonde levariam os estreitos corredores, fiquei parado do lado de fora e testemunhei, involuntariamente, uma demonstração de superstição da parte do meu senhorio, a qual contradizia, de maneira estranha, a sua aparente sensatez. Subiu na cama e abriu a gelosia, explodindo, ao fazê-lo, numa incontrolável torrente de lágrimas. — Entre! Entre! — soluçou. — Cathy, entre. Oh, venha. . . venha . . . *uma vez* mais! Oh, minha adorada! Escute-me *agora*, Catherine, finalmente! — O espectro mostrou um capricho bem digno dos espectros: não deu sinais de vida; mas a neve e o vento entraram à vontade, chegando até onde eu estava e apagando a luz.

Uma tal angústia e dor acompanharam esse delírio que a compaixão fez-me esquecer a sua loucura, e me afastei, quase zangado comigo mesmo por ter contado o meu ridículo pesadelo, uma vez que lhe causara todo aquele sofrimento — embora eu não pudesse compreender *por quê*. Desci cautelosamente para o andar de baixo e fui parar nos fundos da cozinha, onde um resto de fogo me permitiu reacender a vela. Nada se mexia, ainda, a não ser um gato rajado, que saiu de entre as cinzas e me saudou com um miado lastimoso.

Dois bancos, colocados em seções de círculo, quase rodeavam a lareira. Estendi-me num deles e o gato subiu para o outro. Estávamos ambos cochilando, quando alguém invadiu o nosso retiro: Joseph, descendo por uma escada de madeira, que desaparecia numa abertura do teto — a entrada para o sótão, creio eu. Deitou um olhar sinistro para a pequena chama que eu espevitara, espantou o gato do seu posto e, instalando-se no lugar vago, iniciou a operação de encher de fumo seu cachimbo de três polegadas. A minha presença no seu santuário era, evidentemente, considerada como por demais impertinente para ser comentada: levou silenciosamente o cachimbo aos lábios, cruzou os braços e pôs-se a fumar. Deixei-o gozar à vontade aquele prazer, e ele, após ter expelido a última baforada e soltado um profundo suspiro, levantou-se e saiu, tão solenemente quanto entrara.

Passos mais elásticos se ouviram a seguir. Abri a boca para dar um bom-dia, mas voltei a fechá-la sem terminar o cumprimento, pois Hareton Earnshaw dizia as suas orações *sottovoce*, numa série de pragas dirigidas contra todos os objetos em que tocava, enquanto procurava, num canto, uma pá para remover a neve. Olhou por cima do banco, dilatando as narinas, e

cuidou tão pouco de trocar cumprimentos comigo quanto com o gato. Percebi, pelos seus preparativos, que já me era permitido sair e, levantando-me da minha dura cama, fiz um movimento para segui-lo. Ele notou isso e apontou para uma porta interior com o cabo da pá, indicando, por meio de um som inarticulado, ser para ali que eu devia ir, se resolvesse mudar de pouso.

A porta abria para a sala, onde as mulheres já estavam de pé: Zillah, avivando o fogo com um enorme fole, e a Sra. Heathcliff, ajoelhada à beira da lareira, lendo um livro à luz das chamas. Tinha a mão interposta entre o calor da fogueira e os olhos, e parecia absorta na sua ocupação, deixando-a de lado apenas para repreender a criada por cobri-la de chispas, ou para afastar um cão, que de vez em quando lhe enfiava o focinho no rosto. Fiquei espantado de ver que Heathcliff também já lá estava. De pé, ao lado do fogo, dando-me as costas, acabava de esbravejar contra a pobre Zillah, que de quando em quando interrompia o seu trabalho para erguer a ponta do avental e soltar um indignado gemido.

— E você, sua. . . inútil — explodiu ele, quando eu entrei, voltando-se para a nora e empregando um epíteto tão inofensivo quanto pata ou ovelha, mas geralmente representado por reticências. — Lá está você, como sempre fazendo nada! Os outros ganham o seu pão. . . mas você vive às minhas custas! Ponha esse maldito livro de lado e procure alguma coisa para fazer. Tem de me pagar pela maldição de ver você sempre diante de mim. . . Está me ouvindo, diabo?

— Vou pôr o livro de lado, porque o senhor é capaz de me obrigar a isso — respondeu a jovem, fechando o livro e jogando-o numa cadeira. —

Mas não farei nada exceto o que eu quiser, mesmo que o senhor fique mudo de tanto praguejar!

Heathcliff ergueu a mão e a jovem pulou para longe, sem dúvida acostumada ao seu peso. Não tendo o menor desejo de presenciar uma luta livre, entrei na sala como se quisesse aquecer-me à lareira e não tivesse visto nada. Ambos tiveram decoro suficiente para suspender as hostilidades: Heathcliff colocou as mãos nos bolsos, talvez para fugir à tentação, enquanto ela mantinha a sua palavra, ficando imóvel como uma estátua durante o resto da minha estada, que não foi demorada. Recusei o convite para acompanhá-los na primeira refeição e, ao raiar do dia, aproveitei para sair para o ar livre, agora claro e calmo, mas frio de gelo.

O meu senhorio gritou para que eu parasse, antes de chegar ao fundo do jardim, e ofereceu-se para atravessar comigo a charneca. Ainda bem que o fez, porque o outro lado do morro era um autêntico oceano, branco e ondulado, embora as ondulações não indicassem correspondentes elevações e depressões do terreno; muitos poços estavam cheios até a beira, e montes de pedras, refugio das pedreiras, haviam desaparecido do mapa que a minha caminhada do dia anterior me deixara na memória. Num dos lados da estrada, a intervalos de seis ou sete jardas, tinha reparado numa fileira de pedras postas ao alto e caiadas, de modo a servirem de guias na escuridão ou quando uma nevasca como aquela confundia os profundos valões, a cada margem da estrada, com a terra firme; mas, a não ser um ponto aqui e ali, todos os traços da sua existência tinham desaparecido e o meu companheiro a toda hora se via obrigado a dizer-me que virasse para a esquerda ou para a direita, quando eu pensava que estava seguindo corretamente as curvas do caminho. Pouco

conversamos e ele parou à entrada do Parque Thrushcross, dizendo que dali para diante eu não podia errar. Nossas despedidas limitaram-se a uma inclinação de cabeça, e depois eu continuei sozinho, entregue aos meus próprios recursos, pois a cabana do guarda ainda está desocupada. A distância do portão até a granja é de duas milhas; creio que consegui transformá-las em quatro, de tanto me perder por entre as árvores e afundar até o pescoço na neve, coisa que só quem experimentou pode saber o que é. De qualquer maneira, o relógio batia doze horas quando entrei em casa. Gastara exatamente uma hora para cada milha que me separava do Morro dos Ventos Uivantes.

Minha governanta e seus satélites acorreram para me dar as boas-vindas, exclamando que já me tinham dado como perdido. Pedi-lhes que sossegassem, uma vez que estava de volta, e, realmente mais morto do que vivo, arrastei-me escada acima. Depois de ter vestido roupa seca e andado de um lado para outro durante quarenta minutos, a fim de me esquentar, fui para o meu escritório tentar reunir forças suficientes para gozar o belo fogo e o café fumegante que a criada preparara para me reanimar.

CAPÍTULO IV

Como somos volúveis! Eu, que resolvera manter-me afastado de todo contato com pessoas e agradecer aos céus ter, por fim, descoberto um lugar onde poderia viver como um ermitão — eu, pobre-diabo, após lutar até o anoitecer com o desânimo e a solidão, fui finalmente compelido a pedir trégua; e, sob o pretexto de obter informações acerca das coisas necessárias para me instalar, pedi à Sra. Dean, quando ela subiu com o jantar, que me fizesse companhia enquanto eu comia na esperança de que ela gostasse de falar e me animasse ou — ao contrário — me ninasse com a sua conversa.

— A senhora vive aqui há bastante tempo, não é? — comecei. — Dezesseis anos, não foi o que me disse?

— Dezoito — corrigiu ela. — Vim para cá quando a patroa casou, e depois que ela morreu o patrão conservou-me como governanta.

— Ah, sim?

Seguiu-se uma pausa. Receei que ela não fosse conversadeira — a não ser a respeito da sua vida, o que não me interessava. Contudo, após um intervalo de meditação, com as mãos nos joelhos e uma expressão pensativa no rosto vermelho, exclamou:

— As coisas mudaram muito, deste então!

— Sem dúvida a senhora testemunhou muitas alterações, não?

— Muitas. . . Algumas, bem desagradáveis — respondeu ela.

Vou fazer a conversa descambar para a família do meu senhorio!", pensei com os meus botões. "Um bom assunto, para começar. . . e gostaria

de conhecer a história daquela bonita viuvinha: se ela é natural da região ou, o que é mais provável, uma forasteira que os rudes nativos não reconhecem como parente." Com esse intuito, perguntei à Sra. Dean por que razão Heathcliff alugara a Granja Thrushcross e preferia viver numa residência tão inferior.

— Não tem dinheiro suficiente para conservar a propriedade como deve ser? — perguntei.

— Dinheiro! — retrucou ela. — Tem mais dinheiro do que se pode contar, e todos os anos aumenta. O dinheiro dele dava para viver numa casa muito melhor do que esta; mas ele é muito agarrado. . . avarento, mesmo; e, mesmo que tivesse pensado em mudar-se para a Granja Thrushcross, tão logo soubesse de um bom inquilino não perderia a oportunidade de ganhar mais um dinheiro. É estranho que certas pessoas sejam tão ambiciosas, quando não têm ninguém no mundo!

— Mas ele teve um filho, não teve?

— Teve. . . mas esse filho morreu.

— E a jovem Sra. Heathcliff, é a viúva?

— É.

— De onde veio ela?

— Bem, ela é filha do meu falecido patrão: Catherine Linton era o seu nome de solteira. Eu a criei, pobrezinha! Bem que eu gostava de que o Sr. Heathcliff se mudasse para cá, para podermos viver outra vez juntas sob o mesmo teto.

— Como?! Catherine Linton? — repeti, espantado. Mas um minuto de reflexão convenceu-me de que não se tratava da minha fantasmagórica Catherine. — Quer dizer

— continuei — que o nome do meu predecessor era Linton?

— Era, sim, senhor.

— E quem é esse Earnshaw. . . Hareton Earnshaw, que mora com o Sr. Heathcliff? São parentes?

— Não. Ele é sobrinho da falecida Sra. Linton.

— Primo da jovem, portanto?

— Isso mesmo; e o marido também era primo dela. Um por parte da mãe, outro por parte do pai: Heathcliff casou com a irmã do Sr. Linton.

— Observei que a casa do Morro dos Ventos Uivantes tem o nome de Earnshaw esculpido sobre a porta principal. Trata-se de uma família antiga?

— Muito antiga. E Hareton é o último representante da família, assim como a nossa Cathy é a última representante da nossa família. . . isto é, dos Linton. O senhor esteve no Morro dos Ventos Uivantes? Desculpe perguntar, mas gostaria de saber como ela está!

— A Sra. Heathcliff? Pareceu-me estar muito bem e muito bonita, embora não me parecesse muito feliz.

— Oh, isso não me espanta! E que é que o senhor achou do patrão?

— Achei-o duro, Sra. Dean. Será esse o seu caráter?

— Duro é pouco, Sr. Lockwood. Quanto menos o senhor lidar com ele, melhor.

— Deve ter sofrido um bocado, para ter ficado assim. A senhora sabe algo a respeito dele?

— Sei tudo. . . exceto onde ele nasceu e quem eram seus pais e como foi que ficou rico. Hareton é que ficou sem nada! O pobre rapaz é a única pessoa desta paróquia que não desconfia de como foi espoliado.

— Bem, Sra. Dean, seria um ato de caridade se a senhora me contasse alguma coisa a respeito dos meus vizinhos; sinto que não conseguirei dormir se for para a cama, por isso peço-lhe que se sente para conversar um pouco comigo.

— Muito bem, meu senhor! Vou buscar a minha costura e depois ficarei o tempo que o senhor quiser. Mas vejo que já pegou um resfriado. Vou fazer um bom mingau para curá-lo.

A boa mulher saiu do quarto e eu me aproximei mais do fogo; sentia a cabeça quente e o resto do corpo frio; além do mais, meus nervos e cérebro eram presa de uma excitação quase febril. Não me sentia propriamente mal, mas temeroso (como ainda estou) de sérios efeitos causados pelos incidentes daqueles dois dias. A Sra. Dean não demorou a voltar, trazendo uma caçarola fumegante e um cesto de costura; e, após ter colocado a caçarola na beira da lareira, puxou a cadeira para a frente, visivelmente satisfeita de me ver tão sociável.

Antes de eu vir para cá — começou ela, sem esperar mais convites para iniciar a sua história — eu estava quase sempre no Morro dos Ventos Uivantes. Minha mãe criara o Sr. Hindley Earnshaw, pai de Hareton, e eu me acostumara a brincar com as crianças. Também dava recados e ajudava a preparar o feno ou qualquer outro serviço que me dessem. Uma bela manhã

de verão (era no princípio da colheita, bem me lembro), o Sr. Earnshaw, que então era o patrão, desceu a escada vestido para viajar; e, depois de ter dito a Joseph o que tinha de fazer naquele dia, voltou-se para Hindley, para Cathy e para mim (pois eu estava comendo o meu mingau com eles), e disse, dirigindo-se ao filho: — Vou a Liverpool, que é que você quer que eu lhe traga? Pode escolher o que quiser, sob a condição de que seja uma coisa pequena, porque irei e voltarei a pé: sessenta milhas cada trajeto é bem puxado! — Hindley disse que queria uma rabeça e o patrão perguntou a Cathy o que ela queria. A menina tinha apenas seis anos, mas montava qualquer cavalo e pediu um chicote. Ele não se esqueceu de mim: tinha bom coração, embora às vezes fosse muito severo. Prometeu trazer-me um saco de peras e maçãs. Beijou os filhos, despediu-se de mim e partiu.

Pareceram-nos muito tempo os três dias em que ele esteve ausente, e a pequena Cathy não se cansava de perguntar quando é que o pai viria. A Sra. Earnshaw esperava-o para a hora do jantar do terceiro dia e foi adiando a refeição. Mas nada de ele chegar; as crianças já estavam cansadas de correr para o portão para ver se o viam. Não tardou que escurecesse. Ela queria pôr os filhos na cama, mas eles lhe suplicaram que os deixasse esperar o pai; e, pouco antes das onze horas, a porta principal abriu-se sem barulho e o patrão entrou. Jogou-se numa cadeira, rindo e gemendo, e pediu que o deixassem, pois estava mais morto do que vivo — nunca mais faria aquela caminhada, nem que o rei lhe pedisse isso.

— Ainda por cima, estou morto com o carregamento que trouxe — disse, abrindo o capote, que trazia, como um fardo, nos braços. — Veja só,

mulher! Nunca vi coisa igual; mas você tem de encará-lo como uma dádiva do Senhor, embora seja tão escuro que mais pareça vir do Diabo.

Juntamo-nos à volta dele e, espiando por cima da cabeça de Cathy, vi um garoto de cabelos pretos, sujo e esfarrapado. Era suficientemente grande para andar e falar e, pelo rosto, parecia até mais velho do que Catherine; mas, quando o puseram de pé, limitou-se a olhar em roda e a repetir, sem parar, uma algaravia que ninguém conseguia entender. Senti medo e a Sra. Earnshaw dava a impressão de que ia jogá-lo pela janela; ficou furiosa, perguntando ao marido que idéia fora aquela de trazer um cigarinho para casa, quando já tinham filhos para cuidar e alimentar. Acaso teria ele enlouquecido? O patrão tentou explicar o que acontecera; mas estava semimorto de cansaço, e tudo o que pude entender, por entre os ralhos dela, foi que ele o encontrara perambulando pelas ruas de Liverpool, faminto e sem casa. Pegara-o ao colo e perguntara de quem ele era. Ninguém lhe soubera dizer quem eram os pais, e, como ele tivesse pouco dinheiro e pouco tempo, achara melhor levá-lo logo para casa, pois estava resolvido a não o deixar abandonado. Bem, por fim a minha patroa foi se acalmando, e o Sr. Earnshaw disse-me que lavasse a criança e lhe desse roupa limpa, fazendo-o dormir depois junto com os filhos.

Hindley e Cathy contentaram-se com olhar e ouvir até, a paz ser restaurada. Depois, ambos começaram a procurar, nos bolsos do pai, os presentes que ele lhes prometera. Hindley era um garoto de catorze anos, mas quando viu que a rabeca se estilhaçara toda, no bolso do capote, largou num berreiro; e Cathy, ao ver que o pai perdera o chicote ao pegar no cigarinho, pôs-se a cuspir para o menino, ganhando uma bofetada do pai pelas más maneiras. Ambos se recusaram a partilhar a cama com o recém-chegado, ou

mesmo o quarto, e eu não tive mais idéia do que pô-lo no alto da escada, esperando já não encontrá-lo de manhã. Por acaso, ou então atraído pela sua voz, o garoto encostou-se à porta do Sr. Earnshaw, onde ele o encontrou de manhã, ao sair do quarto. Perguntou quem o tinha deixado de fora; fui obrigada a confessar e, como paga pela minha covardia e desumanidade, expulsaram-me da casa.

Aquela foi a primeira apresentação de Heathcliff à família. Ao voltar, alguns dias depois (pois não me considerei definitivamente banida), fiquei sabendo que o tinham batizado de Heathcliff. Era o nome de um filho que morrera pequenino, e que desde então lhe serviu tanto de nome como de sobrenome. Cathy e ele já eram bons amigos, mas Hindley odiava-o e, para dizer a verdade, eu também o detestava; ambos o atormentávamos vergonhosamente: eu ainda não tinha entendimento suficiente para perceber a minha injustiça, e a Sra. Earnshaw nunca o defendia nem interferia a favor dele.

Era uma criança taciturna e paciente, talvez endurecida pelos maus-tratos: agüentava as pancadas de Hindley sem pestanejar ou derramar uma lágrima, e os meus beliscões só o faziam assumir um ar de espanto, como se se houvesse machucado acidentalmente e ninguém tivesse culpa disso. Esse estoicismo enfureceu o velho Earnshaw, quando ele descobriu que o filho perseguia o pobre órfão, como lhe chamava. Apegou-se estranhamente a Heathcliff, acreditando em tudo quanto ele dizia (aliás, ele falava muito pouco e geralmente dizia a verdade) e mimando-o muito mais do que a Cathy, que era demasiado levada e desobediente para ser a favorita do pai.

Assim, desde o princípio, ele granjeou ódios na casa, e quando a Sra. Earnshaw morreu, o que ocorreu menos de dois anos depois, o jovem patrão

aprendera a olhar o pai como opressor, em vez de amigo, e Heathcliff como um usurpador do afeto do pai e dos seus próprios privilégios. Tudo isso fez com que ele fosse ficando amargurado e rancoroso. Eu lhe dava razão; mas, quando as crianças adoeceram com sarampo e eu tive de cuidar delas, transformando-me, de uma hora para a outra, em mulher, mudei de idéia. Heathcliff esteve entre a vida e a morte e, quando se sentia pior, não queria que eu saísse do seu lado. Via que eu cuidava dele e não podia perceber que o fazia por obrigação. Contudo, a bem da verdade, devo dizer que não poderia haver criança que menos trabalho desse. A diferença entre ele e os outros forçou-me a ser menos parcial. Cathy e seu irmão não me deixavam em paz; *ele*, porém, nunca se queixava, embora não fosse por mansidão, e sim por estoicismo.

Consegui salvar-se, e o médico afirmou ter sido eu, em grande parte, a responsável. Senti-me lisonjeada e inclinei-me para o ser que me fizera receber tantos elogios, perdendo Hindley a sua última aliada. Mas, apesar disso, eu não podia simpatizar com Heathcliff e não entendia o que meu patrão via naquele garoto taciturno, que nunca, ao que me lembre, lhe mostrou gratidão. Não era insolente para com o seu benfeitor; apenas insensível, mesmo sabendo perfeitamente bem que ocupava um lugar especial no seu coração e tendo consciência de que bastava falar, para que toda a casa se tivesse que dobrar aos seus caprichos. Como exemplo, lembro-me de uma vez em que o Sr. Earnshaw comprara um par de potros na feira local e dera um a cada um dos rapazes. Heathcliff escolheu o mais bonito, mas, ao ver que mancava, disse a Hindley:

— Você tem de trocar de cavalo comigo; não gosto do meu. Se você não fizer isso contarei a seu pai que você me deu três surras esta semana e mostro-lhe o meu braço, que está todo preto até o ombro. — Hindley mostrou-lhe a língua e deu-lhe um bofetão nas orelhas. — É melhor você fazer logo o que eu lhe digo — persistiu Heathcliff, correndo para a varanda (estavam na cavalaria). — Você vai ter que obedecer de qualquer jeito. Se eu falar das surras, você vai recebê-las em dobro. — Fora, cachorro! — gritou Hindley, ameaçando-o com uma balança de ferro, que usávamos para pesar batatas e feno.

— Jogue-a — replicou Heathcliff, sem pestanejar —, que eu contarei que você disse que me expulsaria desta casa assim que o seu pai morresse! Veremos se não é você que é logo expulso! — Hindley jogou a balança e acertou-lhe no peito, fazendo-o cair, mas Heathcliff logo se levantou, arquejante e branco. Não fosse eu intervir, ele teria ido falar com o patrão, mostrando-lhe o que o filho havia feito e conseguindo, assim, a sua vingança. — Pode ficar com o meu potro, seu cigano! — disse o jovem Earnshaw.

— Queira Deus que ele lhe parta o pescoço. Fique com ele e vá para o inferno, seu intrigante. Tire do meu pai tudo o que ele tem, até que ele se convença do que você é, filho do Diabo! Tome, espero que ele lhe arrebeste os miolos!

Heathcliff fora buscar o potro, a fim de levá-lo para a sua baía. Estava passando por trás dele, quando Hindley, juntando o gesto à palavra, o empurrou para debaixo das patas do potro e, sem esperar para ver se o seu desejo se tinha realizado, fugiu o mais depressa que pôde. Fiquei espantada de ver o garoto levantar-se e continuar o que estava fazendo. Trocou as selas e

depois sentou-se num feixe de feno, para vencer o abalo que o violento empurrão lhe causara, antes de entrar em casa. Não me foi difícil persuadi-lo a pôr a culpa das manchas negras no cavalo; pouco lhe importava isso, uma vez que conseguira o que queria. Na verdade, tão pouco se queixava das pancadas que recebia que eu julgava não ser ele vingativo. Estava completamente enganada, como o senhor vai ver.

CAPÍTULO V

Com o correr do tempo, o Sr. Earnshaw começou a definhar. Sempre fora ativo e saudável, mas as forças abandonaram-no repentinamente, e, quando se viu confinado ao canto da lareira, tornou-se quase que insuportavelmente irritável. Qualquer coisinha o incomodava e a mera suspeita de que a sua autoridade estivesse sendo contestada bastava para colocá-lo fora de si. Isso ocorria principalmente quando alguém tentava dominar o seu favorito ou impor-se a ele. Não permitia que se falasse uma só palavra contra ele e parecia ter metido na cabeça a idéia de que, porque gostava de Heathcliff, todos os demais o odiavam e desejavam fazer-lhe mal. Aquilo era uma desvantagem para o rapaz, pois, não querendo os mais sensíveis dentre nós afligir o patrão, satisfazíamos a sua parcialidade e, com esse procedimento, alimentávamos o orgulho e o temperamento caprichoso do garoto. Mas a nossa atitude era necessária; por duas ou três vezes, as manifestações de desprezo de Hindley diante do pai provocaram no velho uma explosão de fúria: agarrou na bengala para bater no filho e ficou a tremer de raiva por não conseguir acertá-lo.

Por fim, o nosso cura (tínhamos então um cura sempre conosco, que melhorava o seu nível de vida ensinando os jovens Linton e Earnshaw e cultivando ele próprio o seu pedaço de terra) aconselhou mandar o jovem Hindley para o colégio preparatório. O velho Earnshaw concordou, embora dissesse, com pessimismo, que "Hindley era destituído de qualquer valor e não adiantaria nada ele estudar".

Esperai que fôssemos, enfim, ter paz. Doía-me pensar que o patrão sofria pela boa ação que cometera. Achava eu que a doença dele tinha origem nas diferenças entre as pessoas da família, conforme ele sempre afirmava; a verdade, porém, é que estava realmente doente. Apesar disso, o ambiente em casa poderia ter melhorado, não fosse por duas pessoas, Cathy e Joseph, o criado; aposto como o senhor o viu, lá em cima. Era, e ainda deve ser, o mais aborrecido e intolerável fariseu que jamais folheou uma Bíblia para catar promessas para si mesmo e maldições para os seus semelhantes. Pela sua mania de sermonear e de fazer citações piedosas, conseguiu impressionar grandemente o patrão: quanto mais fraco ele ficava, maior era a influência que Joseph ganhava sobre ele. Não parava de atormentá-lo com o futuro da sua alma e com conselhos sobre como educar rigidamente os filhos. Encorajava-o a considerar Hindley como um réprobo e, noite após noite, desfiava um rosário de queixas contra Heathcliff e Catherine, embora sempre procurasse agradar o patrão, jogando as maiores culpas sobre Cathy.

Efetivamente, ela era a criança mais difícil que eu já vira. Fazia-nos esgotar a paciência mais de cinquenta vezes por dia; desde que descia do quarto, de manhã, até que ia para a cama, não tínhamos um minuto de sossego com ela. Parecia sempre pronta a fazer uma arte e não parava de cantar, rir e atenazar todos os que não estivessem dispostos a fazer o mesmo. Era um diabinho — mas tinha os olhos mais bonitos, o sorriso mais doce e os pés mais ágeis de toda a paróquia; além disso, não creio que ela tivesse má intenção, porque, quando fazia alguém chorar, raramente deixava de confortá-lo. Gostava demais de Heathcliff. O maior castigo que se podia inventar para ela era mantê-la separada dele; entretanto, ela era mais repreendida por causa

dele do que qualquer um de nós. Nas brincadeiras, gostava de mandar em todos, usando as mãos livremente e dando ordens aos companheiros. Também procedia assim comigo, mas eu não tolerava a sua mania de dar bofetadas e ordens, e logo a fiz saber isso.

Ora, o Sr. Earnshaw não compreendia as brincadeiras dos seus filhos; fora sempre severo com eles. Catherine, por seu lado, não entendia por que razão o pai tinha menos paciência e ficava mais irritado na doença do que quando gozara saúde. As suas censuras despertavam nela um desejo malicioso de provocá-lo. Nunca parecia sentir-se mais satisfeita do que quando todos nos voltávamos contra ela e nos desafiava com seu olhar petulante e atrevido e as suas respostas na ponta da língua; ridicularizando as maldições religiosas de Joseph, atiçando-me e fazendo o que seu pai mais detestava, mostrando-lhe como a sua pretensa insolência, que ele acreditava ser real, tinha mais poder sobre Heathcliff do que a bondade dele — como o rapazinho fazia tudo quanto *ela* queria e que *ele* queria apenas o que era da vontade dela. Após se ter portado da pior maneira possível durante o dia, ela às vezes vinha aninhar-se junto ao pai para fazer as pazes, à noite. — Não, Cathy — dizia o velho —, não posso gostar de você; você é pior do que o seu irmão. Vá, vá rezar suas orações e pedir perdão a Deus. Eu e sua mãe ainda havemos de lastimar o fato de você ter nascido! — Isso a princípio fazia-a chorar; mas ser continuamente repelida acabou por endurecê-la, e ela ria, se eu a aconselhava a pedir desculpas ou a dizer que estava arrependida.

Chegou, finalmente, a hora de o Sr. Earnshaw descansar das suas preocupações terrenas. Morreu calmamente, na sua poltrona ao lado da lareira, numa noite de outubro. O vento soprava ao redor da casa e rugia na

chaminé; parecia uma tempestade, mas não fazia frio e estávamos todos reunidos — eu, um pouco afastada da lareira, ocupada com o meu tricô, e Joseph lendo a sua Bíblia, perto da mesa (pois naquele tempo os criados geralmente vinham para a sala, após terminado o trabalho). Cathy tinha estado doente, e isso a tornava mais sossegada; apoiava-se aos joelhos do pai, e Heathcliff estava deitado no chão, com a cabeça no colo dela. Lembro-me de que o patrão, antes de adormecer, acariciou o belo cabelo da filha. . . gostava tanto de vê-la carinhosa. . . dizendo: — Por que você não há de ser sempre uma boa menina, Cathy? — Ela voltou o rosto para ele, riu e respondeu: — E por que é que o senhor não há de ser sempre bonzinho, hein, pai? — Mas, tão logo percebeu que ele se irritara, beijou-lhe a mão e disse que iria cantar para adormecê-lo. Começou a cantar bem baixinho, até que os dedos dele se soltaram dos dela e a cabeça lhe caiu sobre o peito. Então, eu lhe disse que se calasse e não se mexesse, para não acordá-lo. Ficamos todos calados durante uma meia hora, e mais teríamos ficado, se não fosse Joseph terminar o seu capítulo, levantar-se e dizer que precisava acordar o patrão, para dizer as orações e ajudá-lo a deitar-se. Aproximou-se dele e chamou-o pelo nome, tocando-lhe no ombro; mas o velho não se mexeu, e Joseph pegou numa vela e olhou-o de perto. Percebi que algo tinha acontecido ao vê-lo pousar a vela e, agarrando nas crianças, murmurar que subissem e fizessem pouco barulho; podiam rezar sozinhas, que ele tinha algo a fazer.

— Primeiro, quero dar boa noite a meu pai — disse Catherine, pondo-lhe os braços à volta do pescoço, antes que a pudéssemos impedir. A pobrezinha logo viu o que tinha acontecido. Gritou: — Ele morreu, Heathcliff! Ele morreu! — E os dois caíram num choro de cortar o coração.

Juntei-me a eles, chorando amargamente; mas Joseph perguntou-nos o que significava todo aquele alarido, quando um santo acabava de chegar ao céu. Mandou-me vestir a minha capa e correr a Gimmerton, para ir buscar o médico e o cura. Eu não sabia para que eram eles precisos, mas parti assim mesmo, através do vento e da chuva, e trouxe o médico de volta comigo; o cura prometeu vir de manhã. Deixando a Joseph o encargo de explicar o que acontecera, corri para o quarto das crianças; a porta estava aberta e vi que ainda não se tinham deitado, embora passasse da meia-noite; mas estavam mais calmas e não necessitavam de que eu as consolasse. Confortavam-se um ao outro melhor do que eu poderia ter feito; nenhum cura, em todo o mundo, terá jamais descrito o céu de maneira mais bela do que eles, na sua inocente conversa. E ao ouvi-los, entre soluços, não pude deixar de desejar que todos nós já lá estivéssemos, a salvo e reunidos.

CAPÍTULO VI

O Sr. Hindley voltou a casa para os funerais; e — coisa que nos surpreendeu e provocou os mexericos dos vizinhos — trouxe consigo uma esposa. De que família era e onde nascera, ele nunca nos disse; provavelmente não tinha nem nome, nem fortuna, ou ele não teria escondido o casamento do pai.

Mas ela parecia ter bom gênio. Tudo quanto viu, desde que entrou em casa, pareceu deleitá-la, bem como tudo o que acontecia à sua volta, exceto os preparativos para o sepultamento e a presença das pessoas enlutadas. Achei que ela era meio boba, pela sua maneira de se comportar: correu para o quarto e fez-me ir com ela, embora estivesse na hora de eu vestir as crianças, e lá ficou, tremendo e torcendo as mãos, e perguntando, repetidamente: — O enterro já saiu? — Depois pôs-se a descrever, com histérica emoção, o efeito que o fato de ver luto produzia nela; e começou novamente a tremer e acabou por chorar. Quando lhe perguntei por que chorava, respondeu que não sabia, mas que tinha tanto medo de morrer! Pareceu-me que ela tinha tanta probabilidade de morrer quanto eu própria. Era magrinha, mas jovem, com pele fresca e olhos que brilhavam como diamantes. Reparei, é verdade, que ao subir as escadas ela ficava sem fôlego, que qualquer barulho inesperado a fazia estremecer e que às vezes tossia de maneira estranha; mas não sabia o que esses sintomas queriam dizer e não me sentia impelida a simpatizar com ela. Nós aqui não costumamos ligar-nos aos forasteiros, Sr. Lockwood, a menos que eles se liguem primeiro a nós.

O jovem Earnshaw mudara consideravelmente nos três anos que estivera fora. Estava mais magro, perdera as boas cores e falava e se vestia de maneira bem diferente; no mesmo dia em que voltou, disse-nos, a Joseph e a mim, que dali em diante nos retirássemos para os fundos da cozinha, deixando a sala para ele e a família. Expressou, mesmo, a intenção de mandar atapetar e forrar uma pequena saleta; mas a esposa mostrou-se tão encantada com o chão branco e a enorme lareira, com os pratos de estanho e de porcelana, com o lugar dos cães e a amplidão, que ele resolveu deixar tudo como estava.

Ela também se mostrou encantada em encontrar uma irmã; tagarelava com Catherine, beijava-a, corria de um lado para outro com ela e dava-lhe quantidades de presentes, a princípio. Mas o seu afeto logo se esgotou, e, quando ela começou a ficar mal-humorada, Hindley tornou-se tirânico. Bastou que ela fizesse um comentário, evidenciando desagrado por Heathcliff, para despertar nele o seu velho ódio pelo rapaz. Afastou-o da companhia da família para a dos criados, privou-o das lições do cura e insistiu para que ele passasse a trabalhar nos campos, igual a qualquer outro empregado da fazenda.

Inicialmente, Heathcliff suportou muito bem a sua degradação, porque Cathy ia lhe ensinando o que aprendia e trabalhava ou brincava com ele nos campos. Ambos prometiam crescer como dois selvagens, pois o patrão não queria saber de como eles se comportavam e do que faziam, desde que não o aborrecessem. Não teria sequer cuidado de que eles fossem aos domingos à igreja, não fosse Joseph e o cura censurarem a sua negligência, quando as crianças faltavam; isso fazia com que ele mandasse dar uma surra em

Heathcliff e privar Catherine do jantar ou da ceia. Mas um dos maiores prazeres que eles tinham era correr para a charneca, de manhã bem cedo, e lá ficar todo o dia; o castigo que se seguia era uma coisa risível. O cura podia mandar Catherine decorar quantos capítulos quisesse e Joseph podia surrar Heathcliff até ficar com o braço doendo; eles esqueciam tudo assim que se apanhavam novamente juntos e concebiam algum plano de vingança; sei lá quantas vezes chorei às escondidas, vendo-os ficarem dia a dia mais atrevidos e não ousando falar nada, com medo de perder a pouca ascendência que ainda retinha sobre aquelas crianças sem amigos. Numa noite de domingo, eles foram expulsos da sala, por fazerem barulho ou coisa parecida; e, quando fui chamá-los para jantar, não os encontrei por nenhum lado. Procuramos por toda a casa, em cima e embaixo, no pátio e nas cavalariças; pareciam ter se tornado invisíveis. Finalmente, Hindley mandou-nos trancar as portas e jurar que ninguém os deixaria entrar essa noite. A criadagem foi para a cama, mas eu, demasiado aflita para me deitar, abri a janela e pus a cabeça de fora, embora chovesse, resolvida a abrir-lhes a porta, apesar da proibição. Não tardou que ouvisse passos pela estrada e a luz de uma lanterna atravessar o portão. Joguei um xale por cima da cabeça e corri para abrir, antes que eles acordassem o Sr. Earnshaw. Deparei apenas com Heathcliff; levei um susto ao vê-lo só.

— Onde está Catherine? — exclamei, assustada. — Não lhe aconteceu nada, não é? — Está na Granja Thrushcross — respondeu ele —, e eu também devia estar lá, se eles tivessem tido a gentileza de me convidar para ficar.

— Bem, é para você aprender! — disse eu. — Que idéia foi essa de ir até a Granja Thrushcross? — Deixe-me tirar essas roupas molhadas, Nelly — respondeu ele —, que depois eu lhe conto. — Preveni-o de que tivesse cuidado para não acordar o patrão, e ele, após ter mudado de roupa, começou: — Eu e Cathy fugimos e, vendo ao longe as luzes da granja, achamos boa idéia chegar até lá e ver se os Linton passavam as noites de domingo de castigo nos cantos, enquanto os pais comiam e bebiam, cantavam e riam e estavam no bem-bom da lareira. Você pensa que com eles é assim? Que eles ficam tremendo de frio num canto, ou lendo sermões, ou sendo catequizados por algum criado e obrigados a aprender de cor uma coluna de nomes das Escrituras quando não respondem tudo certo? — Não, acho que não — respondi. — Sem dúvida são crianças bem-comportadas e não merecem o tratamento que vocês recebem. — Ora, não aborreça, Nelly — retrucou ele.

— Corremos do alto do morro para o parque, sem parar. . . Catherine ficou sem os sapatos. Você vai ter de ir procurá-los amanhã, no lodo. Entramos por uma abertura na cerca, encontramos o caminho e subimos num vaso, bem debaixo da janela da sala. A luz vinha de lá; não tinham fechado as gelosias e as cortinas não haviam sido corridas. Eu e Cathy nos agarramos ao peitoril e olhamos. . . Ah, que beleza! Vimos uma sala maravilhosa, toda atapetada de vermelho, com poltronas também vermelhas e o teto branco, orlado a ouro, com um chuveiro de gotas de cristal pendendo do centro e brilhando com pequeninas velas. O Sr. e a Sra. Linton não estavam lá; Edgar e a irmã tinham a sala só para eles. Que felicidade, você não acha? Nós nos teríamos sentido no paraíso! Pois imagine o que as suas

crianças bem-comportadas estavam fazendo. . . Isabella. . . deve ter uns onze anos, ou seja, um ano menos do que Cathy. . . estava deitada no chão, no fundo da sala, berrando como se a estivessem espetando com agulhas em brasa. Edgar estava junto da lareira, chorando baixinho, e no meio da mesa estava um cachorrinho, sacudindo a pata e ganindo, que, pelas acusações que os dois faziam um ao outro, eles quase tinham esquarterado, puxando cada um por uma extremidade. Os idiotas! Brigar por causa de uma bola de pêlo e depois chorar e nenhum dos dois querer pegar no bicho! Rimos deles: crianças mimadas! Quando é que você me viu chorar por querer o que Catherine também queria? Ou quando é que você nos viu gritar, soluçar e rolar pelo chão, um de cada lado da sala? Eu nunca trocaria a minha vida aqui pela de Edgar Linton, na Granja Thrushcross. . . nunca, se pudesse ter o privilégio de jogar Joseph do alto do telhado e de pintar a fachada da casa com o sangue de Hindley!

— Chh! — interrompi. — Mas você ainda não me disse, Heathcliff. . . o que aconteceu com Catherine?

— Bem, já lhe disse que rimos — respondeu ele. — Os Linton ouviram-nos e correram, como flechas, para a porta, gritando: "Oh, mamãe, mamãe! Papai! Mamãe, venha cá! Papai, socorro!" Gritavam como loucos. Procuramos assustá-los ainda mais, fazendo barulhos horríveis, e depois pulamos do peitoril da janela, porque ouvimos passos e achamos melhor fugir. Eu estava puxando Cathy pela mão e dizendo-lhe para correr mais depressa, quando, de repente, ela caiu. "Corra, Heathcliff, corra!", murmurou ela. "Soltaram o buldogue e ele está me segurando!" O diabo do cão tinha lhe agarrado o tornozelo, Nelly. Ouvia-o grunhir. Mas ela não gritou. Não, ela

não gritaria nem se estivesse sendo atravessada pelos chifres de um touro. Mas eu gritei! Amaldiçoei o bicho como se fosse o Demônio; peguei numa pedra e meti-a entre os dentes do cão, procurando fazer com que ele a engolisse. Uma besta de criado apareceu, finalmente, com uma lanterna, gritando: "Agüenta firme, Skulker, agüenta firme!" Mas mudou de tom quando viu o cão, com a enorme língua roxa meio palmo para fora da boca e os lábios babando sangue. O homem tomou Cathy ao colo; ela estava pálida, não de medo, disse eu tenho a certeza, mas de dor. Levou-a para dentro, e eu fui atrás, murmurando pragas e prometendo vingança. "Que foi que ele pegou, hein, Ro-bert?", perguntou Linton, da porta. "Skulker pegou uma menina, meu senhor", respondeu o criado, "e tem também um garoto", acrescentou, puxando-me pelo braço, "que parece um cigano! Acho que os ladrões botaram os dois na janela para eles abrirem as portas para a quadrilha, depois que todo o mundo estivesse dormindo, e poderem nos matar à vontade. Cale a boca, seu ladrão descarado! Você ainda vai acabar na forca. Sr. Linton, não largue a espingarda." "Não, não, Robert", disse o bobo do velho. "Os safados sabiam que ontem foi o meu dia de receber a renda e pensaram que a ocasião era boa para me assaltar. Pois que venham: estou pronto para recebê-los. John, tranque a porta. Jenny, dê água a Skulker. Assaltar um magistrado na sua própria casa e no domingo, ainda por cima! Até onde chegará o atrevimento deles? Oh, Mary, veja só! Não tenha medo, é apenas um garoto — mas pela cara já se vê o que ele é; não seria prestar um serviço ao país enforcá-lo de uma vez, antes que ele se torne um criminoso?" Puxou-me para debaixo do lustre, e a Sra. Linton colocou os óculos e ergueu ao ar as mãos, horrorizada. As covardes crianças também se aproximaram.

Isabella dizendo: "Que coisa pavorosa! Tranque-o no porão, papai. É igualzinho ao filho do cigano que roubou o meu faisão domesticado. Não é, Edgar?"

"Enquanto me examinavam, Cathy apareceu; ouviu a última frase e riu. Após olhá-la bem, Edgar Linton recuperou suficientemente o sangue-frio para reconhecê-la. Eles costumavam ver-nos na igreja, você sabe, embora raramente noutro lugar. 'Essa aí é Catherine Earnshaw!', sussurrou ele para a mãe. 'Veja como Skulker a mordeu... Como o pé está sangrando!'

" 'Catherine Earnshaw? Bobagem!', exclamou a senhora. 'Catherine Earnshaw andando pelo campo com um cigano! Mas, é verdade, ela está de luto. . . claro que está. . . e talvez possa ficar para sempre aleijada!'

" 'Que terrível negligência, a do irmão dela!', falou o Sr. Linton, voltando-se para Catherine. 'Ouvi Shielders dizer' (era o cura, Sr. Lockwood) 'que ele a deixa crescer no mais absoluto paganismo. Mas quem é o garoto? Onde terá ela arranjado tal companhia? Oh! Creio que se trata do estranho achado que o meu falecido vizinho trouxe há anos para casa, uma vez que foi a Liverpool. . . um mestiçozinho, americano ou espanhol.'

" 'De qualquer maneira, um garoto horrível', observou a velha senhora, 'que não devia pôr os pés numa casa decente! Reparou na linguagem dele? Lamento que as crianças o tenham ouvido praguejar!'

"Recomecei a praguejar — não se zangue, Nelly —, e Robert recebeu ordens para me levar dali. Recusei-me a ir sem Cathy; ele me arrastou para o jardim, pôs-me a lanterna na mão, disse-me que o Sr. Earnshaw seria informado da minha conduta e, mandando que eu fosse logo embora, fechou a porta atrás de mim. As cortinas ainda estavam presas dos lados e voltei ao

meu lugar de espreita; se Catherine tivesse mostrado vontade de sair dali, eu pretendia quebrar as vidraças da sala em pedacinhos para ir buscá-la. Mas ela estava calmamente sentada no sofá. A Sra. Linton tirou-lhe a capa cinzenta que tínhamos tomado emprestada da leiteira, abanando a cabeça e ralhando com ela, suponha; faziam uma grande distinção no tratamento que nos davam, a ela e a mim. Depois, a criada trouxe uma bacia com água quente e lavou-lhe os pés; o Sr. Linton deu-lhe um copo de sangria e Isabella colocou-lhe um prato de bolinhos no colo, enquanto Edgar ficava a olhá-la, boquiaberto. Em seguida, secaram e pentearam-lhe o belo cabelo e trouxeram-lhe um par de enormes chinelas, levando-a para perto do fogo. Deixei-a, feliz da vida, dividindo os bolinhos com o cachorrinho e com Skulker, que ela acariciava enquanto comia, e acendendo uma centelha de espírito nos vazios olhos azuis dos Linton — um pálido reflexo do seu rosto encantador. Vi que a contemplavam com um ar de estúpida admiração; ela é tão imensamente superior a eles — a todo o mundo, aliás, não é, Nelly?"

— Tudo isso que você me contou ainda vai dar pano para mangas — respondi, apagando a lanterna. — Você é incorrigível, Heathcliff. O Sr. Hindley vai ser obrigado a tomar medidas drásticas, você vai ver. — Minha previsão deu mais certo do que eu desejava. Earnshaw ficou furioso. O Sr. Linton veio visitar-nos no dia seguinte e fez um tal sermão ao nosso jovem patrão sobre a maneira negligente como ele guiava a família, que o obrigou a tomar mesmo medidas. Heathcliff não levou surra, mas Hindley lhe disse que, se o visse falar com Catherine, seria posto fora de casa. Por seu lado, a Sra. Earnshaw encarregou-se de manter a cunhada sob controle, quando ela

voltasse para casa — empregando astúcia e não força, pois pela força nada conseguiria.

CAPÍTULO VII

Cathy demorou-se cinco semanas na Granja Thrushcross, ou seja, até o Natal. Por essa altura, o seu tornozelo sarara completamente e as suas maneiras haviam melhorado muito. Durante esse tempo, a patroa visitou-a freqüentemente e deu início ao seu plano de reforma, apelando para a sua vaidade feminina através de roupas finas e lisonjas, ao que Cathy respondeu prontamente. Assim, ao invés de vermos chegar uma pequena selvagem, ofegante e descabelada, correndo para nos abraçar a todos, vimos pular, de um belo pônei negro, uma jovem de aspecto digno, com lindos cachos castanhos pendendo de um chapéu com plumas e uma longa roupa de montaria, que ela era obrigada a suspender com ambas as mãos para poder andar. Hindley ajudou-a a saltar do cavalo, exclamando, prazeroso: — Cathy, mas você está uma beldade! Quase não a conhecia; você parece uma autêntica dama. Isabella Linton não se pode comparar com ela, não acha, Frances? — Isabella não tem tantos predicados naturais — respondeu sua esposa —, mas Cathy tem de tomar cuidado para não se deixar negligenciar novamente. Ellen — ordenou ela, dirigindo-se a mim —, ajude a Srta. Catherine a tirar a roupa de montaria. . . Fique quietinha, querida, você assim desmancha os cachos. . . deixe-me tirar-lhe o chapéu.

Tirei-lhe a roupa de montaria, e por debaixo dela apareceu, esplendoroso, um belo vestido de seda escocesa, usado com culotes brancos e sapatos de verniz. Embora os seus olhos brilhassem de alegria, ao ver os cães virem correndo dar-lhe as boas-vindas, mal lhes tocou, com medo de que eles

lhe estragassem a esplêndida toalete. Beijou-me muito de leve: eu estava coberta de farinha do bolo de Natal e não convinha abraçar-me. Depois, olhou em volta, à procura de Heathcliff. O Sr. e a Sra. Earnshaw estavam ansiosos por ver como seria o encontro dos dois, pensando que através dele poderiam avaliar as esperanças que havia quanto à separação dos dois amigos.

Não foi fácil descobrir Heathcliff. Se, antes da ausência de Catherine, ele fora desleixado e ninguém se preocupara com o seu aspecto, desde então a coisa piorara dez vezes mais. Ninguém, a não ser eu, se preocupava com chamar-lhe a atenção para a sujeira e com pedir-lhe que se lavasse, pelo menos uma vez por semana, pois os garotos daquela idade não costumam ter mesmo gosto pela água e pelo sabão. Por conseguinte, sem mencionar já as suas roupas, que havia três meses não mudava e estavam cobertas de pó e de lama, e o seu cabelo grosso e desgrenhado, tanto o seu rosto como as suas mãos estavam horrivelmente negros. Era bem desculpável que ele se tivesse escondido atrás do sofá, ao ver chegar tão graciosa donzela, em vez da sua contra-partida feminina, como esperara. — Heathcliff não está? — perguntou ela, tirando as luvas e mostrando mãos maravilhosamente clareadas de não fazer nada e de não andar pelos campos.

— Heathcliff, pode sair daí — exclamou o Sr. Hindley, divertindo-se com a situação e satisfeito da má impressão que ele não deixaria de causar. — Pode vir dar as boas-vindas à Srta. Catherine, como os outros criados.

Mas Cathy, vendo onde o amigo estava escondido, correu a abraçá-lo; beijou-o sete ou oito vezes nas faces, até que parou e, recuando, soltou uma risada: — Nossa, como você está preto! Que engraçado está, com esse ar

zangado! Acho que estou demasiado acostumada a Edgar e Isabella Linton. Então, Heathcliff, será que me esqueceu?

Tinha certa razão em fazer essa pergunta, pois a vergonha e o orgulho o faziam permanecer imóvel.

— Dê-lhe a mão, Heathcliff — interferiu o Sr. Earnshaw, condescendentemente. — Uma vez ou outra, isso é permitido.

— Não — replicou o rapaz, recuperando, finalmente, a fala. — Não suporto que riam de mim. Não permito isso!

E teria corrido dali, se Cathy não o houvesse segurado.

— Eu não quis rir de você — disse ela. — Vamos, Heathcliff, dê-me a mão! Por que é que você está tão ofendido? Achei-o engraçado, mas é porque você não lavou o rosto e escovou o cabelo. Está tão sujo!

Dizendo isso, Cathy olhou para os dedos dele, que ela segurava na mão, e depois para o seu vestido, que ela temia haver sujado.

— Você não precisava ter me tocado! — lançou ele, seguindo o olhar dela e arrebatando a mão. — Estou sujo porque quero; gosto de estar sujo e quero estar sujo.

Com isso saiu da sala, em meio aos olhares divertidos do patrão e da patroa e da consternação de Catherine, que não podia compreender por que os seus comentários haviam produzido nele uma tal demonstração de fúria.

Depois de ter ajudado a recém-chegada, posto os meus bolos no forno e tornado a cozinha e toda a casa alegre e confortável, com bons fogos, como convém à noite de Natal, preparei-me para cantar as minhas canções natalinas, não obstante as afirmações de Joseph, que considerava serem elas pouco religiosas. Retirara-se para orar no seu quarto, e o Sr. e a Sra. Earnshaw

estavam mostrando a Catherine os presentes que tinham comprado para ela dar aos jovens Linton, em agradecimento pela acolhida. Tinham-nos convidado a passar o dia de Natal no Morro dos Ventos Uivantes e o convite fora aceito, com uma condição: a Sra. Linton pedira que os seus queridos filhos não tivessem contato com "aquele rapaz horrível".

Nessas circunstâncias, fiquei só, sentindo o rico aroma dos bolos e contemplando os brilhantes utensílios da cozinha, o relógio, enfeitado com azevinho, as taças de prata, arrumadas numa bandeja e já prontas para a ceia, e, acima de tudo, admirando a impecável limpeza do chão, meu cuidado especial. Lembrei-me, então, de como o velho Earnshaw costumava entrar na cozinha, quando tudo já estava em ordem, elogiando o meu trabalho e pondo-me na mão um xelim, à guisa de presente de Natal; isso me fez recordar o seu carinho por Heathcliff e o seu temor de que ele não fosse bem tratado após a sua morte; o que, por sua vez, me fez pensar na atual situação do pobre rapaz, tirando-me a vontade de cantar e dando-me a de chorar. Mas, em vez de derramar lágrimas por ele, era melhor procurar remediar a sua situação: levantei-me e saí à procura dele. Não precisei ir longe: encontrei-o escovando o lustroso pêlo do novo pônei na cavalaria, e dando de comer aos outros animais, como era seu costume.

— Apresse-se, Heathcliff! — falei. — Está tão agradável lá na cozinha, e Joseph está no quarto dele! Vamos, deixe-me pô-lo bonito, antes que Cathy desça. Vocês podem sentar-se diante da lareira e conversar até a hora de dormir.

Ele continuou com a sua ocupação, sem sequer virar a cabeça para mim.

— Então. . . você não vem? — insisti. — Fiz um bolinho para cada um de vocês; e você vai precisar de meia hora para se arrumar.

Esperei cinco minutos, mas, não recebendo resposta, resolvi ir embora. Catherine ceou com o irmão e a cunhada. Eu e Joseph fizemos uma refeição bem pouco sociável, temperada de censuras, por um lado, e de impertinência, pelo outro. O bolo e o requeijão de Heathcliff ficaram toda a noite na mesa, para os duendes. Ele deu um jeito de continuar a trabalhar até as nove e depois subiu direto para o quarto. Cathy ficou de pé até tarde, pois tinha um mundo de coisas a dispor, com relação à visita dos seus novos amigos. Foi à cozinha falar com o seu velho amigo, mas não o encontrou e, depois de perguntar o que lhe tinha acontecido, foi-se embora. Na manhã seguinte, Heathcliff levantou-se cedo e levou o seu mau humor para a charneca, só voltando quando a família já tinha saído para a igreja. O jejum e a reflexão pareciam ter-lhe feito bem. Andou algum tempo à minha volta e, tendo adquirido coragem suficiente, exclamou, de repente:

— Nelly, dê-me roupa limpa. Quero parecer bem.

— Ótimo, Heathcliff, já não é sem tempo — respondi. — Você *feriu* a pobre Catherine, e talvez ela se arrependa de ter voltado para casa! Até parece que você a inveja por ela ser mais festejada do que você.

A idéia de *invejar* Catherine era incompreensível para ele, mas não a idéia de havê-la ferido.

— Ela disse que estava ferida? — perguntou, com ar muito sério.

— Chorou, quando eu lhe disse que você se tinha ido, esta manhã.

— Ora, *eu* também chorei ontem à noite — replicou ele —, e tinha muito mais razão para chorar do que ela.

— Sim, a sua razão foi ir para a cama com o coração cheio de orgulho e o estômago vazio — disse eu. — As pessoas orgulhosas trazem sofrimento para si mesmas. Mas, se você está envergonhado, deve pedir-lhe perdão, quando ela voltar da igreja. Deve chegar junto dela e beijá-la e dizer-lhe. . . bem, você sabe melhor do que eu o que lhe dizer; mas faça-o sinceramente e não como se a julgasse transformada numa estranha, só por andar bem vestida. Agora, embora tenha de fazer o almoço, vou arranjar tempo para arrumá-lo, de modo que Edgar Linton pareça insignificante ao seu lado, o que de fato ele parece. Você é mais novo, mas bem mais alto e de ombros bem mais largos: podia derrubá-lo num abrir e fechar de olhos, não acha?

O rosto de Heathcliff desanuviou-se um instante, mas logo voltou a encobrir-se, e ele suspirou.

— Nelly, mesmo que eu o derrubasse vinte vezes, isso não o tornaria menos bonito nem a mim menos feio. Como eu queria ter cabelo louro e pele clara, vestir-me e comportar-me bem e ter uma chance de vir a ser tão rico quanto ele!

— E chorar a toda hora pela mamãe — acrescentei —, e tremer se um garoto do campo levantasse o punho contra você, e ficar metido em casa sempre que chovesse. Oh, Heathcliff, você está se mostrando bem bobo! Chegue-se para o espelho, que eu lhe mostrarei o que você deveria desejar. Está vendo essas duas rugas entre os olhos? E essas sobrancelhas espessas que, em vez de serem arqueadas, parecem afundar no meio? E esses dois demônios negros, de tal maneira enterrados, que nunca abrem francamente as suas janelas, mas brilham por trás delas, qual espíões do Diabo? Você deve aprender a desfazer essas rugas, a erguer abertamente essas pálpebras e a

transformar os demônios em anjos confiantes e inocentes, não suspeitando nem duvidando de nada e vendo sempre amigos onde não se tem a certeza de haver inimigos. Não assumo a expressão de um cão danado, que só espera do mundo pontapés, embora odeie o mundo e os pontapés pelo que eles lhe fazem sofrer.

— Por outras palavras, devo desejar os grandes olhos azuis de Edgar Linton e a sua testa lisa — retrucou ele. — Desejo. . . mas isso não me serve de nada.

— Um bom coração ajuda a ter um belo rosto, meu rapaz — continuei —, mesmo que a pessoa seja monstruosa. Saiba que um coração empedernido é capaz de tornar a pessoa mais bonita num verdadeiro monstro. Agora que você terminou de se lavar, de se pentear e de fazer cara feia, diga-me se não se acha bem bonito. . . Eu acho. Você parece um príncipe disfarçado. Quem sabe se seu pai não foi imperador da China, ou sua mãe uma rainha indiana, cada qual capaz de comprar, com a renda de apenas uma semana, o Morro dos Ventos Uivantes e a Granja Thrushcross? Quem sabe se você não foi raptado por marinheiros perversos e trazido para a Inglaterra? Se eu fosse você, alimentaria a idéia de um nascimento nobre, e esse pensamento me daria coragem e dignidade para suportar a opressão de um pequeno fazendeiro!

À medida que eu falava, Heathcliff ia aos poucos perdendo o ar ofendido e ficando bem agradável de se ver. De repente, porém, a nossa conversa foi interrompida por um barulho de rodas entrando no pátio. Ele correu à janela e eu para a porta, a tempo de ver os dois jovens Linton descer da carruagem familiar, abafados em capotes e peles, enquanto os Earnshaw

desmontavam dos seus cavalos, pois no inverno costumavam cavalgar até a igreja. Catherine pegou em cada um dos garotos pela mão, levou-os para casa e fê-los sentar-se diante do fogo, o que fez voltar a cor aos seus rostos brancos.

Disse a Heathcliff que se apressasse a mostrar-se simpático, ao que ele obedeceu prontamente; mas quis a má sorte que, ao mesmo tempo em que ele abriu a porta da cozinha para a sala, Hindley abrisse a outra. Irritado por vê-lo limpo e sorridente ou talvez desejoso de manter a promessa que fizera à Sra. Linton, o fato é que Hindley o empurrou de volta para a cozinha, ordenando a Joseph que não o deixasse entrar na sala e o mandasse para o sótão até acabarem de almoçar, pois ele meteria os dedos nos doces e roubaria as frutas, se o deixassem na cozinha um único minuto.

— Não, meu senhor — ousei responder —, ele não toca em nada; embora eu ache que deva provar de tudo, como todos nós.

— Ele vai provar é a força da minha mão, se o pego aqui embaixo antes de cair a noite — gritou Hindley. — Fora daqui, seu vagabundo! O quê, você está tentando bancar o elegante, hein? Espere só que eu lhe puxe o cabelo. . . e veja se ele não fica mais comprido!

— Já está comprido demais — comentou o jovem Linton, espiando da porta. — Não sei como não lhe faz doer a cabeça. Parece uma crina de cavalo, caindo-lhe sobre os olhos!

Fez esse comentário sem qualquer intenção de insultar; mas o temperamento violento de Heathcliff não estava preparado para suportar qualquer impertinência daquele a quem ele parecia, já então, odiar como a um rival. Pegou numa terrina cheia de molho de maçã quente (a primeira coisa

que encontrou) e despejou-a no rosto e no pescoço de Edgar, que imediatamente se pôs a gritar, fazendo com que Isabella e Catherine acoressem. O Sr. Earnshaw agarrou no culpado e levou-o para o seu quarto, onde sem dúvida lhe aplicou um drástico remédio para lhe acalmar os nervos, pois voltou vermelho e ofegante. Peguei no pano dos pratos e esfreguei o nariz e a boca de Edgar, dizendo-lhe que era bem-feito, por se ter metido onde não era chamado. A irmã começou a chorar que queria ir para casa e Cathy ficou atônita, o rosto afogueado.

— Você não devia ter falado aquilo para ele! — disse ela a Edgar. — Ele estava irritado e agora você estragou tudo. Ele vai levar uma surra e eu não posso suportar isso! Não vou poder almoçar. Por que foi que você lhe disse aquilo, Edgar?

— Eu não falei com ele — soluçou o garoto, escapando das minhas mãos e acabando de se limpar com o seu lenço de cambraia. — Prometi à mamãe que não falaria uma palavra com ele e não falei.

— Ora, não chore — disse Catherine, com desprezo. Você não vai morrer. Não piore ainda mais a situação; meu irmão vem vindo, pare de chorar! E você também, Isabella! Será que alguém a machucou?

— Vamos, crianças, para a mesa! — exclamou Hindley, entrando na sala. — Aquele bruto esquentou-me o sangue. Da próxima vez, Edgar, faça você mesmo justiça, a muque. Vai ver como lhe abre o apetite!

Os dois visitantes voltaram a sorrir à vista da esplêndida mesa. Estavam famintos, após a viagem, e, como nada de mau lhes acontecera, não tardaram a se reanimar. O Sr. Earnshaw serviu grandes pratadas e sua esposa iniciou uma conversa animada. Eu estava atrás da cadeira dela e fiquei triste de ver

Catherine, olhos secos e ar indiferente, começou a cortar uma asa de ganso. "Que menina insensível", pensei. "Com que facilidade se esquece do sofrimento do velho amigo! Nunca imaginei que fosse tão egoísta." Levou uma garfada à boca, mas voltou a pousá-la no prato; suas faces ruborizaram-se e as lágrimas escorreram por elas. Deixou cair o garfo no chão e abaixou-se para apanhá-lo, escondendo-se atrás da toalha para ocultar a sua emoção. Não mais a chamei insensível; percebi que ela sofria muito e ansiava por uma oportunidade de sair da sala ou de ir visitar Heathcliff, que fora trancado numa mansarda, pelo patrão, conforme descobri ao tentar levar-lhe um prato de comida.

À noite houve um baile. Cathy suplicou que libertassem o amigo, pois Isabella Linton não tinha par; mas as suas súplicas foram em vão e encarregaram-me de suprir a deficiência. Toda a tristeza se dissipou e a alegria aumentou com a chegada da banda de Gimmerton, composta de quinze instrumentos: um trompete, um trombone, clarinetes, fagotes, trompa de pistões e uma viola, além de cantores. Essas bandas costumam percorrer as casas importantes e receber contribuições natalinas, e foi para nós um prazer ouvi-la. Depois de entoadas as habituais canções de Natal, pedimos-lhes que interpretassem canções populares. A Sra. Earnshaw gostava de música, e tivemos uma bela noite.

Catherine também gostava de música, mas alegou que soava melhor ouvida do alto da escada e subiu mesmo sem luz. Fui atrás dela. Fecharam a porta embaixo, sem dar pela nossa ausência, de tal maneira a sala estava cheia de gente. Ela não parou no alto da escada; continuou a subir, até a mansarda em que Heathcliff estava preso, e chamou-o. Por algum tempo, ele se

recusou, teimosamente, a responder; mas ela insistiu e finalmente conseguiu persuadi-lo a conversar através das tábuas. Deixei os pobrezinhos à vontade, até me parecer que as canções estavam chegando ao fim e que os músicos iam querer cear; subi, então, a escada para preveni-la. Em vez de encontrá-la do lado de fora, ouvi a voz dela lá dentro. O diabinho passara, pelo telhado, através da clarabóia de uma mansarda, para a clarabóia vizinha, e foi-me muito difícil convencê-la a sair. Quando, finalmente, ela saiu, Heathcliff veio com ela e Cathy teimou para que eu o levasse para a cozinha, já que Joseph fora para a casa de um vizinho, a fim de não ouvir os nossos "salmos demoníacos", conforme os chamava. Respondi que não pretendia, em absoluto, desobedecer às ordens recebidas; mas como o prisioneiro nada tivesse comido desde o almoço do dia anterior, fingiria ignorar essa proibição do Sr. Hindley. Heathcliff desceu; coloquei-lhe um banco à beira do fogo e ofereci-lhe um monte de coisas gostosas, mas ele estava sem vontade de comer, e todos os meus esforços no sentido de distraí-lo foram por água abaixo. Apoiou os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, e permaneceu mergulhado em profunda meditação. Quando lhe perguntei em que pensava, respondeu, gravemente:

— Estou tentando imaginar como me vingarei de Hindley. Não me importo de esperar, desde que no fim consiga o que quero. Só espero que ele não morra antes!

— Que horror, Heathcliff! — exclamei. — Cabe a Deus castigar os maus; nós devemos saber perdôá-los.

— Não, Deus não terá essa satisfação; ela será só minha — retrucou ele. — Só queria saber qual a melhor maneira! Deixe-me a sós, que preciso pensar; enquanto Penso, não soffro. . .

Mas, Sr. Lockwood, esqueço-me de que tudo isso não lhe pode interessar. Que idéia a minha, de estar aqui falando sem parar, quando o senhor está cabeceando e o seu mingau está frio! Podia ter contado da história de Heathcliff tudo quanto o senhor precisa saber em meia dúzia de palavras.

Assim dizendo, a governanta levantou-se e começou a arrumar a sua costura; mas eu não tinha coragem de me afastar da lareira e estava muito longe de cabecear.

— Fique mais um pouco, Sra. Dean — pedi —, mais meia hora! Fez muito bem em contar a história com detalhes. Assim mesmo é que eu gosto; peço-lhe que continue. Interessam-me todas as pessoas que a senhora mencionou.

— Mas o relógio já vai bater onze horas.

— Não faz mal, não estou acostumado a me deitar cedo. À uma ou às duas é o suficiente para quem só se levanta às dez da manhã.

— O senhor não deveria acordar tão tarde. O melhor da manhã já se foi antes das dez horas. Quem até as dez ainda não fez nada corre o risco de não ter tempo para fazer o que precisa.

— Não obstante, Sra. Dean, fique mais um pouco. Amanhã só devo sair da cama lá pela tarde. Estou prognosticando uma gripe, pelo menos.

— Espero que não — retrucou a boa mulher. — Bem, vou pular uns três anos. Durante esse espaço de tempo, a Sra. Earnshaw. . .

— Não vai pular nada! Sabe como é, quando a gente está sentado, sozinho, vendo uma gata lambe o seu filhote, e presta tal atenção à operação que, se a gata se esquecer de lambe uma orelha, é o bastante para se ficar furioso? Como é que a senhora classificaria essa atitude?

— Diria que era uma atitude muito preguiçosa.

— Ao contrário, uma atitude extremamente ativa, em que a mente segue algo com todo o interesse. Pois é a minha, neste momento. Por isso lhe peço que continue como até aqui. Vejo que a gente destas regiões adquire, sobre a gente das cidades, a mesma vantagem que a aranha de uma masmorra tem sobre a aranha de uma cabana; e, contudo, a maior atração não se deve inteiramente à situação do espectador. A gente aqui leva uma vida de maior autenticidade, mais concentrada em si mesma e menos superficial, menos frívola. Parece-me quase possível amar a vida aqui; e eu descrevia totalmente de que algum amor pudesse resistir a um ano. Uma das situações faz lembrar o colocar-se um homem faminto diante de um único prato, no qual ele pode concentrar todo o seu apetite e fazer-lhe justiça; ao passo que a outra é como apresentar-lhe uma mesa posta por mestres da culinária francesa: talvez ele possa regalar-se, mas cada prato é um mero átomo para a sua vista e a sua memória.

— Oh, mas nós aqui somos iguais às pessoas dos outros lugares, o senhor vai ver — observou a Sra. Dean, algo espantada com as minhas palavras.

— Perdoe — respondi —, mas até a senhora é uma ótima prova contra essa afirmação. Excetuando alguns provincianismos que quase não se notam, a senhora não tem nem o modo de falar, nem as maneiras que em geral se

consideram como peculiares à classe. Tenho a certeza de que pensa muito mais do que a maioria dos criados comuns. E cultivou as suas faculdades de reflexão justamente por não ter ocasião de desperdiçar a vida com ninharias.

Ela riu.

— Sem dúvida me considero uma pessoa estável e sensata — disse —, mas não exatamente por viver entre montanhas e ver apenas um conjunto de rostos e uma série de atos, de ano a ano. É que sempre vivi na mais estrita disciplina e isso me ensinou a encarar as coisas com sensatez; além do quê, tenho lido mais do que o senhor pode imaginar, Sr. Lockwood. Não há um livro, nesta biblioteca, que eu não tenha lido e do qual não tenha tirado algo: a não ser que seja em grego, latim ou francês. . . mas até esses eu sei distinguir. É o máximo que se pode esperar da filha de um homem pobre. Mas, se quer que eu continue contando a minha história com todos os detalhes, muito bem; em vez de pular três anos, passarei apenas para o verão seguinte (o verão de 1778), ou seja, há cerca de vinte e três anos atrás.

CAPÍTULO VIII

Numa bela manhã de junho, nasceu o primeiro bebezinho de quem tive de cuidar e último rebento do velho ramo dos Earnshaw. Estávamos juntando o feno, num campo distante, quando a garota que geralmente nos trazia o desjejum chegou uma hora mais cedo, correndo pelos prados e chamando por mim.

— Um bebê e tanto! — ofegou ela. — A mais bela criança que eu já vi! Mas o médico diz que a patroa está muito mal: que há muitos meses que ela está com a tísica. Ouvi-o falar com o Sr. Hindley. Disse-lhe que não há mais nada a fazer e que ela vai morrer antes de chegar o inverno. Vá já para casa, Nelly. Você é que vai ter de alimentá-lo, de lhe dar leite com açúcar e tomar conta dele, dia e noite. Quem me dera estar no seu lugar, porque ele seria todo meu, quando a patroa se for!

— Mas ela está mesmo assim tão doente? — perguntei, largando o ancinho e amarrando a minha touca.

— Acho que sim. Mas não parece — replicou a moça —, e fala como se esperasse viver até ele ser homem. Está louca de alegria, ele é tão bonito! Se eu fosse ela, tenho a certeza de que não morreria; ficaria melhor só de olhar para o bebê, apesar do que o médico diz. Fiquei furiosa com ele. A Sra. Archer levou o anjinho para o patrão vê-lo na sala, e o rosto dele estava se abrindo num sorriso, quando o pássaro de mau agouro disse: "Earnshaw, é uma sorte que sua esposa tenha podido lhe dar este filho. Quando ela chegou, fiquei convencido de que não ia durar muito; e, agora, devo preveni-lo de que

o inverno provavelmente dará cabo dela. Não se aflija demasiado! Nada se pode fazer. Além do mais, você deveria ter tido o cuidado de não escolher uma mulher tão fraquinha!"

— E que foi que o patrão respondeu? — perguntei.

— Acho que praguejou; mas não prestei atenção, só queria ver o bebê — e começou a descrevê-lo, entusiasmada. Corri para casa, ansiosa por vê-lo; mas estava muito triste por Hindley. No seu coração só havia lugar para dois ídolos: a mulher e ele próprio. Adorava a mulher, e eu não podia imaginar como ele iria suportar a perda.

Quando cheguei ao Morro dos Ventos Uivantes, lá estava ele, à porta. Ao entrar, perguntei-lhe: — Que tal o menino?

— Daqui a pouco vai correr por aí, Nell — respondeu, com um sorriso.

— E a patroa? — atrevi-me a perguntar. — O médico diz que. . .

— Para o diabo com o médico! — interrompeu ele, corando. — Frances está muito bem; daqui a uma semana vai estar perfeitamente. Você vai subir? Diga-lhe que eu subirei, se ela prometer não falar. Saí do quarto porque ela não queria ficar calada. Diga-lhe que o Dr. Kenneth mandou dizer que ela tem de repousar.

Dei o recado à Sra. Earnshaw; ela parecia felicíssima e respondeu, alegremente:

— Eu mal falei, Ellen, e ele saiu duas vezes do quarto, chorando. Bem, diga-lhe que eu prometo não falar . . . mas isso não me impede de rir dele!

Pobrezinha! Até a semana da sua morte, o seu alegre coração nunca a traiu e o marido persistiu, obstinadamente, ou melhor, furiosamente, em afirmar que a saúde dela melhorava de dia para dia. Quando o Dr. Kenneth

lhe disse que os remédios eram inúteis naquela fase da doença e que não precisava gastar mais dinheiro com ele, Hindley retrucou:

— Bem sei que não é preciso. . . ela está bem e não necessita mais do seu atendimento! Nunca esteve tísica. Foi só uma febre, mas já acabou. O pulso dela está agora tão lento quanto o meu e as suas faces tão frescas quanto as minhas.

Dizia a mesma coisa à esposa, e ela parecia acreditar nele; mas uma noite, quando, apoiada ao ombro dele, ela lhe dizia que talvez pudesse levantar-se no dia seguinte, um acesso de tosse, um acesso bem leve, sacudiu-a. Ele a tomou ao colo, ela lhe enlaçou o pescoço, o rosto transfigurado, e, coitadinha, morreu.

Conforme a garota tinha antecipado, o pequenino Hareton ficou inteiramente aos meus cuidados. Desde que o visse com saúde e não o ouvisse chorar, o Sr. Earnshaw estava satisfeito quanto ao filho. Quanto a si próprio, estava desesperado: o seu sofrimento era do tipo que não se lamenta. Nem chorava nem rezava: amaldiçoava e desafiava, maldizia Deus e os homens e entregava-se a todas as dissipações. Os criados não suportaram por muito tempo o seu comportamento amargurado e tirânico. Joseph e eu fomos os únicos a ficar. Eu, porque não tinha coragem de deixar o bebê e, além do mais, fora criada com Hindley e sabia perdoar a sua conduta; Joseph, porque podia mandar à vontade nos rendeiros e nos trabalhadores, e porque a sua vocação era estar onde houvesse muita impiedade a censurar.

Os maus modos e as más companhias do patrão eram um péssimo exemplo para Catherine e Heathcliff. A maneira como ele tratava este último era suficiente para transformar um santo num demônio. E, na verdade,

parecia que o rapaz estivesse possuído de algo demoníaco, durante esse período. Comprazia-se em ver Hindley degradar-se cada vez mais; e dia a dia se tornava mais conhecido pelo mau gênio e pela ferocidade. Não lhe posso descrever o ambiente infernal que tínhamos em casa. O cura deixou de visitar-nos; por fim, ninguém decente se aproximava de nós. A única exceção eram as visitas que Edgar Linton fazia a Cathy. Aos quinze anos, ela era a rainha da região; não havia moça que se comparasse a ela. Ela sabia disso e tornava-se uma criatura altaneira e voluntariosa. Confesso que não gostava dela, agora que já não era mais criança; censurava-a freqüentemente, tentando corrigir-lhe a arrogância. . . mas ela nunca mostrou aversão por mim. Era maravilhosamente fiel às velhas amizades; até mesmo Heathcliff conseguia manter o mesmo lugar no seu coração, e o jovem Linton, com toda sua superioridade, achava difícil rivalizar com ele. Edgar Linton era o meu falecido patrão; aí está o retrato dele, sobre a lareira. Antigamente, os retratos dele e da esposa estavam pendurados lado a lado; mas o dela foi removido, o que é uma pena, pois o senhor poderia fazer uma idéia de como ela era. Que tal o acha?

A Sra. Dean ergueu a vela e distingui um rosto de feições suaves, muito parecido ao da jovem que vira na casa do Morro, mas mais pensativo e de expressão mais agradável. Era um belo homem. O cabelo, longo e louro, encaracolava-se ligeiramente nas têmporas; os olhos eram grandes e sérios; a silhueta, quase demasiado graciosa. Não me surpreendi de que Catherine Earnshaw tivesse esquecido o seu primeiro amigo ao conhecer aquele rapaz. O que me surpreendia, e muito, era que ele, com um espírito correspondente

à sua pessoa, pudesse ter gostado de Catherine Earnshaw, tal como eu a imaginava.

— Bonito retrato — comentei com a governanta. — É fiel?

— Muito — respondeu ela; — só que ele parecia melhor quando estava animado. A expressão do quadro é a que ele tinha geralmente; faltava-lhe o que se chama espírito.

Catherine conservara a amizade com os Linton, desde que passara em casa deles aquelas cinco semanas; e, como não lhe interessava mostrar o seu lado selvagem em presença deles e tinha juízo suficiente para se envergonhar de ser malcriada diante de uma tão invariável cortesia, foi se impondo aos velhos pela sua engenhosa cordialidade, ao mesmo tempo que conquistava a admiração de Isabella e o coração do irmão; conquistas que desde o princípio a lisonjeavam, pois era cheia de ambição e elas a levaram a adotar uma dupla personalidade sem que exatamente pretendesse enganar ninguém. Na casa em que ouvia Heathcliff ser chamado "um jovem e vulgar rufião" e "pior do que uma besta", tinha o cuidado de não proceder como ele; mas, de volta ao lar, mostrava-se pouco inclinada a afetar uma polidez que só iria provocar risos, bem como a controlar a sua natural insubordinação, sem que isso lhe trouxesse crédito ou elogios.

Edgar raramente reunia coragem para ir abertamente ao Morro dos Ventos Uivantes. Tinha pavor da reputação de Earnshaw e temia encontrar-se com ele. Não obstante, era sempre recebido com os nossos melhores esforços de cordialidade; mesmo o patrão evitava ofendê-lo, sabendo por que ele vinha; se não conseguia ser gentil, pelo menos não se intrometia. Mas eu acho que as visitas de Edgar não agradavam a Catherine; ela não era diplomática,

não sabia coquetear, e era evidente que não gostava de que os seus dois amigos se encontrassem; porque, quando Heathcliff expressava desprezo por Linton na sua própria presença, ela não podia concordar, como fazia na ausência dele; e quando Linton evidenciava antipatia e repugnância por Heathcliff ela não ousava tratar os seus sentimentos com indiferença, como se a depreciação do seu companheiro de infância fosse de pouca importância para ela. Muitas vezes ria das suas perplexidades e dilemas secretos, que ela em vão tentava esconder de mim. Isso parece pouco generoso da minha parte; mas ela era tão orgulhosa, que era impossível sentir pena dela, enquanto não aprendesse a ser um pouco mais humilde. Por fim passou a confiar em mim, pois não havia outra pessoa a quem ela pudesse pedir conselhos.

Uma tarde em que o Sr. Hindley havia saído, Heathcliff resolveu aproveitar para dar a si próprio uma folga. Contava, nessa altura, creio que dezesseis anos, e, embora não tivesse feições más ou fosse de inteligência deficiente, todo ele suscitava uma repulsa física e mental, que a sua atual aparência não mais provoca. Em primeiro lugar, tinha, por esse tempo, esquecido quase tudo o que aprendera: o trabalho duro e contínuo, começando cedo e terminando tarde, extinguiu nele toda a curiosidade que antes mostrara quanto a aprender coisas novas, e todo o interesse que tinha pelos livros ou por aprender. O seu antigo senso de superioridade, nele instilado pela preferência do falecido Sr. Earnshaw, havia desaparecido. Durante muito tempo, ele se esforçara por manter-se a par de Catherine nos estudos, e acabara rendendo-se com um desgosto profundo, embora silencioso; mas rendera-se completamente; e não havia como insistir com ele para que lutasse por progredir, quando ele sentia que tinha afundado tanto. A

sua aparência não tardou a acompanhar essa determinação mental: adquiriu um andar encurvado e um aspecto ignóbil; a sua maneira de ser, já de si reservada, tornou-se exageradamente e quase que estupidamente insociável; além do quê, parecia ter um prazer estranho em provocar a aversão, e não a estima das poucas pessoas que com ele tratavam.

Ele e Catherine continuavam a ser companheiros constantes, sempre que Heathcliff tinha algum descanso do trabalho; mas ele cessara de expressar por palavras a sua amizade por ela, e rechaçava, com ar de suspeita, os carinhos que ela lhe fazia, como se consciente de que não podia haver satisfação em mostrar-lhe tanto afeto. Na tarde já mencionada, entrou na sala para anunciar a sua intenção de tirar uma folga, quando eu ajudava Cathy a se arrumar. Ela não contara com essa idéia dele e, imaginando que ficaria a sós, conseguira, não sei como, informar Edgar da ausência do irmão, e estava a preparar-se para recebê-lo.

— Cathy, você vai fazer alguma coisa esta tarde? — perguntou Heathcliff. — Vai a algum lugar?

— Não. Está chovendo — respondeu ela.

— Então para que botou esse vestido de seda? — insistiu ele. — Não está esperando visita, espero. . .

— Não — gaguejou ela. — Mas você devia estar no campo, Heathcliff. Já se passou uma hora desde o almoço. Pensei que você já tinha ido.

— Hindley não costuma livrar-nos da sua maldita presença — observou o rapaz. — Vou aproveitar para não trabalhar mais hoje e ficar com você.

— Oh, mas Joseph vai contar-lhe — disse ela. — É melhor você ir.

— Joseph está carregando lodo no extremo de Peniston Crag e não voltará antes de escurecer.

Assim dizendo, aproximou-se da lareira e sentou-se. Catherine pensou um instante, as sobrancelhas franzidas; achava necessário aplinar as surpresas de uma intrusão. — Isabella e Edgar Linton falaram que talvez viessem cá, esta tarde — disse ela, ao cabo de um minuto de silêncio. — Como está chovendo, não os espero; mas talvez eles resolvam vir assim mesmo, e, se vierem, você corre o risco de ser escorraçado.

— Diga a Ellen para avisá-los de que você está ocupada, Cathy — insistiu ele. — Não me troque pelos idiotas dos seus amigos! Às vezes chego a ter vontade de me queixar de que eles. . . mas, não. . .

— De que eles o quê? — exclamou Catherine, olhando para ele com ar preocupado. — Oh, Nelly! — acrescentou, com petulância, tirando a cabeça das minhas mãos.

— Você me desmanchou os cachos todos! Chega, deixe-me! De que é que você sente vontade de se queixar, hein, Heathcliff?

— De nada. Olhe só para a folhinha que está naquela parede. — E apontou para uma folhinha perto da janela, dizendo: — As cruces marcam as tardes e as noites que você passou com os Linton, os pontos as que passou comigo. Está vendo? Marquei todos os dias!

— Sim. . . uma idiotice; como se eu reparasse nisso!

— replicou Catherine, em tom caprichoso. — E para que tudo isso?

— Para mostrar que *eu* reparo nisso — respondeu Heathcliff.

— Quer dizer que eu devia ficar sempre com você?

— perguntou ela, cada vez mais irritada. — Que vantagem eu teria? De que é que você fala? Até parece que você é idiota ou um bebê, pelo que fala comigo!

— Você nunca me disse que eu falava pouco ou que a minha companhia não lhe agradava, Cathy! — exclamou Heathcliff, agitado.

— Não é companhia nenhuma a de uma pessoa que nada sabe e nada diz — murmurou ela.

Heathcliff levantou-se, mas não teve tempo de retrucar, pois as patas de um cavalo ressoaram no pátio, e, após ter batido de leve na porta, o jovem Linton entrou, o rosto resplandecente de satisfação pelo chamado inesperado que recebera. Sem dúvida, Catherine reparou na diferença entre os dois amigos, um entrando e o outro saindo. O contraste lembrava o que existe entre uma região anda, de minas de carvão, e um belo e fértil vale, e a voz e a maneira de cumprimentar do recém-chegado contrastavam igualmente com as de Heathcliff. Tinha um modo de talar suave e agradável e pronunciava as palavras como o senhor faz, ou seja, mais suavemente do que é costume aqui.

— Não cheguei cedo demais, cheguei? — perguntou ele, lançando-me um olhar. Eu começara a limpar e a arrumar umas gavetas do aparador.

— Não — respondeu Catherine. — Que é que você está fazendo aí, Nelly?

— O meu trabalho, senhorita — repliquei. (O Sr. Hindley dera-me ordens para estar sempre presente durante as visitas que Linton fizesse.)

Ela se aproximou de mim e sussurrou, irritada: — Ponha-se daqui para fora, você e mais os seu espanadores! Quando há visitas na sala, os criados não têm nada que limpar!

— Estou aproveitando que o patrão não está em casa — respondi, em voz alta. — Ele detesta ver-me limpar na sua presença. Tenho a certeza de que o Sr. Edgar vai me desculpar.

— Pois eu também detesto ver você limpar na *minha* presença! — exclamou a jovem imperativamente, não dando ao rapaz oportunidade de responder; ainda não recuperara a calma, após a sua discussão com Heathcliff.

— Lamento muito, senhorita — respondi; e continuei com o que estava fazendo.

Supondo que Edgar não a pudesse ver, Catherine arrancou-me a flanela da mão e beliscou-me, com toda a fúria, no braço. Já lhe disse que não gostava dela e sentia satisfação em mortificá-la, de vez em quando; além disso, o beliscão doeu muito. Levantei-me e gritei: — Oh, senhorita, isso não se faz! Não tem o direito de me beliscar, e não vou tolerar isso!

— Eu não lhe toquei, sua mentirosa! — retrucou ela, os dedos prontos para me beliscar de novo e as orelhas vermelhas de raiva. Nunca conseguia esconder as suas fúrias, ficava sempre rubra como um pimentão.

— Que é isto, então? — repliquei, mostrando a marca roxa que ela me fizera no braço.

Ela bateu com o pé, hesitou um momento e, depois, impelida pela ira, esbofeteou-me. . . uma bofetada que fez com que as lágrimas me viessem aos olhos.

— Catherine, meu bem! Catherine! — interveio Linton, chocado com a demonstração de mentira e violência que o seu ídolo fizera.

— Saia da sala, Ellen! — repetiu ela, tremendo dos pés à cabeça.

O pequeno Hareton, que me seguia para todo lado e estava sentado perto de mim, no chão, vendo as minhas lágrimas, começou a chorar e a soluçar contra a "má tia Cathy", o que atraiu a fúria dela para cima do inocente: Cathy pegou-o pelos ombros e sacudiu-o até a criança ficar lívida de medo. Edgar correu a lhe agarrar as mãos, para obrigá-la a soltá-lo. Conseguiu soltar uma, mas o atônito jovem não tardou a senti-la cair, com toda a força, no seu próprio ouvido. Recuou, consternado. Tomei Hareton ao colo e dirigi-me com ele para a cozinha, deixando a porta aberta, pois estava curiosa de ver como acabaria aquilo. O insultado visitante aproximou-se do lugar onde deixara o chapéu, pálido e com o lábio trêmulo.

"Ótimo!", pensei comigo mesma. "Aceite o aviso e vá-se embora! Foi uma sorte ter tido a oportunidade de ver como ela é, na realidade!"

— Aonde é que você vai? — perguntou Catherine, avançando para a porta.

Ele se desviou dela e tentou passar.

— Você não pode ir embora! — exclamou ela, com energia.

— Vou, sim! — replicou ele, num fio de voz.

— Não! — insistiu ela, agarrando a maçaneta. — Não pode ir já, Edgar Linton. Sente-se. Você não pode deixar-me neste estado. Passarei toda a noite sem dormir, e não quero ficar sem dormir por sua culpa!

— Mas como é que eu posso ficar se você me bateu?

— perguntou Linton.

Catherine não respondeu.

— Fez-me sentir medo e vergonha de você, Catherine

— continuou ele. — Não voltarei mais aqui!

Os olhos dela começaram a brilhar e as pálpebras a tremular.

— Além disso, você mentiu deliberadamente! — acusou ele.

— Não! — exclamou ela, recobrando a fala. — Não fiz nada deliberadamente. Está bem, vá-se embora, se quiser. . . vá logo! Deixe-me chorar, agora. . . deixe-me chorar até adoecer!

Deixou-se cair de joelhos perto de uma cadeira e começou a chorar desconsoladamente. Edgar persistiu na sua decisão até chegar ao pátio; lá, pareceu hesitar. Resolvi encorajá-lo.

— Ela é terrivelmente caprichosa — disse-lhe. — Pior do que uma criança mimada. É melhor o senhor voltar logo para casa, ou ela adoecerá só para nos preocupar.

O pobre rapaz olhou pela janela: tinha tanta força de vontade quanto um bebê recém-nascido. "Ah", pensei, "não há mais salvação para ele: está condenado, irremediavelmente!" E assim foi: voltou-se abruptamente, correu para a casa e fechou a porta atrás de si; quando eu entrei na sala, pouco depois, para avisá-los de que Earnshaw voltara bêbedo, perdido e disposto a brigar com todo o mundo (sua reação habitual, quando embriagado), percebi que a contenda resultara apenas numa maior intimidade. Rompera toda a timidez e permitira-lhes pôr de lado o disfarce da amizade e confessarem a sua condição de enamorados.

A notícia de que o Sr. Hindley tinha chegado fez com que Linton corresse para o seu cavalo e Catherine para o quarto. Por minha parte, corri a esconder o pequeno Hareton e a tirar as balas da caçadeira do patrão, que costumava dispará-la a esmo, quando ébrio, pondo em risco a vida de quem se metesse na sua frente ou mesmo lhe atraísse demasiado a atenção.

CAPÍTULO IX

Ele entrou vociferando pragas horríveis e surpreendeu-me bem na hora em que eu estava procurando esconder o filho no armário da cozinha. Hareton tinha verdadeiro terror, tanto dos carinhos animalescos do pai, quanto da sua fúria de louco; os primeiros faziam-no correr o risco de ser amassado e estrangulado com abraços, e a segunda, o de ser lançado no fogo ou jogado contra a parede, de modo que o pobrezinho ficava quietinho onde quer que eu o colocasse.

— Muito bem, até que enfim o descobri! — gritou Hindley, puxando-me pela nuca, como a um cão. — Com os diabos, vocês juraram matar essa criança! Agora eu sei por que nunca o vejo! Mas, com, a ajuda de Satã, farei você engolir a faca da cozinha, Nelly! Não ria; acabei de jogar o Dr. Kenneth de cabeça no pântano de Blackhorse. Matar duas pessoas é a mesma coisa que matar uma . . . e eu só descansarei quando matar uma porção de gente!

— Mas eu não gosto da faca da cozinha, Sr. Hindley — respondi. — Preferia ser morta a tiro.

— Vá para o inferno! — respondeu ele. — Aliás, é para onde você vai mesmo. Não há lei, na Inglaterra, que proíba um homem de manter a sua casa decente, e a minha é abominável! Abra a boca!

Pegou na faca e introduziu a sua ponta entre os meus dentes. Acontece que eu não tinha medo das suas maluquices. Cuspi fora a faca e afirmei que ela tinha um gosto horrível e que de maneira alguma a engoliria.

— Oh! — exclamou ele, soltando-me. — Agora estou vendo que esse horrível fedelho não é Hareton; desculpe-me, Nelly. Se fosse, merecia ser esfolado vivo, por não ter corrido a dar-me as boas-vindas e por gritar como se eu fosse um monstro. Filho desnaturado, venha cá! Vou lhe ensinar a enganar um pobre pai iludido. Você não acha, Nelly, que o garoto ficaria melhor tosquiado? Torna os cachorros mais bravos, e eu gosto de braveza. . . Vá me buscar uma tesoura! Além do mais, é uma afetação dos diabos. . . uma vaidade infernal, estimarmos as nossas orelhas. . . já somos burros de sobra sem elas. Calado, garoto, calado! Então, é o meu querido ou não é? Enxugue os olhos. . . Pronto! Agora, um beijo. O quê, não me quer dar um beijo? Beije-me, Hareton! Por Deus, como fui eu gerar um tal monstro! Juro que acabo lhe quebrando o pescoço!

O pobre Hareton debatia-se com toda a sua força, nos braços do pai, e os seus gritos redobraram de intensidade quando se viu carregado escada acima e erguido sobre o corrimão. Corri a tirar-lhe a criança, dizendo-lhe que ainda a mataria de pavor. Quando cheguei perto deles, Hindley debruçou-se por sobre o corrimão, para ouvir um som que vinha de baixo, quase esquecendo o que tinha nas mãos. — Quem é? — perguntou, ouvindo alguém se aproximar do pé da escada. Eu também me debrucei, a fim de fazer sinal a Heathcliff, cujos passos reconhecera, para que não avançasse; mas, assim que os meus olhos se desviaram de Hareton, o garoto pulou, de repente, soltou-se das mãos do pai e caiu.

Mal tivemos tempo de gritar, horrorizados, quando vimos que o garoto estava ileso. Heathcliff chegara ao pé da escada bem na hora e, movido por um impulso natural, amparara-lhe a queda e pusera-o de pé, olhando depois

para cima, a ver se descobria o autor do acidente. Um avaro que tivesse deixado de comprar um bilhete de loteria por cinco xelins, e no dia seguinte verificasse que perdera o prêmio máximo por não o ter comprado, não se teria mostrado tão decepcionado quanto ele, ao dar com a cara do Sr. Earnshaw. A sua expressão revelava, mais do que quaisquer palavras que ele pudesse ter dito, a maior das frustrações, por ter sido o instrumento que impedira a sua vingança. Se estivesse escuro, creio que ele teria tentado remediar o erro esmagando a cabecinha de Hareton contra os degraus; mas nós tínhamos testemunhado a sua salvação, e eu me apressara a aninhar a pobre criança contra o meu peito. Hindley desceu a escada mais calmo e envergonhado.

— A culpa foi sua, Ellen — disse. — Você devia tê-lo escondido de mim; devia tê-lo tirado de mim! Será que ele está ferido?

— Ferido! — exclamei, furiosa. — Se ele não morrer é capaz de ficar idiota! Oh, não sei como a mãe dele não se levanta da sepultura para ver como o senhor o trata. Pior do que um selvagem!

Ele tentou acariciar a criança, que ao se ver no meu colo parara de soluçar. Contudo, tão logo o pai lhe pôs um dedo em cima, recomeçou a berrar, ainda mais alto do que antes, e a esbravejar como se atacado de convulsões.

— Não mexa nele! — continuei. — Não vê que o detesta. . . que todo o mundo o detesta? Bela família o senhor tem. . . e a que belo estado o senhor chegou!

— Ainda vai ser pior, Nelly! — riu ele, recobrando a dureza. — Agora, suma, suma com ele. E preste atenção, Heathcliff! suma também da minha

vista. Não vou matá-los esta noite, a não ser que me dê na cabeça atear fogo à casa; mas isso é só se me der na cabeça.

Ao dizer isso, tirou uma garrafa de *brandy* do aparador e encheu um copo.

— Não, por favor — pedi. — Sr. Hindley, ouça o que eu lhe digo. Tenha piedade desse infeliz menino, já que não liga para si próprio!

— Qualquer um será melhor para ele do que eu — foi a resposta.

— Apiede-se da sua alma! — gritei, tentando arrancar-lhe o copo da mão.

— Para quê? Pelo contrário, terei o máximo prazer em deitá-la a perder, a fim de castigar o seu Criador! — exclamou o blasfemo. — À sua danação!

Bebeu o *brandy* e ordenou-nos que nos fôssemos, rematando a sua ordem com uma seqüência de horríveis imprecações, que não ousou repetir nem recordar.

— É uma pena que ele não se possa matar de beber observou Heathcliff, resmungando de volta um rosário

de pragas, assim que a porta se fechou. — Está fazendo o possível, mas o seu organismo resiste a tudo. O Dr. Kenneth disse que era capaz de apostar a sua égua em que ele sobreviverá a todo mundo deste lado de Gimmerton e irá para o túmulo carregado de pecados; a não ser que, por sorte, lhe aconteça algum desastre.

Fui para a cozinha e sentei-me a ninar o meu pequenino. Heathcliff, pensei, dirigira-se para o celeiro. Na verdade, tinha apenas atravessado a sala e se deixado cair num banco junto à janela, longe da lareira.

Eu estava embalando Hareton e cantando, para que ele adormecesse, uma canção que começava assim:

Era tarde da noite, e o bebê chorou, E o sapo na lagoa bem que escudou, quando Cathy, que ouvira toda a cena, passou a cabeça pela porta e perguntou, num murmúrio:

— Nelly, você está sozinha?

— Estou, sim — respondi.

Ela entrou e aproximou-se da lareira. Supondo que fosse dizer algo, levantei a cabeça para olhá-la. A sua expressão era de preocupação e ansiedade. Tinha os lábios semi-abertos, como se fosse dizer alguma coisa, mas limitou-se a suspirar. Recomecei a cantar, pois não esquecera ainda o seu recente comportamento.

— Onde está Heathcliff? — perguntou, interrompendo-me.

— Trabalhando na cavalaria — repliquei.

Ele não me contradisse; talvez tivesse adormecido. Seguiu-se outra longa pausa, durante a qual vi uma ou duas lágrimas escorrerem pelas faces de Catherine. "Será que está arrependida da sua vergonhosa conduta?", pensei. "Isso seria novidade; mas não vou ajudá-la, ela que se arranje!" Enganava-me: ela não se preocupava senão com os seus próprios problemas.

— Oh, meu Deus! — exclamou, finalmente. — Sinto-me tão infeliz!

— Que pena! — observei. — Mas você é mesmo difícil de contentar: tem tantos amigos e tão poucas preocupações, e nem assim se sente satisfeita!

— Nelly, será que você é capaz de guardar um segredo? — continuou ela, ajoelhando-se ao meu lado e erguendo para mim os seus belos olhos, que

tinham a propriedade de acabar com qualquer ressentimento, mesmo que fosse absolutamente legítimo.

— É um segredo que vale a pena guardar? — perguntei, com voz menos seca.

— É, e está me preocupando, preciso desabafar! Quero saber o que devo fazer. O caso é o seguinte: Edgar Linton pediu-me hoje em casamento, e eu lhe dei uma resposta. Agora, antes que eu lhe diga se a resposta foi afirmativa ou negativa, diga-me qual deveria ter sido.

— Ora, Srta. Catherine, como é que eu posso saber? — retruquei. — Para dizer a verdade, depois da cena que fez na presença dele, esta tarde, acho que seria acertado recusar-lhe a proposta; se ele a pediu em casamento depois daquilo, deve ser ou completamente estúpido ou insensato.

— Se você falar assim não lhe conto mais nada — replicou ela em tom caprichoso, pondo-se de pé. — Respondi que sim, Nelly. Agora, diga depressa se eu errei!

— Você já lhe respondeu que sim? Então, para que discutir o assunto? Você já deu a sua palavra, não pode mais voltar atrás.

— Mas diga se eu fiz bem. . . diga! — exclamou ela, já irritada, esfregando as mãos e franzindo a testa.

— Há muitas coisas a considerar antes de se poder responder a essa pergunta — respondi. — Antes de mais nada, você ama o Sr. Edgar?

— Como poderia deixar de amar? Claro que amo — respondeu.

Resolvi passá-la, então, por uma espécie de interrogatório, o que, para uma moça de vinte e dois anos, não deixava de ser razoável.

— Por que é que o ama, Srta. Cathy?

— Ora, porque sim. . . e isso basta.

— Absolutamente; você precisa dizer por quê.

— Bem, porque ele é belo e uma companhia muito agradável.

— Mau! — exclamei.

— E porque ele é jovem e alegre.

— Mau, outra vez.

— E porque ele me ama.

— Isso não interessa.

— E porque ele vai ser rico, e eu serei a mulher mais importante destas bandas e sentirei orgulho em tê-lo por marido.

— Pior ainda. Agora, diga-me, de que maneira você o ama?

— Como todo o mundo. . . oh, você parece boba, Nelly.

— Não sou, não. Responda.

— Bem, amo o chão que ele pisa e o ar que o rodeia e tudo quanto ele toca e tudo o que ele diz. Gosto da figura dele e de todas as suas ações; gosto dele todo. Pronto!

— E por quê?

— Não, você está caçoando de mim, e isso é de muito mau gosto. Para mim não é brincadeira! — exclamou a jovem, franzindo o sobrolho e voltando o rosto para o fogo.

— Não estou caçoando, Srta. Catherine — repliquei. — Você ama o Sr. Edgar porque ele é belo, jovem, alegre, rico e a ama. Essa última razão não interessa: você o amaria mesmo que ele não a amasse, acho eu; mas não o amaria se ele não possuísse as outras quatro atrações.

— Não, claro que não; apenas teria dó dele. . . ou o detestaria, se ele fosse feio e pateta.

— Mas há muitos outros jovens belos e ricos no mundo; até mais belos e mais ricos do que ele. Por que você não haveria de amá-los?

— Se há, não os conheço. Não conheço ninguém como Edgar.

— Mas talvez ainda vá conhecer; e ele não será sempre belo, nem jovem, nem, talvez, rico.

— É, agora, e só me interessa o presente. Gostaria que você falasse mais racionalmente.

— Bom, se só lhe interessa o presente, case-se com o Sr. Linton.

— Não preciso da sua permissão. . . eu *vou* casar com ele. Mas você ainda não me disse se eu faço bem.

— Muito bem, se é que as pessoas fazem bem em casar pensando apenas no presente. Agora, gostaria de saber por que é que está tão infeliz. Seu irmão vai ficar muito satisfeito; os pais do Sr. Edgar decerto não porão obstáculos; você sairá de uma casa desordenada e sem conforto para um lar farto e respeitável; e vocês se amam. Tudo me parece um céu aberto. Onde está a infelicidade?

— *Aqui! e aqui!* — respondeu Catherine, batendo com uma mão na testa e a outra no peito. — Onde quer que a alma resida. No fundo da minha alma e do meu coração, estou convencida de estar errada!

— Isso é muito estranho! Não entendo!

— É esse o meu segredo. Mas, se você não caçar de mim, eu lhe explicarei. Não posso fazê-lo muito bem; apenas vou dar-lhe uma idéia do que eu sinto.

Sentou-se novamente a meu lado. O seu rosto tornou-se mais triste e mais grave ainda, e as suas mãos tremiam.

— Nelly, você nunca tem sonhos esquisitos? — perguntou de repente, após alguns minutos de reflexão.

— Tenho, de vez em quando — respondi.

— Eu também. Já tive sonhos que nunca consegui esquecer e que mudaram a minha maneira de pensar: alteraram a cor da minha mente, assim como o vinho altera a cor da água. Vou lhe contar um desses sonhos. . . mas tenha o cuidado de não rir.

— Oh, por favor, Sita. Catherine! — exclamei. — Para que conjurar fantasmas e visões? Vamos, seja alegre como costuma ser. Olhe para o pequenino Hareton! *Ele* não está sonhando sonhos esquisitos. Veja como ele sorri docemente!

— Sim, e com o pai dele pragueja! Entretanto, você deve se lembrar dele mais ou menos assim: quase tão pequeno e tão inocente. De qualquer maneira, Nelly, vou obrigá-la a escutar o meu sonho. Não é comprido, e eu não posso estar alegre esta noite.

— Não quero ouvir, não quero ouvir! — repeti. Eu era supersticiosa a respeito de sonhos, e ainda sou.

Catherine tinha, naquela noite, um aspecto sombrio e nada comum, que me fazia temer e profetizar algo terrível. Ficou irritada comigo, mas não insistiu. Aparentemente mudando de assunto, continuou:

— Se eu estivesse no céu, Nelly, sentir-me-ia muito mal.^J

— É porque você não o merece — respondi. — Todos os pecadores se sentiriam mal no céu.

— Mas não é por isso. Uma vez sonhei que estava lá.

— Já lhe disse que não quero saber dos seus sonhos, Srta. Catherine! Vou para a cama — ameacei.

Ela riu e segurou-me, pois fiz menção de me levantar.

— Não é nada — disse ela. — Só lhe ia contar que para mim não parecia ser o céu e que eu chorava desesperadamente, querendo voltar para a terra. Os anjos ficaram tão zangados comigo, que me jogaram bem em cima do Morro dos Ventos Uivantes, onde eu acordei soluçando de alegria. Isso me servirá para explicar o meu segredo. Não tenho mais razão para casar com Edgar Linton do que para estar no céu e, se esse homem perverso que é o meu irmão não tivesse feito Heathcliff descer tanto, eu nem teria pensado nisso. Mas agora eu me degradaria se casasse com Heathcliff, por isso ele nunca há de saber o quanto o amo: e não porque ele seja belo, Nelly, mas por ele ser mais eu do que eu própria. Não sei de que são feitas as nossas almas, mas elas são iguais; e a de Linton é tão diferente da minha quanto um raio de lua é diferente de um relâmpago, ou o fogo da geada.

Antes que ela tivesse acabado de falar, apercebi-me da presença de Heathcliff. Tendo notado um ligeiro movimento, virei a cabeça e vi-o erguer-se do banco e sair sem fazer barulho. Ouvira Catherine dizer que casar com ele a degradaria, e não quisera escutar mais. Sentada no chão, atrás do encosto do banco, ela não havia reparado na sua presença nem dera conta da sua partida; mas eu estremeci e fiz-lhe sinal para que se calasse.

— Por quê? — perguntou ela, olhando nervosamente em torno.

— Joseph está chegando — respondi, ouvindo o rolar da carroça dele pela estrada —, e Heathcliff virá com ele. Não sei mesmo se ele não terá chegado à porta.

— Oh, da porta ele não podia ouvir nada! — exclamou ela. — Dê-me Hareton, enquanto você prepara o jantar e, quando estiver pronto, deixe-me jantar com você. Quero fazer as pazes com a minha consciência e ficar convencida de que Heathcliff não tem idéia destas coisas. Que é que você acha, hein? Ele não sabe o que é estar apaixonado, não é?

— Não vejo razão para que ele não saiba, tanto quanto você — respondi. — E, se *you* for o objeto da sua escolha, ele será a mais infeliz criatura que já veio ao mundo! Assim que você se tornar esposa de Linton, ele perderá tudo! Já pensou em como ele suportará a separação e como se sentirá abandonado? Porque, Srta. Catherine. . .

— Separação! Abandonado! — exclamou ela, com um acento de indignação. — Quem nos vai separar, diga? Quem ousará? Enquanto eu viver, ninguém, Ellen! Todos os Linton deste mundo poderão morrer, antes que eu consinta em esquecer Heathcliff! Não é isso o que eu pretendo . . . não é isso que eu quero dizer! Jamais casaria com Linton, se um tal preço me fosse exigido! Heathcliff será para mim o que sempre foi, toda a minha vida. Edgar terá de colocar de lado a antipatia que lhe tem e tolerá-lo, ao menos. Ele o fará, quando perceber o que eu sinto por ele. Nelly, vejo que você me considera uma terrível egoísta: mas nunca lhe passou pela cabeça que, se eu e Heathcliff nos casássemos, seríamos uns pobretões? Enquanto, se eu me casar com Linton, poderei ajudar Heathcliff a subir e colocá-lo fora do domínio do meu irmão.

— Com o dinheiro do seu marido, Srta. Catherine? — perguntei. — Você vai ver que ele não é assim tão condescendente quanto imagina; e, embora não me caiba julgar, acho que esse é o pior motivo que me deu para querer casar com o jovem Linton.

— Não é, não — retrucou ela. — É o melhor! Os outros representam a satisfação dos meus caprichos e do desejo de Edgar. Mas este é em intenção de alguém que compreende, no seu próprio ser, os meus sentimentos para com Edgar e para comigo mesma. Não sei expressar-me bem; mas, sem dúvida, você e todo o mundo têm noção de que há ou deverá haver uma existência para além de nos. Qual seria o sentido de eu ter sido criada, se estivesse contida apenas em mim mesma? Os grandes desgostos que tive foram os desgostos de Heathcliff, e eu senti cada um deles desde o início: o que me faz viver é ele. Se tudo o mais acabasse e *ele* permanecesse, *eu* continuaria a existir; e, se tudo o mais permanecesse e ele fosse aniquilado, eu não me sentiria mais parte do universo. Meu amor por Linton é como a folhagem de um bosque: o tempo o trans-formará, tenho a certeza, da mesma forma que o inverno transforma o arvoredo. O meu amor por Heathcliff lembra as rochas eternas: proporciona uma alegria pouco visível, mas é necessário. Nelly, eu *sou* Heathcliff! Ele está sempre, mas sempre, no meu pensamento; não como uma fonte de satisfação, que eu também não sou para mim mesma, mas como eu própria. Por isso, não torne a falar da nossa separação: ela é impossível e. . .

Fez uma pausa e escondeu o rosto nas pregas do meu vestido, mas eu a afastei. Não tinha paciência com a sua falta de juízo!

— Se bem compreendo tudo isso que me disse — falei —, convenço-me de que você ignora os deveres que vai assumir ao se casar; ou então que é uma moça perversa e destituída de princípios. Mas não me venha com mais segredos: não prometo guardá-los.

— Mas vai guardar esse? — perguntou ela, ansiosamente.

— Não prometo — repeti.

Ela ia insistir, quando a entrada de Joseph pôs fim à nossa conversa. Catherine afastou a sua cadeira para um canto da cozinha, a fim de ninar Hareton, enquanto eu fazia o jantar. Quando ele ficou pronto, eu e Joseph começamos a discutir sobre quem levaria o jantar ao Sr. Hindley; e só acertamos a discussão quando ele já estava quase frio. Esperaríamos que ele o pedisse, combinamos, pois temíamos especialmente chegar perto dele após ter ficado algum tempo a sós.

— E como é que ninguém chegou ainda do campo? Cadê ele? — perguntou o velho, olhando em volta, à procura de Heathcliff.

— Vou chamá-lo — respondi. — Deve estar no celeiro.

Fui chamá-lo, mas não obtive resposta. Ao voltar, sussurrei a Catherine que, sem dúvida, ele tinha ouvido uma boa parte do que ela dissera e que o vira sair da cozinha na hora em que ela se queixava do comportamento do irmão com relação a ele. Ela ficou assustada, largou Hareton no banco e correu à procura do amigo, sem parar para ponderar o motivo da sua agitação nem como as suas palavras o teriam afetado. Demorou tanto a voltar, que Joseph propôs não esperarmos mais, conjecturando que os dois tivessem ficado fora para não ouvir os seus sermões, e acrescentando uma prece especial ao costumeiro quarto de hora de orações antes do jantar, em intenção

dos dois pecadores; teria acrescentado ainda outra prece, não fosse a jovem patroa interrompê-lo com a ordem de correr pela estrada e por onde quer que Heathcliff pudesse ter se metido, encontrando-o e trazendo-o imediatamente de volta!

— Quero falar com ele e *hei de* falar, antes de me deitar — declarou ela. — O portão está aberto; ele deve estar longe, porque não me respondeu, embora eu gritasse o mais alto possível.

A princípio, Joseph objetou. Mas ela estava demasiado aflita para ser contrariada, e, finalmente, ele pôs o chapéu na cabeça e saiu, resmungando. Entretanto, Catherine andava de um lado para outro, exclamando:

— Onde estará ele. . . onde *poderá* estar? Que foi que eu disse, Nelly? Já esqueci. Será que ele ficou furioso pelo que eu fiz esta tarde? Diga-me, diga-me o que eu disse para feri-lo! Como gostaria que ele voltasse!

— Tanto barulho para nada! — repliquei, embora também estivesse preocupada. — Qualquer coisinha e você fica fora de si! Não acho que haja razão para alarme, só por Heathcliff ter ido dar um passeio pela charneca ou estar deitado no depósito de feno, demasiado ofendido para aparecer. Aposto como está lá escondido. Vai ver como o descubro!

Parti para nova busca; mas voltei sem ele, o mesmo acontecendo com Joseph.

— Esse rapaz está cada vez pior! — observou, ao entrar. — Deixou o portão escancarado, e o pônei pisou as plantações de milho, até o prado! Estou mesmo vendo que o patrão amanhã vai ficar furioso, e vai ser muito bem-feito! Tem paciência demais com essa criatura. . . paciência demais! Mas

não vai ser sempre assim, não! Vocês vão ver, todos vocês! Se vocês o deixam louco, depois se arrependem!

— Encontrou Heathcliff, seu pateta? — interrompeu Catherine. — Você o procurou, como mandei?

— Eu devia era ter procurado o cavalo — respondeu ele. — Teria tido mais juízo. Mas não se pode procurar cavalo nem gente numa noite como esta. . . preta que nem chaminé por dentro! E Heathcliff não é rapaz para vir quando *eu* assobio. . . talvez viesse se *vocês* o chamassem!

Estava mesmo uma noite escura demais para ser verão. Parecia que ia trovejar, e eu sugeri que nos sentássemos, pois a chuva, ao vir, sem dúvida o traria de volta. Contudo, Catherine não se convenceu a esperar tranqüila. Continuou andando de um lado para outro, do portão até a porta, num estado de agitação que não a deixava sossegar; finalmente, colocou-se num lado do muro, perto da estrada, onde, apesar dos meus protestos e dos crescentes trovões e das grandes gotas que tinham começado a cair, permaneceu imóvel, gritando, de vez em quando, o nome do amigo, esperando, em vão, uma resposta e depois rompendo em choro. Os seus acessos de choro eram mais fortes que os de Hareton ou de qualquer outra criança.

Cerca de meia-noite, quando ainda estávamos acordados, a tempestade caiu com toda a fúria sobre o Morro. Um vento furioso acompanhava a trovoadas, derrubando uma árvore a um canto da casa; um enorme galho se abateu sobre o telhado e derrubou uma parte do cano da chaminé de leste, jogando um monte de pedras e fuligem na lareira da cozinha. Pensamos que um raio nos tinha atingido e Joseph caiu de joelhos, implorando ao Senhor que se lembrasse dos patriarcas Lot e Noé e que, como na Antigüidade,

poupasse os justos, mas fulminasse os pecadores. Senti que aquilo era dirigido contra nós. Jonas, para mim, era o Sr. Earnshaw, e corri a sacudir a maçaneta do seu quarto, a fim de ter certeza de que ele ainda estava vivo. A sua resposta foi suficientemente audível e de um tipo que fez o meu colega vociferar, mais alto do que antes, quanto à grande diferença que havia entre santos, como ele próprio, e pecadores, como o seu patrão. Mas a tempestade passou, dali a vinte minutos, deixando-nos a todos ilesos; exceto Cathy, que ficou encharcada, com a sua obstinação em não se abrigar e não pôr ao menos um xale ou uma capa. Entrou e jogou-se no banco, escorrendo como estava, e escondeu o rosto nas mãos.

— Espero que você não esteja procurando morrer! — exclamei, tocando-lhe o ombro. — Sabe que horas são?

Meia-noite e meia. Vá se deitar! Não adianta esperar mais por esse louco! Deve ter ido a Gimmerton e lá passará a noite. Certamente não espera que a gente esteja de pé até esta hora; pelo menos pensará que só o Sr. Hindley esteja de pé. . . e preferirá pernoitar fora de casa a ter a porta aberta pelo patrão.

— Não, não, ele não está em Gimmerton — disse Joseph. — Não me admiraria se ele estivesse no fundo de um pântano. Essa tempestade foi um aviso dos céus, e acho melhor a senhorita ter muito cuidado. . . talvez a senhorita seja a próxima. Deus seja louvado! Tudo dá certo para aqueles que são escolhidos por Deus, e tudo sai errado para os que não prestam! Vocês sabem o que as Escrituras dizem. — E começou a citar vários textos, indicando-nos os capítulos e os versículos.

Após ter em vão suplicado a Cathy que se levantasse do banco e trocasse a roupa molhada, deixei Joseph pregando e Catherine tiritando, e fui para a cama com o pequenino Hareton, que já estava dormindo. Ainda ouvi Joseph ler durante algum tempo; depois ouvi os seus passos lentos subindo a escada e adormeci.

No dia seguinte, acordando mais tarde do que de costume, vi, sob os raios de sol que penetravam pelas gelosias, Catherine ainda sentada perto da lareira. A porta da sala também estava aberta e a luz entrava pelas janelas. Hindley descera e estava de pé junto à lareira da cozinha, com ar abatido e sonolento.

— Que é que você tem, Cathy? — ele estava dizendo, quando eu entrei.
— Está parecendo um cachorrinho afogado. Por que é que está tão molhada e tão pálida?

— Molhei-me — respondeu ela, relutantemente. — Só isso!

— Oh, como ela é impertinente! — exclamei, vendo que o patrão estava relativamente sóbrio. — Encharcou-se, na tempestade de ontem à noite, e ficou toda a madrugada aí sentada, sem que eu pudesse fazê-la deitar-se.

O Sr. Earnshaw encarou-nos espantado. — Toda a madrugada! — repetiu. — Por que ela não se deitou?

Não pode ter sido por medo da trovoada. A tempestade acabou logo.

Nenhuma de nós desejava mencionar a ausência de Heathcliff enquanto fosse possível escondê-la, por isso repliquei que não sabia por que razão ela resolvera não se deitar; ela não disse nada. A manhã estava fresca e agradável. Abri a gelosia, e toda a cozinha foi invadida pelos diferentes perfumes das

flores do jardim. Mas Catherine disse: — Ellen, feche a janela. Estou morrendo de frio!

— E seus dentes batiam, enquanto ela procurava aproximar-se das brasas quase extintas.

— Ela está doente — disse Hindley, tomando-lhe o pulso. — Acho que foi por isso que não quis deitar-se. Diabos! Não quero mais ver-me às voltas com doenças. Quem a mandou sair para a chuva?

— Andou correndo atrás dos rapazes, como sempre!

— cacarejou Joseph, aproveitando a oportunidade para meter o seu veneno. — Se eu fosse o senhor, patrão, botava todas elas para fora! Basta o senhor estar fora, para o tal de Linton entrar aqui; e Nelly fica vigiando se o senhor vem vindo; mal o senhor entra, ele sai pela outra porta! Depois, ela também sai por aí! Belo exemplo ela dá, saindo depois da meia-noite pelos campos, com esse diabo de cigano do Heathcliff! Estão pensando que *eu* estou cego; mas não estou, não senhor! Vi o jovem Linton entrando e saindo, e vi *voce* — dirigindo-se a mim —, vi você, sua descarada, correr para casa logo que escutou o cavalo do patrão subindo a estrada.

— Cale-se, velho intrigante! — gritou Catherine. — Não permito essa insolência na minha frente! Edgar Linton veio ontem por acaso, Hindley; e fui *eu* quem lhe disse para ir embora, porque sabia que você não ia gostar de encontrá-lo, no estado em que você estava.

— Você está mentindo, Cathy — respondeu o irmão —, você é uma completa bobal! Mas deixe Linton para lá e diga-me: você esteve ontem à noite com Heathcliff? Fale a verdade. Não precisa ter medo de prejudicá-lo; embora eu continue a odiá-lo, não esqueço a boa ação que ele me fez há

pouco tempo. Assim, em vez de lhe torcer o pescoço, vou pô-lo para fora desta casa, e, logo que ele tiver partido, todo o mundo vai ter que andar muito nos eixos, estou avisando.

— Eu não estive com Heathcliff ontem à noite — respondeu Catherine, soluçando amargamente. — E, se você o puser para fora desta casa, eu irei com ele. Mas talvez você não tenha essa oportunidade; talvez ele tenha partido para sempre. — E rompeu em soluços, entrecortados de palavras desconexas.

Hindley despejou sobre ela uma torrente de impropérios e ordenou-lhe que subisse imediatamente para o seu quarto, ou teria boas razões para chorar! Obriguei-a a obedecer, mas nunca esquecerei da cena que ela fez, quando entramos no quarto; fiquei apavorada. Pensei que ela estivesse enlouquecendo e pedi a Joseph que fosse correndo chamar o médico. Era o começo do delírio; assim que a viu, o Dr. Kenneth disse que ela estava seriamente doente, com uma febre má. Sangrou-a, receitou-lhe uma dieta de soro de leite e caldo de cevada e recomendou-me que tomasse cuidado para que ela não se jogasse escada ou janela abaixo. Dito isso, foi-se embora, pois tinha muito o que fazer na paróquia, onde as casas distavam duas ou três milhas uma da outra.

Embora eu não possa gabar-me de ter sido uma enfermeira paciente e Joseph e o patrão serem ainda muito piores, e embora Cathy fosse a mais caprichosa e teimosa das doentes, o fato é que ela resistiu. A velha Sra. Linton veio várias vezes visitar-nos, ajudando, ralhando e dando ordens a nós todos; e, assim que Catherine entrou na convalescença, insistiu em levá-la para a Granja Thrushcross. Mas a pobre senhora teve razões para se arrepende

desse gesto, que tanto nos aliviou, pois tanto ela quanto o marido pegaram a febre e faleceram num intervalo de poucos dias de um para o outro.

Catherine voltou para nós mais cheia de caprichos e mais impertinente que nunca. Nunca mais se tinha sabido de Heathcliff, desde a noite da tempestade; e um dia eu tive a pouca sorte, após ela me haver provocado demais, de lhe jogar a culpa do acontecido — o que nada mais era do que a verdade, conforme ela bem sabia. A partir desse dia, passou meses sem falar comigo, a não ser como a uma simples criada. Joseph sofreu mesma sentença: ele dizia o que pensava e fazia-lhe sermões como se ela fosse uma menininha, quando ela se considerava uma mulher, além de nossa patroa, e achava que a sua recente doença lhe dava motivos para ser tratada com consideração. Depois, o médico dissera ser perigoso contrariá-la — e aos olhos dela, era crime alguém tentar, sequer, contradizê-la. Mantinha-se a distância do irmão e de seus amigos; instruído pelo Dr. Kenneth e temendo provocar-lhe acessos, o Sr. Earnshaw concedia-lhe tudo o que lhe dava na cabeça exigir, e evitava, por todas as maneiras, agravar-lhe o gênio apaixonado. Era *demasiado* indulgente em lhe satisfazer todos os caprichos, não por afeto, mas por orgulho, pois desejava vê-la honrar a família através de uma aliança com os Linton e, desde que ela o deixasse em paz, não se importava com que nos tratasse como escravos! Edgar Linton, como tantos outros homens antes e depois dele, estava apaixonado; e julgou-se o mais feliz homem do mundo no dia em que a levou ao altar da Capela de Gimmerton, três anos após a morte do pai.

Muito contra a minha vontade, fui persuadida a deixar o Morro dos Ventos Uivantes e a vir com ela para cá. O pequeno Hareton tinha quase

cinco anos, e eu começara a ensinar-lhe as primeiras letras. A nossa separação foi muito triste, mas as lágrimas de Catherine foram mais poderosas do que as nossas. Quando me recusei a acompanhá-la, e ela viu que as suas súplicas não me comoviam, foi se lamentar com o marido e o irmão. O primeiro ofereceu-me um salário magnífico e o último ordenou-me que fizesse as malas: não queria mulheres em casa, alegou, agora que não havia patroa; quanto a Hareton, o cura se encarregaria de orientá-lo. Não tive outra escolha senão fazer o que me ordenavam. Disse ao patrão que ele se estava desfazendo de todas as pessoas decentes para se arruinar mais depressa; beijei Hareton, despedi-me dele, e desde então ele tem sido como que um estranho para mim; custa-me pensar isso, mas não tenho dúvidas de que se esqueceu completamente de Ellen Dean, de que já foi tudo no mundo para mim, e vice-versa.

Ao chegar a este ponto, a Sra. Dean olhou para o relógio sobre a lareira e ficou espantada de ver que já era uma e meia da manhã. Não quis ficar um segundo mais e, para dizer a verdade, também eu não me importava de que ela deixasse o resto da narrativa para outra ocasião. Agora, que ela se foi e eu ainda fiquei uma ou duas horas meditando, tenho de criar coragem para lhe seguir o exemplo e, apesar do torpor que me invade, resolver-me a ir para a cama.

CAPÍTULO X

Que belo começo para quem pretende levar uma vida de eremita! Quatro semanas de tortura, agitação e doença! Oh, estes ventos cortantes, estes céus fechados, estas estradas intransitáveis, estes negligentes médicos do interior! E, oh! esta ausência de rostos humanos! O pior é que o Dr. Kenneth me afirma que eu não devo esperar poder sair de casa antes da primavera!

O Sr. Heathcliff acaba de me fazer uma visita. Há cerca de uma semana, mandou-me um par de faisões — os últimos da estação. Malandro! Não está isento de culpa nesta minha doença, e eu tinha pensado dizer-lhe isso. Mas bolas! Como poderia eu ofender um homem que teve a caridade de se sentar à minha cabeceira durante uma boa hora e de me falar de coisas outras que não comprimidos e poções, ampolas e sanguessugas? Estou demasiado fraco para ler, mas sinto necessidade de distração. Por que não pedir à Sra. Dean que acabe de me contar a sua história? Lembro-me dos principais incidentes, até onde ela chegou. Sim: recordo que o protagonista fugira e não se ouvira falar dele durante três anos; e que a heroína tinha casado. Vou tocar a campainha: ela vai ficar contente de me ver tão animado. A Sra. Dean acaba de chegar.

— Faltam ainda vinte minutos para o senhor tomar o remédio — começou ela.

— Fora com ele! — repliquei. — Quero que. . .

— O doutor diz que o senhor não precisa mais tomar os pós.

— Felizmente! Mas não me interrompa. Sente-se aqui. Largue esse terrível exército de frascos. Tire o seu tricô do bolso. . . assim. . . e continue a contar a história do Sr. Heathcliff, de onde tinha parado até hoje. Estou curioso por saber: ele teria partido para o continente e voltado, já homem feito, um *gentleman*? Será que arranjou uma bolsa de estudos em alguma universidade, ou teria ido para a América e feito fortuna, ou então arranjado dinheiro de maneira mais rápida, nas estradas inglesas?

— Talvez tenha feito um pouco de tudo isso, Sr. Lockwood, mas eu não poderia jurar por nenhuma dessas coisas. No outro dia lhe disse que não sabia como ele tinha ganho o dinheiro que tem; tampouco sei como conseguiu educar-se e instruir-se; mas, com a sua licença, continuarei a contar a história à minha maneira, se é que o senhor acha que vai distraí-lo. Está se sentindo melhor, esta manhã?

— Muito melhor.

— Ótimo!

Bem, vim com Catherine para a Granja Thrushcross, e, para minha agradável surpresa, ela se comportou infinitamente melhor do que eu ousava esperar. Parecia gostar demais do Sr. Linton, e até com a irmã dele ela se mostrava muito carinhosa. Naturalmente, ambos a agradavam em tudo. Não era o espinho que se retraía ante as madres-silvas, e sim as madressilvas que ocultavam o espinho. Não havia concessões mútuas; o espinho mantinha-se ereto e as madressilvas se curvavam: quem *pode* mostrar-se mal-humorado quando não se encontra oposição ou indiferença? Observava que o Sr. Edgar

tinha muito medo de lhe causar qualquer dissabor. Procurava esconder esse fato dela; mas, se me ouvia responder asperamente ou via qualquer outra criada fechar a cara a uma ordem imperiosa da mulher, mostrava a sua preocupação por meio de um franzir de testa que lhe escurecia o rosto. Muitas vezes me censurou por retrucar à esposa; e confessava que uma punhalada não lhe daria mais sofrimento do que ver a sua Catherine irritada. Não desejando fazer sofrer o meu bom patrão, aprendi a controlar-me; e, durante meio ano, a pólvora permaneceu tão inofensiva quanto se fosse areia, sem nada que a fizesse explodir. Catherine passava, de vez em quando, por temporadas de abatimento e silêncio, que eram respeitadas pelo marido, pronto a atribuí-las a uma alteração produzida, no seu temperamento, por alguma doença que a atacara, pois nunca tinha sido sujeita a depressões. A volta da animação era recebida com igual animação, por parte dele. Creio poder afirmar que eles eram realmente felizes, nesse tempo.

Mas essa felicidade, profunda e crescente, terminou. Bem, no fim a gente *precisa* zelar por si mesma; os pacientes e os generosos são apenas mais justamente egoístas do que os déspotas; e essa felicidade terminou quando as circunstâncias fizeram com que cada um deles sentisse que o interesse de um não era o principal interesse do outro. Numa doce tarde de setembro, eu estava vindo do pomar com um cesto cheio de maçãs que estivera colhendo. Era a hora do lusco-fusco e a lua debruçava-se sobre o muro do pátio, projetando sombras indefinidas nos cantos das várias partes da casa. Pousei o cesto nos degraus da porta da cozinha e parei para descansar, respirando aquele ar suave e perfumado; tinha os olhos fitos na lua e as costas para a porta, quando ouvi uma voz perguntar, atrás de mim:

— Nelly, é você que está aí?

Era uma voz profunda e de tom desconhecido; contudo, havia algo, na maneira de pronunciar o meu nome, que a fazia soar familiarmente. Virei-me para ver quem falava, confesso que com medo; pois as portas estavam fechadas, e eu não vira ninguém ao me aproximar dos degraus. Algo se moveu no alpendre; chegando mais perto, distingui um homem alto, trajando roupas escuras e de rosto e cabelos também escuros. Tinha os dedos na tranca, como se pretendesse abrir a porta sozinho. "Quem será?", pensei. "O Sr. Earnshaw? Oh, não! A voz não se parece com a dele."

— Estou esperando há uma hora — continuou, enquanto eu o olhava —, e durante esse tempo nada se mexeu por aqui. É como se todo o mundo tivesse morrido. Não ousei entrar. Você não me conhece? Olhe bem para mim e verá que me conhece!

O luar iluminou os seus traços; as faces eram pálidas e semicobertas por bigodes negros; a testa afundada, os olhos fundos e estranhos. Lembrava-me daqueles olhos.

— O quê! — exclamei, não sabendo se havia de considerá-lo como uma pessoa deste mundo, e ergui as mãos espantada. — O quê! Você voltou? É você mesmo?

— Sim, sou eu. . . Heathcliff — respondeu ele, levantando os olhos para as janelas, que refletiam uma porção de luas, mas não deixavam transparecer nenhuma luz de dentro. — Não estão em casa? Onde é que ela está? Nelly, você não está satisfeita de me ver! Não precisa ficar tão preocupada. Ela está em casa? Responda! Quero falar uma palavrinha com ela, com a sua patroa. Suba e diga que uma pessoa de Gimmerton quer vê-la.

— Como é que ela reagirá? — exclamei. — Que irá ela fazer? A surpresa deixou-me tonta, vai colocá-la fora de si! Você é *mesmo* Heathcliff? Mas tão mudado! Não, não posso compreender. Esteve servindo como soldado?

— Vá levar-lhe o meu recado — interrompeu ele, com impaciência. — Não sossego enquanto você não for!

Levantou a tranca e eu entrei; mas, quando cheguei à sala, onde o Sr. e a Sra. Linton estavam, fiquei sem saber como fazer. Finalmente, resolvi usar o pretexto de perguntar se queriam que acendesse as velas e entrei.

Estavam os dois sentados junto a uma janela cuja gelosia estava corrida e deixava ver, para além das árvores do pomar e do parque, o vale de Gimmerton, com uma longa faixa de neblina subindo quase até o seu cume (porque, logo após passar a capela, como talvez o senhor tenha observado, o canal que sai da charneca junta-se a um riacho que acompanha a curva do vale). O Morro dos Ventos Uivantes erguia-se acima daquele vapor prateado, mas a nossa antiga casa não se via; debruça-se mais para o outro lado. Tanto a sala como os seus ocupantes e a paisagem que descortinavam, tudo parecia maravilhosamente pacífico. Relutava em transmitir o recado; e já estava mesmo indo embora, sem coragem para dá-lo, quando compreendi que tinha de fazê-lo. Voltei e murmurei: — Senhora, está lá fora uma pessoa de Gimmerton que deseja falar-lhe.

— A respeito de quê? — inquiriu a Sra. Linton.

— Não lhe perguntei — respondi.

— Bem, pode fechar os cortinados, Nelly — falou ela. — E traga o chá. Voltarei logo.

Saiu da sala, e o Sr. Edgar perguntou, com indiferença, quem era a pessoa.

— Alguém que a patroa não espera — repliquei. — Heathcliff, creio que o senhor se lembra dele. . . o rapaz que vivia em casa do Sr. Earnshaw.

— O quê! O cigano. . . o moço do arado? — exclamou ele. — Por que não disse quem era a Catherine?

— Psiu! O senhor não deve chamá-lo por esses nomes — falei. — A patroa ficaria muito ofendida se o ouvisse. Ela quase morreu quando ele sumiu. Acho que a volta dele vai ser um motivo de festa para ela.

O Sr. Linton dirigiu-se a uma janela, do outro lado da sala, que dava para o pátio. Abriu-a e debruçou-se. Creio que eles estavam bem embaixo, pois ele gritou: — Não fique aí, meu bem! Convide a pessoa a entrar, se for alguém conhecido. — Não tardou que se ouvisse o bater da tranca, e Catherine subiu correndo a escada, descabelada e ofegante, demasiado excitada para mostrar alegria; ao contrário, olhando para o rosto dela, poder-se-ia ter pensado numa terrível calamidade.

— Oh, Edgar, Edgar! — balbuciou, atirando-lhe os braços ao pescoço. — Oh, Edgar, meu bem! Heathcliff voltou! — E abraçou-o ainda com mais força.

— Está bem, está bem! — disse o marido, irritado. — Não precisa estrangular-me só por causa disso! Ele nunca me pareceu algo assim tão maravilhoso. Não há necessidade de tanta excitação!

— Sei que você não gostava dele — retrucou ela, reprimindo um pouco a intensidade do seu júbilo. — Mas, por minha causa, vocês agora vão ter de ser amigos. Digo-lhe para subir?

— Para onde? — disse ele. — Aqui, para a sala?

— Para que outro lugar? — perguntou ela.

O Sr. Linton franziu a testa e sugeriu a cozinha como sendo um lugar mais indicado para ele. A Sra. Linton olhou-o com uma expressão indefinível. . . meio zangada, meio divertida.

— Não — disse, após um momento. — Não posso recebê-lo na cozinha. Ponha duas mesas para o chá, aqui na sala, Ellen: uma para o patrão e a Srta. Isabella, como gente bem; e a outra para mim e para Heathcliff, que somos de classes inferiores. Assim você fica satisfeito, meu bem? Ou terei de mandar acender fogo noutra lugar? Nesse caso, diga onde. Eu tenho de correr lá para baixo. Temo que a minha alegria seja demasiado grande para ser real!

Ia precipitar-se escada abaixo, quando Edgar a deteve.

— Convide-o *voce* a subir — ordenou, dirigindo-se a mim. — E, Catherine, esforce-se por estar alegre sem ser absurda! A casa toda não precisa ver você receber um criado fujão como se fosse um irmão.

Desci e encontrei Heathcliff à espera no alpendre, evidentemente antecipando o convite para entrar. Seguiu-me sem trocar palavra, e conduzi-o até onde estavam os meus patrões, cujos rostos afogueados traíam sinais de discussão. Mas o dela brilhou de uma maneira toda especial quando o amigo surgiu à porta: correu para ele, tomou-lhe as duas mãos e levou-o até Linton; depois pegou na relutante mão do marido e fez com que apertasse a mão do outro. À luz do fogo e das velas, fiquei, mais do que nunca, espantada de ver a transformação de Heathcliff. Tornara-se um homem alto, atlético e bem-conformado; junto a ele, o meu patrão parecia magro e agarotado. A sua

atitude ereta dava a impressão de ele ter estado no Exército. A expressão do seu rosto era de pessoa muito mais velha do que o Sr. Linton: parecia inteligente e não conservava sinais da antiga degradação. Contudo, uma ferocidade semicivilizada lhe reluzia ainda nos olhos fundos e negros, embora de maneira contida; e os seus gestos exalavam dignidade, apesar de destituídos de graça. A surpresa do meu patrão foi igual à minha ou ainda maior: permaneceu por um minuto sem saber como dirigir-se ao moço do arado, conforme o chamara. Heathcliff deixou cair a mão fina e ficou olhando calmamente para ele.

— Sente-se — disse, finalmente, o meu patrão. — A Sra. Linton, em memória dos velhos tempos, deseja que eu lhe dê uma recepção cordial, e eu, como é natural, fico satisfeito quando ocorre algo que lhe dê prazer.

— Eu também — respondeu Heathcliff —, principalmente quando se trata de algo em que eu participo. Ficarei uma hora ou duas, com todo o prazer.

Sentou-se diante de Catherine, que não despregava os olhos dele, como se temesse vê-lo desaparecer se deixasse de olhá-lo. Heathcliff não erguia muito o seu olhar para ela; apenas de vez em quando e rapidamente. Mas o seu olhar refletia, e a cada vez mais, a incontida alegria que ele bebia no dela. Estavam demasiado felizes para se sentirem embaraçados. O mesmo não acontecia com o Sr. Edgar: empalidecera, e ficou quase lívido quando a esposa levantou-se, agarrou novamente as mãos de Heathcliff e riu como louca.

— Amanhã vou pensar que sonhei! — exclamou. — Não poderei acreditar que o vi, que o toquei, que falei com você, depois de tanto tempo. E,

no entanto, Heathcliff, você não merece ser bem-vindo. Ficar ausente e silencioso durante três anos, sem nunca pensar em mim?

— Pensei um pouco mais do que você em mim — murmurou ele. — Tive notícia do seu casamento, Cathy, não faz muito; e, enquanto esperava no pátio, tracei o seguinte plano: vislumbrar apenas o seu rosto, provocar nele um olhar de surpresa ou, talvez, de fingida satisfação; depois acertar contas com Hindley e, finalmente, antecipar-me à lei, dando cabo de mim mesmo. A sua boa acolhida afastou essas idéias da minha mente. . . mas cuidado para não me receber de outra maneira, da próxima vez! Não, você não mais me afastará! Sentiu realmente pena de mim, não foi? Bem, e com razão. Lutei muito e passei por muita coisa, desde que ouvi pela última vez a sua voz; mas tem de me perdoar, porque lutei só por você!

— Catherine, a menos que tomemos o chá frio, faça o favor de vir para a mesa — interrompeu Linton, esforçando-se por conservar o seu tom de voz habitual e um mínimo de polidez. — O Sr. Heathcliff vai ter muito que caminhar, para ir aonde quer que esteja pensando em pernoitar; e eu tenho sede.

Ela tomou o seu lugar à mesa e Isabella entrou; depois de tê-los ajudado a sentar-se, saiu da sala. O chá mal demorou dez minutos. Catherine não chegou a encher a xícara: não podia comer nem beber. Edgar tinha feito uma poça no pires e mal comera. Quanto ao visitante, não ficou mais do que uma hora. À saída, perguntei-lhe se ia para Gimmerton.

— Não, para o Morro dos Ventos Uivantes — respondeu. — O Sr. Earnshaw convidou-me a pernoitar lá, quando o fui visitar, esta manhã.

O Sr. Earnshaw convidara a *ele!* E *ele* tinha ido visitar o Sr. Earnshaw! Fiquei meditando naquilo, depois que Heathcliff se foi. "Ter-se-á tornado hipócrita e terá vindo semear discórdia sob uma capa de cordialidade", pensei. No fundo do coração, tinha um pressentimento de que teria sido melhor ele não ter voltado.

Pelo meio da noite, fui despertada do meu primeiro sono pela Sra. Linton, que entrou no meu quarto, sentou-se à beira da minha cama e me puxou o cabelo, com o fim de acordar-me.

— Não posso dormir, Ellen — disse ela, à guisa de desculpa. — E preciso de que alguém me acompanhe na minha felicidade! Edgar está melindrado por me ver alegre com algo que não lhe interessa: recusa-se a falar, exceto para dizer coisas bobas; imagine que me acusou de cruel e egoísta por querer conversar, quando ele estava se sentindo doente e cheio de sono. Sempre diz que está doente quando qualquer coisinha o aborrece! Elogiei Heathcliff, e ele, não sei se por dor de cabeça ou por inveja, começou a chorar. Aquilo irritou-me, e deixei-o sozinho.

— Para que elogiar Heathcliff diante dele? — ponderei. — Quando garotos, tinham aversão um pelo outro, e acho que Heathcliff também detestaria que lhe fossem elogiar o Sr. Linton. . . é a natureza humana. Não fale dele ao Sr. Linton, a menos que queira suscitar uma briga entre os dois.

— Mas você não acha que isso revela uma grande fraqueza? — insistiu ela. — Não sou invejosa: nunca sinto raiva dos cabelos louros de Isabella, da brancura da sua pele, da sua elegância e do carinho que toda a família demonstra por ela. Até você, Nelly, se porventura discutimos, coloca-se logo ao lado de Isabella; e eu cedo como se fosse uma irmã mais velha: chamo-a de

querida e faço tudo para que lhe passe o mau humor. O irmão gosta de nos ver de bem, e isso me dá prazer. Mas a verdade é que eles são muito parecidos: crianças mimadas, pensam que o mundo é deles; por isso, embora eu os mime a ambos, acho que, de vez em quando, um bom castigozinho é necessário para o bem deles.

— Engana-se, Sra. Linton — retruquei. — Eles é que a mimam, e eu bem sei o que seria se não o fizessem. A senhora não se importa de lhes tolerar alguns caprichozinhos, desde que eles tratem de lhe satisfazer todos os desejos. Mas tome cuidado e não exija demasiado, porque aquele a quem acusa de fraqueza é bem capaz de se mostrar tão obstinado quanto a senhora.

— E então combateremos até a morte, não, Nelly? — replicou ela, rindo. — Não, eu tenho tanta confiança no amor de Linton, que, mesmo se o matasse, acho que ele não reagiria.

Aconselhei-a a estimá-lo mais, por esse seu afeto.

— É o que eu faço — respondeu ela. — Mas ele não precisava choramingar por ninharias. É infantil; em vez de desmanchar-se em lágrimas por eu ter dito que Heathcliff era agora digno da consideração de qualquer pessoa e que seria para ele uma honra ser seu amigo, ele próprio o devia ter dito e mostrado alegria por minha causa. Heathcliff tem mais razões para não gostar dele, e acho que se portou maravilhosamente!

— Que acha de ele ter ido para o Morro dos Ventos Uivantes? — perguntei. — Aparentemente, a transformação foi completa. A sua atitude é a de um autêntico cristão: oferecer a mão direita, a mão da amizade, a todos os seus antigos inimigos!

— Ele explicou — replicou ela. — Disse que tinha ido pedir-lhe informações a meu respeito, pensando que você ainda lá morasse; Joseph foi chamar Hindley, que saiu e começou a perguntar-lhe o que tinha sido feito dele, que vida ele levara; por fim, convidou-o a entrar. Havia várias pessoas jogando cartas; Heathcliff juntou-se a elas; meu irmão perdeu algum dinheiro para ele e, vendo que Heathcliff estava bem recheado, pediu-lhe que voltasse à noite, ao que ele anuiu. Hindley não sabe escolher com prudência as pessoas com quem se dá: não se preocupa em refletir sobre os motivos que deveria ter para desconfiar de alguém a quem tanto humilhou. Mas Heathcliff afirma que a sua principal razão para reatar relações com o seu antigo inimigo é o desejo que tem de se instalar perto da granja e da casa onde vivemos juntos, além de esperar que eu tenha mais oportunidades de vê-lo do que se ele se instalasse em Gimmerton. Pretende pagar regiamente pelo privilégio de se hospedar no Morro; e, sem dúvida, a cobiça do meu irmão o levará a aceitar isso. Sempre foi louco por dinheiro, embora agarre com uma das mãos o que joga fora com a outra.

— Belo lugar foi Heathcliff escolher para se fixar! — comentei. — Não tem medo das conseqüências, Sra. Linton?

— No que toca a ele, não — respondeu ela. — A sua inteligência saberá afastá-lo de qualquer perigo. Tenho um certo medo por Hindley; mas ele não pode ficar pior, moralmente, do que já é, e eu evitarei que lhe aconteça qualquer coisa. O que aconteceu hoje reconciliou-me com Deus e com a humanidade! Eu me sentia revoltada contra a Providência. Oh, você não sabe como eu sofri, Nelly! Se essa criatura soubesse, teria vergonha de mostrar-se petulante. Foi só bondade para com ele que me fez suportar

sozinha o sofrimento. Se eu tivesse mostrado a agonia que sentia ele teria desejado, tanto quanto eu, o seu alívio. Mas agora tudo acabou, e não me vingarei da sua falta de sensibilidade; doravante posso agüentar tudo! Se a pessoa mais vil me esbofeteasse uma face, eu não só lhe daria a outra face, como ainda lhe pediria perdão por tê-la provocado; como prova, vou agora mesmo fazer as pazes com Edgar. Boa noite, Ellen! Sou um anjo!

Nessa feliz convicção, partiu; e o bom sucesso da sua resolução tornou-se óbvio logo de manhã: o Sr. Linton não só pusera de lado a sua irritação (embora ainda parecesse algo incomodado pela vivacidade de Catherine), como não fez objeção a que a esposa e Isabella fossem, nessa mesma tarde, ao Morro dos Ventos Uivantes. Em compensação, Catherine mostrou-se de uma tal doçura, que transformou a casa, durante vários dias, num paraíso, de que tanto o patrão como a criadagem aproveitaram.

Heathcliff — daqui por diante o chamarei Sr. Heathcliff — a princípio usou cautelosamente a liberdade de freqüentar a Granja Thrushcross: parecia estar medindo até que ponto o dono da casa toleraria a sua intromissão. Catherine também achou prudente moderar as suas manifestações de prazer ao acolhê-lo; e ele foi gradualmente estabelecendo o seu direito a essa acolhida. Conservava bastante da reserva que o notabilizara na infância, e ela servia para reprimir nele quaisquer demonstrações demasiado exuberantes de sentimento. A apreensão do meu patrão foi, aos poucos, sendo desviada para outro setor.

A sua nova fonte de preocupação originava-se no fato, tão desagradável quanto não antecipado, de Isabella Linton demonstrar uma súbita e irresistível atração pelo visitante. Ela era, na época, uma encantadora jovem de dezoito

anos, infantil de maneiras, mas possuidora de vivos sentimentos e de inteligência — além de um gênio igualmente vivo, quando irritado. O irmão, que a adorava, ficou atônito ante aquela fantástica preferência. Mesmo não levando em conta a degradação de uma aliança com um homem sem sobrenome e a possibilidade de que toda a sua propriedade, à falta de herdeiros do sexo masculino, viesse a passar às mãos de uma tal pessoa, ele tinha sensibilidade suficiente para compreender as intenções de Heathcliff, para saber que, embora a sua aparência estivesse mudada, o seu espírito continuava inalterado e incapaz de modificar-se. E temia aquele espírito; causava-lhe revolta, e ele estremecia ante a idéia de lhe confiar a sua querida Isabella. Mais teria estremecido, se soubesse que o sentimento dela não encontrava nele qualquer reciprocidade; ao contrário, assim que descobriu a sua existência, pôs toda a culpa em Heathcliff, como se ele o tivesse deliberadamente suscitado.

Havia já algum tempo que todos vínhamos reparando que Isabella mostrava inquietação e sofrimento. Tornara-se irritadiça, explodindo por qualquer motivo e provocando continuamente Catherine, sob pena de esgotar a sua limitada paciência. Atribuímos aquela irritabilidade à falta de saúde: ela emagrecia a olhos vistos. Mas, um dia em que Isabella passara da conta, rejeitando o desjejum, queixando-se de que os criados não faziam o que ela lhes dizia, que a cunhada não lhe permitia ter voz ativa na casa e que Edgar não ligava para ela, que pegara um resfriado por causa das portas abertas e que tínhamos deixado apagar o fogo da sala de propósito, para aborrecê-la, mais uma centena de outras acusações igualmente frívolas, a Sra. Linton insistiu peremptoriamente em que ela fosse para a cama; e, depois de ter

ralhado com ela, ameaçou mandar chamar o médico. Ao ouvir mencionar o Dr. Kenneth, ela exclamou logo que a sua saúde era perfeita e que era apenas a aspe-reza de Catherine que a tornava infeliz.

— Como pode você dizer que eu sou áspera, sua criança mimada? — gritou a Sra. Linton, espantada com a injustiça da acusação. — Você deve estar perdendo a razão. Quando foi que eu fui áspera, hein?

— Ontem — soluçou Isabella. — E agora também!

— Ontem! — repetiu a cunhada. — Em que ocasião?

— Quando fomos passear na charneca: disse para eu ir por onde quisesse, enquanto você caminhava com o Sr. Heathcliff!

— E é a isso que você chama aspreza? — perguntou Catherine, rindo. — Não quis dizer que a sua companhia fosse demais; não nos importava que você viesse ou não conosco; pensei apenas que a conversa de Heathcliff não teria interesse para você.

— Não — chorou a jovem. — Você quis me afastar porque sabia que eu queria ir com vocês!

— Será que ela está boa da cabeça? — perguntou a Sra. Linton, dirigindo-se a mim. — Vou lhe repetir a nossa conversa, palavra por palavra, Isabella; e então me dirá que interesse ela poderia ter para você.

— Não me interessa a conversa — retrucou ela. — Eu só queria estar com. . .

— Bem! — disse Catherine, percebendo a hesitação dela em completar a frase.

— Com ele; e não tolerarei mais ser afastada! — continuou, esquentando. — Você é terrivelmente egoísta, Cathy, e não quer que ninguém mais seja amado. . . só você!

— Isto é o cúmulo da impertinência! — exclamou a Sra. Linton, surpreendendo-se. — Mas não posso acreditar nessa bobagem! É impossível que você possa almejar a admiração de Heathcliff, que o considere uma pessoa agradável! Espero não ter entendido bem, Isabella!

— Não, você entendeu muito bem — replicou a jovem. — Amo-o mais do que você jamais amou meu irmão; e ele também poderia amar-me, se você o deixasse!

— Pois então eu não queria estar na sua pele! — declarou Catherine enfaticamente (e parecia falar com sinceridade). — Nelly, ajude-me a convencê-la de sua insensatez. Diga-lhe o que Heathcliff é: uma criatura incorrigível, sem refinamento, sem cultura; um matagal de urze e pedra dura. Antes queria pôr aquele canarinho no parque, num dia de inverno, do que lhe recomendar que nutrisse qualquer sentimento por ele! Só uma deplorável ignorância do caráter de Heathcliff é que lhe pode meter esse sonho na cabeça. Por favor, não imagine que ele esconde um fundo de benevolência e afeto sob uma aparência severa! Ele não é um diamante bruto, uma ostra contendo, no seu interior, uma pérola. . . é um homem feroz e impiedoso. Eu nunca lhe digo: "Deixe este ou aquele inimigo em paz, porque seria pouco generoso ou cruel causar-lhe mal"; digo: "Deixe-o em paz, porque *eu* não quero vê-lo prejudicado"; ele a esmagaria como a um ovo de pardal, Isabella, se achasse a sua presença inconveniente. Sei que ele não seria capaz de amar uma Linton. No entanto, seria bem capaz de casar-se com você por causa da

sua fortuna! A avareza está crescendo dentro dele, tornando-se um verdadeiro pecado. Acredite no que lhe digo; e eu sou amiga dele. . . a tal ponto que, se ele tivesse pensado, seriamente, em casar com você, eu talvez tivesse ficado calada e permitido que você caísse na armadilha.

Isabella olhava para a cunhada com indignação.

— Que vergonha, que vergonha! — repetiu. — Você é pior do que vinte inimigos, venenosa como ninguém!

— Ah, você não quer acreditar em mim? — disse Catherine. — Pensa que tudo o que lhe disse foi por puro egoísmo?

— Estou convencida de que sim — retrucou Isabella —, e estremeço de horror!

— Muito bem! — exclamou a Sra. Linton. — Experimente, então! Já disse o que tinha a dizer, e não estou para suportar a sua insolência.

— Mas eu tenho de sofrer pelo egoísmo dela! — soluçou a jovem, quando a Sra. Linton saiu da sala. — Tudo, todo está contra mim; ela destruiu o meu único consolo. Só disse falsidades, não foi? O Sr. Heathcliff não é como ela disse; tem um coração grande e muito fiel; senão, como pôde não esquecê-la?

— Tire-o da cabeça — respondi. — Ele é uma ave de mau agouro, não é marido para a senhorita. A Sra. Linton não usou meios termos, mas eu não posso contra-dizê-la. Ela o conhece melhor do que eu ou qualquer outra pessoa, e nunca o pintaria pior do que ele é. As pessoas honestas não escondem o que fazem. Como é que ele viveu, durante estes três anos? Como ficou rico? Por que está hospedado no Morro dos Ventos Uivantes, na casa de um homem que ele detesta? Dizem que o Sr. Earnshaw está cada vez pior

desde que ele chegou. Ficam toda a noite jogando, e Hindley hipotecou as suas terras e não faz outra coisa senão jogar e beber. Faz uma semana, encontrei Joseph em Gimmerton, e ele me disse: "Nelly, lá em casa está mesmo um antro de perdição. Tem um que qualquer dia vai ter de cortar os dedos para poder pagar as dívidas. É o patrão, você sabe, que não pára de se afundar no jogo. Nunca teve medo do Juízo Final, nem seguiu os exemplos de Paulo, nem de Pedro, nem de João, nem de Mateus, nem de ninguém! Parece que está desejando se ver nas chamas do inferno! E o nosso velho Heathcliff parece mais um diabo! Ele não diz nada da boa vida que leva, quando vai lá na granja? É mais ou menos assim: levanta-se quando o sol se deita, e é dado, *brandy*, gelosia fechada e luz de vela até o meio-dia do dia seguinte. Depois sobe para o quarto dele, praguejando e gritando tanto que as pessoas decentes têm de tampar os ouvidos de vergonha; e ele conta o dinheiro que ganhou, come, dorme e vai embora pra casa do vizinho, para visitar a esposa dele. Será que ele conta pra Dona Catherine como o dinheiro do pai dela está passando para o bolso dele e como o irmão galopa para a perdição, com ele abrindo as porteiras?" Ora, Srta. Linton, Joseph pode ser tudo, mas não é mentiroso; e, se o que ele diz da conduta de Heathcliff for verdade, quem o desejaria para marido?

— Você é pior do que os outros, Ellen! — replicou ela. — Não vou dar ouvidos às suas calúnias. Que malevolência deve haver em vocês, para me quererem convencer de que não há felicidade neste mundo!

Talvez ela esquecesse o seu capricho com o passar do tempo, ou, ao contrário, o preservasse — não posso dizer. Só sei que as coisas se precipitaram. No dia seguinte, houve um julgamento na cidade vizinha; o meu

patrão foi obrigado a comparecer e o Sr. Heathcliff, sabedor da sua ausência, veio mais cedo do que de costume. Catherine e Isabella estavam na biblioteca, mergulhadas num silêncio hostil: a última, alarmada com a sua recente indiscrição e com o fato de ter revelado os seus mais secretos sentimentos, num arroubo de paixão, e a primeira, realmente, ofendida com a cunhada; embora troçasse da sua impertinência, fazia questão de não mostrar isso a *ela*. Riu, ao ver Heathcliff passar debaixo da janela. Eu estava varrendo a lareira e vi um sorriso malicioso nos seus lábios. Isabella, absorta nos seus pensamentos ou no livro que tinha no regaço, assim permaneceu até que a porta se abriu

— e então já era demasiado tarde para tentar fugir, o que decerto teria feito, se possível.

— Entre, seja bem-vindo! — exclamou alegremente a dona da casa, puxando uma poltrona para junto do fogo.

— Estamos mesmo precisando de que alguém venha derreter o gelo entre nós duas; e você é justamente o mais indicado. Heathcliff, sinto-me feliz de lhe mostrar, finalmente, alguém que gosta mais de você do que eu. Espero que se sinta lisonjeado. Não, não se trata de Nelly! Não precisa olhar para ela! É a minha pobre cunhadazinha, que se consome à simples contemplação da sua beleza física e moral. Depende da sua vontade tornar-se irmão de Edgar! Não, não, Isabella, você não vai embora — continuou, detendo, com ar de brincadeira, a jovem, que se erguera indignada. — Estávamos discutindo a seu respeito, Heathcliff, e ela me venceu, em protestos de devotamento e admiração; além do mais, fui informada de que, se tivesse a consideração de me afastar, a minha rival, como ela se proclama, mandaria uma flecha para o

seu coração, que o prenderia para sempre a ela, lançando a minha imagem no eterno esquecimento!

— Catherine! — disse Isabella, apelando para a sua dignidade e não procurando soltar-se da outra. — Ficaria grata se você respeitasse a verdade e não me caluniasse, nem mesmo de brincadeira! Sr. Heathcliff, tenha a bondade de pedir à sua amiga que me solte: ela parece esquecer que eu e o senhor não somos íntimos e que o que a diverte é para mim extremamente doloroso.

Como ele nada respondesse nem se levantasse, parecendo completamente indiferente aos sentimentos que ela pudesse nutrir com relação à sua pessoa, Isabella murmurou à cunhada que a libertasse.

— Absolutamente! — exclamou a Sra. Linton. — Não quero mais ser chamada de egoísta! Você *fica* aqui! Então, Heathcliff, você não mostra satisfação pela agradável notícia que lhe dei? Isabella jura que o amor que Edgar me tem nada é, perto do que ela sente por você. Tenho a certeza de que ela disse isso, não disse, Ellen? E não comeu desde o passeio de anteontem, de tristeza e de raiva por eu lhe ter dito que a nossa conversa não lhe interessava.

— Acho que você está mesmo caluniando-a — disse Heathcliff, virando a cadeira de modo a encará-las. — Ela parece estar desejosa de escapar à minha companhia!

E olhou fixamente para o objeto da conversa, como se estivesse vendo um animal estranho e repulsivo: uma centopéia, por exemplo — com essa curiosidade que nos faz aproximar-nos, apesar da aversão suscitada. A pobrezinha não pôde suportar aquilo: empalideceu, ficou vermelha, e, com lágrimas tremulando-lhe nos cílios, os seus pequenos dedos tentaram soltar a mão de

Catherine; como não tivesse força para tanto, começou a fazer uso das unhas — e não tardou que a mão da sua torturadora exhibisse as marcas das unhas.

— Parece um tigre! — exclamou a Sra. Linton, largando-a e sacudindo a mão, de dor. — Vá-se embora, pelo amor de Deus, e esconda esse gênio de víbora! Que falta de inteligência, mostrar essas garras a *ele!* Pode imaginar as conclusões que ele há de tirar? Veja, Heathcliff! São autênticas garras. . . você precisa ter cuidado com os seus olhos.

— Eu as arrancaria dos dedos, se porventura elas me ameaçassem — respondeu ele, brutalmente, assim que a porta se fechou atrás de Isabella. — Mas qual a sua intenção, em brincar dessa maneira com a criatura? Você não estava falando a verdade, certamente.

— Garanto-lhe que estava — replicou Catherine. — Há várias semanas que ela se vem consumindo por sua causa; e ainda ontem se enfureceu comigo, só porque eu pus a nu os seus defeitos, Heathcliff, a fim de diminuir a adoração que ela tem por você. Mas não lhe ligue: só quis castigar-lhe a impertinência. Gosto demasiado dela para permitir que você a pegue e a devore.

— E eu a detesto demasiado para sequer tentá-lo — retrucou ele —, exceto, talvez, à maneira de um vampiro. Se eu vivesse com aquela cara insípida, de cera, não sei o que faria; acho que pintaria nela as cores do arco-íris e transformaria aqueles olhos azuis em negros, de dois em dois dias; são detestavelmente parecidos com os de Linton.

— Deliciosamente, dirá você! — comentou Catherine. — São olhos de anjo!

— Ela é a herdeira do irmão, não é? — perguntou Heathcliff, após um breve silêncio.

— Não gostaria de pensar isso — respondeu Cathy. — Se Deus quiser, meia dúzia de sobrinhos lhe tirarão essas pretensões! Mas tire daí a sua idéia. Sei que você cobiça os bens do próximo; não se esqueça, porém, de que *estes* bens são meus.

— Se fossem *meus*, seriam seus, igualmente — observou Heathcliff. — Mas, embora Isabella Linton seja estúpida, não me parece louca, de maneira que não se fala mais no assunto, como você diz.

E não falaram mais, nem, provavelmente, Catherine pensou mais no assunto. O outro, ao contrário, sem dúvida pensou várias vezes, pois o vi sorrir sozinho e entregar-se a uma inquietante meditação, de cada vez que a Sra. Linton saía da sala.

Resolvi vigiar os movimentos dele. O meu coração sempre pendia para o lado do patrão, em vez de para o de Catherine; e com razão, pois ele era bom, honesto e honrado, ao passo que ela, embora não se pudesse dizer que era o *oposto*, parecia permitir-se tanta coisa, que eu tinha pouca fé nos seus princípios e menos simpatia ainda pelos seus sentimentos. Queria que algo acontecesse para livrar o Morro dos Ventos Uivantes e a granja da presença do Sr. Heathcliff, deixando -nos como estávamos antes da sua chegada. As visitas dele à granja eram um pesadelo para mim e, suspeitava-o, também para o patrão. O fato de ele estar vivendo no Morro era como que uma premonição. Parecia-me que Deus deixara a ovelha tresmalhada entregue à própria sorte e que uma fera rosnava entre ela e o rebanho, esperando a ocasião de atacar.

CAPÍTULO XI

Muitas vezes, ao meditar sobre tudo isso, eu me levantava, tomada de súbito terror, e punha a minha touca, para ir ver como iam as coisas na fazenda. Convenci a minha consciência de que era um dever avisar Hindley do que as pessoas diziam a seu respeito; mas logo me lembrava dos seus maus hábitos e, sem esperança de o beneficiar, desistia de voltar àquela casa.

Certa feita, passei pelo velho portão, afastando-me do caminho que levava a Gimmerton. Era aproximadamente na época que a minha narrativa atingiu. A tarde estava clara e gelada, o chão, despido, seco e duro. Cheguei a uma pedra onde a estrada se divide numa encruzilhada: à esquerda, continua em direção à charneca; as letras M.V.U. apontam para o norte, G. para leste e G.T. para sudoeste, indicando respectivamente o Morro dos Ventos Uivantes, Gimmerton e a granja. O sol batia, amarelo, na cabeça cinzenta do velho pilar de pedra, fazendo-me recordar o verão; e, não sei dizer por quê, de repente lembrei-me dos nossos tempos de criança, e uma onda de lembranças infantis me invadiu o coração. Vinte anos antes, aquele tinha sido um lugar predileto, para Hindley e para mim. Fiquei por muito tempo olhando para o poste e, inclinando-me, divisei um buraco, na pedra, toda roída pelas intempéries, ainda cheio de pedrinhas e conchas de caramujo, que nós costumávamos guardar ali, junto com outros tesouros; com uma nitidez de realidade, pareceu-me ver o meu antigo companheiro de brinquedos sentado na grama ressequida, sua cabeça quadrada e morena curvada para a frente e a sua pequena mão removendo a terra com um pedaço de ardósia. — Pobre

Hindley! — exclamei, involuntariamente. Estremeci: por um momento, julguei ver a criança levantar o rosto e olhar para mim! A visão logo desapareceu, mas senti um desejo irresistível de ir até o Morro. A superstição impelia-me: e se ele tivesse morrido, pensei, ou estivesse para morrer! Talvez fosse sinal de morte! Quanto mais me aproximava da casa, maior era a minha agitação; ao avistá-la, comecei a tremer. A aparição vencera-me na corrida: lá estava, olhando através do portão. Foi o que pensei, ao ver um rapazinho de olhos castanhos e cabelos cacheados encostando o rosto afogeadado contra as grades. Refletindo melhor, achei que aquele devia ser Hareton, o *meu* Hareton, não muito alterado desde que eu o deixara, dez meses antes.

— Deus o abençoe, meu querido! — exclamei, esquecendo logo os meus loucos temores. — Hareton, é Nelly! A sua governanta.

Ele recuou e apanhou uma grande pedra.

— Vim ver seu pai, Hareton — acrescentei, imaginando, pelo gesto dele, que Nelly, se é que ele se lembrava dela, não fora reconhecida como sendo eu.

Hareton ergueu a pedra para atirá-la; tentei aquietá-lo, mas não consegui; a pedra bateu na minha touca, e dos balbuciantes lábios do garotinho saiu uma torrente de pragas, pronunciadas com a costumeira ênfase e que lhe punham no rosto de criança uma chocante expressão de malignidade, muito embora talvez ele nem entendesse o significado do que dizia. Pode ter a certeza de que aquilo me entristeceu mais do que me zangou. Quase a chorar, tirei uma laranja do bolso e a ofereci a ele. Ele hesitou, mas logo a arrancou da minha mão, como se pensasse que eu só queria atraí-lo. Mostrei-lhe outra laranja, mantendo-a longe do seu alcance.

— Quem lhe ensinou a falar assim, hein? — perguntei. — Foi o cura?

— O cura pode ir para o Diabo e você também! Me dá essa laranja! — replicou ele.

— Diga quem foi que lhe ensinou e eu lhe darei a laranja — insisti. — Quem é que lhe ensinou?

— O diabo do meu pai — foi a resposta.

— Ah, é isso o que você aprende com o seu pai? — continuei.

Ele pulou para apanhar a laranja, mas eu a ergui mais alto. — Que mais é que ele lhe ensina?

— Nada — falou ele. — Só pra eu sair da frente dele. Papai não pode comigo, porque eu digo palavrão pra ele.

— Ah! E quem lhe ensina a dizer palavrão para o seu pai? — perguntei. — O Diabo?

— Não — respondeu Hareton.

— Quem, então? — Heathcliff.

Perguntei-lhe se ele gostava do Sr. Heathcliff.

— Gosto! — respondeu.

Desejando saber por que ele gostava do outro, só pude entender: — Não sei; acho que é porque ele me vinga . . . fala palavrão para papai quando papai fala palavrão para mim. Diz pra eu fazer o que quiser.

— Quer dizer que o cura não o ensina a ler e a escrever? — persisti.

— Não. Me disseram que o cura ia ficar sem um dente se ele botasse o pé na porta. Foi Heathcliff quem falou isso pra ele!

Dei-lhe a laranja e pedi-lhe que fosse dizer ao pai que uma tal Nelly Dean estava esperando para falar com ele, no portão do jardim. Hareton

correu para casa; mas, ao invés de Hindley, quem apareceu na porta foi Heathcliff. Dei meia-volta e corri pela estrada afora até chegar à encruzilhada, tão ofegante e assustada como se estivesse sendo perseguida pelo Demônio. Isso não tem que ver com o caso de Isabella Linton, a não ser que me fez aumentar a vigilância e procurar, de todas as maneiras, evitar que a má influência atingisse a granja, embora soubesse que corria o risco de desencadear uma tempestade doméstica, se contrariasse os desejos da Sra. Linton.

Na seguinte vez em que Heathcliff veio de visita, a jovem Isabella estava no pátio, dando de comer aos pombos. Havia três dias que não falava com a cunhada, mas tampouco se queixava, o que já era uma grande coisa. Eu sabia que Heathcliff não tinha o hábito de mostrar-se desnecessariamente gentil para com a Srta. Linton. Mal a avistou, porém, tratou logo de deitar uma olhadela para a fachada da casa. Eu estava de pé, junto à janela da cozinha, mas escondi-me. Vi-o, então, atravessar o terreiro para onde ela se encontrava e dizer-lhe algo; ela pareceu encabulada e desejosa de correr para dentro, mas ele lhe segurou o braço. Ela desviou o rosto; ele, aparentemente, fizera alguma pergunta a que ela não queria responder. Heathcliff olhou novamente para a casa e, julgando que ninguém o via, teve a pouca-vergonha de beijá-la.

— Judas! Traidor! — exclamei. — Ainda por cima, você é hipócrita!

— Quem é hipócrita? — disse a voz de Catherine, atrás de mim. Tão entretida estivera eu a ver o que se passava lá fora, que não dera pela sua entrada.

— O desgraçado do seu amigo! — respondi, indignada. — Aquele canalha! Ah, ele já nos viu. Está entrando! Será que ele vai ter a capacidade de encontrar uma desculpa plausível para cortejar a Srta. Isabella, depois de lhe ter dito que a detestava?

A Sra. Linton viu Isabella soltar-se e correr para o jardim. Um minuto depois, Heathcliff abria a porta. Não pude deixar de desabafar os meus sentimentos; mas Catherine ordenou que me calasse e ameaçou mandar-me para fora da cozinha, se eu ousasse ser insolente.

— Quem a ouvisse pensaria que você é a dona da casa! — exclamou ela. — Você está precisando de ser posta no seu lugar! Heathcliff, que é que você pretende? Já lhe disse para deixar Isabella em paz! Peço-lhe que o faça, a menos que esteja farto de vir aqui e queira que Linton lhe feche as portas!

— Que Deus o guarde de tentar! — retrucou o vilão. Confesso que o detestei. — Que Deus o conserve manso e paciente! O simples fato de vê-lo me põe furioso!

— Cale-se! — disse Catherine, fechando a porta interna. — Não me queira ver zangada. Por que razão você não acatou o meu pedido? Por acaso ela se atravessou propositalmente no seu caminho?

— Que é que você tem com isso? — rosnou ele. — Tenho o direito de beijá-la, se ela assim o desejar; e você não tem o direito de objetar. Não sou *seu* marido; *voce* não precisa ter ciúmes de mim!

— Não tenho ciúmes de você — replicou Catherine. — Tenho é ciúmes por você. Desanuvie esse rosto: não consinto que você me faça essa cara! Se gosta de Isabella, case-se com ela. Mas você gosta mesmo? Diga a

verdade, Heathcliff! Está vendo? Você não responde. Tenho a certeza de que você não gosta!

— E o Sr. Linton deixaria a irmã casar com esse homem? — perguntei.

— Deixaria, sim — respondeu ela decididamente.

— Pois podia poupar-se a esse trabalho — observou Heathcliff. — Eu podia muito bem casar com ela sem que ele aprovasse. Quanto a você, Catherine, vou lhe dizer algumas palavras, aproveitando a ocasião. Quero que você fique ciente de que eu *sei* que você me tem tratado miseravelmente . . . miseravelmente! Está me ouvindo? E se você pensa que eu não percebo é louca; e se pensa que posso ser consolado com palavras doces é idiota; e se pensa que vou sofrer sem me vingar hei de convencê-la do contrário, dentro de bem pouco tempo! Entretanto, muito obrigado por me haver contado o segredo da sua cunhada: juro que tirarei o máximo proveito dele. E não se meta!

— Que nova faceta do seu caráter será esta? — exclamou a Sra. Linton, espantada. — Eu o tenho tratado miseravelmente. . . e você há de se vingar! Quer me dizer como, seu mal-agradecido? De que maneira o tratei miseravelmente?

— Não procuro vingar-me em você — replicou Heathcliff, com menos veemência. — O plano não é esse. O tirano esmaga os seus escravos, mas eles não se voltam contra ele; não, apenas esmagam os que estão por baixo deles. Você pode torturar-me até a morte, para se divertir, mas permita que eu me divirta um pouco no mesmo estilo e faça o possível por evitar insultar-me. Depois de ter arrasado o meu palácio, não me construa uma choupana e pen-

se que está sendo muito caridosa por isso. Se eu imaginasse que você desejava mesmo que eu casasse com Isabella, acho que me suicidaria!

— Oh, o mal está, então, em eu *não* ter ciúmes! — exclamou Catherine.
— Bom, não voltarei a oferecer-lhe uma esposa: é o mesmo que oferecer a Satã uma alma Perdida. Igual a Satã, você se compraz em fazer sofrer. Edgar já se recuperou do desprazer que a sua chegada lhe causou; começo a sentir-me segura e tranqüila, mas você, não querendo ver-nos em paz, surge resolvido a provocar uma briga. Brigue com Edgar, se quiser, Heathcliff, e engane a irmã dele: será o método mais eficiente de se vingar de mim.

Ambos se calaram. A Sra. Linton sentou-se à beira do fogo, agitada e taciturna. Cada dia era mais difícil para ela controlar-se. Heathcliff ficou de pé junto do fogão, os braços cruzados, ruminando os seus maus pensamentos; nessa posição os deixei, chamada pelo patrão, que queria saber o que demorava Catherine.

— Ellen — foi dizendo, assim que entrei —, você viu a senhora?

— Vi; ela está na cozinha — respondi. — Está transtornada pelo comportamento do Sr. Heathcliff; aliás, acho que é hora de cortar as visitas dele. Não se pode agir com demasiada tolerância, no ponto em que as coisas chegaram. — E contei o que se passara no pátio e (até onde ousei) a discussão subsequente. Achava que isso não prejudicaria Catherine — a menos que ela assumisse a defesa do amigo. Edgar Linton mal pôde escutar-me até o fim. As suas primeiras palavras revelaram que não isentava a mulher de toda a culpa.

— Isto é impossível! — exclamou. — É horrível que ela o considere como amigo e queira obrigar-me a aceitá-lo também! Vá me chamar dois

homens, Ellen. Catherine não ficará nem mais um momento discutindo com esse rufião. Chega de lhe fazer a vontade.

Desceu e, dizendo aos criados que esperassem no corredor, encaminhou-se, seguido por mim, para a cozinha. A discussão recomeçara. Pelo menos, a Sra. Linton argumentava com renovado vigor; Heathcliff aproximara-se da janela e, de cabeça baixa, parecia acovardado ante a fúria dela. Viu o meu patrão entrar e fez um gesto para que ela se calasse, ao que Catherine obedeceu, abruptamente, ao ver do que se tratava.

— Que vem a ser isto? — perguntou Linton, dirigindo-se a ela. — Que falta de amor-próprio você deve ter para permanecer aqui, depois do que esse homem lhe disse? Suponho que, pelo fato de ser a maneira comum de ele falar, você não ache nada de mais; está habituada à baixeza dele e talvez imagine que eu também me posso habituar!

— Você esteve escutando à porta, Edgar? — perguntou Catherine, num tom especialmente calculado para irritar o marido, misto de indiferença e desprezo. Heathcliff, que erguera os olhos, soltou uma risada, aparentemente com o propósito de atrair a atenção do Sr. Linton. Conseguiu; mas Edgar não pretendia deixar-se arrebatar.

— Tenho sido tolerante com o senhor — disse, em tom calmo. — Não que ignorasse o seu caráter degradado e inescrupuloso, mas porque achava que o senhor era apenas parcialmente responsável por isso; além do mais, Catherine desejava manter relações de amizade com o senhor e eu aquiesci. . . estupidamente. Sua presença é um veneno moral, capaz de contaminar os mais virtuosos: por esse motivo e a fim de evitar piores conseqüências, vejo-me obrigado a negar-lhe doravante licença para entrar nesta casa e previno-o

de que exigirei a sua partida imediata. Uma demora de três minutos torná-la-á involuntária e ignominiosa.

Heathcliff mediu o seu antagonista de alto a baixo, com um olhar cheio de desprezo.

— Cathy, este seu cordeiro quer se fazer passar por um touro! — comentou. — Corre o risco de partir a cabeça contra os meus punhos. Meu Deus, Sr. Linton, lamento imenso que o senhor não seja digno de levar um bom murro!

O meu patrão olhou para o corredor e fez-me sinal para ir buscar os homens; não tinha a intenção de medir forças com o outro. Obedeci; mas a Sra. Linton, suspeitando de algo, seguiu-me; e, quando tentei chamá-los, ela me puxou para trás, bateu a porta e trancou-a.

— Que belas maneiras! — disse, em resposta ao olhar de surpresa e raiva do marido. — Se você não tem coragem de atacá-lo, peça desculpas ou deixe que ele bata em você. Servirá para lhe ensinar a não mostrar mais coragem do que tem. Não, engolirei a chave, mas você não a apanhará! Bem recompensada estou pela minha bondade para com cada um de vocês! Depois de tolerar a fraqueza de um e o rancor do outro, a minha recompensa são duas amostras de cega ingratidão, absurdamente estúpida! Edgar, eu o estava defendendo; mas oxalá Heathcliff lhe dê uma boa surra, por ousar pensar mal de mim!

O efeito que essas palavras produziram nele foi o mesmo de uma surra. Tentou arrancar a chave de Catherine, que a jogou bem no meio do fogo. Isso fez com que o Sr. Edgar começasse a tremer e seu rosto ficasse mortalmente

pálido. Não podia lutar contra a emoção; a angústia e a humilhação eram mais fortes do que ele. Apoiou-se às costas de uma cadeira e cobriu o rosto.

— Deus do céu! Nos velhos tempos, você seria sagrado cavaleiro! — exclamou a Sra. Linton. — Fomos vencidos! Vencidos! Heathcliff jamais levantaria um dedo contra você. Ânimo, ninguém lhe tocará! Você não é um cordeiro, e sim uma lebrezinha.

— Desejo-lhe muitas felicidades com esse seu covarde, Cathy! — disse Heathcliff. — Parabéns pela sua escolha. Pensar que você preferiu essa coisa trêmula e encolhida a mim! Jamais lhe bateria com o meu punho, mas o chutaria com o meu pé, e com grande satisfação. Ele está chorando ou vai desmaiar de medo?

O sujeito aproximou-se e empurrou a cadeira em que Linton se encostava. Antes não o fizesse: o meu patrão endireitou-se e deu-lhe um soco na garganta que teria posto por terra um homem menos corpulento. Heathcliff ficou um minuto sem ar; enquanto ele sufocava, o Sr. Linton saiu pela porta dos fundos para o pátio, dirigindo-se dali para a porta principal.

— Pronto! Agora você não vai poder mais vir cá! — gritou Catherine. — Vá embora depressa; ele vai decerto voltar com um monte de pistolas e meia dúzia de criados. Se de fato ouviu o que dizíamos, nunca mais lhe perdoará. Você me fez bem mal, Heathcliff! Mas vá depressa! Prefiro ver Edgar em maus lençóis a ver você.

— E você acha que eu vou embora com esse murro me queimando a garganta? — gritou ele. — Com mil diabos, nunca! Antes de sair daqui, hei de lhe partir as costelas, como se ele fosse noz podre! Se não o fizer agora, juro

que ainda o matarei; por isso, se você lhe preza a existência, deixe-me ajustar contas com ele! Vá buscá-lo.

— Ele não virá — disse eu, mentindo. — O cocheiro e os dois jardineiros estão lá fora; certamente o senhor não há de querer ser jogado na estrada por eles! Cada um deles tem um cajado na mão, e sem dúvida o meu patrão está vendo, de uma das janelas da sala, se eles cumprem as ordens recebidas.

Os jardineiros e o cocheiro *estavam* lá fora; mas Linton estava também com eles. Já tinham entrado no pátio. Pensando melhor, Heathcliff resolveu evitar lutar com os três criados; pegou nas tenazes, arrebentou o trinco da porta e fugiu bem na hora em que eles entraram.

Muito nervosa, Catherine ordenou-me que subisse com ela. Não sabia que eu tinha contribuído para tudo aquilo, e eu desejava ardentemente que ela não o descobrisse.

— Parece que vou enlouquecer, Nelly! — exclamou, jogando-se no sofá. — Sinto-me como se mil martelos me malhassem a cabeça! Diga a Isabella para não chegar perto de mim; tudo isto se deve a ela, e não sei o que faria, se a visse. E, Nelly, diga a Edgar, se o vir ainda esta noite, que corro o risco de adoecer gravemente. Gostaria que isso acontecesse. Ele me fez sofrer e gostaria de assustá-lo. Além do mais, ele pode começar a queixar-se ou a censurar-me; eu não poderia ficar calada, e Deus sabe onde terminaríamos! Você me faz isso, querida Nelly? Você bem sabe que eu não tenho culpa nenhuma no que se passou. Quem o mandou escutar à porta? Heathcliff falou coisas horríveis, depois que você saiu; mas eu poderia tê-lo afastado de Isabella, e o resto nada significava. Agora, tudo foi por água abaixo, pela

mania que têm certas pessoas de querer ouvir falar mal de si próprias! Se Edgar não tivesse escutado a nossa conversa, teria sido melhor até para ele. Sim, porque, quando ele começou a censurar-me "depois de eu ter ficado rouca de tanto me zangar com Heathcliff por causa *dele*, francamente, não liguei para o que se pudessem fazer um ao outro; principalmente porque, de qualquer maneira que aquilo terminasse, eu sabia que todos nos acabaríamos separados, sei lá por quanto tempo! Pois bem, se eu não puder conservar Heathcliff como amigo, se Edgar se mostrar mesquinho e ciumento, eu tentarei fazê-los sofrer com o meu sofrimento. Será uma boa maneira de acabar com tudo! Mas reservarei isso como último recurso. Até aqui, Linton tem procurado não me irritar; você tem de lhe mostrar o perigo de mudar de atitude e lembrar-lhe meu temperamento apaixonado, que pode, quando provocado, acabar mal. Gostaria que você varresse essa apatia do rosto e se mostrasse mais preocupada comigo.

A impassibilidade com que recebi aquelas instruções devia, realmente, ser exasperante, pois elas me eram dadas com absoluta sinceridade; mas eu achava que uma pessoa capaz de fazer render os seus acessos de arrebatamento e de premeditá-los bem poderia, por meio da força de vontade, controlar-se razoavelmente, mesmo quando sob a influência deles; e não desejava "assustar" o patrão, como ela queria, e aumentar-lhe os aborrecimentos só para satisfazer o egoísmo dela. Por conseguinte, calei-me, ao ver o patrão dirigir-se para a sala; mas tomei a liberdade de voltar, a fim de ouvir se recommençariam a discutir. Ele foi o primeiro a falar.

— Fique onde está, Catherine — disse, sem sombra de raiva na voz, mas com imensa tristeza. — Eu não vou demorar. Não vim para discutir nem

para me reconciliar, apenas para saber se, após o que aconteceu hoje, você pretende continuar com a sua amizade por.. .

— Oh, pelo amor de Deus! — interrompeu a minha patroa, batendo com o pé no chão. — Pelo amor de Deus, não falemos mais nisso! O seu sangue é demasiado gelado para ficar febril; as suas veias estão cheias de gelo; mas o meu sangue está fervendo, e não posso ver tal algidez.

— Se quiser ver-se livre de mim, responda à minha pergunta — insistiu o Sr. Linton. — Você *tem* de responder, e toda essa violência não me dá medo. Descobri que você é capaz de tanto estoicismo como qualquer outra pessoa, quando lhe interessa. Vai abdicar de Heathcliff ou vai abdicar de mim? É impossível ser *minha* amiga e amiga *dele* ao mesmo tempo; e eu *exijo* saber quem você escolherá.

— Pois eu exijo que me deixem em paz! — gritou Catherine, furiosa. — Exijo! Não vê que eu mal me agüento em pé? Edgar. . . deixe-me em paz!

Tocou a campainha até arreventá-la; entrei como se nada fosse. Era para acabar com a paciência de um santo toda aquela exibição de fúria! Lá estava ela, batendo com a cabeça contra o braço do sofá e rangendo os dentes — até parecia que os ia esmagar! O Sr. Linton olhava para ela com dó e medo súbitos. Disse-me para ir buscar um copo de água. Ela não podia falar. Trouxe um copo cheio e, como se recusasse a beber, salpiquei-lhe água no rosto. Imediatamente ela se inteiriçou e revirou os olhos, ao mesmo tempo em que as faces, tornadas lívidas, assumiam a rigidez da morte. Linton ficou horrorizado.

— Não é nada! — sussurrei. Não queria que ele cedesse, embora eu própria sentisse medo.

— Ela tem sangue nos lábios! — exclamou ele, estremecendo.

— Não ligue! — respondi, asperamente. E contei-lhe como ela decidira, antes de ele entrar, encenar um acesso. Não tive a prudência de baixar a voz, e ela me ouviu; pois se levantou: o cabelo esvoaçando-lhe pelos ombros, os olhos dardejantes, os músculos dos braços e do pescoço pulando de maneira fora do normal. Pensei que tivesse partido algum osso; mas ela apenas olhou à sua volta um momento e logo saiu da sala. O patrão mandou-me segui-la, o que fiz; mas, ao chegar à porta do quarto dela, Catherine não me deixou entrar.

Como não descesse para o desjejum, na manhã seguinte, subi para saber se queria que eu o levasse ao quarto. — Não! — respondeu ela, peremptoriamente. A mesma pergunta foi feita ao almoço e ao chá; e novamente no dia seguinte. Por seu lado, o Sr. Linton passava o tempo na biblioteca e não perguntava pela esposa. Ele e Isabella tinham tido uma conversa de uma hora, durante a qual o Sr. Linton tentara extrair dela qualquer sentimento de horror pelos avanços de Heathcliff; mas nada pôde concluir das suas respostas evasivas e foi obrigado a encerrar a conversa, acrescentando, porém, uma solene advertência no sentido de que, se ela tivesse a loucura de encorajar tão indigno pretendente, as relações entre ambos estariam automaticamente cortadas.

CAPÍTULO XII

Enquanto a Srta. Linton passeava pelo parque e pelo jardim, sempre silenciosa e quase sempre chorando; e enquanto o seu irmão se fechava entre livros que nunca abria — numa contínua esperança, ao que eu supunha, de que Catherine, arrependendo-se da sua conduta, viesse espontaneamente pedir-lhe perdão e procurar fazer as pazes —, *ela* se recusava a comer, provavelmente pensando que, a cada refeição, Edgar perderia o apetite devido à sua ausência, e que só o orgulho o impedia de correr a lançar-se aos seus pés; e eu cumpria, como se nada houvesse acontecido, as minhas obrigações, convencida de que a granja só alojava uma única pessoa sensata: eu. Não mostrava pena da jovem Srta. Linton, nem preocupação pela minha patroa; nem prestava muita atenção aos suspiros do meu amo, que ansiava por ouvir pronunciar o nome da esposa, já que não lhe podia ouvir a voz. Resolvi que eles se arranjassem como melhor pudessem; mas, como aquilo estava demorando, regoziquei-me quando as coisas pareceram progredir.

No terceiro dia, a Sra. Linton abriu a porta do quarto e, tendo acabado com a água que havia no jarro, pediu um novo suprimento e uma tigela de mingau, pois temia estar morrendo. Isso me deu a impressão de ser dirigido aos ouvidos de Edgar; por conseguinte, nada disse e levei-lhe uma xícara de chá e torradas. Ela comeu e bebeu avidamente e depois mergulhou outra vez nos travesseiros, retorcendo as mãos e gemendo. — Oh, quero morrer! — exclamou. — Quero morrer, pois ninguém se importa comigo. Não devia ter tomado o chá. — Algum tempo depois, porém, ouvi-a murmurar: — Não,

não quero morrer. . . ele ficaria contente, não gosta nem um pouco de mim. Não sentiria a minha falta!

— Deseja alguma coisa, senhora? — perguntei, mantendo exteriormente a compostura, apesar do abatimento do seu rosto e do seu jeito estranho e exagerado.

— Que é que aquela apática criatura está fazendo? — quis ela saber, afastando a farta e emaranhada cabeleira do rosto encovado. — Teve um ataque de letargia ou morreu?

— Nem uma coisa nem outra — respondi —, se é ao Sr. Linton que se refere. Acho que está bastante bem, embora demasiado entregue aos seus estudos. Está sempre entre os livros, já que não tem outra companhia.

Eu não deveria ter dito isso, mas não podia deixar de pensar que ela estava representando.

— Entre os livros! — exclamou ela, horrorizada. — E eu aqui, morrendo! À beira do túmulo! Meu Deus, será que ele sabe como eu estou? — continuou ela, olhando para o seu reflexo num espelho que pendia da parede fronteira. — Aquela é Catherine Linton? Ele imagina que eu estou representando, talvez. Você não lhe pode dizer que é terrivelmente sério? Nelly, se não for demasiado tarde, tão logo eu saiba como ele se sente, escolherei entre deixar-me morrer de fome (isso não seria castigo, a menos que ele tivesse coração) ou ficar boa e deixar esta terra. Você está falando a verdade a respeito dele? Cuidado! Ele é mesmo tão indiferente pela minha vida?

— Bem — respondi —, o patrão não sabe que a senhora está assim tão alterada; e, naturalmente, não teme que se vá deixar morrer de fome.

— Acha que não? Não lhe pode dizer que sim? —olveu ela. —
Convença-o! Diga-lhe que tem a certeza de que sim!

— A senhora esquece — retruquei — que comeu alguma coisa esta
noite e que amanhã sentirá os bons efeitos da comida.

— Se eu tivesse a certeza de que isso o mataria — interrompeu ela —,
eu me mataria em seguida! Foram três noites desgraçadas, em que não fechei
os olhos. . . e, oh! que tormentos passei! Senti-me apossada por fantasmas,
Nelly! Mas estou começando a achar que você não gosta de mim. Que
estranho! Pensei que, embora todo o mundo se odiasse e desprezasse
mutuamente, ninguém podia deixar de me amar. Mas agora todos se
transformaram em inimigos: eu *sei* que se transformaram! As pessoas *daqui!*
Que coisa terrível, morrer rodeada pelos seus rostos frios! Isabella,
horrorizada, com medo de entrar no quarto e de assistir à partida de
Catherine; e Edgar, de pé, solenemente, assistindo ao fim, e depois
agradecendo a Deus por ter restituído a paz à sua casa, e voltando para os
seus *livros!* Que diabo tem ele que fazer com os *livros* quando eu estou
morrendo?

Não podia tolerar a idéia, que eu lhe pusera na cabeça, da filosófica
resignação do marido. Revolvendo-se na cama, aumentou a sua febril agitação
até a loucura e rasgou o travesseiro com os dentes; depois, erguendo-se,
ardendo, pediu que lhe abrisse a janela. Estávamos no meio do inverno e o
vento soprava, forte, de nordeste, de modo que objetei. As cambiantes
expressões do seu rosto e o desassossego das suas atitudes começaram a
alarmar-me, trazendo-me à lembrança a sua antiga doença e a recomendação
do médico de não a contrariar. Um minuto antes, ela estava violenta; agora,

apoiando-se num braço e não reparando na minha recusa em lhe obedecer, parecia divertir-se infantilmente, puxando as penas através dos rasgões que tinha feito e arrumando-as no lençol, conforme as diferentes espécies: a sua mente desviara-se para outras coisas.

— Esta é uma pena de peru — murmurou para si mesma —, e esta é de pato selvagem; e esta é de pombo. Ah, põem penas de pombos nos travesseiros. . . não admira que eu não pudesse morrer! Tenho de me lembrar de jogá-la no chão, quando me deitar. E esta é de galinhola; e esta (seria capaz de a reconhecer entre mil) é a pena de um pavoncino. Bela ave, esvoaçando sobre as nossas cabeças, no meio da charneca. Queria alcançar o seu ninho, pois as nuvens tinham tocado os cumes e ele sabia que a chuva não tardaria. Esta pena foi apanhada na charneca, a ave não foi morta: vimos o seu ninho no inverno, cheio de pequeninos esqueletos. Heathcliff pôs uma armadilha por cima dele e os pais não ousaram chegar perto.

Fi-lo prometer que nunca mais atiraria num pavoncino depois disso, e ele cumpriu a promessa. Mas há mais aqui! Ele atirou nos meus pavoncinos, Nelly? Há alguma pena vermelha? Deixe-me ver.

— Pare com essa brincadeira de bebê! — interrompi, tirando-lhe o travesseiro e virando os buracos para o lado do colchão, pois ela estava tirando as penas às mancheias. — Deite-se e feche os olhos: a senhora está delirando. Que confusão! As penas estão esvoaçando que nem flocos de neve.

Pus-me a recolhê-las pelo chão.

— Vejo em você, Nelly — continuou ela, como se sonhasse —, uma mulher idosa: você tem cabelos grisalhos e ombros inclinados. Esta cama é a caverna das fadas que há debaixo de Peniston Crag, e você está juntando

flechas de gnomos para matar as nossas novilhas, fingindo, enquanto eu estou por perto, que são apenas pedaços de lã. Assim será você daqui a cinquenta anos: bem sei que você agora não é assim. Não estou delirando; você está enganada, ou eu acreditaria que você *era* realmente uma bruxa velha e que eu *estava* na caverna das fadas; sei bem que é noite e que há duas velas em cima da mesa, fazendo o armário preto brilhar como se fosse de azeviche.

— O armário preto? Onde é que ele está? — perguntei. — A senhora está sonhando em voz alta!

— Está encostado à parede, como sempre estive — replicou ela. — Mas parece estranho. . . vejo um rosto nele!

— Não há nenhum armário preto no quarto, e nunca houve — disse eu, voltando a sentar-me e abrindo o cortinado, de maneira a vê-la.

— *Você* não está vendo aquele rosto? — insistiu ela, olhando para o espelho.

E, por mais que me esforçasse, não conseguia fazê-la compreender que era o seu próprio rosto; assim, levantei-me e o cobri com um xale.

— Ainda está lá, atrás do xale! — persistiu ela, angustiada. — E se mexeu. Quem é? Espero que não saia quando você se for! Oh, Nelly, o quarto está assombrado! Tenho medo de ficar só!

Peguei-lhe na mão e pedi-lhe que se controlasse, pois uma sucessão de arrepios lhe sacudiu o corpo e ela *continuava* a olhar na direção do espelho.

— Não há ninguém aqui! — insisti. — Era o *seu* próprio rosto, Sra. Linton!

— O meu próprio rosto! — repetiu ela. — E o relógio está batendo meia-noite! Então, é verdade! É horrível!

Os seus dedos agarraram as roupas, cobrindo com elas os olhos. Tentei correr até a porta, com a intenção de chamar o Sr. Linton; mas um grito agudo obrigou-me a voltar. O xale caíra do espelho.

— *O que foi?* — gritei. — Acorde, Sra. Linton! Aquilo ali é o espelho; e a senhora está se vendo refletida nele, e a mim também, a seu lado.

Trêmula e confusa, ela se agarrou a mim, mas a expressão de pavor foi aos poucos dando lugar a um rubor de vergonha.

— Oh, meu Deus! Pensei que estava em casa — suspirou. — Pensei que estava no meu quarto, no Morro dos Ventos Uivantes. Estou muito fraca e confundo as idéias, por isso gritei. Não diga nada, mas fique aqui comigo, tenho medo de adormecer: tenho sonhos horríveis.

— Um sono profundo lhe faria muito bem, senhora — retruquei. — Espero que este sofrimento não a faça jejuar outra vez.

— Oh, se ao menos eu estivesse na minha cama, na minha antiga casa! — prosseguiu ela, amargamente, torcendo as mãos. — E aquele vento agitando os abetos, ao lado da janela. Deixe-me senti-lo! Vem diretamente da charneca! Deixe-me respirá-lo.

A fim de acalmá-la, abri a janela por alguns segundos. Uma rajada de vento gélido entrou; fechei a janela e voltei para o meu posto. Ela agora estava quieta, o rosto banhado em lágrimas. A exaustão do corpo apossara-se do seu espírito; a nossa arrebatada Catherine nada mais era, naquele momento, do que uma criança chorosa.

— Há quanto tempo estou fechada aqui? — perguntou ela, como que acordando subitamente.

— Desde a noite de segunda-feira — respondi —, e agora é a noite de quinta-feira, ou melhor, a manhã de sexta.

— O quê? Da mesma semana? — exclamou ela. — Tão pouco tempo assim?

— Não é pouco, para quem viveu apenas de água fria e maus pensamentos — observei.

— Parece-me que foi há tanto tempo! — murmurou ela, em tom de dúvida. — Deve ter sido há mais tempo. Lembro-me de estar na sala, depois de eles discutirem, de Edgar me provocar cruelmente e de eu subir para este quarto, desesperada. Assim que tranquei a porta, vi tudo preto e caí no chão. Não pude explicar a Edgar que tinha a certeza de que ia ter um acesso ou enlouquecer, se ele continuasse a me irritar! Não podia falar nem pensar direito e ele não percebeu o meu sofrimento: só tive forças para fugir dele e da sua voz. Antes de voltar a mim, o dia começava a clarear; Nelly, vou lhe contar o que pensei, o pensamento que não me tem largado e que quase me fez perder a razão. Pensei, enquanto estava caída no chão, com a cabeça encostada ao pé daquela mesa e os meus olhos mal distinguindo o quadrado cinzento da janela, que estava fechada na cama com painéis de carvalho, lá em casa; e o meu coração doía com uma tristeza tão grande que, ao acordar, não consegui lembrar-me de que era. Procurei descobrir o que poderia ser, mas, estranhamente, todos os últimos sete anos da minha vida pareceram desaparecer. Não me recordava de um só minuto deles. Eu era criança; meu pai acabara de ser enterrado e o meu sofrimento era provocado pela separação que Hindley ordenara, entre mim e Heathcliff. Eu estava sozinha, pela primeira vez; e, despertando de um rápido sono, após passar toda a noite chorando,

levantei a mão para abrir os painéis . . . e a mão bateu no tampo da mesa! Arrastei-me pelo tapete e a memória voltou-me: a angústia deu lugar a um paroxismo de desespero. Não posso dizer por que me sentia tão desgraçada; deve ter sido uma loucura temporária, visto não haver praticamente causa. Mas suponha que aos doze anos eu tivesse sido afastada do Morro dos Ventos Uivantes e de todas as, minhas primeiras amigas, como aconteceu com Heathcliff, e de repente me visto convertida na Sra. Linton, proprietária da Granja Thrushcross e esposa de um estranho: exilada, portanto, expulsa daquilo que fora o meu mundo. . . Você pode fazer uma idéia do abismo em que me sentia atirada! Abane a cabeça à vontade, Nelly, *voce* contribuiu para transtornar-me! Devia ter falado com Edgar, devia, e feito com que ele me deixasse em paz! Oh, sinto-me ardendo! Como gostaria de estar lá fora! Como gostaria de ser novamente menina, meio selvagem e livre, rindo das injúrias e não quase enlouquecendo ao peso delas! Por que razão mudei tanto? Por que motivo o meu sangue se tumultua com algumas palavras apenas? Tenho a certeza de que voltaria a ser a mesma, se pudesse estar entre as urzes, naquelas colinas. Abra outra vez a janela: escancare-a! Depressa, por que é que você não se mexe?

— Porque não quero que a senhora morra de frio — respondi.

— Você não quer é dar-me uma oportunidade para viver — retrucou ela, obstinadamente. — Mas eu ainda não estou inválida: vou abri-la eu mesma.

E, deslizando para fora da cama, antes que eu a pudesse impedir, atravessou o quarto com andar cambaleante, abriu a janela e debruçou-se, sem ligar para o ar gelado, que parecia cortar-lhe a carne como se fosse uma faca.

Tentei forçá-la a recolher-se. Mas logo vi que o delírio (pois ela *estava* delirando, convenceram-me disso os seus atos seguintes) lhe dera uma força que ultrapassava, de muito, a minha. Não havia luar e tudo em volta jazia em nebulosa escuridão. Nem uma luz brilhava nas casas, perto ou longe; todas se tinham apagado havia muito tempo; as do Morro dos Ventos Uivantes não se viam, mas ela afirmava que as via.

— Olhe! — exclamou, excitada. — Lá está o meu quarto, com a vela e as árvores balançando diante dele; a outra vela acesa está na mansarda de Joseph. Ele fica acordado até tarde, não fica? Está esperando que eu chegue à casa para fechar o portão. Bom, vai ter de esperar um pouco, ainda. É uma viagem puxada e custosa; e temos de passar pela Capela de Gimmerton! Muitas vezes desafiamos os seus fantasmas e um ao outro, ficando de pé entre as sepulturas e pedindo aos fantasmas que aparecessem. Mas, Heathcliff, se agora eu o desafiar, você aceitará? Se aceitar, eu ficarei do seu lado. Não jazerei lá sozinha: podem enterrar-me a quatro metros de profundidade e derubar a igreja por cima de mim, que eu jamais descansarei enquanto você não estiver comigo. Jamais!

Fez uma pausa e continuou, com um sorriso estranho:

— Ele está pensando: preferiria que eu fosse ao encontro dele! Procure o caminho, então! Não através do cemitério atrás da igreja. Como você é lento! Não reclame, você sempre me seguiu!

Percebendo que não adiantava discutir com ela, estava pensando como poderia apanhar alguma coisa com que a cobrir, sem soltá-la (pois não queria deixá-la sozinha junto à janela aberta), quando, para minha consternação, ouvi a maçaneta girar e o Sr. Linton entrou no quarto. Tinha estado até àquela

hora na biblioteca; e, ao passar pelo corredor, ouvira-nos falar e fora atraído pela curiosidade, ou pelo medo do que tal conversa poderia significar, a horas tão tardias.

— Oh, Sr. Linton! — exclamei, antes que ele pudesse fazer qualquer comentário sobre a cena que os seus olhos viam ou o aspecto do quarto. — Minha pobre patroa está doente e eu não sei o que faço; por favor, convença-a a voltar para a cama. Esqueça o que se passou, pois ela é difícil de guiar senão à sua própria maneira.

— Catherine está doente? — repetiu ele, apressando-se a entrar. — Feche a janela, Ellen! Catherine! O que. . .

Não pôde dizer mais nada. O abatimento da Sra. Linton deixou-o sem fala e ele só fazia olhar de uma para a outra com uma expressão horrorizada.

— Tem estado aqui, trancada — prosseguiu —, sem comer e sem se queixar. Não deixou entrar ninguém até hoje à noite, por isso não pudemos comunicar-lhe o seu estado, pois também nada sabíamos dele; mas não há de ser nada.

Senti que as minhas explicações não o convenciam; o patrão franziu a testa. — Não há de ser nada, você acha, Ellen Dean? — disse ele, severamente. — Você há é de explicar-me mais claramente por que me manteve na ignorância! — E tomou a esposa nos braços, olhando para ela com ar angustiado.

A princípio, ela não mostrou reconhecê-lo; era como se ele fosse invisível ao seu olhar abstrato. Mas o delírio ia e vinha, e aos poucos ela foi concentrando a atenção nele e descobrindo quem a segurava.

— Ah, você veio, não é, Edgar Linton? — disse, com irada excitação. — Você é uma dessas coisas que a gente sempre encontra quando menos as quer e que, quando são desejadas, nunca se encontram! Suponho que agora teremos uma carga de lamentações (sei que teremos!), mas elas não me impedirão de ir para o meu estreito lar, para o meu lugar de descanso, onde repousarei antes que a primavera termine! Não entre os Linton, repare, sob o teto da capela, e sim ao ar livre, com uma simples lápide; e você pode fazer o que quiser, ir ter com eles ou vir ter comigo!

— Catherine, que foi que você fez? — começou o meu amo. — Eu não significativo mais nada para você? Você ama aquele desgraçado do Heath. . . ?

— Cale-se! — gritou a Sra. Linton. — Cale-se, pelo amor de Deus! Se você mencionar esse nome, eu terminarei com tudo, pulando pela janela! Você pode possuir o que agora toca; mas a minha alma estará no topo daquela colina antes que você ponha as mãos em mim. Não preciso de você, Edgar: já não preciso de você. Volte para os seus livros. Ainda bem que você tem uma consolação, pois a que tinha em mim já se acabou.

— Ela está delirando, patrão — disse eu. — Tem estado a noite inteira falando coisas sem sentido; mas é só deixá-la sossegar e cuidar dela, que logo se recuperará. Doravante temos de ter muita cautela para não contrariá-la.

— Não quero mais conselhos seus — replicou o Sr. Linton. — Você conhecia o temperamento da sua patroa e encorajou-me a discutir com ela. E não me dizer o que ela passou durante estes três dias! É demasiado cruel! Meses de enfermidade não a teriam afetado tanto!

Comecei a defender-me, achando que era injusto ser culpada pelo mau comportamento de outrem. — Sabia que o temperamento da Sra. Linton era

obstinado e dominador — exclamei. — Mas não sabia que o senhor desejava estimular-lhe esse temperamento! Não sabia que, só Para lhe fazer a vontade, eu deveria piscar o olho ao Sr. Heathcliff. Cumprí o dever de uma fiel servidora, ao contar-lhe o que se passava, e nunca imaginei que fosse receber esta paga! Bem, a lição servirá para a próxima vez. Então, o senhor que trate de ver o que se passa com os seus próprios olhos!

— Da próxima vez que você me vier com alguma história, Ellen Dean, serei obrigado a despedi-la! — retrucou ele.

— O senhor prefere, então, nada saber a respeito, não é? — perguntei. — Heathcliff tem a sua permissão para vir cortejar a Srta. Isabella e entrar, sempre que o senhor não está, propositadamente para envenenar a Sra. Linton contra p senhor?

Confusa como estava, Catherine tinha porém os ouvidos alerta à nossa conversa.

— Ah, quer dizer que Nelly bancou a traidora! — exclamou ela, arrebatadamente. — Nelly é minha inimiga. Bruxa! Então é verdade que você procura ferir-nos! Solte-me, que eu lhe ensinarei! Vou fazê-la berrar uma retratação!

Uma fúria de louca brilhava em seus olhos; lutava desesperadamente para se desprender dos braços de Linton. Eu não via por que prolongar aquela cena; e, resolvida a ir procurar o médico por minha conta, saí do quarto.

Ao atravessar o jardim, a caminho da estrada, num lugar onde há um gato de ferro na parede, para amarrar os cavalos, vi algo branco que se movia irregularmente, sem dúvida impellido por outra coisa que não o vento. Apesar

da minha pressa, parei para ver o que era, para não me deixar levar pela convicção de que era uma criatura do outro mundo. Qual não foi a minha surpresa ao ver, mais pelo tato do que com a vista, a cadela de caça da Srta. Isabella, Fanny, suspensa por um lenço e quase estrangulada. Apressei-me a soltar o animal, levando-o para o jardim. Tinha-o visto seguir a dona escada acima, quando ela se recolhera, e pensava como poderia ter ido parar ali e que pessoa malvada quisera matá-lo. Ao desatar o nó, pareceu-me ouvir, a distância, o galope das patas de um cavalo. Mas havia tantas coisas para ocupar o meu pensamento, que mal liguei para aquilo, embora fosse estranho ouvir aquele barulho, às duas da manhã.

Felizmente, o Dr. Kenneth estava justamente saindo da sua casa para ir ver um doente na vila; assim que lhe falei da enfermidade de Catherine, resolveu acompanhar-me. Era um homem simples e rude: não teve escrúpulos em revelar as suas dúvidas de que ela conseguisse sobreviver àquele segundo ataque, a menos que obedecesse mais às suas instruções do que da primeira vez.

— Nelly Dean — disse ele —, não posso deixar de pensar que deve haver uma outra razão para a doença. Que se passa na granja? Têm-nos chegado aos ouvidos coisas estranhas. Uma moça forte e animosa como Catherine não adocece, assim por nada, nem gente como ela deve adoecer. É um trabalho e tanto fazê-los obedecer e recuperar-se. Como foi que a coisa começou?

— O meu patrão lhe dirá — respondi. — Mas o senhor conhece bem o gênio violento dos Earnshaw, e o da Sra. Linton ultrapassa todos eles. Posso lhe dizer que tudo começou por uma discussão. Ela teve uma espécie de

desmaio, causado pela agitação; pelo menos é o que ela diz, pois no meio da discussão saiu correndo e se trancou no quarto. Depois recusou-se a comer e agora está alternadamente delirando ou procedendo como uma sonâmbula; reconhecendo os que a cercam, mas com a cabeça cheia de idéias estranhas e ilusões.

— Acha que o Sr. Linton ficará triste? — perguntou o Dr. Kenneth.

— Triste? Se algo acontecer, ele ficará aniquilado — repliquei. — Não o alarme mais do que for necessário.

— Bem, eu lhe disse para ter cuidado — lembrou o médico —, e ele terá de sofrer as conseqüências de não ter ligado para a minha recomendação! Não discuti com o Sr. Heathcliff ultimamente?

— Heathcliff costuma visitar a granja — respondi —, mais por ter conhecido a Sra. Linton quando os dois eram crianças do que pelo fato de o patrão gostar da sua companhia. Agora, ele não deve voltar mais, devido as presunçosas aspirações que manifestou quanto à Srta. Isabella. Duvido que volte a ser recebido.

— E a Srta. Isabella liga para ele? — perguntou, novamente, o médico.

— Não sei, ela não me faz confidencias — respondi, não querendo continuar com aquele assunto.

— Eu sei, ela é uma sonsinha — comentou o médico, abanando a cabeça. — Faz o que bem entende! Mas é também uma bobinha. Soube, de fonte segura, que, ontem à noite (e que bela noite!) ela e Heathcliff estiveram mais de duas horas passeando na plantação que há por detrás da sua casa, e que ele insistiu para que ela não entrasse e sim montasse no cavalo dele e partissem juntos! Meu informante me disse que ela só conseguiu fazê-lo

desistir dando-lhe a sua palavra de honra de que fugiria com ele no próximo encontro: quando seria, o meu informante não ouviu; mas diga ao Sr. Linton que fique alerta!

Essa notícia encheu-me de apreensão; pedi licença ao Dr. Kenneth e corri para casa, à frente dele. A cachorrinha ainda estava latindo no jardim. Levei um minuto abrindo-lhe o portão, mas, em vez de correr para a porta da casa, ela começou a andar em círculos, farejando a grama, e teria acabado por sair para a estrada, se eu não a tivesse agarrado e carregado comigo. Ao chegar ao quarto de Isabella, as minhas suspeitas se confirmaram: estava vazio. Se eu houvesse ido ao quarto algumas horas antes, a notícia da doença da Sra. Linton talvez tivesse feito com que ela não cometesse aquela loucura. Que fazer, agora? Ainda havia uma leve possibilidade de alcançá-los. Contudo, *eu* não podia ir atrás deles; não ousava despertar a família e semear a confusão em casa; muito menos dizer o que se passava ao meu amo, absorvido como ele estava na sua preocupação e, certamente, incapaz de suportar um segundo golpe! Não via o que fazer senão ficar calada e deixar as coisas tomarem o seu curso; assim, quando o doutor chegou, fui, com expressão transtornada, anunciá-lo. Catherine dormia um sono agitado: o marido conseguira acalmá-la um pouco e debruçava-se sobre o travesseiro, atento a todas as mudanças que lhe alteravam os traços.

Após examiná-la, o médico deu esperanças de recuperação, desde que mantivéssemos à volta dela uma atmosfera de perfeita e constante tranqüilidade. Para mim, aquilo significava que o perigo não era tanto de morte como de permanente alienação mental.

Não preguei olho, essa noite, e nem o Sr. Linton: aliás, nem nos deitamos; e todos os criados se levantaram muito antes da hora habitual, andando pela casa nas pontas dos pés e trocando murmúrios em vez de palavras. Todo mundo estava acordado, menos a Srta. Isabella, e não tardaram a comentar esse fato; o irmão perguntou se ela já se tinha levantado e mostrou-se impaciente por vê-la, ao mesmo tempo que ferido pelo pouco caso que ela demonstrava em relação à cunhada. Eu tremia, de medo de que ele me mandasse chamá-la; mas tive poupada a tarefa de ser a primeira pessoa a proclamar a sua fuga. Uma das criadas, uma moça avoadada, que fora bem cedo fazer uma compra em Gimmerton, subiu, ofegante, a escada e entrou no quarto, gritando:

— Oh, meu Deus, meu Deus! Que desgraça! Patrão, patrão, a senhorita. . .

— Não grite! — falei eu, depressa, irritada com aquela falta de tato.

— Fale mais baixo, Mary. Que aconteceu? — perguntou o Sr. Linton.
— Que é que a senhorita tem?

— Ela fugiu! O Sr. Heathcliff fugiu com ela! — arquejou a moça.

— Não é possível! — exclamou Linton, levantando-se, agitado. — Não é possível; como é que isso lhe entrou na cabeça? Ellen Dean, vá procurá-la. É incrível; é impossível!

À medida que falava, ia levando a criada para a porta e repetindo o pedido de que ela lhe dissesse as razões para dizer aquilo.

— Bem, eu encontrei, na estrada, um rapaz que traz leite pra cá — falou ela —, e ele perguntou se a gente não estava aflita aqui na granja. Pensei que ele estava falando da doença da patroa e respondi que estávamos. Aí ele

falou: "Alguém foi atrás deles, não foi?" Fiquei parada, olhando pra ele. Aí ele viu que eu não sabia de nada e me contou que um senhor e uma moça tinham parado num ferrador de cavalo, perto de Gimmerton, pouco depois da meia-noite! E que a filha do ferrador se levantou para espiar quem era e os reconheceu. Reparou que o homem (o Sr. Heathcliff, ele não se confunde com outro) botou um soberano na mão do pai dela. A moça tinha uma capa tapando o rosto; mas pediu um copo de água e, quando bebeu, a capa caiu e a filha do ferrador a viu muito bem. O Sr. Heathcliff segurou as duas rédeas e saíram correndo, correndo bem depressa. A moça não falou nada com o pai, mas espalhou a notícia em Gimmerton, esta manhã.

Subi a escada e mais uma vez olhei para dentro do quarto de Isabella, confirmando, ao voltar, o que a criada dissera. O Sr. Linton voltara a sentar-se à beira da cama; ao me ver entrar, ergueu os olhos, leu nos meus o que eu tinha para dizer-lhe e voltou a baixá-los, sem dar qualquer ordem ou pronunciar uma só palavra.

— Devemos tentar alcançá-los e trazê-la de volta? — perguntei. — Que devemos fazer?

— Ela foi porque quis — respondeu o meu amo. — Tinha o direito de ir, se assim quisesse. Não me fale mais nela. De agora em diante, ela só é minha irmã de nome: não porque eu a repudie, mas porque ela me repudiou.

E isso foi tudo o que ele disse; não tratou de fazer nenhum inquérito, não mais a mencionou. Apenas me disse que mandasse tudo quanto era dela para a sua nova casa, assim que eu soubesse onde era.

CAPÍTULO XIII

Os fugitivos permaneceram dois meses ausentes; nesses dois meses, a Sra. Linton atravessou e venceu a pior crise do que se chamava uma febre cerebral. Nenhuma mãe teria cuidado mais devotadamente de uma filha única do que Edgar cuidou dela. Dia e noite, ele não saía do seu lado, suportando pacientemente todos os caprichos e os aborrecimentos que os seus nervos irritadiços e a sua razão abalada lhe ditavam; e, embora o Dr. Kenneth observasse que o que ele estava salvando lhe iria pagar os cuidados constituindo-se numa fonte de futura e constante preocupação — realmente, a sua saúde e a sua força estavam, sendo sacrificadas para preservar uma simples ruína humana —, ele ficou quase louco de alegria e felicidade quando Catherine foi declarada fora de perigo; hora após hora, ele ficava sentado ao lado dela, vendo o seu corpo voltar ao que era e entretendo a ilusão de que a sua mente acabaria também por recuperar o equilíbrio e de que ela voltaria a ser o que era antes.

A primeira vez em que a Sra. Linton saiu do quarto foi no mês de março seguinte. O Sr. Linton depusera-lhe no travesseiro, logo de manhã, um ramo de flores de açafreão; e os seus olhos, de havia muito alheios a qualquer brilho de prazer, deram com o ramo, ao despertar, e reluziram de satisfação.

— São as primeiras flores da primavera, no Morro — exclamou. — Recordam-me brisas suaves, o sol quente e a neve quase derretida. Edgar, o vento não está soprando do sul e a neve não está quase desaparecendo?

— A neve já desapareceu aqui, querida — respondeu-lhe o marido. — Só vejo duas manchas brancas em toda a extensão da charneca; o céu está

azul, as cotovias cantam e os córregos e os riachos estão transbordando. Catherine, na primavera passada, por esta altura, eu estava ansioso por tê-la aqui, debaixo deste teto, mas agora desejaria que você estivesse lá em cima, naqueles morros: o ar sopra tão suavemente ali que tenho a certeza de que você se curaria.

— Nunca mais hei de voltar lá, a não ser para sempre — retrucou a enferma —, e então você me deixará lá até a eternidade. Na próxima primavera você desejará novamente ter-me aqui, debaixo deste teto. Recordará este dia e achará que era feliz.

Linton prodigalizou-lhe os maiores carinhos e tentou animá-la de todas as maneiras; mas, olhando vagamente para as flores, ela deixou que as lágrimas se juntassem em seus cílios e lhe deslizassem livremente pelas faces. Sabíamos que ela estava realmente melhor e, conseqüentemente, decidimos que um longo confinamento naquele quarto devia ser responsável por grande parte do seu pessimismo e que talvez melhorasse com uma mudança de ambiente. O Sr. Linton mandou-me acender a lareira na sala há tanto deserta e colocar uma poltrona ao sol, junto à janela; depois levou-a para baixo, e ela ficou um bom tempo gozando aquele suave calor, reanimada, conforme esperávamos, pelos objetos que a cercavam, os quais, embora familiares, não lhe traziam as mesmas tristes recordações do seu detestado quarto de enferma. Ao cair da noite parecia exausta; mas não houve argumentos que a persuadissem a voltar para o quarto e tive de fazer-lhe a cama no sofá da sala, até que se pudesse preparar outro quarto para ela. A fim de poupar-lhe o cansaço de subir e descer a escada, escolhemos este, em que o senhor agora está: no mesmo andar da sala; e não tardou que ela estivesse suficientemente

forte para andar de um aposento para outro, apoiada ao braço de Edgar. "Ah", pensei, "é bem possível que fique boa, tão bem cuidada está." E havia uma dupla razão para desejar isso, pois da vida dela dependia outra vida: todos nós acalentávamos a esperança de que, não demoraria muito, o coração do Sr. Linton teria a grande alegria de constatar que as suas terras não passariam para um estranho, mas continuariam na família, pelo nascimento de um filho.

Devo mencionar que, umas seis semanas após a sua fuga, Isabella enviou ao irmão uma pequena nota, anunciando o seu casamento com Heathcliff. A nota parecia seca e fria; mas havia no final, a lápis, um obscuro pedido de desculpa e de reconciliação, caso o seu procedimento o tivesse ofendido, afirmando que na ocasião não o pudera evitar e que, uma vez o fato consumado, não tinha agora poder para voltar atrás. Linton, segundo creio, não respondeu; e, uma quinzena depois, recebi uma longa carta, que me pareceu bem estranha para ser de uma noiva recém-saída da lua-de-mel. Vou lê-la, pois ainda a tenho. Todas as relíquias dos mortos são preciosas, quando em vida eles foram estimados.

Querida Ellen,

Cheguei ontem à noite ao Morro dos Ventos Uivantes e fiquei sabendo que Catherine esteve, e ainda está, muito doente. Não devo escrever-lhe, creio, e meu irmão está demasiado zangado ou demasiado preocupado para responder ao que lhe mandei. Tenho, porém, de escrever a alguém, e a única pessoa a quem posso fazê-lo é você.

Diga a Edgar que eu daria a vida para voltar a ver o seu rosto — que o meu coração voltou à Granja Thrushcross vinte e quatro horas depois que a deixei e agora mesmo está aí, cheio de amor por ele e por Catherine! Não posso, porém, seguir o meu coração — estas palavras estão sublinhadas; — não precisam esperar-me e podem tirar as conclusões que quiserem, desde que não ponham as culpas na minha falta de força de vontade ou no meu pouco afeto.

O resto da carta é só para você. Quero lhe fazer duas perguntas. A primeira é: como foi que você conseguiu preservar os seus sentimentos humanos quando vivia aqui? Não vejo nenhum sentimento naqueles que me rodeiam.

A segunda pergunta interessa-me profundamente; é a seguinte: o Sr. Heathcliff é um homem? Se é, estará louco? Se não, será um demônio? Não lhe direi as minhas razões para lhe fazer essas perguntas, mas peço-lhe que me explique, se puder, com quem me casei: isto é, quando você vier visitar-me, o que tem de ser breve, Ellen, muito breve. Não escreva, venha e traga-me algo de Edgar.

Agora, vou lhe contar como fui recebida no meu novo lar, o que penso que o Morro dos Ventos Uivantes será. É só para me distrair que menciono assuntos tais como a falta de conforto material: nunca penso nisso, exceto quando sinto falta dele. Mas cantaria e dançaria de alegria se descobrisse que a sua ausência era a única coisa que me apoquentava e o resto apenas um pesadelo!

O sol se punha por trás da granja, quando partimos em direção à charneca; a julgar por isso, creio que eram seis horas. Meu companheiro demorou-se bem uma meia hora a inspecionar o parque, os jardins e, provavelmente, a própria casa, o melhor possível, por isso já estava escuro quando desmontamos no pátio da casa do Morro e o seu velho colega, Joseph, saiu para nos receber, à luz de uma candeia. Fê-lo com uma cortesia que honrou a sua reputação. Seu primeiro ato foi levantar a candeia até o meu rosto, semicerrar os olhos

malevolamente, espichar o lábio inferior e dar meia-volta. Depois pegou nos dois cavalos e levou-os para a cavalaria, voltando para trancar o portão, como se vivêssemos num castelo antigo.

Heathcliff deteve-se a falar com ele e eu entrei na cozinha, um buraco sujo e desarrumado, a tal ponto que aposto que você não a reconheceria, tão mudada está desde quando estava a seu cargo. Ao lado do fogão estava uma criança de má catadura, forte e suja, com algo de Catherine nos olhos e na boca.

"Este é o sobrinho de Edgar", pensei. "Meu sobrinho, até certo ponto. Tenho de lhe dar a mão e, sim, tenho de beijá-lo. É bom estabelecer uma boa amizade desde o início."

Aproximei-me e, tentando tomar-lhe a mão gorducha, perguntei:

— Como vai você, querido?

Ele respondeu num linguajar que não compreendi.

— Vamos ser amigos, Hareton? — tentei de novo. Uma praga e uma ameaça de atijar Throtler contra mim, se eu não "caísse fora", recompensaram a minha perseverança.

— Aí, Throttier, pega! — falou a pestezinha, despertando um buldogue arraçado que dormia a um canto. — Então, você cai fora ou não cai? — perguntou-me ele, triunfante.

O instinto de conservação obrigou-me a obedecer. Recuei até a porta, esperando que os outros entrassem. O Sr. Heathcliff não aparecia; e Joseph, a quem segui até a cavalaria e pedi que me acompanhasse, após olhar fixo para mim e murmurar não sei o quê para si mesmo, torceu o nariz e retrucou:

— Ora, ora, ora! Onde já se ouviu uma coisa dessas? Como é que eu posso entender o que você diz?

— Estou lhe dizendo que me acompanhe até a casa! — gritei, julgando-o surdo, embora chocada com a sua rudeza.

— Eu não! Tenho mais o que fazer — respondeu ele, continuando no seu trabalho, enquanto me examinava o traje e o rosto (o primeiro, demasiado fino, mas, quanto ao último, tenho a certeza de que tão triste quanto ele poderia desejar) com soberano desprezo.

Dei volta ao pátio e cheguei, através de uma cancela, a uma outra porta, à qual tomei a liberdade de bater, na esperança de que alguém mais educado aparecesse. Após uma curta demora a porta foi aberta por um homem alto e muito magro, sem lenço ao pescoço e extremamente desmazelado; suas feições perdiam-se sob quantidades de cabelo maltratado, que lhe chegava até os ombros; e os olhos dele eram também como os de uma fantasmagórica Catherine, cuja beleza tivesse sido inteiramente aniquilada.

— Que está fazendo aqui? — perguntou, asperamente. — Quem é você?

— Meu nome era Isabella Linton — respondi. — O senhor me conhece. Acabei de casar com o Sr. Heathcliff e ele me trouxe para cá, supponho que com sua permissão.

— Quer dizer que ele voltou, então? — perguntou o eremita, os olhos brilhantes como os de um lobo faminto.

— Sim. Acabamos de chegar — repliquei. — Mas ele me deixou junto à porta da cozinha e, quando quis entrar, o seu filho obrigou-me a recuar, com a ajuda de um buldogue.

— Ainda bem que esse demônio cumpriu a palavra! — rosnou o meu futuro anfitrião, procurando, na escuridão atrás de mim, ver se descobria Heathcliff. Quando viu que não, lançou-se num solilóquio de execrações e ameaças do que teria feito, caso o "diabo" o tivesse enganado.

Arrependi-me de ter tentado aquela segunda porta e estava quase inclinada a ir embora antes que ele acabasse de praguejar, mas, como se percebesse a minha intenção, ordenou que eu entrasse, fechando e trancando a porta. O fogo crepitava, alto, mas essa era toda a luz que havia no aposento, cujo chão estava agora de um cinza uniforme. Os outrora

brilhantes pratos de estanho, que me atraíam o olhar quando eu era criança, eram agora igualmente cinzentos, de azinharre e de poeira. Perguntei se poderia chamar a criada e pedir-lhe que me levasse a um quarto, mas o Sr. Earnshaw não deu resposta. Andava de um lado para outro, as mãos nos bolsos, aparentemente esquecido da minha presença; a sua abstração era tão profunda e todo o seu aspecto tão misantrópico, que não mais procurei incomodá-lo.

Acho que você não se surpreenderá, Ellen, de que eu tenha me sentido tão desanimada, ali sentada, pior do que se estivesse só, naquela casa hostil e, ainda por cima, lembrando-me de que, a quatro milhas de distância, estava o meu querido lar, com as únicas pessoas a quem amava no mundo, mas que era como se o oceano nos separasse, em vez de apenas quatro milhas, já que não podia vencê-las! Perguntei a mim mesma onde poderia procurar um pouco de conforto. E (repare bem, não o diga a Edgar ou a Catherine), acima de tudo, sentia-me desesperada por não ter ninguém que pudesse ou quisesse aliar-se a mim contra Heathcliff! Aceitara, quase de bom grado, viver no Morro dos Ventos Uivantes, porque lá, pelo menos, eu não teria de viver a sós com ele; mas ele conhecia bem as pessoas com quem viveríamos e não temia que se intromettessem.

Fiquei ali sentada, pensando, um tempo enorme: o relógio deu oito horas, depois nove, e o meu anfitrião continuava a caminhar de um lado para outro, a cabeça inclinada sobre o peito e em perfeito silêncio, quebrado apenas por uma imprecação ou um rosnar. Procurei distinguir uma voz de mulher na casa e, finalmente, vencida pelo arrependimento, pela saudade e pelas sombrias perspectivas, comecei a suspirar e a chorar. Não me tinha dado conta de que chorava, até que Earnshaw parou, de repente, e me lançou um olhar de surpresa. Tirando partido da sua atenção, exclamei:

— Estou cansada da viagem e quero me deitar! Onde está a criada? Diga-me onde a posso encontrar, já que ela não vem ter comigo!

— Não temos nenhuma criada — respondeu ele. — Você tem de se valer sozinha!

— Onde vou dormir, então? — solucei. Já não me importava manter a dignidade, arrasada como estava pela fadiga e pela desilusão.

— Joseph lhe indicará o quarto de Heathcliff — respondeu ele. — Abra essa porta. Ele está aí dentro.

Ia obedecer, quando subitamente ele me deteve, acrescentando, num tom muito estranho:

— Faça o favor de trancar a porta e fechar o ferrolho. Não se esqueça!

— Está bem — respondi. — Mas por quê, Sr. Earnshaw? — Não me agradava a idéia de me trancar no quarto com Heathcliff.

— Olhe aqui! — replicou ele, puxando do colete uma pistola curiosamente construída, com uma faca de dois gumes presa ao cano. — Isto é uma grande tentação para um homem desesperado, não acha? Não posso resistir a subir a escada, esta mesma noite, e tentar abrir a porta dele. Se alguma noite a encontrar aberta, era uma vez aquele demônio! Tento sempre, mesmo que um minuto antes eu tenha me lembrado de uma centena de razões para não o fazer: parece que há um diabo que me impele a frustrar os meus próprios planos para matá-lo. Você pode lutar, por amor, com esse diabo o tempo que quiser; quando a hora chegar, nem todos os santos do céu terão poder para salvá-lo!

Olhei, curiosa, para a arma e uma horrível idéia me passou pela cabeça: que poder eu teria se possuísse um tal instrumento! Tirei-a da sua mão e toquei na lâmina. Ele pareceu atônito, diante da expressão que o meu rosto tomou, durante um breve segundo: não de horror, e sim de cobiça. Arrancou-me a pistola, desconfiado; e fechou a mola da faca e ocultou-a.

— Não me importo com o que você lhe disser — falou. — Ponha-o em guarda e guarde-o. Você sabe em que termos estamos, pelo que vejo: o perigo que ele corre não a espanta.

— Que foi que Heathcliff lhe fez? — perguntei. — Em que é que ele o prejudicou, para que o senhor o odeie tanto? Não seria melhor ordenar-lhe que saísse de casa?

— Não! — trovejou Earnshaw. — Se ele tiver a idéia de me deixar pode considerar-se morto: convença-o a fazer isso e você será uma assassina! Iria eu perder tudo, sem ter uma oportunidade de reaver o que perdi? Hareton ficaria transformado num mendigo! Com mil diabos, hei de reaver tudo! E hei de ter também o dinheiro dele; e depois o seu sangue; e o inferno terá a sua alma danada! Ficaré dez vezes mais infernal, com ele, do que era antes!

Você me tinha falado, Ellen, dos estranhos hábitos do seu antigo amo. Ele está, claramente, à beira da loucura — pelo menos estava, ontem à noite. Tremia de estar perto dele e até a insolência do criado me pareceu comparativamente agradável. Assim que ele recomeçou d caminhar de um lado para outro, levantei a tranca e fugi para a cozinha. Joseph estava curvado sobre o fogo, olhando para dentro de uma grande caçarola que balançava por cima do lume; um recipiente de madeira, cheio de aveia, estava pousado no banco, junto ao fogão. O conteúdo da caçarola começou a ferver e ele se virou, para mergulhar a mão no recipiente. Imaginei que aqueles preparativos deviam ser para a ceia e, cheia de fome, resolvi que seria algo comestível; assim, gritando "eu faço o mingau!", removi o recipiente de perto dele e pus-me a tirar o chapéu e o capote de viagem. — O Sr. Earnshaw — expliquei — diz que eu tenho de me valer a mim mesma: é o que farei. Não vou fazer papel de senhora junto de vocês, ou acabarei morrendo de fome.

— Meus Deus! — murmurou ele, sentando-se e alisando as meias do joelho para baixo. — Se vai ter mais gente mandando. . . Logo agora, que eu estava me acostumando

com dois patrões, vou ter uma patroa para me confundir as idéias! Acho que está na hora de ir embora. Nunca pensei que ia chegar o dia de ter que ir embora, mas acho que agora está chegando!

Fingi não ouvir essas lamentações e meti mãos à obra, suspirando ao me lembrar de que outrora tudo aquilo teria sido divertido, mas tratando de afastar essas lembranças. Não queria recordar a passada felicidade e, quanto maior o perigo de conjurar essas recordações, tanto mais depressa a colher de pau remexia na caçarola e os punhados de aveia caíam dentro dela. Joseph contemplava a minha maneira de cozinhar com crescente indignação.

— Pronto! — exclamou. — Hareton, você não vai comer o seu mingau esta noite; não vai ter senão aveia encaroçada. Se eu fosse você jogava logo a panela no fogo! Com tanto mexer, não sei como é que o fundo não se soltou!

Realmente, confesso que o mingau tinha um aspecto horrível quando o servi nas tigelas; dava para quatro, e um jarro cheio de leite acabado de tirar foi trazido da leiteria para Hareton, que o agarrou sem mais demora e começou a beber, derramando leite pelo bico. Protestei e disse-lhe que bebesse o leite na caneca, pois não poderia prová-lo se ele continuasse a beber pelo jarro. Ao ouvir isso, o velho cínico mostrou-se muito ofendido ante tais escrúpulos, garantindo-me, repetidamente, que "o garoto era tão bom" quanto eu "e até mais saudável", dizendo que não podia com gente tão prosa. Enquanto isso, o moleque continuava a beber do jarro e a encarar-me desafiadoramente.

— Vou cear em outro lugar — declarei. — Onde é a sala?

— A sala! — repetiu, desdenhosamente, o velho.

— A sala! Não, a gente não tem sala. Se a senhora não gosta da nossa companhia, tem a do patrão; e se não gosta do patrão, tem nós aqui.

— Então vou comer no quarto! — respondi. — Mostre-me um quarto.

Coloquei a minha tigela numa bandeja e fui eu mesma buscar um pouco mais de leite. Com grandes resmungos, o sujeito levantou-se e precedeu-me escada acima. Subimos até as águas-furtadas; de vez em quando ele abria uma porta, olhando para dentro dos aposentos pelos quais passávamos.

— *Aqui tem um quarto* — disse ele, por fim, escancarando uma porta empenada e rangente. — *Está muito bom para se comer mingau. No canto tem um saco de milho, bom para sentar; se está com medo de sujar o seu belo vestido de seda estenda o lenço por cima do saco.*

O "quarto" era uma espécie de despensa, cheirando a malte e a cereais; à sua volta estavam empilhados sacos, deixando no meio um espaço vazio.

— *Homem!* — exclamei, furiosa. — *Isto não é lugar para se dormir. Quero que você me mostre o meu quarto.*

— *O seu quarto!* — repetiu ele, em tom de deboche. — *Você já viu todos os quartos que tem. . . aquele ali é o meu.*

E apontou para uma outra mansarda, diferente daquela apenas por ter menos coisas encostadas às paredes e uma grande cama, baixa e sem cortinado, com uma cobertura azul.

— *Que me interessa o seu quarto?* — retruquei.

— *Suponho que o Sr. Heathcliff não durma no topo da casa.*

— *Oh! É o quarto do Sr. Heathcliff que a senhora quer!* — exclamou ele, como se acabasse de fazer uma descoberta. — *Podia ter falado isso antes, não podia? E então eu não precisava ter tido tanto trabalho, só lhe dizer que o quarto dele é que você não pode ver. . . está sempre trancado e ninguém pode entrar lá, só ele mesmo.*

— *Você mora numa bela casa, Joseph* — não pude evitar de comentar. — *E com belos habitantes. Acho que toda a loucura deste mundo deve ter se encarnado em mim no*

dia em que uni o meu destino ao deles! Contudo, isso agora não tem importância. Há outros quartos; pelo amor de Deus, ande depressa e arranje-me um!

Ele não respondeu; apenas continuou a descer os degraus de madeira, parando diante de um aposento que, pela sua atitude e pela superior qualidade da mobília, concluí que devia ser o melhor. Tinha um tapete, um bom tapete, embora a poeira não deixasse ver-lhe o desenho; uma lareira, protegida com papel recortado, caindo aos pedaços; uma bela cama de carvalho com amplos cortinados escarlate, de material caro e novo, mas que, evidentemente, tinham sido maltratados: os babados pendiam, em rasgões, arrancados das argolas, e o trilho de ferro que os suportava estava dobrado em arco num dos lados, fazendo com que o planejamento arrastasse pelo chão. As cadeiras também estavam danificadas, muitas delas severamente, e profundos golpes deformavam os painéis das paredes. Eu estava hesitando em entrar e aposar-me do quarto, quando o imbecil do meu guia anunciou: — Este aqui é o quarto do patrão. — A minha ceia já estava fria, o meu apetite tinha desaparecido e a minha paciência estava gasta. Insisti para que ele me providenciasse, imediatamente, um lugar de refúgio e de repouso.

— Onde diabos vou arranjar isso? — começou o velho. — Benza-nos Deus! Que o Senhor me perdoe! Eh, diabo, onde posso meter você? Já viu todos os quartos, menos o de Hareton. Não tem mais lugar para se dormir nesta casa!

Fiquei tão furiosa que joguei a bandeja e o seu conteúdo no chão; depois, sentando-me no alto da escada, escondi o rosto nas mãos e desatei a chorar.

— Credo! — exclamou Joseph. — Muito bem-feito, Srta. Cathy! Muito bem-feito! O patrão vai tropeçar nesses pedaços de louça e o barulho vai ser grande. . . muito grande! Sua desgraçada! Merece jejuar daqui até o Natal, jogando no chão a preciosa comida que Deus dá para a gente! Mas acho que você não vai ter dessas raivas por muito tempo. Está

pensando que Heathcliff vai deixar você ter desses ataques? Deus queira que ele pegue você fazendo uma dessas. Deus queira!

E assim foi, resmungando e imprecando, para o seu antro, levando a vela com ele e deixando-me no escuro. O período de reflexão que se sucedeu àquela ação ridícula levou-me a admitir a necessidade de abafar o orgulho e engolir a raiva, procurando limpar a sujeira que fizera. Uma ajuda inesperada surgiu na forma de Throtter, a quem agora reconhecia como sendo filho do nosso velho Skulker: passara os seus primeiros tempos na granja e fora dado por meu pai ao Sr. Hindley. Creio que me reconheceu: encostou o focinho ao meu nariz, à maneira de saudação, e depois apressou-se a devorar o mingau, enquanto eu tateava de degrau em degrau, recolhendo a louça partida e enxugando com meu lenço os respingos de leite que tinham caído no corrimão. O nosso trabalho estava quase acabado, quando ouvi os passos de Earnshaw no corredor; o meu ajudante encolheu o rabo e encostou-se à parede; eu entrei pela porta mais próxima. A tentativa do cão em evitá-lo foi mal sucedida, a julgar pelo barulho e por um prolongado e lastimoso ganir. Eu tive mais sorte! Ele passou, entrou no seu quarto e fechou a porta. Pouco depois, Joseph subiu com Hareton, a fim de deitá-lo. Eu procurara refúgio no quarto do garoto e, ao ver-me, o velho declarou: — Acho que agora tem lugar para você e para o seu orgulho. O quarto está vazio: você pode ter ele todo para você, junto com o Senhor, que está sempre presente, mesmo em má companhia!

De bom grado aceitei a oferta; e, assim que me joguei numa poltrona, ao lado da lareira, adormeci. O meu sono foi gostoso e profundo, mas durou pouco. O Sr. Heathcliff acordou-me; acabava de entrar em casa e perguntou, na sua maneira carinhosa, o que eu estava fazendo ali. Expliquei-lhe a razão — ele tinha a chave do nosso quarto no bolso. A palavra "nosso" pareceu insultá-lo terrivelmente. Jurou que não era, nem jamais seria, meu, e que ele. . . Mas não vou repetir aqui o que ele disse, nem descrever o seu comportamento

habitual: basta dizer que se empenha em ganhar o meu ódio! Por vezes fico tentando compreendê-lo e isso amortece um pouco o meu medo; mas asseguro-lhe que nem um tigre nem uma serpente venenosa poderiam causar-me mais pavor do que ele me suscita. Contou-me que Catherine estava doente e acusou o meu irmão de ser o culpado, prometendo que me faria sofrer até conseguir se vingar de Edgar.

Odeio-o. . . Sou uma desgraçada. . . Que louca eu fui! Mas não conte nada disso a ninguém aí da granja. Espero a sua visita — não me decepcione!

ISABELLA.

CAPÍTULO XIV

Mal terminei de ler a carta, corri a informar o meu patrão de que a irmã chegara ao Morro e me escrevera, expressando o seu sofrimento pela situação em que a Sra. Linton se encontrava e o seu ardente desejo de o ver e de que ele lhe transmitisse, através da minha pessoa e o mais breve possível, o seu perdão.

— Perdão! — exclamou Linton. — Nada tenho a perdoar-lhe, Ellen. Se você quiser, pode ir ao Morro esta mesma tarde, dizer-lhe que não estou *zangado* com ela e sim muito triste por tê-la perdido. . . principalmente porque não posso convencer-me de que ela vá ser feliz. Contudo, eu ir vê-la está fora de questão: estamos para sempre divididos; se ela realmente quiser fazer-me um favor, terá de convencer o canalha com quem se casou a deixar esta região.

— O senhor não lhe vai escrever nem um bilhete? — perguntei, quase implorando.

— Não — respondeu ele. — É inútil. Meu contato com a família de Heathcliff será como o dele com a minha: inexistente!

A frieza demonstrada por meu patrão deprimiu-me de maneira extraordinária. Durante todo o caminho até o Morro, fui pensando em como repetir o que ele dissera de maneira menos fria e em como tentar abrandar a sua recusa em escrever ao menos umas poucas linhas para consolar Isabella. Ela devia estar à minha espera desde de manhã cedo: vi-a olhando através da gelosia, ao subir a aléia do jardim, e fiz-lhe um aceno com a cabeça; mas ela se

retirou da janela, como se temendo ser descoberta. Entrei sem bater. Que aspecto horrível apresentava aquela casa, outrora tão acolhedora! Devo confessar que, se estivesse no lugar de Isabella, teria, ao menos, varrido a lareira e espanado os móveis. Mas ela já parecia invadida pelo espírito de relaxamento que reinava na casa. Seu bonito rosto estava abatido e apático; o cabelo, despenteado: alguns cachos pendiam de qualquer maneira, outros estavam enrolados de qualquer jeito à volta da cabeça. Aparentemente não tinha mudado de roupa desde o dia anterior. Hindley não estava presente. O Sr. Heathcliff estava sentado à mesa, passando em revista uns papéis que tinha na carteira; mas levantou-se quando me viu entrar, perguntou-me afavelmente como estava e ofereceu-me uma cadeira. Era a única coisa de aparência decente, naquela casa — aliás, nunca o tinha visto com melhor cara. As circunstâncias tinham sofrido tais alterações, que uma pessoa de fora o teria tomado por um perfeito cavalheiro, e à sua esposa como uma mulher do povo! Ela avançou para mim, ansiosa, estendendo a mão para receber a esperada carta. Abanei a cabeça. Ela não compreendeu; seguiu-me até junto de um móvel, onde pousei o meu chapéu, e pediu-me, num sussurro, que lhe desse logo o que trouxera. Heathcliff adivinhou o que ela me estava dizendo e falou:

— Se você tiver algo para entregar a Isabella (como decerto tem, não é, Nelly?), dê-lhe logo. Não precisa fazer segredo! Nós não temos segredos.

— Oh, mas eu não tenho nada para lhe dar — repliquei, achando melhor falar logo a verdade. — Meu patrão mandou-me dizer à irmã que não espere nem carta, nem visita dele, por enquanto. Pediu-me para lhe transmitir o seu carinho e os seus votos de felicidade, além do seu perdão pelo

sofrimento que lhe causou, mas acha que não deve haver mais comunicação entre as duas casas, pois nada de bom resultaria dela.

O queixo da Sra. Heathcliff tremeu ligeiramente e ela voltou para o seu lugar, junto à janela. Seu marido postou-se perto da lareira, onde eu estava, e começou a fazer-me perguntas sobre Catherine. Contei-lhe o que achava conveniente dizer-lhe da sua doença e ele conseguiu saber, através de um autêntico interrogatório, a maioria dos fatos relacionados com a origem da enfermidade. Culpei-a, como ela merecia, por ter sido a causadora de tudo e terminei declarando esperar que ele seguisse o exemplo do Sr. Linton, evitando futuro contato com a família dele, fosse para o que fosse.

— A Sra. Linton está começando a recuperar-se — disse eu. — Nunca voltará a ser a mesma, mas pelo menos conseguiu sobreviver; e, se o senhor se interessa realmente por ela, evitará, daqui por diante, todo contato com a minha patroa. . . mais do que isso, sairá desta região; e, para que isso não o faça sofrer, devo-lhe informar que Catherine Linton está tão diferente da sua velha amiga Catherine Earnshaw quanto a sua esposa é diferente de mim. Seu aspecto mudou muito, sua maneira de ser, ainda mais; e a pessoa obrigada a ser seu companheiro doravante só terá, para sustentar-lhe o afeto, a lembrança do que ela foi, o sentimento de humanidade e do dever!

— É bem possível — observou Heathcliff, fazendo força para aparentar calma —, é bem possível que o seu patrão nada mais tenha por Catherine senão um sentimento de humanidade e de dever. Mas você pensa que eu vou deixá-la à mercê do seu senso de *dever* e de *humanidade*? E será que você compara o que eu sinto por ela ao que ele sente? Antes de você ir

embora, quero que me prometa fazer com que eu a veja: mesmo que você recuse *hei* de vê-la! Qual a sua resposta?

— A minha resposta, Sr. Heathcliff — repliquei —, é que o senhor não deve tentar vê-la; jamais a verá, por meu intermédio. Outra cena entre o senhor e o meu patrão sem dúvida a mataria.

— Com a sua ajuda, isso pode ser evitado — continuou ele. — E, se houvesse o perigo de que isso acontecesse . . . se ele fosse a causa de mais um sofrimento na vida dela. . . bem, eu acho que teria justificação para chegar a extremos! Gostaria que você fosse suficientemente sincera para me dizer se Catherine sofreria muito com a morte dele: apenas esse medo me contém. E aí você pode ver a diferença entre os meus sentimentos e os dele: se ele estivesse no meu lugar e eu no dele, e embora eu o odiasse com todas as minhas forças, jamais teria levantado a mão contra ele. Pode mostrar-se incrédula à vontade! Eu nunca o teria expulso do convívio dela, enquanto ela o desejasse. Tão logo visse que ela não mais se interessava por ele, eu lhe arrancaria o coração e lhe beberia o sangue! Mas até então (e se você não crê em mim é porque não me conhece), até então eu teria preferido estourar de ódio a tocar-lhe num simples fio de cabelo!

— Entretanto — interrompi — o senhor não se importa de deitar por terra toda a esperança de que ela se recupere inteiramente, querendo vê-la quando ela já quase o esqueceu e envolvendo-a num novo tumulto de discórdia e angústia.

— Você acredita que ela quase me tenha esquecido?

— retrucou ele. — Oh, Nelly, você sabe muito bem que ela não me esqueceu! Sabe tão bem quanto eu que, para cada vez que ela pensa em

Linton, pensa mil vezes em mim! No período mais horrível da minha vida, cheguei a julgar isso; quando voltei, esse medo me torturava, mas agora só se ela mesma me dissesse eu acreditaria nisso. Então, Linton nada mais significaria, nem Hindley, nem tudo aquilo com que sonhei. Duas palavras apenas resumiriam o meu futuro: "morte" e "inferno"; depois de perdê-la, a existência, para mim, seria um inferno. Contudo, fui suficientemente idiota para pensar, mesmo por pouco tempo, que ela dava mais valor ao devotamento de Edgar Linton do que ao meu. Mesmo que ele a amasse com todas as forças do seu insignificante ser não poderia amá-la, em oitenta anos, tanto quanto eu num só dia. E Catherine tem um coração tão profundo quanto o meu: era mais fácil o mar caber todo naquela manjedoura do que o coração dela ser monopolizado por ele! Ora, ele pouco mais é, para ela, do que o seu cão ou o seu cavalo. Não pode ser amado como eu sou: como é que ela poderia amar nele o que ele não tem?

— Catherine e Edgar gostam muito um do outro — exclamou Isabella, com inesperada vivacidade. — Ninguém tem o direito de falar dessa maneira e não permitirei que o meu irmão seja mencionado com tanto desprezo!

— Seu irmão também gosta muito de você, não é?

— comentou Heathcliff, sarcástico. — E olhe com que facilidade ele a abandonou!

— Ele não sabe como eu sofro — replicou ela. — Eu não lhe disse.

— Quer dizer que você lhe contou alguma coisa, então; você lhe escreveu, não foi?

— Para lhe contar que estava casada. Você viu o bilhete.

— E depois disso, nada mais?

— Nada.

— Permitam-me dizer que ela está tristemente mudada desde que casou — falei. — Evidentemente, o amor está em falta. Posso imaginar de quem é a culpa, mas talvez não deva dizer.

— Pois eu lhe digo que é dela mesma! — falou Heathcliff. — O seu amor degenerou de tal maneira, que já se cansou de tentar me agradar. Parece mentira, mas na manhã seguinte ao nosso casamento ela já estava chorando que queria voltar para casa. Contudo, acho que ela é bem adequada a esta casa e tomarei bem conta de que não me desonre.

— Bem — retruquei —, espero que o senhor leve em consideração que a Sra. Heathcliff está habituada a ser cuidada e servida; que foi criada como filha única, com toda a gente pronta para servi-la. O senhor tem de lhe dar uma criada e tratá-la com carinho. Seja qual for a sua opinião a respeito do Sr. Edgar, não pode duvidar de que sua esposa seja uma pessoa dedicada e amorosa, ou não teria abandonado a elegância, o conforto e a ternura que a rodeavam em sua casa para vir morar num lugar destes, com o senhor.

— Ela abandonou tudo isso completamente iludida — respondeu ele —, imaginando-me como um herói de romance e esperando uma indulgência ilimitada do meu cavalheiresco devotamento. Mal posso considerá-la uma criatura racional, tal a obstinação com que ela teimou em formar uma idéia fabulosa do meu caráter e em agir de acordo com as falsas impressões por ela deduzidas. Mas, finalmente, acho que ela está começando a me conhecer: não vejo mais os sorrisos e as caretas imbecis que a princípio me provocavam; nem a estúpida incapacidade de perceber que eu falava a sério, quando lhe dei a minha opinião sobre a sua paixãozinha boba e a sua própria pessoa. Houve

tempo em que pensei que ela jamais entenderia isso! E a verdade é que entendeu apenas em parte; pois ainda esta manhã anunciou, como se tivesse descoberto a pólvora, que eu conseguiria fazer com que ela me odiasse! Positivamente, um autêntico trabalho de Hércules! Se for verdade, terei motivo para lhe agradecer. Posso confiar na sua declaração, Isabella? Você tem a certeza de que me odeia? Se eu a deixasse sozinha durante meio dia, você não viria, suspirando, outra vez para mim? Acho que ela gostaria que eu tivesse afetado ternura, diante de você: a verdade fere-lhe o amor-próprio. Mas eu não me importo com que se saiba que a paixão foi só do lado dela: nunca lhe menti a esse respeito. Ela não me pode acusar de tê-la enganado. A primeira coisa que me viu fazer, ao deixarmos a granja, foi enforcar o seu cachorrinho; e, quando ela suplicou que eu o poupasse, as primeiras palavras que falei foram para expressar a vontade que eu tinha de enforcar todos os seres relacionados com ela, menos um; possivelmente ela acreditou ser a exceção. Mas nenhuma brutalidade a repugnava; acho que ela tem uma admiração inata pela brutalidade, desde que a sua preciosa pessoa fique a salvo. Ora, não é o cúmulo do absurdo. . . da idiotice, esse espírito tacanho, servil e desprezível sonhar, sequer, que eu poderia ter-lhe amor? Diga ao seu patrão, Nelly, que nunca, em toda a minha vida, eu vi coisa mais abjeta do que ela. Chega a desonrar o nome de Linton. Às vezes absteve-me, por pura falta de imaginação, de levar avante as minhas experiências sobre o que ela é capaz de suportar; e mesmo assim ela parece ter prazer em se arrastar! Mas diga-lhe também que o seu coração de irmão e magistrado pode ficar sossegado, que eu me mantenho estritamente dentro dos limites da lei. Evitei, até agora, dar-lhe o mínimo direito de pedir uma separação; e, o que é mais, ela não

agradeceria que ninguém nos separasse. Se fosse seu desejo ir embora, muito bem; a repulsa que a sua presença me causa excede o prazer que eu possa ter em atormentá-la!

— Sr. Heathcliff — disse eu —, o senhor fala como se estivesse louco e a sua esposa, provavelmente, está convencida disso; por essa razão aturou-o até agora; mas, já que o senhor diz que ela pode ir embora, decerto ela aproveitará mais que depressa a licença. A senhora por certo não está enfeitiçada a ponto de ficar com ele de livre e espontânea vontade!

— Cuidado, Ellen! — respondeu Isabella, os olhos brilhantes de ira; pela expressão deles, não havia dúvida de que Heathcliff conseguira inteiramente fazer-se detestar.

— Não acredite numa única palavra que ele diz. É um demônio mentiroso, um monstro, não um ser humano! Já me disse antes que podia ir embora; fiz uma tentativa, mas não ousei repeti-la! Apenas lhe peço, Ellen, que você não conte nada desta conversa infame a meu irmão ou a Catherine. Embora finja outra coisa, o que ele quer é levar Edgar ao desespero: diz que casou comigo de propósito, para obter poder sobre ele; mas não obterá. . . será preciso que eu morra primeiro! Espero e peço a Deus que ele esqueça a sua diabólica prudência e me mate! O único prazer que eu posso ter é morrer ou vê-lo morto!

— Pronto. Agora chega! — disse Heathcliff. — Se você for chamada a depor num tribunal, Nelly, espero que se lembre da linguagem dela! E olhe bem para o seu rosto; ela está próxima do ponto que eu quero. Não, você não está em condições de tomar conta de si mesma, Isabella; e eu, na qualidade de seu protetor legal, tenho de mantê-la sob a minha custódia, por mais

desagradável que isso seja. Vá para cima; tenho algo a tratar com Ellen Dean em particular. Esse não é o caminho; para cima, já lhe disse! É por aqui que se vai para cima!

Agarrou-a por um braço e expulsou-a da sala, murmurando, ao voltar para junto de mim:

— Não tenho piedade! Não tenho piedade! Quanto mais se contorcem os vermes, mais vontade eu sinto de esmagá-los! É uma compulsão moral; e esmago-os cada vez com mais força, à medida que a dor aumenta.

— O senhor compreende o significado da palavra "piedade"? — perguntei, apressando-me em colocar o chapéu. — Alguma vez sentiu piedade, em toda a sua vida?

— Espere! — interrompeu ele, percebendo a minha intenção de ir embora. — Você não vai já. Escute, Nelly: tenho de convencê-la ou obrigá-la a me ajudar a ver Catherine, e sem demora. Juro que não pretendo causar transtorno, nem exasperar ou insultar o seu patrão; só quero saber, da boca de Catherine, como ela está e por que esteve doente; e perguntar-lhe se posso fazer algo por ela. Ontem à noite estive durante seis horas no jardim da granja e voltarei lá esta noite. . . e todas as noites e todos os dias, até encontrar uma oportunidade de entrar. Se Edgar Linton me enfrentar, não hesitarei em abatê-lo. Se os seus criados se voltarem contra mim, eu os ameaçarei com estas pistolas. Mas não seria melhor evitar que eu desse de cara com eles ou com o patrão? Você podia fazer isso tão facilmente! Eu lhe avisaria da minha chegada e você me deixaria entrar sem ser visto, quando ela estivesse a sós, e ficaria de sentinela até eu partir, com a consciência perfeitamente sossegada, pois estaria prevenindo aborrecimentos.

Protestei contra esse papel traiçoeiro que ele queria que eu desempenhasse em casa do meu patrão; além disso, fiz-lhe ver que era crueldade e egoísmo querer destruir a tranqüilidade da Sra. Linton em troca da sua satisfação; — A ocorrência mais comum é o bastante para perturbá-la dolorosamente — falei. — Ela parece um feixe de nervos e tenho a certeza de que não poderia agüentar a surpresa. Não insista, ou serei obrigada a informar o meu patrão das suas intenções; e ele tomará medidas para proteger a casa e seus moradores contra tão indesejadas intrusões!

— Nesse caso, eu tomarei medidas contra você! — exclamou Heathcliff. — Você não sairá do Morro dos Ventos Uivantes senão amanhã de manhã. É absurdo dizer que Catherine não agüentaria ver-me; quanto a surpreendê-la, não é meu desejo: você tem de prepará-la, perguntar-lhe se eu posso ir visitá-la. Você diz que ela nunca menciona meu nome e que nunca lhe falam de mim. A quem iria ela falar de mim, se sou assunto proibido naquela casa? Ela pensa que vocês são todos espiões do marido. Oh, imagino como ela se deve sentir num inferno, entre vocês! Imagino pelo seu silêncio, como se ela me contasse, o que sente. Você diz que ela muitas vezes parece inquieta e angustiada; isso é prova de tranqüilidade? Você diz que ela está com o espírito perturbado; como diabos poderia ser de outra maneira, na horrível solidão em que vive? E pensar que aquela insípida, desprezível criatura a atende apenas por *dever* e *humanidade*! Por *piedade* e *caridade*! Seria tão absurdo ele plantar um carvalho num vaso de flores e esperar que crescesse como imaginar que pode restaurar-lhe o vigor no solo dos seus mesquinhos cuidados! Vamos resolver isto de vez: você fica aqui e eu abro caminho para Catherine lutando contra Linton e seus lacaios? ou você resolve ser minha

amiga, como até aqui tem sido, e faz o que lhe peço? Decida, pois não há razão para que eu espere mais um minuto, se você resolver persistir na sua teimosa má vontade!

Bem, Sr. Lockwood, eu discuti e lamentei-me e recusei-me categoricamente cinqüenta vezes — mas ele acabou forçando-me a um acordo. Comprometi-me a levar uma carta dele à minha patroa; e, caso ela consentisse, prometi avisá-lo quando Linton se ausentasse, quando é que ele poderia ir à granja e entrar na casa: eu não estaria lá, nem os outros criados. Agira mal ou bem? Temia ter agido mal mas pensava estar evitando uma nova explosão e, também, que a visita poderia provocar uma crise favorável na doença mental de Catherine; depois lembrei-me da descompostura que o Sr. Edgar me dera por eu ter servido de intermediária, e tentei acalmar a minha preocupação afirmando e repetindo que aquela quebra de confiança — se é que merecia um nome tão severo — seria a última. Não obstante, o meu caminho de volta foi mais triste do que o de ida; e tive muitos escrúpulos antes de me decidir a entregar o bilhete à Sra. Linton.

Mas o Dr. Kenneth está chegando; vou descer e dizer-lhe que o senhor está muito melhor. Minha história é *curiosa*, como dizemos aqui, e amanhã continuaremos com ela.

"Curiosa e lúgubre!", pensei, enquanto a boa mulher descia para receber o médico — e não exatamente do tipo que eu teria escolhido para me distrair. Mas não faz mal! Saberei extrair bons remédios das amargas ervas da Sra. Dean; e, sobretudo, saberei tomar cuidado com o fascínio que espreita nos olhos brilhantes de Catherine Heathcliff. Que seria de mim, se entregasse o coração a essa linda jovem e a filha se revelasse uma segunda edição da mãe!

CAPÍTULO XV

Mais uma semana se passou — e estou tão mais próximo da saúde e da primavera! Já ouvi toda a história do meu vizinho, em diferentes sessões, conforme a governanta ia arranjando tempo para contá-la. Continuarei nas suas próprias palavras, apenas um pouco mais condensadas. Ela é, afinal, uma ótima contadora de histórias e não creio que eu possa melhorar-lhe o estilo.

Ao cair da noite, prosseguiu ela, no mesmo dia da minha ida ao Morro, tive a certeza, como se o visse, de que o Sr. Heathcliff estava nas vizinhanças — e evitei sair, pois ainda tinha a sua carta no bolso e não queria voltar a ser ameaçada ou atormentada. Resolvera não a entregar enquanto o meu patrão não se ausentasse, porque não podia prever qual seria a reação de Catherine. Conseqüentemente, passaram-se três dias antes que eu lhe desse o bilhete. O quarto dia era domingo e levei-o ao quarto dela depois que a família saiu para a igreja. Apenas um criado tinha ficado em casa comigo e geralmente trancávamos as portas durante as horas de serviço; mas o dia estava tão bonito e quente, que, em vez de fechar as portas, abri-as e, para facilitar ainda mais as coisas, sabendo quem iria vir, disse ao meu colega que a patroa estava desejosa de comer laranjas e que ele devia correr ao povoado para comprar algumas, a serem pagas no dia seguinte. Ele partiu e eu subi ao quarto dela.

A Sra. Linton estava sentada junto à janela aberta, como de costume, e trajava um vestido branco e solto, com um leve xale sobre os ombros. Seus longos e fartos cabelos tinham sido parcialmente cortados quando ela adoecera, e agora usava-os num penteado simples, com os cachos caindo-lhe

sobre as têmporas e a nuca. Sua fisionomia estava diferente, conforme eu dissera a Heathcliff; mas, quando calma, o seu rosto tinha uma beleza etérea. O brilho dos seus olhos fora substituído por uma suavidade sonhadora e melancólica; eles já não davam a impressão de olhar para os objetos que a rodeavam: pareciam sempre olhar para longe, bem longe — como se fixos fora deste mundo. Depois, a palidez do rosto — embora já não encovado pela doença — e a expressão peculiar causada pelo seu estado mental, apesar de dolorosamente sugestiva das suas causas, aumentavam o comovedor interesse que ela despertava e — invariavelmente para mim e, creio, para qualquer pessoa que a visse — refutavam quaisquer provas mais tangíveis de convalescença e marcavam-na como condenada a perecer.

Um livro estava aberto no peitoril da janela, à sua frente, e a brisa de vez em quando agitava-lhe as folhas. Penso que Linton o tinha deixado lá, pois ela nunca procurava distrair-se lendo ou ocupando-se com algo, e ele passava horas tentando atrair-lhe a atenção para alguma das coisas que antes lhe interessavam. Ela tinha consciência disso e, quando mais bem disposta, suportava placidamente os esforços dele, apenas de quando em quando traindo a sua inutilidade por meio de um suspiro contido ou de um triste sorriso. Outras vezes, porém, virava-lhe petulantemente as costas e escondia o rosto nas mãos, chegando até a empurrá-lo, furiosa; ele deixava-a, então, sozinha, certo de que a sua companhia não lhe fazia bem.

Os sinos da Capela de Gimmerton ainda estavam tocando e o correr melodioso do riacho, lá no vale, chegava, calmamente, aos ouvidos, doce substituto do murmúrio, ainda ausente, da folhagem de estio, que afogava todos os outros sons em volta da granja, quando as árvores estavam em

plenitude. No Morro, aquela suave música sempre se ouvia nos dias quietos que se seguiam ao degelo ou a uma estação de chuva. E era no Morro dos Ventos Uivantes que Catherine pensava, ao escutá-la: isto é, se é que pensava ou escutava; mas tinha aquele olhar vago e distante que eu já mencionei e que não expressava reconhecimento de coisas materiais, fosse através dos olhos ou dos ouvidos.

— Uma carta para a senhora — falei, metendo-lhe o envelope na mão que ela tinha sobre o joelho. — Procure lê-la imediatamente, porque é preciso respondê-la. Quer que quebre o lacre? — Quero — respondeu ela, sem desviar a direção do olhar. Abri a carta. Era muito curta. — Pronto — disse; — agora leia-a. — Ela retirou a mão e deixou a carta cair. Coloquei-a outra vez no seu colo e fiquei à espera de que se resolvesse a lê-la; mas, vendo que isso não acontecia, perguntei:

— Quer que eu a leia? É da parte do Sr. Heathcliff.

Ela estremeceu e seus olhos brilharam como se fizesse um esforço para recordar-se dele e concatenar os pensamentos. Levantou a carta e pareceu lê-la. Ao chegar à assinatura, suspirou; contudo, achei que ela não tinha percebido bem o seu teor porque, ao lhe perguntar a resposta, apenas apontou para o nome e me olhou com uma expressão de tristeza e ansiedade.

— Bom, ele deseja vê-la — falei, imaginando que ela precisava de intérprete. — Está no jardim, esperando, impaciente, a sua resposta.

Ao dizer isso, reparei que o enorme cão que jazia na relva ensolarada do jardim erguera as orelhas, como se para latir, mas logo as abaixara, anunciando, pelo agitar da cauda, que quem se aproximava não era estranho. A Sra. Linton inclinou-se para a frente e ficou à escuta, contendo a respiração.

Um minuto depois ouviram-se passos no vestibulo: a casa aberta era demasiado tentadora para que Heathcliff resistisse a entrar e, além do mais, talvez ele tivesse pensado que eu não cumpriria o prometido e decidido confiar na sua própria audácia. Com ânsia cada vez maior, Catherine fixou os olhos na porta do quarto. Como ele demorasse, ela me fez sinal para lhe abrir a porta, mas ele se antecipou e correu para ela, apertando-a nos braços.

Não falou nem a largou durante uns cinco minutos, mas deu-lhe mais beijos do que jamais tinha dado em toda a sua vida — a minha patroa beijara-o primeiro e percebi que ele mal podia suportar, tal o seu sofrimento, olhar para o rosto dela! Assim que a vira, ficara convencido, como eu, de que não havia esperanças de restabelecimento — de que ela estava condenada a morrer.

— Oh, Cathy! Oh, minha vida! Como é possível? — foi a primeira frase que ele falou, num tom que não procurava disfarçar o desespero. E olhou para ela com uma tal intensidade, que julguei que fosse romper a chorar; mas não, os seus olhos ardiam de angústia. . . não se derreteram.

— Por quê? — retrucou Catherine, reclinando-se e devolvendo-lhe o olhar com a testa subitamente franzida; seu humor estava sempre variando. — Você e Edgar partiram-me o coração, Heathcliff! E ambos se vêm lamentar comigo, como se fossem vocês que merecessem piedade! Não terei pena de vocês, vocês me mataram. . . e lucraram com isso, parece. Como você está bem! Quantos anos pretende viver, depois que eu me for?

Heathcliff ajoelhou-se para abraçá-la; tentou levantar-se mas ela lhe agarrou o cabelo e não o deixou.

— Gostaria de poder segurá-lo — continuou ela, amargamente — até que ambos morrêssemos! Não me importaria de vê-lo sofrer. Não me importam nada os seus sofrimentos. Por que não haveria você de sofrer? Eu sofro! Vai me esquecer? Viverá feliz quando eu estiver debaixo da terra? Dirá, daqui a vinte anos: "Eis a sepultura de Catherine Earnshaw. Amei-a e sofri quando ela morreu. . . mas é coisa passada. Amei muitas outras desde então: meus filhos são-me muito mais queridos do que ela jamais foi; e, ao morrer, não me alegrarei por ir juntar-me a ela. . . ficarei é triste por ter que deixá-los!..." Você vai dizer isso, Heathcliff?

— Não me torture até eu ficar tão louco quanto você — exclamou ele, soltando a cabeça e trincando os dentes.

Aos olhos de um espectador frio, os dois ofereciam um quadro estranho e assustador. Em vão poderia Catherine pensar que o céu seria, para ela, um refúgio, a menos que, juntamente com o corpo mortal, abandonasse também o seu caráter. Seu rosto mostrava uma selvagem ânsia de vingança nas faces brancas, nos lábios exangues, nos olhos cintilantes; e ostentava, nos dedos fechados, uma mecha dos cabelos que agarrara. Quanto a Heathcliff, ao se erguer com uma mão, segurara-lhe o braço com a outra — e tão pouco adequados eram os seus carinhos à condição em que ela se encontrava que, ao largá-la, deixou quatro marcas azuladas naquela pele descolorida.

— Estará você possuída pelo Demônio — continuou ele, com voz terrível — para me falar dessa maneira, à beira da morte? Será que não percebe que todas essas palavras ficarão gravadas na minha memória, eternamente, depois que você se for? Você sabe muito bem que mente, quando diz que eu a matei. . . e você sabe, Catherine, que é mais fácil eu

esquecer a minha existência do que você! Acaso não basta, ao seu infernal egoísmo, saber que, quando você estiver em paz, eu me contorcerei nos tormentos do inferno?

— Eu não estarei em paz — gemeu Catherine, cônica da sua fraqueza física pelo bater violento e desigual do seu coração, cujo pulsar chegava a se ver e ouvir naquele seu excesso de agitação. Nada mais disse, até o acesso passar, e depois prosseguiu, mais suavemente: — Não lhe estou desejando um tormento maior do que o meu, Heathcliff. Só queria que nunca nos tivéssemos de separar; se uma única palavra minha o fizer sofrer, depois que eu me for, pense que eu sinto esse mesmo sofrimento debaixo da terra e perdoe-me! Aproxime-se e ajoelhe-se outra vez junto de mim! Você nunca me causou mal, em toda a sua vida. Se agora se zangar comigo, será pior, depois, recordar isso do que as minhas palavras duras! Venha outra vez para perto de mim!

Heathcliff chegou-se para as costas da poltrona dela e debruçou-se, mas não de modo a deixá-la ver-lhe o rosto, que estava lívido de emoção. Ela se virou para contemplá-lo, mas ele se voltou abruptamente e andou até a lareira, onde ficou de pé, calado, de costas para nós. O olhar da Sra. Linton seguiu-o, desconfiado: todos os seus movimentos despertavam nela um novo sentimento. Após uma pausa e um prolongado olhar, ela falou, dirigindo-se a mim em termos de indignado desapontamento:

— Você está vendo, Nelly? Ele faz tudo para apressar a minha morte. É *assim* que eu sou amada! Bem, não importa, esse não é o *meu* Heathcliff. O meu, continuarei a amá-lo e hei de levá-lo comigo: ele está na minha alma. A coisa que mais me custa — acrescentou ela, pensativa — é justamente esta

prisão. Estou cansada de ficar aqui fechada. Anseio fugir para esse mundo maravilhoso e lá ficar para sempre: não o ver através de lágrimas, não o desejar através das paredes de um coração dolorido, e sim estar realmente nele. Nelly, você pensa que está melhor e que é mais feliz do que eu, cheia de saúde e de força; você tem pena de mim. . . pois muito breve isso vai ser alterado. Eu é que terei pena de você, pois estarei incomparavelmente acima de todos vocês. Por que será que ele não quer ficar perto de mim? — continuou ela para si mesma. — Pensei que quisesse. Heathcliff, meu querido, não fique zangado! Venha para junto de mim, Heathcliff!

Na sua ansiedade, levantou-se e apoiou-se ao braço da poltrona. Vendo aquilo, ele se voltou para ela, com uma expressão de desespero no rosto. Seus olhos, finalmente marejados de lágrimas, fixaram-se nela; seu peito arquejou convulsivamente. Não sei bem como foi, mas Catherine atirou-se para ele, ele a segurou e ficaram os dois entrelaçados num abraço do qual julguei que a minha patroa não saísse com vida: realmente, aos meus olhos, ela parecia morta. Ele se jogou na poltrona mais próxima e, quando acorri, para ver se ela tinha desmaiado, arreganhou-me os dentes e espumou como um cão danado, estreitando-a ainda mais contra si, num ciúme insaciável. Não me parecia estar diante de uma criatura racional; tinha a impressão de que ele não entenderia se eu lhe falasse; por isso mantive-me a distância e calada, tomada de perplexidade.

Não tardou que Catherine fizesse um movimento e eu me sentisse um pouco aliviada: levantou a mão para enlaçar-lhe o pescoço e aproximar o rosto do dele, enquanto ele, cobrindo-a de frenéticas carícias, lhe dizia, fora de si:

— Você mostra, agora, como tem sido cruel!... cruel e falsa. *Por que* me desprezou? *Por que* traiu o seu coração, Cathy? Não tenho uma única palavra de consolo. Você merece isto. Você matou-se a si mesma. Sim, pode beijar-me e chorar; pode espremer os meus beijos e as minhas lágrimas, que eles a queimarão... a danarão. Você me amava... então, que *direito* tinha você de me abandonar? Que direito, responda-me! Em troca do capricho que sentia por Linton? Porque nem miséria, nem degradação, nem morte, nem nada do que Deus ou Satã poderiam infligir-nos poderia separar-nos... só *você*, pela sua própria vontade. Eu não lhe parti o coração... *você* é que o partiu; e, ao parti-lo, partiu também o meu. Tanto pior para mim que sou forte. Se eu quero continuar vivendo? Que espécie de vida vai ser a minha quando você... oh, meus Deus! *Você* gostaria de continuar a viver, com a sua alma na sepultura?

— Deixe-me em paz, deixe-me em paz — soluçava Catherine. — Se o fiz sofrer, estou pagando com a morte. Basta! Você também me abandonou, mas eu não vou lançar-lhe isso na cara! Eu o perdôo. Perdoe-me também!

— É difícil perdoar e olhar para esses olhos e sentir entre as mãos essas mãos definhadas — respondeu ele. — Beije-me uma vez mais, e não me deixe ver os seus olhos! Perdôo-lhe o que você me fez. Amo a *minha* assassina... mas não a *sua*! Como poderia?

Calaram-se — seus rostos escondidos um no outro e banhados pelas lágrimas de ambos. Pelo menos, parecia-me que ambos choravam, que Heathcliff *era* capaz de chorar numa ocasião como aquela.

Entretanto, eu estava cada vez mais apreensiva, pois a tarde se escoava, o criado que eu mandara à aldeia já voltava e eu distinguia, sob o sol que inundava o vale, as pessoas saindo da Capela de Gimmerton.

— O serviço terminou — anunciei. — Meu patrão vai chegar daqui a meia hora.

Heathcliff grunhiu uma maldição e apertou Catherine ainda mais contra si; ela não se moveu.

Não demorou que eu visse um grupo de criados subindo a estrada em direção à porta da cozinha. O Sr. Linton vinha logo a seguir; abriu ele próprio o portão e foi subindo lentamente, decerto gozando a beleza da tarde, que tinha um ar de verão.

— Aí está ele! — exclamei. — Pelo amor de Deus, desça depressa! Não encontrará ninguém na escada principal. Depressa. . . e fique escondido entre as árvores, até ele ter entrado.

— Tenho de ir, Cathy — disse Heathcliff, procurando soltar-se dos braços dela. — Mas prometo-lhe vir vê-la novamente, antes que você adormeça. Ficarei debaixo da sua janela.

— Você não pode ir embora! — respondeu ela, segurando-o com as poucas forças que lhe restavam. — Você não vai embora!

— É só por uma hora — suplicou ele.

— Nem por um minuto — retrucou ela.

— *Tenho* de ir. . . Linton vai já subir — insistiu Heathcliff, alarmado.

Ter-se-ia levantado e saído — mas ela se agarrou ainda mais a ele, arquejando, com uma louca decisão em seu rosto.

— Não! — gritou. — Não, não vá embora! É a última vez! Edgar não nos vai fazer mal. Heathcliff, eu morro se você for embora! Eu morro!

— Para o inferno com o idiota! Lá está ele! — exclamou Heathcliff, voltando a sentar-se. — Calma, minha querida! Calma, calma, Catherine! Eu fico. Se ele me der um tiro, morrerei com uma bênção nos lábios.

E voltaram a abraçar-se. Ouvei o meu patrão subir a escada — e senti um suor frio escorrer-me da testa: estava apavorada.

— Vai lhe fazer a vontade? — perguntei, desatinada. — Ela não sabe o que diz. Vai acabar com ela só porque ela não sabe o que está fazendo? Levante-se! Pode desvencilhar-se, se quiser. Esta é a sua ação mais diabólica. Estamos todos perdidos: patrão, patroa e empregada.

Retorci as mãos e implorei — e o Sr. Linton estugou o passo ao ouvir aquilo. Em meio à minha agitação, fiquei sinceramente aliviada ao ver que os braços de Catherine pendiam e a cabeça também, como sem vida.

"Ou ela desmaiou, ou morreu", pensei. "Ainda bem! Será muito melhor que ela morra do que continue a ser um fardo e a trazer sofrimento para quantos a rodeiam."

Edgar precipitou-se para o odiado visitante, pálido de espanto e de raiva. O que ele tencionava fazer não sei, porquanto o outro atalhou todas as demonstrações, colocando-lhe nos braços o corpo inerte de Catherine.

— Veja! — disse. — A menos que você seja um demônio, trate primeiro dela. Depois fale comigo!

Dirigiu-se para a sala de visitas e sentou-se. O Sr. Linton chamou-me, e com grande dificuldade e muitas tentativas conseguimos fazê-la voltar a si; mas Catherine estava transtornada: suspirava, gemia e não conhecia ninguém.

Na sua preocupação, Edgar esqueceu-se de Heathcliff. Mas eu não. Tão logo pude, pedi-lhe que se fosse, afirmando-lhe que Catherine estava melhor e que, de manhã, eu lhe diria como ela tinha passado a noite.

— Não me recuso a sair — respondeu ele —, mas ficarei no jardim; e, Nelly, trate de cumprir a sua palavra. Ficarei debaixo dessas árvores. Se você não cumprir o prometido, eu voltarei a entrar, esteja Linton em casa ou não.

Olhou rapidamente através da porta entreaberta do quarto e, vendo que o que eu lhe dizia era aparentemente verdade, livrou a casa da sua funesta presença.

CAPÍTULO XVI

Por volta da meia-noite, nesse mesmo dia, nasceu a Catherine que o senhor viu no Morro dos Ventos Uivantes: um bebezinho frágil, de sete meses; e duas horas depois a mãe morreu, sem ter recuperado suficientemente a consciência para dar pela falta de Heathcliff ou reconhecer Edgar. O sofrimento deste último é um assunto por demais doloroso para ser recordado: seus efeitos não tardariam a mostrar isso. A aumentar essa tristeza havia mais, pelo menos do meu ponto de vista, o fato de ele ter ficado sem um herdeiro homem. Ao olhar para a pequenina órfã, não pude deixar de lamentá-lo e, mentalmente, invectivei o velho Linton por (devido a uma parcialidade natural) ter deixado a propriedade à sua própria filha, em vez de para a filha do filho. Que bebê mal recebido, pobrezinha! Poderia ter chorado até morrer sem que ninguém lhe acudisse durante aquelas primeiras horas de vida. Mais tarde compensamos esse descaso — mas o seu começo foi tão solitário quanto é provável que venha a ser o seu fim.

A manhã — bela e alegre lá fora — penetrava, suavizada, pelas persianas do quarto silencioso, banhando o leito e a sua ocupante numa luz rósea e coada. Edgar Linton recostara a cabeça no travesseiro e fechara os olhos. Suas jovens e corretas feições pareciam tão tocadas pela morte quanto o vulto a seu lado, e quase tão fixas: mas a *fixidez dele* era de exaustão e de angústia, ao passo que a *dela* era de perfeita paz. A fronte lisa, as pálpebras fechadas, os lábios com a expressão de um sorriso — nem um anjo do céu pareceria mais belo do que ela. E eu compartilhava da infinita serenidade em

que ela jazia: meu espírito nunca esteve mais próximo de Deus do que ao contemplar aquela perfeita imagem do repouso divino. Instintivamente, repeti as palavras que ela pronunciara, algumas horas antes: "Incomparavelmente acima de todos nós — assim estava ela, Ainda na terra ou já no céu, o seu espírito já está unido a Deus!"

Não sei se será urna peculiaridade minha, mas raramente deixo de me sentir feliz quando velando um morto, a não ser que algum dos presentes se ponha a gritar ou a chorar desesperadamente. Vejo na morte um repouso que nem a terra nem o inferno podem romper, e sinto a certeza de uma eternidade sem fim e sem limites — a Eternidade em que o defunto acabou de entrar —, onde a vida perdura para sempre e o amor e a alegria também. Percebi, nessa ocasião, quanto egoísmo há até num amor quanto o do Sr. Linton, ao vê-lo chorar a abençoada libertação de Catherine! Na verdade, poder-se-ia duvidar, depois da existência rebelde e impaciente que fora a sua, de que ela merecesse, por fim, o céu. Poder-se-ia duvidar, refletindo a frio; mas não ali, em presença do seu cadáver. A tranqüilidade que ele transmitia parecia garantir a tranqüilidade eterna de quem o habitara.

— O senhor acha que pessoas como ela são felizes no outro mundo, Sr. Lockwood?

Recusei-me a responder à pergunta da Sra. Dean, que me pareceu algo heterodoxa, e ela continuou:

— Lembrando-nos da existência de Catherine Linton, não me consta que tenhamos razões para pensar que sim. . . mas isso é com o Criador.

O patrão parecia ter adormecido e aventurei-me, assim que o sol nasceu, a sair do quarto para respirar um pouco de ar puro. Os criados

pensaram que eu quisesse refazer-me daquela noite de vigília, mas na verdade o meu principal motivo era falar com o Sr. Heathcliff. Se de fato ele tivesse pernoitado debaixo das árvores do parque, nada teria ouvido do que se passara na granja — a menos, talvez, que tivesse visto o galope do mensageiro enviado a Gimmerton. Se se houvesse aproximado, ter-se-ia provavelmente dado conta, pelo movimento de luzes e pelo bater de portas, que algo de anormal se desenrolava lá dentro. Eu desejava e, ao mesmo tempo, temia encontrá-lo. Sentia que lhe devia dar a terrível notícia e ansiava dá-la de uma vez, mas *como* é que não sabia. Lá estava ele, apoiado ao tronco de uma velha árvore, o chapéu na mão e o cabelo molhado do orvalho que se juntara nos galhos em rebento e que caía sobre ele. Devia ter estado muito tempo naquela posição, pois reparei num casal de melros que esvoaçava a menos de um metro dele, ocupado na construção do seu ninho e não lhe ligando mais do que se ele fosse um toro de lenha. Fugiram, mal me aproximei, e ele ergueu os olhos e disse:

— Ela morreu! Não esperei por você para saber isso. Guarde o lenço. . não choramingue diante de mim. Vão para o inferno vocês todos! Ela não precisa das *suas* lágrimas!

Eu estava chorando tanto por ele quanto por ela; às vezes sentimos pena de criaturas que não sabem o que é compadecer-se delas mesmas ou de outrem. Quando olhei para o rosto dele, percebi que já sabia — e, absurdamente, pensei que tivesse o coração despedaçado e rezasse, pois os seus lábios se moviam e os seus olhos estavam postos no chão.

— Sim, ela morreu! — confirmei, contendo os soluços e enxugando as faces. — Foi para o céu, espero; onde todos nós, espero também, nos

reuniremos a ela, se resolvermos seguir os ensinamentos de Deus e abandonar o caminho do mal!

— Quer dizer que *ela* seguiu os ensinamentos de Deus? — perguntou Heathcliff, tentando fazer ironia. — Morreu em santidade? Vamos, conte-me como foi. Como foi que. . . ?

Quis pronunciar o nome, mas não conseguiu; e, comprimindo os lábios, manteve uma luta silenciosa com o seu sofrimento íntimo, ao mesmo tempo em que desafiava a minha compaixão com um olhar firme e feroz. — Como foi que ela morreu? — concluiu finalmente, grato, apesar da sua aparência, por ter um apoio, pois tremia, apesar do esforço para se controlar, pois tremiam-lhe até as pontas dos dedos.

"Pobre-diabol!", pensei. "Seu coração e seus nervos são iguais aos dos seus semelhantes! Por que tanto interesse em escondê-los? Seu orgulho não ilude a Deus! Ele acabará por fazê-lo soltar um grito de humilhação."

— Morreu em paz — respondi. — Suspirou e esticou-se, como uma criança acordando e mergulhando novamente no sono; cinco minutos mais tarde, quando lhe pus a mão no coração, ele já não batia.

— E. . . ela falou em mim? — perguntou, hesitante, como se temesse que a resposta acarretasse detalhes que não pudesse ouvir.

— Ela não recuperou os sentidos; desde que o senhor foi embora, não reconheceu mais ninguém — respondi. — Jaz com um sorriso tranqüilo no rosto, como se estivesse recordando os belos dias da infância. Sua vida terminou como se fosse um sonho. . . oxalá tenha um despertar tão doce no outro mundo!

— Oxalá tenha um despertar tormentoso! — exclamou ele, numa voz terrível, batendo com o pé e rosnando, num acesso de descontrolada paixão. — Ela mentiu até o fim! Onde está ela? Não está lá. . . não está no céu . . . não morreu. . . onde é que ela está? Oh, você disse que não se importava com os meus sofrimentos! Pois bem, vou rezar. Vou rezar até não ter mais fôlego, para que você, Catherine Earnshaw, não possa ter descanso enquanto eu esteja vivo! Você disse que eu a tinha matado. . . Pois bem, assombre-me! As vítimas costumam *assombrar* os seus algozes. Sei de fantasmas que erraram *de verdade* pela terra. Persiga-me, assuma a forma que quiser, enlouqueça-me até! Mas não me deixe neste abismo, onde eu não posso encontrá-la! Oh, meu Deus, é impossível! Eu *não posso* viver sem a minha vida! Eu *não posso* viver sem a minha alma!

Bateu com a cabeça contra o tronco nodoso; e, erguendo os olhos, uivou, não como uma criatura humana, e sim como um animal selvagem espetado até a morte com facas e lanças. Vi vários salpicos de sangue no tronco da árvore e notei que ele tinha a mão e a testa ensangüentadas; provavelmente passara a noite naquele desespero. Não que eu sentisse compaixão — espanto, apenas; mas relutava em deixá-lo naquele estado. Entretanto, assim que ele se deu conta de que eu o estava olhando, trovejou uma ordem para que me fosse, e obedeci. Sentia-me incapaz de acalmá-lo ou consolá-lo!

O funeral da Sra. Linton devia realizar-se na sexta-feira seguinte; até então, o caixão permaneceu aberto, ornado de flores e folhagens, na grande sala de estar. Linton não arredava pé dali, dia e noite sem dormir; e — coisa que todos ignoravam, menos eu — Heathcliff tampouco dormia, debaixo da

sua árvore, no parque. Não voltei a falar com ele, mas tinha a certeza de que tudo faria para entrar; e na terça-feira, pouco depois do anoitecer, quando o meu patrão, completamente exausto, concordara em descansar um par de horas, abri uma das janelas, comovida pela sua perseverança e para lhe dar uma oportunidade de se despedir para sempre da inerte imagem do seu ídolo. Ele tratou logo de entrar, rápida e cautelosamente — tão cautelosamente que a sua presença não foi traída pelo mais leve ruído. De fato, eu nem teria descoberto que ele lá estivera, se não houvesse notado um pequeno afastamento do véu que envolvia o rosto da morta e observado, no chão, uma mecha de cabelo louro, preso com um fio de prata, a qual percebi ter sido tirada de um medalhão que pendia do pescoço de Catherine. Heathcliff abriu-o e substituíra o seu conteúdo por uma mecha de cabelo negro, o seu. Peguei na mecha louira e coloquei as duas juntas.

O Sr. Earnshaw foi, é claro, convidado a assistir ao enterro da irmã; mandou uma desculpa, mas não veio, de modo que, além do marido, a assistência era toda composta de arrendatários e domésticos. Isabella não fora convidada.

Para surpresa da gente do povoado, Catherine não foi enterrada na capela, no jazigo dos Linton, nem junto aos túmulos da sua própria família — e sim numa encosta verde, a um canto do cemitério, onde o muro é tão baixo que a urze da charneca cobriu a sepultura e o musgo quase a escondeu. Seu marido jaz hoje ao lado dela e ambos têm apenas, a marcar-lhes os túmulos, uma simples lápide em cima e um bloco de pedra cinzenta nos pés.

CAPÍTULO XVII

Aquela sexta-feira foi o último dia em que fez bom tempo, em todo aquele mês. À noite, o tempo virou: o vento mudou de sul para nordeste, trazendo primeiro a chuva e depois granizo e neve. No dia seguinte, mal se podia acreditar que tinha havido três semanas de quase verão: as primaveras e as flores de açafão estavam escondidas sob a geada hibernai; as cotovias tinham se calado, as folhas novas das árvores estavam enegrecidas — todo aquele dia se arrastou, frio, triste, funéreo! Meu patrão não saiu do quarto; eu me apossei da sala solitária e convertia-a numa creche: lá estava, sentada com aquela bonequinha ao colo, ninando-a e vendo os flocos de neve formarem uma cortina branca na vidraça, quando de repente a porta se abriu e alguém entrou, ofegante e rindo! Durante um minuto, a minha indignação suplantou o espanto. Pensei que fosse uma das criadas e gritei:

— Fora daqui! Como é que se atreve a entrar rindo desse jeito? Que diria o Sr. Linton se a ouvisse?

— Desculpe! — respondeu uma voz conhecida. — Mas sei que Edgar está de cama e não posso controlar-me.

Assim dizendo, a pessoa aproximou-se da lareira, ofegando e levando a mão ao peito.

— Vim correndo desde o Morro até aqui! — continuou, após uma pausa. — Sei lá quantos tombos levei! Estou toda dolorida. Não fiquei assustada! Explico tudo assim que puder; mas agora faça-me o favor de sair e

dar ordem ao cocheiro para me levar até Gimmerton, e dizer a uma criada que apanhe algumas roupas no meu guarda-roupa.

A intrusa era a Sra. Heathcliff e não parecia estar em condições de rir: os cabelos caíam-lhe pelos ombros, escorrendo neve e chuva; estava vestida à sua maneira juvenil, mais adequada à idade do que à posição social: um traje decotado, com mangas curtas, e nada a cobrir-lhe a cabeça ou o pescoço. O vestido era de seda leve e, encharcado, grudava-se ao seu corpo; nos pés trazia apenas uns sapatinhos finos, de usar em casa; acrescenta-se a isso um corte fundo debaixo de uma orelha, que só o frio impedia que sangrasse profundamente, um rosto branco, todo arranhado e machucado, e um ar de complexa exaustão, e o senhor bem poderá imaginar que o meu susto inicial não diminuiu ao examiná-la melhor.

— Sinto muito — respondi —, mas não arredarei pé daqui, nem darei qualquer ordem enquanto a senhora não tiver tirado todas essas coisas empapadas e mudado de roupa. Por outro lado, a senhora não irá esta noite a Gimmerton, de modo que é inútil mandar atrelar a carruagem.

— Irei, sim — retrucou ela —, nem que seja a pé. Mas não ponho objeção a mudar de roupa. Veja como o sangue me escorre pelo pescoço! O calor do fogo faz o corte arder.

Teimou em que eu cumprisse as suas ordens, antes de me deixar cuidar dela; e foi só depois que o cocheiro começara a preparar a carruagem, e que uma criada se pusera a meter numa valise algumas roupas, que ela me deu licença para lhe tratar da ferida e ajudá-la a despir-se.

— Agora, Ellen — disse, assim que terminei e ela se sentou numa poltrona junto à lareira, saboreando uma xícara de chá —, sente-se perto de

mim, mas sem o bebê de Catherine. Não quero vê-lo! Não pense que a morte de Catherine não me afetou só porque entrei rindo: chorei também, e amargamente. . . sim, acho que tenho mais razões para chorar do que ninguém. Separamo-nos brigadas, você se lembra, e nunca me perdoarei isso. Mas, por outro lado, não ia mostrar a minha pena diante dele. . . daquele bruto! Dê-me o atizador! Esta é a última coisa dele que eu tenho. — Tirou a aliança do dedo e jogou-a no chão.

— Vou esmagá-la! — continuou, batendo-lhe com o atizador, numa fúria infantil. — Depois vou jogá-la ao fogo!

— e atirou a aliança entortada para as brasas. — Se ele conseguir pegar-me, compra-me outra. Seria bem capaz de vir buscar-me, só para irritar Edgar. É por isso que não quero ficar aqui, quem sabe o que passa por aquela mente perversa? Além disso, Edgar não foi bom comigo. Não quero pedir-lhe ajuda, nem trazer-lhe mais problemas. A necessidade levou-me a buscar abrigo aqui, mas, se não soubesse que ele estava trancado no quarto, teria entrado pela cozinha, lavado o rosto, me esquentado um pouco, pedido para você me trazer o que eu queria e partido logo, para longe do alcance daquele demônio maldito! Você precisava ver a fúria dele! Se me tivesse pegado! É uma pena que Earnshaw não possa com ele em força: teria ficado lá, para vê-lo arrasado, se Hindley fosse capaz de fazer isso.

— Não fale tão depressa! — interrompi. — Vai acabar fazendo cair o lenço que lhe amarrei em volta do rosto e o corte recomeçará a sangrar. Beba o seu chá, acalme-se e pare de rir: o riso não se adequa a esta casa, nem à sua atual condição!

— Isso é verdade — replicou ela. — Escute só essa criança. . . sempre chorando! Leve-a daqui só por uma hora; não vou ficar mais tempo.

Toquei a sineta e entreguei a pequenina a uma criada. Depois perguntei-lhe o que a levava a fugir do Morro dos Ventos Uivantes assim, daquela maneira, e para onde pretendia ir, já que se recusava a ficar conosco.

— Deveria e quereria ficar — respondeu ela —, não só para confortar Edgar e tomar conta do bebê, como porque a granja é que é o meu lar. Mas repito-lhe que ele não me deixaria ficar aqui! Pensa que ele podia suportar ver-me tranqüila e feliz, pensar que vivíamos em paz, sem querer logo envenenar a nossa vida? Agora tenho a satisfação de estar convencida de que ele me detesta, ao ponto de mal poder com a minha presença. Reparei que, quando me aproximo dele, os seus músculos do rosto se contraem, involuntariamente, numa expressão de ódio, em parte por saber que eu tenho bons motivos para odiá-lo também, e em parte por aversão original. Essa aversão é suficientemente forte para me garantir que ele não me perseguiria através da Inglaterra, se eu conseguisse fugir, e é por isso que tenho de tentar. Já não tenho vontade de que ele me mate; curei-me disso e agora preferiria que ele se matasse a si mesmo! De tal maneira deu cabo do meu amor, que me sinto livre. Contudo, ainda me lembro de como o amei; e posso imaginar que talvez ainda o amasse, se . . . não, não! Mesmo que ele me tivesse amado, a sua natureza diabólica teria acabado por se revelar. Catherine devia ter um gosto horrivelmente pervertido, para amá-lo tanto, conhecendo-o tão bem. Monstro! Oxalá ele desaparecesse do mundo e da minha memória!

— Não fale assim, ele é um ser humano — disse eu. — Tenha um pouco de caridade: há homens ainda piores do que ele!

— Ele não é um ser humano — retrucou ela — e não tem direito à minha caridade. Dei-lhe o meu coração e ele o matou e depois o devolveu a mim. As pessoas sentem com o coração, Ellen: uma vez que ele destruiu o meu, não posso sentir nada por ele. . . e não sentiria, mesmo que ele gemesse até o fim dos seus dias e chorasse lágrimas de sangue por Catherine! Não, juro-lhe que nada sentiria! — Ao dizer isso, Isabella começou a chorar, mas logo, enxugando as lágrimas, recomeçou: — Você me perguntou o que me levou, finalmente, a fugir. Fui impelida a tentar a fuga porque consegui fazer com que a fúria dele crescesse acima da sua malignidade. Puxar os nervos com pinças em brasa requer mais frieza do que esmagar a cabeça da pessoa. Ele foi provocado a ponto de esquecer a diabólica prudência de que tanto se orgulhava e passar para a violência assassina. Senti prazer em ver que podia exasperá-lo; o sentimento de prazer despertou o meu instinto de autodefesa, e fugi; se alguma vez ele me pegar, com que fúria não tentará vingar-se!

"Ontem, como você sabe, o Sr. Earnshaw deveria ter assistido ao funeral da irmã. Propositadamente, manteve-se sem beber. . . ou seja, sem beber muito. Conseqüentemente, levantou-se num estado de terrível depressão, sentou-se ao lado da lareira e começou a tomar cálices seguidos de *brandy* e gim.

"Heathcliff. . . estremeço só de falar o nome dele! desde o último domingo mal aparecia em casa. Não sei se eram os anjos que o alimentavam, ou se os demônios, seus parentes; só sei que se passou quase uma semana sem que ele se sentasse à mesa conosco. Regressava ao alvorecer e subia direto para o quarto, trancando-se por dentro — como se alguém desejasse a sua companhia! Ficava lá, rezando como um metodista: só que a uma

divindade curiosamente confundida com o seu demoníaco pai! Após essas preciosas orações — que geralmente se prolongavam até ele ficar rouco — voltava a sair, sempre diretamente para a granja! Não sei como Edgar não mandou chamar um policial para expulsá-lo! Quanto a mim, embora sofrendo por Catherine, não podia deixar de considerar aqueles dias de libertação como umas férias benditas.

"Recobrei o ânimo a ponto de poder ouvir os eternos sermões de Joseph sem chorar e de andar pela casa sem precisar esgueirar-me a medo como antes. Você dirá que eu não devia chorar pelo que Joseph me falava, mas é que ele e Hareton são detestáveis. Prefiro estar ao lado de Hindley e ouvir a sua horrível conversa, a suportar a companhia do 'patrãozinho' e daquele velho odioso, que lhe faz todas as vontades! Quando Heathcliff está em casa, muitas vezes sou obrigada a ficar na cozinha, para não morrer de fome naqueles quartos úmidos e desabitados; quando ele não está, como nesta semana, instalo uma mesa e uma cadeira a um canto da lareira e não me preocupo com o que o Sr. Earnshaw faça; ele tampouco interfere com as minhas ocupações. Está mais sossegado agora do que antigamente, quando ninguém o provoca: mais abatido e deprimido, menos furioso. Joseph afirma que se operou uma modificação nele; que o Senhor lhe tocou o coração e que ele está salvo 'das chamas do inferno'. Inclino-me a detectar sinais dessa mudança. . . mas não é da minha conta.

"Ontem à noite fiquei sentada no meu cantinho, lendo alguns livros velhos, até perto da meia-noite. Não tinha nenhuma vontade de subir, com a neve e o vento soprando lá fora e os meus pensamentos voltando-se continuamente para o cemitério e a sepultura recém-cavada! Mal ousava

levantar os olhos da página à minha frente, pois logo me deparava com aquela triste visão. Hindley sentava-se do outro lado da lareira, a cabeça na mão, talvez pensando na mesma coisa. Tinha deixado de beber a um ponto para além da irracionalidade e havia duas horas que não se mexia nem falava. Em toda a casa não se ouvia senão o uivo do vento, que de vez em quando sacudia as janelas, o débil crepitar das chamas e o clique das minhas espevitadeiras. Hareton e Joseph já deviam estar dormindo. Sentia-me muito, muito triste e, de quando em quando, deixava escapar um suspiro, pois me parecia que toda a alegria desaparecera para sempre do mundo.

"Aquele fúnebre silêncio foi, finalmente, quebrado pelo som de alguém querendo abrir a tranca da cozinha: era Heathcliff, que voltara mais cedo do que de costume, suponho que devido à tempestade. A porta da cozinha estava trancada e ouvimo-lo dar a volta para entrar pela outra. Levantei-me, soltando, sem querer, uma expressão que bem traduzia o que eu sentia, o que fez com que meu companheiro, até então olhando para a porta, se voltasse e me encarasse.

" 'Vou deixá-lo fora cinco minutos', exclamou ele. 'Você não se importa?'

" 'Não, por mim pode até deixá-lo fora a noite inteira', respondi. 'Isso mesmo! Ponha a chave na fechadura e corra os ferrolhos.'

"Earnshaw fez isso antes que Heathcliff alcançasse a porta da frente; depois trouxe a cadeira para junto da minha mesa, curvou-se sobre ela e procurou nos meus olhos solidariedade com o ódio que brilhava nos dele: como o seu aspecto e os seus sentimentos eram os de um assassino, não

encontrou eco nos meus. . . mas descobriu o suficiente para encorajá-lo a falar.

" 'Eu e você', declarou, 'temos ambos uma grande dívida a acertar com esse homem! Se não fôssemos covardes, poderíamos combinar uma maneira de nos livrarmos dele. Será que você é tão mole quanto o seu irmão? Está disposta a suportar até o fim, sem nunca tentar vingar-se?'

" 'Já estou farta de suportar', repliquei, 'e gostaria de uma vingança que não recaísse sobre mim; mas a traição e a violência são facas de dois gumes: ferem os que recorrem a elas por vezes mais fundo do que aos seus inimigos.'

" 'A traição e a violência são uma paga perfeita para a traição e a violência!', gritou Hindley. 'Isabella, não lhe peço que faça nada; apenas que fique quieta e calada. Será que você pode fazer isso? Tenho a certeza de que você teria tanto prazer quanto eu em assistir ao fim da existência desse demônio: ele será a *sua* morte, se você não fizer alguma coisa; e será a *minha* ruína. Maldito seja o vilão! Bate na porta como se já fosse o dono da casa! Prometa-me calar a boca e, antes de o relógio marcar uma hora. . . faltam três minutos apenas. . . você será uma mulher livre!'

"Puxou do peito as armas que lhe descrevi na minha carta e teria apagado a vela, se eu não a arrancasse dele e lhe agarrasse o braço.

" 'Não ficarei calada!', exclamei. 'E o senhor não tocará nele. Deixe a porta fechada e fique quieto!'

" 'Não! Tomei uma decisão, e por Deus que a hei de cumprir!', gritou a desesperada criatura. 'Vou prestar-lhe um favor, mesmo que você não queira, e fazer justiça a Hareton! Não precisa preocupar-se comigo. Catherine morreu. Não resta ninguém vivo para me chorar ou se envergonhar por minha

causa, mesmo que eu resolva cortar o pescoço neste minuto — e chegou a hora de pôr um fim a isto!"

"Eu podia ter lutado contra um urso ou argumentado com um lunático. O único recurso que me restou foi correr para uma das gelosias e prevenir a possível vítima do destino que a aguardava.

" 'É melhor você procurar abrigo noutra lugar esta noite!', falei, num tom de voz triunfante. 'O Sr. Earnshaw tenciona matá-lo se você insistir em tentar entrar.'

" 'Acho melhor você abrir a porta, sua. . .!', respondeu ele, dirigindo-me um nome que não pretendo repetir.

" 'Não tenho nada com o caso', retruquei. 'Entre, se quiser levar um tiro! Já fiz o meu dever.'

"Assim dizendo, fechei a janela e voltei para o meu lugar junto à lareira; o meu estoque de hipocrisia era insuficiente para fingir ansiedade pelo perigo que o ameaçava. Earnshaw cobria-me de impropérios, afirmando que eu ainda amava o nosso algoz e que era uma covarde. Enquanto isso, eu secretamente pensava (e a consciência não me censurava) que bênção não seria para *ele* se Heathcliff lhe acabasse com a vida miserável — e que bênção não seria para *mim* se ele acabasse com Heathcliff! Enquanto eu alimentava esses pensamentos, a vidraça atrás de mim foi estilhaçada por um pontapé de Heathcliff e o seu rosto escuro assomou à janela. A abertura era demasiado estreita para lhe deixar passar os ombros e eu sorri, exultante na minha imaginária segurança. Ele tinha o cabelo e as roupas brancos de neve, e seus dentes afiados, de canibal, expostos pelo frio e pela fúria, rebrilhavam na escuridão.

" 'Isabella, deixe-me entrar ou farei com que você se arrependa!', grunhiu ele, para usar uma expressão de Joseph.

" 'Não posso cometer um assassinato', respondi. 'Hindley está a postos, com uma faca e uma pistola carregada.'

" 'Deixe-me entrar pela porta da cozinha', replicou ele.

" 'Hindley chegará à porta antes de mim', falei. 'Mas não entendo que amor é o seu, que não pode suportar uma tempestade de neve! Dormimos tranqüilamente enquanto brilhou a lua de verão, mas, mal o inverno ameaça, você tem de correr para casa, à procura de abrigo! Heathcliff, se eu fosse você, iria estender-me sobre o túmulo dela e morreria como um cão fiel. Sem dúvida já não vale a pena viver no mundo, não é? Você tinha me convencido de que Catherine era toda a sua alegria na vida: não posso imaginar como é que pode pensar em sobreviver a ela.'

" 'Ele está aí, não está?', perguntou o meu companheiro, correndo para a abertura. 'Se conseguir passar o braço, poderei acertar nele!'

"Receio, Ellen, que me considere má, mas você não sabe de tudo. Por isso, não me julgue. Por nada deste mundo eu teria favorecido uma tentativa de morte, mesmo que fosse contra a vida *dele*. Mas desejava que ele morresse e fiquei terrivelmente desapontada e apavorada com as conseqüências que poderiam resultar das minhas palavras, quando o vi jogar-se sobre a arma de Earnshaw e arrancá-la dele.

"A carga explodiu e a faca cravou-se no pulso do seu proprietário. Heathcliff puxou-a violentamente, rasgando-lhe a carne, e jogou-a, pingando sangue, no bolso. Depois pegou numa pedra, arrebentou o resto da vidraça e entrou. O seu adversário caíra, sem sentidos, pela dor e pela perda de sangue,

que jorrava de uma artéria. O monstro atacou-o a pontapés e bateu-lhe com a cabeça repetidas vezes nas lajes do chão, enquanto me segurava com uma mão, para evitar que eu fosse chamar Joseph. Um autocontrole para além do humano fez com que se abstinésse de dar cabo de Earnshaw: ofegante, arrastou o corpo, aparentemente inanimado, para o sofá, onde rasgou a manga do casaco do inimigo e vendou a ferida com brutalidade, cuspidando e praguejando com tanta fúria quanto a que mostrara ao chutá-lo. Vendo-me em liberdade, não perdi tempo e fui procurar o velho criado, o qual, tendo percebido gradualmente o que eu lhe dizia, desceu correndo de dois em dois degraus.

" 'Que é que a gente vai fazer agora? Que é que a gente pode fazer?'

" 'Só isto', trovejou Heathcliff. 'Convencer-se de que o seu patrão está louco; se ele durar mais um mês, vou interná-lo num hospício. E como diabos você se lembrou de me trancar a porta, hein, seu cachorro desdentado? Não fique aí, resmungando não sei o quê. Venha, eu não vou tratar dele. Limpe aquela sujeira e cuidado com as fagulhas da sua vela. . . ele está cheio de *brandy!*'

" 'E você aproveitou para matar ele?', exclamou Joseph, erguendo as mãos e os olhos, horrorizado. 'Se alguma vez eu pensei ver uma coisa dessas! Queira Deus. . .'

"Heathcliff empurrou-o, fazendo com que ele caísse de joelhos no meio do sangue, e jogou-lhe uma toalha; mas, em vez de começar a limpeza, Joseph juntou as mãos e começou a rezar, provocando o meu riso com a estranha fraseologia da oração. A minha condição de espírito era tal que já nada me chocava: estava tão indiferente quanto certos criminosos ao pé da forca.

" 'Ora, já me esquecia de você!', exclamou o tirano. 'Você é que vai limpar isso. Abaixese. Conspirava com ele contra mim, não é, víbora? Muito bem, esse é mesmo um trabalho adequado!'

"Sacudiu-me até os meus dentes se entrechocarem e depois empurrou-me para junto de Joseph, que concluiu as suas orações e se levantou, prometendo sair correndo para a granja. Afinal de contas, o Sr. Linton era juiz e, mesmo que cinquenta esposas lhe tivessem morrido, não deixaria de proceder a um inquérito. Tão resolvido estava Joseph, que Heathcliff achou conveniente obrigar-me a recapitular o que tinha acontecido, de pé diante de mim e arquejante de maldade, enquanto eu relutantemente contava o que acontecera, em resposta às suas perguntas. Foi preciso muito trabalho para convencer o velho de que Heathcliff não fora o agressor, principalmente devido às minhas respostas puxadas a saca-rolhas. Contudo, o Sr. Earnshaw depressa o convenceu de que ainda estava vivo; Joseph correu a dar-lhe uma dose de licor e, com essa ajuda, o patrão recuperou consciência e movimento. Percebendo que ele ignorava o tratamento que recebera enquanto sem sentidos, Heathcliff chamou-o de bêbedo perdido e disse que não repararia na sua horrível conduta, mas que seria bem melhor se ele fosse para a cama. Para minha alegria, ele próprio nos deixou, após tão judicioso conselho, e Hindley estendeu-se nas lajes da lareira. Quanto a mim, fui para o meu quarto, maravilhada de ter escapado tão facilmente.

"Esta manhã, quando desci, cerca das onze e meia, o Sr. Earnshaw estava sentado diante do fogo, completamente aniquilado, e o seu adversário, quase tão pálido quanto ele, apoiava-se contra a lareira. Nenhum deles parecia ter vontade de almoçar e, após ter esperado até ficar tudo frio, comecei a

comer sozinha. Nada me tirava o apetite e experimentava uma certa sensação de satisfação e superioridade, quando, a intervalos, olhava para os meus silenciosos companheiros e sentia o conforto de uma consciência tranqüila. Assim que terminei, tomei a rara liberdade de aproximar-me do fogo, dando a volta à cadeira de Earnshaw e ajoelhando-me no canto, ao lado dele.

"Heathcliff não olhou para mim e pude contemplar as suas feições tão livremente como se se houvessem transformado em pedra. A sua testa, que outrora me parecera tão varonil e que agora me parece diabólica, estava sombreada por pesada nuvem; seus olhos de basilisco estavam quase vidrados pela insônia e, talvez, pelo choro, pois reparei que os cílios estavam úmidos; os lábios, livres da sua expressão feroz, estavam selados numa máscara de indizível tristeza. Fosse ele outro e eu teria tapado o rosto diante de uma tal dor. No caso *dele*, porém, sentia-me satisfeita; e, por mais ignóbil que pareça insultar um inimigo caído, não podia perder aquela oportunidade de apunhalá-lo: sua fraqueza proporcionava-me a única chance de poder saborear uma vingança."

— Que horror! — interrompi. — Quem a ouvir pensará que nunca abriu uma Bíblia em toda a sua vida! O fato de Deus castigar os seus inimigos mais do que lhe deve bastar. É presunção e maldade querer aumentar-lhes a tortura!

— De modo geral, concordo com você, Ellen — continuou ela. — Mas que sofrimento imposto a Heathcliff me pode bastar, se eu não tiver parte ativa nele? Preferia que ele sofresse *menos*, se eu pudesse causar os seus sofrimentos e ele pudesse *saber* que era eu a causadora. Oh, devo-lhe tanto! Sob uma condição apenas posso esperar perdoá-lo: pagando-lhe olho por olho,

dente por dente. . . reduzi-lo ao meu nível. Como foi ele o primeiro a infligir sofrimento, fazê-lo ser o primeiro a implorar perdão; nesse caso. . . sim, nesse caso, Ellen, eu poderia mostrar generosidade. Mas é completamente impossível que eu me possa vingar, e por conseguinte não o posso perdoar. Hindley pediu-me água. Dei-lhe um copo e perguntei-lhe como estava.

" 'Não tão mal como desejava', respondeu. 'Mas, à parte o braço, estou todo tão dolorido como se tivesse lutado contra uma legião de demônios!'

" 'Sim, não admira', foi o meu comentário. 'Catherine costumava gabar-se de lhe servir de escudo; queria dizer com isso que certas pessoas só não o atacavam por medo de feri-la. Ainda bem que os mortos não se levantam das sepulturas, ou ontem à noite ela teria testemunhado uma cena repulsiva! O senhor não está todo machucado no peito e nos ombros?'

" 'Não posso dizer', respondeu ele. 'Mas por que é que você pergunta? Ele ousou atacar-me quando eu perdi os sentidos?'

" 'Pisoteou-o e chutou-o e bateu-lhe com a cabeça no chão', sussurrei. 'Ansiava por dilacerá-lo, qual uma fera, com os dentes. . . porque ele é apenas semi-humano, não mais do que isso.'

"O Sr. Earnshaw olhou, como eu, para a cara do nosso inimigo comum, o qual, absorto no seu sofrimento, parecia nada perceber à sua volta. Os seus pensamentos revelavam-se cada vez mais claramente no seu rosto.

" 'Oh, se Deus me desse forças para estrangulá-lo, eu iria para o inferno cantando de alegria', gemeu Earnshaw, tentando levantar-se e voltando a cair para trás, desesperado e convencido de não estar em condições de lutar.

" 'Não, já basta ele ter matado um dos dois', comentei em voz alta. 'Na granja todo o mundo sabe que sua irmã ainda estaria viva se não fosse por

Heathcliff. Afinal de contas, é preferível ser odiada a ser amada por ele. Quando me lembro de como éramos felizes — de como Catherine era feliz antes que ele voltasse — sinto vontade de amaldiçoar aquele dia!"

"Aparentemente, Heathcliff reparou mais na verdade do que era dito do que no estado de espírito de quem o dizia. Sua atenção foi despertada, bem o vi, pois dos seus olhos choveram lágrimas por sobre as cinzas e do seu peito saíram suspiros sufocantes. Olhei firme para ele e ri, com desprezo. As sombrias janelas do inferno abriram-se momentaneamente sobre mim — mas o diabo que geralmente se debruçava a elas estava tão diminuído, que não temi rir de novo.

" 'Levante-se e saia da minha vista', ordenou ele.

"Pelo menos acho que foi o que ele disse, pois a sua voz era quase ininteligível.

" 'Perdão', repliquei, 'mas eu também amava Catherine; e o irmão dela precisa de atendimento, o que, em sua memória, lhe darei. Agora que ela morreu, vejo-a em Hindley: ele tem os mesmos olhos dela, ou teria, se você não tivesse tentado arrancá-los e feito com que eles ficassem pretos e vermelhos; e os mesmos. . .'

" 'Saia da minha vista, desgraçada, antes que eu dê cabo de você!', gritou ele, fazendo um movimento que me levou a recuar.

" 'Mas', continuei, preparando-me para fugir se fosse necessário, 'se a pobre Catherine tivesse confiado em você e assumido o ridículo, desprezível, degradante título de Sra. Heathcliff, não teria demorado a apresentar um quadro semelhante! *Ela* não teria suportado em silêncio o seu abominável

comportamento: a sua repulsa e o seu ódio ter-se-iam manifestado abertamente.'

"As costas do sofá e a pessoa de Earnshaw colocavam-se entre nós; por isso, em vez de tentar agarrar-me, ele pegou numa faca que estava em cima da mesa e jogou-a na direção da minha cabeça. Acertou-me atrás da orelha e fez com que eu deixasse em meio o que estava dizendo; mas arranquei a faca, pulei para a porta e atirei-lhe outra, esperando acertar com mais força. O último relance que tive dele foi vê-lo correndo para mim, furioso e sendo interceptado por Hindley, caindo os dois junto da lareira. Ao atravessar, fugindo, a cozinha, disse a Joseph que socorresse o patrão, derrubei Hareton, que estava enforcando uma ninhada de cachorrinhos nas costas de uma cadeira, e, feliz como uma alma que escapasse do purgatório, corri, aos saltos, pela estrada íngreme, rolando pelas margens até o pântano, que vadeei precipitadamente, guiada pelas luzes da granja. Mas juro que preferia ser condenada às chamas eternas a permanecer, mesmo que só mais uma noite, no Morro dos Ventos Uivantes."

Isabella acabou de falar e tomou o seu chá; depois levantou-se e, pedindo-me que a ajudasse a pôr o chapéu e um grande xale que lhe tinha ido buscar, e fazendo ouvidos surdos às minhas súplicas de que ficasse pelo menos mais uma hora, subiu a uma cadeira, beijou os retratos de Edgar e Catherine, abraçou-me e desceu para a carruagem, seguida de Fanny, que latia de alegria ao rever a dona. Foi-se embora e nunca mais voltou; mas, quando as coisas ficaram mais assentes, ela começou a manter correspondência regular com o meu patrão. Creio que fixou residência no sul, perto de

Londres, e lá teve um filho, alguns meses depois. Deu-lhe o nome de Linton e, desde o princípio, escreveu dizendo que era uma criança fraca e caprichosa.

Encontrando-me um dia na vila, o Sr. Heathcliff perguntou-me onde ela morava. Recusei-me a dizer-lhe e ele observou que não lhe interessava, mas que ela tivesse o cuidado de não voltar para a casa do irmão. Apesar da minha negativa em informá-lo, ele descobriu, através de algum dos outros criados, o endereço dela e a existência da criança. Entretanto não a incomodou — fato pelo qual, creio, ela poderia dar graças à aversão que ele lhe tinha. Perguntava freqüentemente pela criança quando me via; e, ao saber-lhe o nome, sorriu amargamente e comentou:

— Querem que eu também o deteste, não é?

— Acho que querem é que o senhor não saiba da existência dele — respondi.

— Mas eu hei de tê-lo — retrucou ele — quando quiser. Podem ter a certeza disso!

Felizmente, a mãe morreu antes que isso acontecesse: cerca de treze anos após a morte de Catherine, quando Linton tinha aproximadamente doze anos.

No dia seguinte à inesperada visita de Isabella, não tive oportunidade de falar com o meu patrão: ele evitava conversar e não estava em condições de ouvir coisas sérias. Quando, finalmente, lhe dei a notícia, vi que se alegrava por ter a irmã deixado o marido, a quem abominava com uma intensidade que a mansidão do seu temperamento não fazia suspeitar. Tão profunda era a sua aversão, que deixou de ir aonde pudesse ver ou ouvir falar de Heathcliff. A dor e essa aversão transformaram-no num completo eremita: deixou o cargo

de magistrado, cessou mesmo de ir à igreja, evitava ir ao povoado e passava a vida dentro dos limites do parque e das suas terras — reclusão essa apenas cortada por passeios solitários pela charneca e visitas à sepultura da esposa, principalmente à tardinha ou de manhã bem cedo, quando era mais difícil encontrar alguém. Mas ele era bom demais para sentir-se infeliz por muito tempo. *Não* rezava para que a alma de Catherine o assombrasse. O tempo trouxe-lhe resignação e uma melancolia mais doce do que a alegria comum. Recordava-a com um amor terno e ardente, esperando revê-la no paraíso, onde não duvidava de que ela estivesse.

Tinha também consolo e afeto terrenos. Nos primeiros tempos, conforme já disse, não parecia sequer reparar na débil criaturinha que a falecida lhe deixara; mas essa indiferença derreteu-se mais depressa do que a neve de abril e, antes que a pequenina pudesse balbuciar uma palavra ou dar um passo, já reinava como déspota no coração paterno. Fora batizada como Catherine, mas ele nunca a chamava pelo nome inteiro, da mesma forma que nunca chamara a esposa pelo diminutivo, provavelmente porque Heathcliff tivesse o hábito de a tratar assim. A menina era sempre Cathy: distinguia-a da mãe, ao mesmo tempo que a ligava a ela; e a dedicação do pai tinha também raízes na saudade e no amor pela defunta.

Eu costumava estabelecer uma comparação entre ele e Hindley Earnshaw, não conseguindo explicar satisfatoriamente por que razão a conduta de ambos era tão oposta, apesar das circunstâncias semelhantes. Ambos tinham sido maridos apaixonados e eram ambos muito devotados aos filhos, de modo que eu não podia entender por que motivo não tinham seguido o mesmo caminho, fosse o bom ou o mau. Hindley, aparentemente o

mais forte, provara tristemente ser o mais fraco. Quando o seu navio começara a afundar, o comandante abandonara o posto; e a tripulação, em vez de tentar salvar o barco, abandonara-se ao pânico e à confusão, pondo tudo a perder. Linton, ao contrário, mostrara a verdadeira coragem de uma alma leal e fiel: confiara em Deus e Deus o confortara. Um tivera esperança, o outro desesperara; cada qual tinha escolhido a sua sorte, a sorte que nortearia as suas vidas. Mas o senhor não precisa dos meus comentários, Sr. Lockwood; é capaz de julgar tão bem quanto eu ou, pelo menos, à sua maneira, o que vem a dar no mesmo. O fim de Earnshaw foi o que era de esperar: demorou pouco mais de seis meses a acompanhar a irmã. Nós, na granja, nunca soubemos bem o que aconteceu antes; eu, por exemplo, só soube que ele falecera quando o Dr. Kenneth foi dar a notícia ao meu patrão.

— Bem, Nelly — disse ele, ao entrar no pátio urna manhã bem cedo, tão cedo que logo tive o pressentimento de más novas —, agora é a nossa vez de pormos luto. Quem você acha que acaba de nos deixar?

— Quem? — perguntei, alarmada.

— Adivinhe! —olveu ele, desmontando. — E pegue o lenço, tenho certeza de que vai precisar dele.

— Não foi o Sr. Heathcliff, foi? — exclamei.

— O quê! Você choraria por ele? — perguntou o médico. — Não, Heathcliff é um jovem rijo. Acabo de estar com ele e está com ótimo aspecto. Recuperou-se rapidamente desde a morte da amada.

— Quem foi, então? — perguntei, impaciente.

— Hindley Earnshaw! Seu velho amigo Hindley e meu companheiro de conversas. . . embora há muito não conversássemos. Pronto, logo vi que você

ia chorar! Mas console-se, ele morreu como queria: bêbedo perdido. Pobre rapaz! Também sinto. Não se pode deixar de sentir a falta de um velho companheiro, embora ele tivesse um caráter difícil e me tenha feito muitas. Parece que só tinha vinte e sete anos. . . a sua idade. Quem diria que vocês nasceram no mesmo ano?

Confesso que esse golpe foi para mim maior do que o choque causado pela morte de Catherine Linton: velhas recordações me ligavam a ele. Sentei-me na varanda e chorei como se ele fosse meu parente, desejando que o Dr. Kenneth chamasse outra empregada para levá-lo ao patrão. Não podia evitar perguntar-me: "Será que ele teve assistência?" Por mais que fizesse, aquele pensamento não me largava; a tal ponto, que resolvi pedir licença para ir ao Morro, ajudar no funeral. O Sr. Linton não queria consentir, mas fiz-lhe ver, eloqüentemente, a situação do morto, desamparado de amigos, e que o meu antigo amo e irmão de criação tinha direito aos meus serviços. Além do mais, recordei-lhe que o pequeno Hareton era sobrinho da sua falecida esposa, e na ausência de outros parentes, ele deveria agir como seu guardião, tratando de saber como ficava a propriedade e tomando a si os interesses do cunhado. O Sr. Linton não estava em condições de tomar a seu cargo esses assuntos, mas pediu-me que falasse com o seu advogado e, finalmente, deixou-me ir. O advogado dele fora-o também de Earnshaw; passei pelo povoado e pedi-lhe que me acompanhasse. Ele abanou a cabeça, aconselhando-me a deixar Heathcliff em paz, porque, se a verdade viesse à tona, Hareton ficaria reduzido a pouco mais que um mendigo.

— O pai morreu cheio de dívidas — disse ele. — A propriedade está hipotecada e a única chance do seu herdeiro natural é fazer com que o seu credor se interesse por ele.

Quando cheguei ao Morro, expliquei que viera ver se tudo estava sendo feito adequadamente. Joseph, que parecia bastante comovido, mostrou-se satisfeito com a minha presença. O Sr. Heathcliff disse que não entendia por que razão eu tinha ido, mas que podia ficar e cuidar do funeral como eu quisesse.

— O correto — observou — seria enterrar o corpo desse idiota numa encruzilhada, sem cerimônia de qualquer espécie. Saí dez minutos ontem à tarde, e nesse intervalo ele trancou as portas da casa para eu não entrar e passou a noite bebendo até morrer! Esta manhã arrombamos as portas, pois o ouvimos resfolegar como um cavalo; e lá estava ele, caído sobre o sofá; nem uma bomba o acordaria. Mandei chamar Kenneth e ele veio, mas só quando a besta já se tinha transformado em cadáver. . . você há de convir que não valia a pena preocupar-se mais com ele!

O velho criado confirmou essas declarações, mas resmungou:

— Ele que devia ter ido buscar o médico! Eu tomava melhor conta do patrão do que ele. E não estava morto quando eu saí, nada disso!

Fiz questão de que o funeral fosse respeitável. O Sr. Heathcliff disse-me que podia fazer as coisas como eu quisesse, lembrando-me apenas que o dinheiro saía do seu bolso. Sua atitude era dura e indiferente, não revelando alegria ou tristeza; antes alívio, como se lhe tivessem tirado um fardo de cima. Uma vez, apenas, observei algo como exultação no seu aspecto: foi quando levaram o caixão. Teve a hipocrisia de acompanhar o cortejo fúnebre; mas

antes de seguir, com Hareton, levantou a infeliz criança para cima da mesa e murmurou, com voz triunfante: — Agora, meu rapazinho, você é *meu!* E veremos se uma árvore não cresce tão torta quanto a outra, com o mesmo vento a torcê-la! — A inocente criança ficou satisfeita ao ouvi-lo falar assim: brincou com os bigodes de Heathcliff e acariciou-lhe o rosto; mas eu adivinhei o significado daquelas palavras e comentei, desafiante: — O garoto tem de voltar comigo para a granja. Não há nada neste mundo que seja menos seu do que ele!

— É isso o que Linton diz? — perguntou ele.

— Claro. . . ordenou-me que o levasse comigo — respondi.

— Bem — falou ele —, não vamos discutir o assunto agora, mas tenho vontade de criar um rapaz, de modo que diga ao seu patrão que, se quiser levar este, terei de substituí-lo com o meu próprio garoto. Não me importo com que Hareton se vá, mas farei com que o outro venha! Não se esqueça de lhe dizer isso.

A ameaça foi suficiente para nos atar as mãos. Repeti as palavras de Heathcliff e Edgar Linton não falou mais em interferir.

O antigo hóspede era agora o dono do Morro dos Ventos Uivantes: conseguiu provar ao advogado — o qual, por sua vez, o provou ao Sr. Linton — que Earnshaw tinha hipotecado todas as terras que possuía, a fim de obter dinheiro para sustentar o seu vício do jogo — e que ele, Heathcliff, era o credor. Dessa maneira, Hareton, que deveria agora ser o homem mais rico destas redondezas, foi reduzido a um estado de completa dependência pelo inveterado inimigo de seu pai e mora na sua própria casa como se fosse um

criado, ainda por cima sem receber pagamento e incapaz de se fazer justiça por não ter amigos e ignorar que foi lesado.

CAPÍTULO XVIII

Os doze anos — continuou a Sra. Dean — que se seguiram a esse triste período foram os mais felizes da minha vida: minhas maiores preocupações foram causadas pelas doencinhas da nossa menina, doencinhas de crianças, sejam elas ricas ou pobres. Quanto ao resto, após os primeiros seis meses, ela foi crescendo como uma plantinha e, antes que a urze florisse uma segunda vez sobre o pó da Sra. Linton, já sabia andar e falar à sua maneira. Era a coisinha mais bonita que Deus poderia ter mandado para trazer alegria a uma casa desolada: uma beleza autêntica, com os grandes olhos escuros dos Earnshaw, mas com a pele clara, o cabelo louro e as feições delicadas dos Linton. Tinha um temperamento apaixonado, mas não áspero, ajudado por um coração sensível e afetuoso. A sua capacidade de se dedicar intensamente fazia-me lembrar a mãe; entretanto não se parecia a ela, pois podia ser suave e meiga como uma pomba e tinha uma voz macia e uma expressão pensativa. Quando se zangava, nunca se enfurecia; seu amor jamais era dominador, e sim terno e profundo. Contudo, a par dessas qualidades, também tinha os seus defeitos. Um deles era uma inclinação para o atrevimento; outro, uma certa perversidade, que as crianças mimadas sempre adquirem, sejam de temperamento fácil ou difícil. Se, por acaso, um criado a contrariava, ela ameaçava logo: — Vou dizer ao papai! — E quando este a censurava, mesmo que apenas com um olhar, parecia até o fim do mundo: acho que ele nunca lhe disse uma palavra mais dura. Tomou a educação e a instrução da filha inteiramente a seu cargo, fazendo disso uma distração. Felizmente, a

curiosidade e um intelecto bem-dotado garantiam à menina um aprendizado rápido, que muito gratificava e honrava o pai.

Até chegar aos treze anos, ela nunca saía sozinha dos limites do parque. Em raras ocasiões, o Sr. Linton levava-a com ele até cerca de uma milha fora da granja, mas não a confiava a ninguém. Gimmerton, aos ouvidos dela, era um nome que nada evocava; e a capela, o único lugar do qual se aproximara ou onde entrara, à exceção da sua própria casa. O Morro dos Ventos Uivantes e o Sr. Heathcliff não existiam, para ela: era uma perfeita reclusa, e parecia completamente satisfeita com isso. Às vezes, porém, ao olhar da janela do seu quarto, perguntava:

— Ellen, quando é que eu vou poder subir ao alto daqueles morros? Que será que há do outro lado. . . O mar?

— Não, Srta. Cathy — respondia eu. — São outros morros, semelhantes a esses.

— E como são aquelas rochas douradas, quando a gente fica debaixo delas? — perguntou certa vez.

A abrupta inclinação de Peniston Crag era o que mais a atraía; principalmente quando o sol poente brilhava nas suas alturas e todo o resto da paisagem ficava na sombra. Expliquei-lhe que eram rochedos nus, com escassa terra nos topos, que apenas permitia o crescimento de algumas árvores raquíticas.

— Por que é que continuam brilhantes muito depois de já estar escuro aqui? — insistiu ela.

— Porque estão a uma altura muito maior do que a nossa — repliquei.
— Você não poderia subir lá em cima, os rochedos são demasiado altos e

íngremes. No inverno, a neve chega lá muito antes de cair aqui; e, bem no meio do verão, descobri neve debaixo daquele buraco negro, na vertente leste!

— Oh, quer dizer que você já subiu lá! — exclamou ela, entusiasmada.

— Então eu também poderei subir quando for mulher. Papai já foi lá, Ellen?

— Seu pai lhe dirá, menina — respondi, apressadamente —, que não vale a pena ir até lá. As charneças por onde você passeia com ele são muito mais agradáveis; e o Parque Thrushcross é o mais belo lugar do mundo.

— Mas o parque eu conheço, e não conheço aqueles penhascos — murmurou consigo mesma. — Como gostaria de subir ao ponto mais alto e olhar em volta! Meu pônei Minny ainda me levará até lá!

O fato de uma das empregadas mencionar a Caverna das Fadas fez com que ela só pensasse em realizar esse projeto: passou a atormentar o Sr. Linton para que a deixasse ir até lá e ele lhe prometeu que iria quando fosse maior. Mas Catherine media a sua idade por meses e a toda hora perguntava: — Então, já tenho idade para subir a Peniston Crag? — A estrada que levava até lá passava perto do Morro dos Ventos Uivantes. Edgar não tinha coragem para aproximar-se e por isso a resposta era sempre a mesma: — Ainda não, meu amor; ainda não.

Eu disse que a Sra. Heathcliff viveu mais de doze anos após ter deixado o marido. Sua família era toda de constituição delicada: nem ela nem Edgar tinham a saúde ou a resistência que geralmente se encontram nessa região. Não sei ao certo do que foi que ela morreu, mas acho que ambos foram vítimas da mesma doença, uma espécie de febre, a princípio lenta, mas incurável e devoradora. Escreveu para informar o irmão do provável fim de uma doença que já durava havia quatro meses e pediu-lhe que a fosse ver, se possível, pois

tinha muito o que tratar e desejava despedir-se dele e confiar-lhe Linton. Sua esperança era que Linton pudesse viver com ele, como vivera com ela, porquanto achava que o pai não desejava assumir o encargo de sustentá-lo ou educá-lo. Meu patrão não hesitou em satisfazer-lhe o pedido: embora relutasse em sair de casa, voou ao encontro dela, entregando Catherine à minha especial vigilância, com repetidas ordens de que, na sua ausência, não saísse para além do parque, mesmo na minha companhia — pois não lhe passava sequer pela cabeça que ela pudesse sair sozinha.

Esteve ausente durante três semanas. Os dois primeiros dias, a minha menina passou-os sentada a um canto da biblioteca, demasiado triste para ler ou brincar. Nesse estado de espírito, eu pouco tinha com que me preocupar; mas acontece que ele foi seguido por um intervalo de impaciência, em que ela não podia parar quieta; e, como eu então estivesse por demais ocupada e já demasiado velha para correr de um lado para outro atrás dela, tratei de descobrir um sistema pelo qual pudesse distrair-se. Comecei a mandá-la excursionar pela granja — ora a pé, ora montada num pônei — e depois ouvia pacientemente, quando ela voltava, todas as suas aventuras, reais ou imaginárias.

O verão estava no auge e ela gostava tanto daqueles passeios solitários, que muitas vezes ficava fora desde a manhã até a hora do chá; e os serões eram passados contando as suas histórias fantasiosas. Eu não temia que ela ultrapassasse os limites da granja porque as porteiras estavam geralmente trancadas e, mesmo que estivessem abertas, eu pensava que dificilmente ela se aventuraria a sair sozinha. Infelizmente, a minha confiança provou ser infundada. Uma bela manhã, às oito horas, Catherine informou-me de que naquele

dia ela era um mercador árabe, que ia atravessar o deserto com a sua caravana e que, por isso, eu lhe devia dar uma grande provisão de víveres, não só para ela como para os seus animais: um cavalo e três camelos, representados por um grande galgo e um par de perdigueiros. Juntei uma porção de comida num cesto, que pendurei na sela, e ela montou, alegre como uma fada, protegida do forte sol de julho por um chapéu de aba larga e véu de gaze, partindo a trote com um riso feliz e troçando dos meus conselhos de que evitasse galopar e voltasse cedo. À hora do chá, nada de ela voltar. Apenas um viajante, o galgo, já velho e amante dos confortos, regressou; nem Cathy, nem o pônei, nem os dois perdigueiros eram visíveis fosse por onde fosse: mandei criados à procura deles, nesta e naquela direção, até que por fim eu própria fui em sua busca. Havia um trabalhador consertando uma cerca à volta de uma plantação, nos limites da granja. Perguntei-lhe se tinha visto a pequena Catherine.

— Vi ela de manhã — respondeu ele. — Pediu para eu cortar um galho de aveleira e depois pulou com o pônei dela por cima daquela sebe, ali, onde que ela é mais baixa, e foi embora no galope.

O senhor pode calcular o que senti ao ouvir aquilo. Imaginei logo que ela tivesse rumado para Peniston Crag. — Que há de ser dela? — exclamei, passando por uma abertura na cerca que o homem estava consertando e dirigindo-me para a estrada principal. Caminhei como se estivesse querendo ganhar uma aposta, milha após milha, até chegar a uma curva de onde se via o Morro dos Ventos Uivantes; mas nada de Catherine. Peniston Crag fica a cerca de milha e meia da propriedade do Sr. Heathcliff, ou seja, a quatro milhas da granja, de modo que comecei a temer que a noite caísse antes que

eu lá chegasse. "E se ela escorregou ao tentar escalá-lo?", pensei. "Pode ter morrido ou quebrado alguma coisa!" A minha apreensão era tremenda; por isso, foi com grande alívio que vi, ao passar pela casa da fazenda, Charlie, o mais atirado dos perdigueiros, deitado debaixo de uma janela, a cabeça inchada e a orelha sangrando. Abri a porteira e corri para a porta da casa, batendo freneticamente para que me abrissem. Atendeu uma mulher que eu conhecia e que antes morava em Gimmerton: desde a morte do Sr. Earnshaw trabalhava no Morro como criada.

— Ah! — disse ela. — Você vem à procura da sua patroazinha! Não se preocupe, ela está aqui. Ainda bem que não é o patrão!

— Quer dizer que ele não está em casa? — perguntei, ofegante da caminhada e de medo.

— Não, não — respondeu ela. — Tanto ele quanto Joseph saíram e acho que não vão voltar tão cedo. Entre e descanse um pouco.

Entrei e vi a minha ovelhinha tresmalhada sentada à lareira, numa cadeirinha de balanço que fora da mãe, em criança. Tirara o chapéu e parecia perfeitamente à vontade, rindo e falando, na maior das animações, com Hareton — agora, um rapagão de dezoito anos —, o qual olhava para ela com grande curiosidade e espanto, pois compreendia muito pouco da sucessão de perguntas e comentários que ela ia desfiando.

— Muito bem, menina! — exclamei, escondendo a minha alegria por trás de uma cara zangada. — Esta é a última vez que você sai a cavalo, até que seu pai volte. Nunca mais confiarei em você, menina desobediente!

— Ora, Ellen! — disse ela, alegremente, correndo para junto de mim. — Esta noite vou ter muita coisa para lhe contar. Você já esteve aqui alguma vez?

— Ponha o seu chapéu e vamos já para casa — respondi. — Estou muito triste com você. Agora não adianta fazer beicinho e chorar: isso não compensará o trabalho que tive procurando-a por todos os lados. Pensar que o Sr. Linton me encarregou de não deixar você sair. . . e você me foge assim! Isso mostra que é uma menina matreira, em quem não se pode confiar.

— Que foi que eu fiz? — soluçou ela. — Papai não me proibiu nada; ele não se vai zangar comigo, Ellen . . . nunca ralha comigo como você!

— Vamos, vamos! — repeti. — Deixe que eu amarro o laço. Agora, pare com isso! Que vergonha! Já com treze anos e parecendo um bebê!

Essa última exclamação foi causada pelo fato de ela tirar novamente o chapéu e recuar para junto da chaminé, como se quisesse fugir-me.

— Não ralhe assim com a menina, Sra. Dean — disse a empregada. — Nós é que a fizemos entrar: queria voltar para casa, com medo de que a senhora ficasse aflita. Hareton ofereceu-se para ir com ela e eu achei que ele devia fazê-lo: a estrada é perigosa por esses morros acima.

Durante a conversa, Hareton ficou de mãos nos bolsos, demasiado encabulado para falar, embora não parecesse gostar da minha intromissão.

— Quanto tempo vou ter que esperar? — continuei, ignorando a interferência da mulher. — Daqui a dez minutos, já vai ser noite. Onde está o pônei, Cathy? E onde está Phoenix? Se você não se apressar, deixo-a aqui, de modo que faça como quiser.

— O pônei está no terreiro — respondeu ela — e Phoenix está aqui. Foi mordido. . . Charlie também. Eu ia contar-lhe tudo, mas você está de mau humor e não merece ouvir nada.

Peguei no chapéu dela e aproximei-me, para recolocá-lo; mas, percebendo que a gente da casa estava do lado dela, Cathy começou a correr à volta da sala; e, vendo-me atrás dela, esgueirou-se como um camundongo por baixo e para trás dos móveis, tornando ridícula a minha perseguição. Hareton e a mulher riram e ela se juntou a eles, tornando-se ainda mais impertinente, até que eu gritei, irritadíssima:

— Cathy, se você soubesse de quem é esta casa, trataria de sair logo.

— É do *seu* pai, não é? — perguntou ela, voltando-se para Hareton.

— Não — respondeu ele, pondo os olhos no chão e enrubescendo.

— De quem é, então. . . do seu patrão? — voltou ela.

Ele ficou ainda mais vermelho, resmungou uma praga e virou-se de costas.

— Quem é o patrão dele? — continuou a indiscreta garota, dirigindo-se a mim. — Falou em "nossa casa" e em "nós". Pensei que fosse o filho do proprietário. E não me disse "senhorita". Devia ter dito, não é, já que é um criado?

Hareton ficou negro de raiva, ao ouvi-la falar assim. Sacudi silenciosamente a menina e consegui, finalmente, prepará-la para partir.

— Vá buscar o meu pônei — disse ela, dando ordens ao seu desconhecido parente, como se ele fosse um dos cavaliços da granja. — E pode vir comigo. Quero ver onde é que aparece o caçador de duendes, na

charneca, e ouvir você falar das "fadinhas", como você diz. Mas apresse-se! Vá buscar o meu pônei, já disse!

— Raios te partam, se eu banco o *ten* criado! — grunhiu o rapaz.

— Raios o *quê?* — perguntou Catherine, espantada.

— Te partam. . . sua bruxa! — respondeu ele.

— Está vendo, Cathy? Está vendo em que companhia você se foi meter? — falei. — Linda maneira de falar com uma senhorita! Por favor, não discuta com ele. Vamos buscar Minny e voltar para casa.

— Mas, Ellen — exclamou ela, encarando-me espantadíssima —, como é que ele ousa falar-me desse jeito? Você não acha que ele tem de me obedecer? Criatura horrorosa, vou contar a meu pai o que você falou.

Hareton não pareceu assustado com a ameaça e ela pôs-se a chorar de indignação. — Traga-me o pônei — ordenou, voltando-se para a mulher — e solte imediatamente o cachorro.

— Calma, menina — respondeu a criada. — Nada se perde com boas maneiras. Embora o Sr. Hareton não seja filho do patrão, ele é seu primo; e eu não sou sua empregada.

— *Ele*, meu primo! — exclamou Cathy, com uma risada de desprezo.

— É, juro — retrucou a mulher.

— Oh, Ellen, não os deixe dizer essas coisas — implorou Cathy, agitada. — Papai foi buscar o meu primo em Londres: meu primo é um rapaz educado. Esse aí, meu. . . — o choro impediu-a de continuar, tal a sua consternação ante a simples idéia de ser parente de uma criatura daquelas.

— Calma! — sussurrei. — As pessoas podem ter muitos primos e de todos os tipos, sem que isso as prejudique; o que não precisam é dar-se com eles se forem desagradáveis e mal-educados.

— Ele não pode ser. . . ele não é meu primo, Ellen! — insistiu ela, atirando-se nos meus braços, como que a buscar refúgio.

Fiquei muito aborrecida com ela e com a criada por terem ambas feito aquelas revelações indiscretas, pois não tinha dúvida de que a próxima chegada de Linton seria comunicada ao Sr. Heathcliff pela empregada, e de que a primeira coisa que Catherine faria, quando o seu pai voltasse, seria pedir-lhe uma explicação quanto à afirmação de que aquele rapaz tão malcriado era seu parente. Recuperando-se do seu desgosto em ter sido tomado por um criado, Hareton parecia comovido pelo choro dela; e, após ter trazido o pônei, foi ao canil buscar um cachorrinho *terrier* e colocou-o nas mãos dela, pedindo-lhe que parasse de chorar, pois não devia ligar para as suas palavras. Cathy olhou para ele com um misto de espanto e horror e recomeçou a chorar.

A custo reprimi um sorriso ao ver a antipatia suscitada pelo pobre rapaz, que era um jovem atlético, bonito, alto e saudável, mas metido em roupas adequadas às suas ocupações diárias de trabalho na fazenda e caçadas aos coelhos na charneca. Apesar disso, achei que podia detectar, na sua fisionomia, melhores qualidades mentais do que seu pai jamais possuía. Boas qualidades perdidas em meio a um matagal de ervas daninhas, cuja exuberância ultrapassava de muito o seu desordenado crescimento; prova, contudo, de um bom solo, que bem poderia produzir, em circunstâncias favoráveis, colheitas invejáveis. O Sr. Heathcliff, creio eu, não o tinha tratado

fisicamente mal, graças à destemida natureza do rapaz, que não suscitava esse tipo de opressão; não tinha nada da tímida suscetibilidade que, no juízo de Heathcliff, seria de molde a provocar-lhe um mau tratamento. Aparentemente, devotara a sua malevolência a embrutecê-lo: Hareton nunca aprendera a ler ou a escrever; nunca fora censurado por nenhum hábito que não aborresse o seu guardião; nunca lhe haviam ensinado o que era a virtude, nem o haviam prevenido contra o vício. E, pelo que ouvia dizer, Joseph contribuía em muito para essa deterioração, mediante uma parcialidade estúpida, que o levava a lisonjear e mimar o rapaz, quando garoto, só por ser o chefe da velha família do Morro. E, da mesma maneira com que acusava Catherine Earnshaw e Heathcliff, em criança, de acabarem com a paciência do seu amo e o levarem a procurar consolo na bebida, presentemente punha toda a culpa dos defeitos de Hareton no usurpador da sua propriedade. Quando o rapaz praguejava, ele não o corrigia, como não o censurava por pior que ele se comportasse. Parecia tirar uma estranha satisfação desse procedimento. Dizia que nada mais havia a fazer, que a alma dele estava perdida, mas acrescentava que Heathcliff teria de pagar por isso; e esse pensamento parecia dar-lhe um imenso consolo. Joseph instilara no rapaz o orgulho do seu nome, da sua ascendência; teria, se não fosse tão covarde, alimentado o ódio entre ele e o atual dono do Morro; mas o seu medo do proprietário chegava quase a ser supersticioso e ele limitava os seus sentimentos a insinuações resmungadas e ameaças privadas. Não pretendo conhecer intimamente o modo de vida nesse tempo reinante na casa do Morro: falo apenas por ouvir dizer. A gente do povoado afirmava que o Sr. Heathcliff era um senhorio duro e cruel para os seus rendeiros; mas a casa,

por dentro, retomara o antigo ar de conforto, sob a direção das criadas, e as terríveis cenas, comuns no tempo de Hindley, já não se repetiam entre as suas paredes. O amo era demasiado sombrio para procurar a companhia de gente, fosse ela boa ou má; e continua a sê-lo. Mas não estou avançando na minha história. A menina rejeitou a oferenda de paz do *terrier* e pediu que lhe trouxessem os seus cães, Charlie e Phoenix. Os dois vieram mancando e de cabeças pendentes, e pusemo-nos a caminho da granja, nós e eles cabisbaixos. Não consegui fazer com que Cathy me contasse como passara o dia, exceto que, conforme eu imaginara, a meta da sua peregrinação fora Peniston Crag, e que chegara sem problemas ao portão da casa principal, justamente quando Hareton estava saindo, acompanhado de alguns cães, que tinham atacado os dois cachorros. O fato de terem de separar os respectivos animais fora como que uma apresentação. Catherine dissera a Hareton quem era e para onde ia, pedindo-lhe que lhe mostrasse o caminho e, finalmente, fazendo com que ele a acompanhasse. Desvendara-lhe os mistérios da Caverna das Fadas e de outros vinte lugares mágicos. Mas, tendo eu caído em desgraça, ela não me descreveu as coisas interessantes que vira. Pude concluir, porém, que o seu guia fora muito apreciado até ela lhe ter ferido o orgulho ao tratá-lo como um criado — e a criada ter ferido o orgulho dela ao dizer que eram primos. Depois, o linguajar que ele usara chocara-a horripelantemente; ela, que na granja era sempre chamada de "amor", "querida", "princesa" e "anjo", ser insultada daquela maneira por um desconhecido! Não compreendia aquilo e tive um trabalho enorme em fazer com que ela promettesse nada contar ao pai. Expliquei-lhe que ele não queria que nos déssemos com a gente do Morro e que ficaria muito zangado se soubesse que ela tinha estado lá; mas principalmente

frisei que, se lhe revelasse a minha negligência, ele talvez me despedisse; e Cathy não podia sequer pensar nisso: jurou nada dizer e cumpriu a palavra, por minha causa. No fundo, ela era uma menina muito amorosa.

CAPÍTULO XIX

Uma carta tarjada de negro anunciou o dia em que o patrão chegaria. Isabella tinha morrido e ele me escreveu, dizendo-me que providenciasse roupas de luto para a filha e arranjasse um quarto e outras acomodações para o sobrinho. Catherine ficou louca de alegria ante a idéia de receber de volta o pai; e pôs-se a imaginar, entusiasmada, as inúmeras e maravilhosas qualidades do seu "verdadeiro" primo. O dia da tão esperada chegada veio, por fim. Desde manhã cedo, ela estivera arrumando as suas coisinhas; e, metida no seu novo vestido preto — pobrezinha! a morte da tia não lhe causara muita dor —, obrigara-me, à força de tanto insistir, a descer com ela ao parque, para esperá-los.

— Linton é apenas seis meses mais novo do que eu — disse, enquanto caminhávamos sob a sombra das grandes árvores. — Que bom vai ser brincar com ele. Tia Isabella mandou a papai um lindo cacho do cabelo dele, mais claro do que o meu: mais louro mas igualmente fino. Guardei-o numa caixinha de vidro e muitas vezes pensei como seria maravilhoso conhecer o seu dono. Estou tão feliz. . . e o meu paizinho, o meu querido pai! Venha, Ellen, vamos correr! Corra!

Correu e voltou e correu de novo muitas vezes, antes que os meus passos adultos alcançassem a porteira, e depois sentou-se na grama, à beira do caminho, e fez o possível por esperar pacientemente; mas era impossível, ela não podia ficar um minuto sossegada.

— Como estão demorando! — exclamou. — Estou vendo uma poeira na estrada. . . serão eles? Não! Quando será que eles chegam? Não podemos adiantar-nos um pouco?. . . só meia milha, Ellen, só meia milha! Deixe só até aquele bosquezinho, ali na curva!

Neguei-me peremptoriamente. Por fim, a sua impaciência terminou: a carruagem surgiu à vista. Cathy gritou de alegria e estendeu os braços, tão logo distinguiu o rosto do pai olhando pela janela. Ele desceu, quase tão ansioso de abraçá-la quanto ela, e um intervalo considerável se passou, antes que pudessem deixar de pensar em si próprios. Enquanto trocavam carinhos, olhei para dentro, à procura de Linton. Estava adormecido a um canto, embrulhado num capote forrado com pele, como se fosse inverno. Era um rapazinho pálido, delicado, pouco varonil, que podia passar por irmão mais novo do meu patrão, tão grande era a semelhança; mas havia nele um ar doentio e caprichoso que Edgar Linton nunca tivera. Percebeu que eu estava olhando para o sobrinho e, depois de me apertar a mão, disse-me que fechasse a porta da carruagem e não o acordasse, pois a viagem fatigara-o muito. Cathy gostaria de ter dado uma olhadela, mas o pai chamou-a e ambos subiram juntos o parque, enquanto eu me apressava a ir preparar os criados.

— Escute, minha querida — disse o Sr. Linton, dirigindo-se à filha, ao pararem junto aos degraus da frente —, seu primo não é tão forte nem tão alegre como você, pois perdeu a mãe, lembra-se? faz muito pouco tempo; portanto, não espere que ele comece logo a correr e a brincar com você. E não o importune falando demais: pelo menos esta noite, deixe-o sossegado, está bem?

— Está bem, papai — respondeu Catherine. — Mas eu quero vê-lo; ele nem pôs a cabeça de fora.

A carruagem parou diante da casa e, como Linton acordasse, o tio pegou nele e depositou-o no chão.

— Esta é sua prima Cathy, Linton — disse, unindo as mãos de ambos. — Ela já lhe tem muito carinho; por favor, não a apoquente chorando esta noite. Você tem de fazer força para mostrar-se alegre; a viagem terminou e você não tem mais nada para fazer senão descansar e se distrair como quiser.

— Deixe-me ir para a cama, então — replicou o garoto, afastando-se do abraço de Catherine e levando as mãos aos olhos, como para enxugar lágrimas incipientes.

— Vamos, vamos — sussurrei, fazendo-o entrar. — Você vai acabar fazendo-a chorar também. . . veja como ela está triste por sua causa!

Não sei se ela estava mesmo triste por ele, mas sei que o rosto dela ficou tão triste quanto o dele e voltou para junto do pai. Os três entraram e subiram para a biblioteca, onde o chá já estava servido. Tratei de remover o gorro e o capote de Linton e coloquei-o numa cadeira, à mesa; mas, mal se sentou, ele começou de novo a chorar. Meu amo perguntou qual a razão.

— Não me posso sentar numa cadeira — soluçou o garoto.

— Então sente-se no sofá, que Ellen lhe servirá o chá — respondeu o tio, pacientemente.

Vi logo que ele devia ter feito uma viagem horrível, com aquele rapazinho choramingas e caprichoso. Linton arrastou-se para fora da mesa e deitou-se no sofá. Cathy levou um banquinho e a xícara para junto dele. A princípio ficou sentada em silêncio, mas isso não durou muito: resolvera

transformar o primo no objeto dos seus mimos e começou a acariciar-lhe os cabelos, a beijar-lhe as faces e a oferecer-lhe colherinhas do seu chá, como se ele fosse um bebê. Aquilo agradou a Linton, que pouco mais era, mentalmente, do que um nenê: enxugou os olhos e esboçou um sorriso.

— Ele vai se dar muito bem — disse-me o patrão, após vê-los. — Muito bem, até, se pudermos ficar com ele, Ellen. A companhia de uma criança da sua idade vai lhe instilar um novo ânimo e isso lhe dará novas forças.

"Sim, se pudermos ficar com ele!", pensei com os meus botões, pressentindo que poucas esperanças se poderiam ter disso. Mas, pensei, como iria aquele garoto fraco e mimado viver no Morro dos Ventos Uivantes? Entre o pai e Hareton, que educação iria ele receber! Nossas dúvidas tiveram logo um fim — antes, mesmo, do que esperávamos. Eu tinha acabado de levar as crianças para cima, depois do chá, e de esperar que Linton adormecesse — pois ele não me deixou sair enquanto acordado. Descera e estava acendendo um castiçal para o Sr. Edgar levar para o quarto, quando uma criada veio me dizer que Joseph, o criado do Sr. Heathcliff, estava à porta e desejava falar com o patrão.

— Vou perguntar primeiro o que ele quer — disse eu, tomada de grande agitação. — Esta não é hora de vir incomodar as pessoas, principalmente sabendo que acabam de chegar de uma longa viagem. Não creio que o patrão possa recebê-lo.

Joseph entrara pela cozinha e apresentou-se no vestíbulo, onde eu estava. Vestia o seu traje domingueiro, combinando-o com um rosto beato e

severo, e, segurando numa mão o chapéu e na outra a bengala, pôs-se a limpar os pés no capacho.

— Boa noite, Joseph — cumprimentei, friamente. — Que o traz até aqui a estas horas?

— É com o patrão que eu preciso falar — respondeu ele, desdenhosamente.

— O Sr. Linton está se preparando para se deitar; a menos que você tenha algo de especial a lhe dizer, tenho a certeza de que não o receberá a estas horas. Acho melhor você se sentar aí e dar-me o recado.

— Onde que fica o quarto dele? — teimou o velho, olhando para a fila de portas fechadas.

Compreendi que ele se recusava a aceitar a minha mediação e, muito a contragosto, subi à biblioteca e anunciei a inconveniente visita, sugerindo que o Sr. Linton a adiasse para o dia seguinte. Mas o Sr. Linton não teve tempo para aquiescer, pois Joseph subiu logo atrás de mim e, irrompendo na biblioteca, plantou-se no outro extremo da secretária, os punhos cerrados sobre o castão da bengala, e declarou, num tom de voz elevado, como se antecipasse oposição:

— Heathcliff falou pra eu vir apanhar o garoto e não vou voltar sem ele.

Edgar Linton ficou um momento calado, com uma expressão de tristeza no rosto: tinha pena da criança por ela própria e, ao recordar as esperanças e os temores de Isabella, seu ansioso desejo de que o filho fosse criado por ele, com todo o cuidado e carinho, sofria terrivelmente ante a idéia de entregá-lo ao pai, e procurava um pretexto para evitá-lo. Mas nenhum

plano se lhe afigurava: a simples indicação de que desejava ficar com ele tornaria a intimação mais peremptória. Apenas não iria acordá-lo.

— Diga ao Sr. Heathcliff — respondeu calmamente

— que seu filho irá amanhã para o Morro. Agora está

deitado e demasiado cansado para fazer essa viagem. Também lhe pode dizer que a mãe desejaria que ele ficasse sob a minha guarda e que, presentemente, a saúde dele é muito precária.

— Ora! — exclamou Joseph, batendo com a bengala no chão e assumindo um ar autoritário. — Ora! Isso não quer dizer nada. Heathcliff não está ligando para o que a mãe queria, nem para ninguém. Ele quer o garoto e eu vou levar ele!

— Esta noite não vai, não! — respondeu Linton. — Desça imediatamente e repita para o seu amo o que eu lhe disse. Ellen, acompanhe-o.

E, pegando no indignado velho por um braço, livrou-se da presença dele e fechou a porta.

— Está bem! — gritou Joseph, enquanto descia a escada. — Amanhã Heathcliff vai vir ele mesmo e só quero ver se vão ter coragem de expulsar *ele!*

CAPÍTULO XX

A fim de evitar que essa ameaça fosse cumprida, o Sr. Linton encarregou-me de levar o garoto, de manhã bem cedo, no pônei de Catherine e acrescentou: — Como não teremos mais influência sobre ele, você não deve dizer à minha filha para onde ele foi; ela não poderá, doravante, dar-se com ele e é melhor que ignore a sua proximidade, pois do contrário tenho a certeza de que ficaria ansiosa por ir ao Morro. Diga-lhe apenas que o pai dele mandou buscá-lo e que ele foi obrigado a nos deixar.

Linton relutou muito em sair da cama às cinco da manhã e ficou espantado ao saber que se deveria preparar para nova viagem; mas eu tentei dourar a pílula, dizendo-lhe que iria passar algum tempo com o pai, o Sr. Heathcliff, o qual estava tão desejoso de vê-lo, que nem queria esperar que ele se refizesse da grande viagem.

— Meu pai! — exclamou o garoto, perplexo. — Mamãe nunca me disse que eu tinha pai. Onde é que ele vive? Preferia ficar com meu tio.

— Vive a pouca distância daqui — respondi —, atrás daqueles morros. Tão perto que você poderá vir a pé até aqui, quando ficar mais forte. E você deveria estar feliz por ir para casa e por conhecê-lo. Deve fazer o possível por amá-lo, como amava a sua mãe. . . e ele o amará também.

— Mas por que nunca ouvi falar dele? — perguntou Linton. — Por que é que ele e mamãe não viviam juntos como as outras pessoas?

— Ele tinha os seus negócios aqui no norte — respondi — e a saúde de sua mãe obrigava-a a viver no sul.

— Mas por que é que ela não me falava dele? — persistiu o menino. — Falava muito do meu tio e há muito tempo que o amo. Como é que eu vou amar o meu pai? Não o conheço!

— Ora, todas as crianças amam seus pais — falei. — Talvez sua mãe pensasse que, se falasse muito nele, você iria preferir a sua companhia à dela. Bem, temos que nos apressar. Um passeio a cavalo, numa manhã tão linda como esta, é muito melhor do que mais uma hora de sono.

— *Ela* vai conosco? — quis ele saber. — A menina que eu vi ontem?

— Agora não — respondi.

— E o meu tio?

— Também não. Eu é que vou com você. Linton deixou-se cair outra vez na almofada.

— Sem o meu tio, não vou! — exclamou. — Não sei para onde é que você quer me levar.

Tentei convencê-lo de que não devia mostrar relutância em conhecer o pai, mas ele se negou obstinadamente a vestir-se e tive de chamar o meu amo para ajudar-me a tirá-lo da cama. O pobrezinho deixou-se, finalmente, persuadir, após várias ilusórias promessas de que a sua ausência seria curta, de que Cathy e o tio iriam visitá-lo e outras agradáveis e mentirosas perspectivas, que fui inventando e reiterando durante o caminho. O ar puro e perfumado, o sol brilhante e o passo dócil de Minny não tardaram a lhe aliviar o desânimo. Começou a fazer perguntas sobre a nova casa e os seus habitantes, com maior interesse e animação.

— O Morro dos Ventos Uivantes é um lugar tão agradável quanto a granja? — perguntou, voltando-se para olhar pela última vez o vale, de onde subia uma névoa leve, que logo formou uma nuvem fofa no azul do céu.

— Não é tão rodeado de árvores — respondi — e nem tão grande, mas pode-se ver toda a região à volta . . . tem uma vista linda. E o ar é mais saudável para você: mais fresco e seco. Talvez a princípio ache a casa velha e escura, embora seja a melhor das redondezas, depois da granja. E vai dar tantos passeios pela charneca! Hareton Earnshaw (o outro primo de Cathy e seu também, de certo modo) vai lhe mostrar os lugares mais bonitos. Você vai poder sentar-se ao ar livre e ler um livro, nos dias bons; e, de vez em quando, poderá dar um passeio com seu tio. Ele muitas vezes sobe até os morros.

— E meu pai, como é que ele é? — perguntou. — Jovem e bonito como o meu tio?

— É jovem como ele — respondi —, mas tem cabelos e olhos negros e ar mais severo; é mais alto e mais forte. A princípio, talvez não lhe pareça tão meigo quanto seu tio, mas procure ser franco e cordial com ele, e, naturalmente, ele gostaria mais de você do que qualquer tio, pois você é seu filho.

— Olhos e cabelos pretos! — repetiu Linton. — Não posso imaginá-lo. Quer dizer que eu não sou parecido com ele, não é?

— Não muito — respondi. "Nem um pouco", pensei, olhando com pena para a pele branca, o aspecto frágil e os enormes e lânguidos olhos do meu companheiro — os olhos da mãe, só que, a menos que momentaneamente tocados por uma sensibilidade mórbida, não possuam sequer um vestígio do espírito dos dela.

— Que estranho ele nunca nos ter ido visitar! — murmurou. — Alguma vez me viu? Se viu, deve ter sido quando eu ainda era bebê. Não me lembro nada dele!

— Ora, menino — retruquei —, trezentas milhas é uma grande distância e dez anos parecem muito menos, para um adulto, do que para uma criança. É provável que o Sr. Heathcliff tenha pensado em ir visitá-los, verão após verão, mas nunca tenha encontrado uma oportunidade; e agora é demasiado tarde. Não lhe faça perguntas sobre o assunto; só vai aborrecê-lo.

O rapazinho fez o restante da viagem absorto nos seus pensamentos, até que paramos diante da cancela do jardim. Tentei ler as reações no seu rosto. Olhou para a fachada esculpida e para as gelosias baixas, para os arbustos desordenados e os abetos retorcidos com uma atenção solene e depois abanou a cabeça: via-se que desaprovava inteiramente o exterior da sua nova moradia, mas teve a sensatez de não se lamentar — talvez lá dentro houvesse compensações. Antes que ele desmontasse, adiantei-me e abri a porta. Eram seis e meia; a família acabara de tomar o desjejum e a empregada estava tirando a mesa. Joseph, de pé junto à cadeira do patrão, contava-lhe uma história relacionada com um cavalo manco. Hareton preparava-se para o trabalho nos campos.

— Olá, Nelly! — saudou o Sr. Heathcliff, assim que me viu. — Temia ter de descer o morro e ir eu próprio buscar o que me pertence. Você o trouxe, não foi? Vejamos o que podemos fazer dele.

Levantou-se e dirigiu-se para a porta. Hareton e Joseph seguiram-no, boquiabertos de curiosidade, enquanto o pobre Linton olhava, assustado, para os três.

— Não tem dúvida — decretou Joseph, após uma grave inspeção. — Não tem dúvida de que ele não tem nadinha do patrão!

Após ter embarçado o filho, olhando-o fixamente, Heathcliff soltou uma risada de desprezo.

— Deus, que beleza, que coisinha encantadora! — exclamou. — Aposto como ele foi criado a cremes e sopinhas, Nelly! Oh, com os diabos, é muito pior do que eu esperava. . . e Deus sabe que eu não estava nada entusiasmado!

Disse a Linton, que tremia, para descer do pônei e entrar. Ele não compreendera o significado do que o pai dissera, nem que aquilo tivesse sido dirigido a ele; na verdade, não tinha sequer a certeza de que aquele desconhecido de rosto sarcástico fosse seu pai. Mas agarrou-se a mim com crescente agitação e, quando o Sr. Heathcliff, sentando-se, lhe disse para se aproximar, escondeu o rosto no meu ombro e desatou a chorar.

— Calma, calma! — falou Heathcliff, estendendo a mão e puxando-o rudemente para junto dele, agarrando-lhe depois a cabeça pelo queixo. — Nada de bobagens! Nós não o vamos comer, Linton. . . não é esse o seu nome? Você parece filho só da sua mãe. Onde está a minha marca, rapazinho?

Tirou o boné do filho e pôs-lhe para trás os grossos cachos louros, apalpou-lhe os braços finos e os dedos estreitos. Durante esse exame, Linton parou de chorar e ergueu os seus grandes olhos azuis para inspecionar o examinador.

— Você me conhece? — perguntou Heathcliff, após ter constatado que todo ele era fraco e franzino.

— Não — respondeu Linton, com olhar medroso.

— Mas já ouviu falar de mim, não foi?

— Não — respondeu novamente o rapaz.

— Não! Que vergonha a sua mãe nunca lhe ter falado do pai! Fique sabendo que você é meu filho; e que sua mãe não prestava, já que nunca lhe falou do pai. Não precisa franzir a testa nem ficar vermelho. . . embora já seja *alguma* coisa ver que você não tem sangue branco. Seja um bom rapazinho e terá tudo de mim. Nelly, se você está cansada, pode se sentar; se não está, vá embora. Imagino que irá contar o que vir e ouvir, lá na granja; e não podemos falar à vontade com você aqui.

— Bem — retruquei —, espero que trate bem o garoto, Sr. Heathcliff, ou não ficará muito tempo com ele; e ele é a única família que o senhor tem no mundo, lembre-se disso.

— Vou tratá-lo *muito* bem, não precisa ter medo — falou ele, rindo. — Só que ninguém mais deve se preocupar com ele: quero monopolizar todo o seu afeto. Para começar, Joseph, traga algo para o rapazinho comer. Hareton, seu vadio, já para o trabalho! Sim, Nelly — acrescentou, assim que os outros saíram —, o meu filho é herdeiro da propriedade onde você mora e eu não gostaria de que ele morresse enquanto não tivesse a certeza de ser seu sucessor. Além do mais, ele é *meu* filho e eu sonho com o triunfo de ver o *meu* filho senhor das propriedades deles, pagando aos filhos deles para cultivarem as terras do seu pai. Esse é o único motivo capaz de me fazer suportar o garoto: desprezo-o pelo que ele é e odeio-o pelas recordações que ele me traz! Mas essa razão é suficiente: será tratado tão bem quanto o seu patrão trata a filha. Já tenho um quarto lá em cima preparado para ele, mobiliado num estilo

agradável; contratei um professor para vir três vezes por semana, de uma distância de vinte milhas, a fim de lhe ensinar o que ele quisesse aprender. Dei ordem a Hareton para lhe obedecer; arranjei tudo de modo a fazer com que ele se sintasse acima dos que o rodeiam, um verdadeiro senhor. Lamento, contudo, que ele pouco mereça tanto trabalho: se algo eu desejava deste mundo era que ele fosse um digno objeto do meu orgulho; estou desapontado ao vê-lo tão mimado e chorão!

Enquanto ele falava, Joseph voltava com uma tigela de mingau de aveia, que colocou diante de Linton. O rapaz olhou para a papa com ar de aversão e declarou que não era capaz de comê-la. Reparei que o velho criado também desprezava o garoto, embora não ousasse demonstrá-lo, pois Heathcliff exigia que os serviçais o respeitassem.

— Não é capaz? — repetiu o velho, olhando para Linton e abaixando a voz, com medo de ser ouvido. — Mas o menino Hareton nunca comia outra coisa quando era garoto; e o que era bom pra ele também é bom pra você, eu acho!

— *Não* vou comer isso! — respondeu Linton, irritado. — Pode levar a tigela de volta.

Joseph pegou no mingau, indignado, e colocou-o diante dos nossos olhos.

— Tem alguma coisa nesse mingau? — perguntou.

— O que é que havia de ter? — retrucou Heathcliff.

— Ora — respondeu Joseph —, esse menino fino aí diz que não é capaz de comer ele. Também, não é para espantar! A mãe dele era igualzinha.

— Não mencione a mãe dele diante de mim — ordenou Heathcliff, furioso. — Traga alguma coisa que ele possa comer e nada mais. Que é que ele costuma tomar, Nelly?

Sugeri chá com leite e a governanta logo recebeu instruções para o preparar. "Afinal", refleti, "o egoísmo do pai talvez contribua para que o filho seja bem tratado. Percebe que ele é de constituição delicada e que há necessidade de lhe dar um tratamento especial. Isso será um consolo para o Sr. Edgar."

Não tendo mais desculpa para permanecer ali, saí sem ser notada, enquanto Linton repelia timidamente as demonstrações de amizade de um cão pastor. Mas ele estava demasiado alerta para poder ser enganado; eu estava fechando a porta, quando ouvi um grito frenético e repetido:

— Não vá embora! Não quero ficar aqui! Não quero ficar aqui!

Mas logo passaram o ferrolho, com medo de que ele tentasse sair. Montei em Minny e parti a trote, terminando assim a minha breve custódia.

CAPÍTULO XXI

Tivemos um bocado de trabalho com Cathy nesse dia; ela acordou animadíssima, ansiosa por ir ter com o primo, e tanto chorou e se lamentou ao saber da sua partida, que o próprio pai foi obrigado a consolá-la, afirmando-lhe que em breve ele voltaria; acrescentou, contudo: "Se eu conseguir trazê-lo" — e não havia esperanças disso. Essa promessa foi-lhe de pouca valia; mas o tempo é o melhor remédio e, embora de vez em quando ela ainda perguntasse ao pai quando Linton voltaria, antes que o revisse esqueceria as suas feições de tal maneira que não mais o reconheceria.

Quando, por acaso, eu encontrava a governanta do Morro, nas minhas idas a Gimmerton, costumava perguntar como ia o patrãozinho, pois ele vivia quase tão recluso quanto Catherine e nunca o víamos. Por ela, concluí que continuava com pouca saúde e insuportavelmente caprichoso. Ela me disse que o Sr. Heathcliff parecia detestá-lo cada vez mais, embora se esforçasse por escondê-lo: antipatizava com o som da voz dele e não podia ficar muito tempo sentado na mesma sala que ele. Quase não falavam: Linton estudava as suas lições e passava as tardes numa pequena sala, ou então ficava na cama o dia todo, pois estava sempre pegando tosses e resfriados e queixando-se de dores de todos os tipos.

— Nunca vi criatura tão piegas — acrescentou a mulher — nem tão cheia de cuidados consigo mesma. Se eu deixo a janela aberta de noite, o que ele fala! E faz questão de ter a lareira acesa, no auge do verão; e não suporta o cachimbo de Joseph; e tem de ter sempre doces e petiscos, e sempre leite. . .

sem se importar com os outros; fica sentado, junto à lareira, embrulhado num capote de peles, sempre com uma torrada e chá ou outra qualquer bebida quente para ir bebendo aos pouquinhos. Quando Hareton, por pena, vem conversar com ele (Hareton não é mau rapaz, embora seja bruto), já se sabe que vão acabar zangados, um praguejando e o outro chorando. Acho que o patrão gostaria de ver Earnshaw dar-lhe uma surra, se não fosse seu filho; e estou certa de que acabaria expulsando-o de casa, se soubesse das exigências dele. Mas foge bem à tentação: nunca entra na saleta e, quando Linton começa a fazer das suas diante dele, manda-o logo para cima.

Adivinhei, por aquela descrição, que um ambiente de antipatia tinha tornado o jovem Heathcliff egoísta e desagradável, se é que ele já não era assim por natureza; e, conseqüentemente, o meu interesse por ele decaiu, apesar de eu ainda sentir pena da sua sorte e desejar que ele tivesse ficado conosco. O Sr. Edgar pedia-me que lhe obtivesse informações sobre o sobrinho; pensava muito nele, creio, e não se importaria de arriscar-se para poder vê-lo. Certa vez, pediu-me que perguntasse à governanta se ele nunca ia ao povoado. Ela respondeu que só fora duas vezes, a cavalo, acompanhando o pai, e que ambas as vezes queixara-se de exaustão nos três ou quatro dias subseqüentes. Se não me engano, a governanta deixou o emprego dois anos após a chegada do jovem Linton; outra, que eu não conhecia, tomou-lhe o lugar e ainda continua lá.

O tempo correu, na granja, de maneira agradável, até a menina Cathy completar dezesseis anos. Nunca festejávamos o dia do seu aniversário, pois era também a data em que sua mãe morreria. O Sr. Edgar invariavelmente passava esse dia sozinho, na biblioteca, apenas saindo, à noitinha, a caminho

do cemitério de Gimmerton, de onde só voltava geralmente depois da meia-noite. Catherine ficava, assim, entregue a si mesma. Aquele 20 de março era um belo dia de primavera e, assim que seu pai se fechou na biblioteca, Cathy desceu, toda pronta para sair, e disse-me que pedira licença ao pai para ir dar um passeio pela charneca comigo; e que o Sr. Linton lhe dera licença, contanto que não fôssemos longe e voltássemos dentro de uma hora.

— Por isso apresse-se, Ellen! — exclamou ela. — Sei aonde quero ir: é onde está um bando de galinhas. Quero ver se já fizeram os seus ninhos.

— Isso deve ser bem longe — respondi. — Não fazem os ninhos na beira da charneca.

— Não é longe, não — respondeu ela. — Cheguei bem perto delas com meu pai.

Coloquei o chapéu e saí, sem pensar mais no assunto. Cathy pulava à minha frente, como um jovem galgo, e a princípio gostei muito de ouvir as cotovias cantando e de sentir o calorzinho do sol, enquanto a via correr, os cachos dourados esvoaçando, o rosto suave e puro como uma rosa silvestre e os olhos radiantes de alegria. Ela era uma criatura feliz, um anjo, naquele tempo. Pena que nunca se sentisse satisfeita.

— Bem — perguntei —, onde estão as suas galinhas, menina? Já devíamos estar perto delas: o portão do parque da granja já está muito longe.

— E só mais um pouco além, só mais um pouco, Ellen — respondia sempre ela. — É só subir aquela colina, atravessar aquele baixio, e quando você chegar ao outro lado eu já terei descoberto as galinhas.

Mas havia tantas colinas para subir e tantos baixios para atravessar que comecei a ficar cansada e disse-lhe que tínhamos de parar e voltar para trás.

Mas ela me ultrapassara de muito e tive de gritar: ou não me ouviu, ou fingiu não fazê-lo, pois continuou a correr, obrigando-me a segui-la. Finalmente afundou numa vertente; e, antes que eu pudesse fazê-la parar, estava duas milhas mais próxima do Morro do que da sua própria casa e vi duas pessoas agarrando-a, uma das quais tive a certeza de ser o Sr. Heathcliff.

Cathy fora apanhada roubando ninhos ou, pelo menos, procurando-os. O Morro era propriedade de Heathcliff e ele estava passando uma descompostura nela.

— Não peguei nem sequer descobri nenhum ninho — afirmava ela, gesticulando. — Não queria pegar as aves; papai disse-me que havia muitas aqui e quis ver os ovos.

Heathcliff olhou para mim com um sorriso maligno que bem demonstrava saber de quem se tratava, e perguntou quem era "papai".

— O Sr. Linton, da Granja Thruscross — respondeu ela. — Logo vi que o senhor não me conhecia, ou não me haveria falado dessa maneira.

— Quer dizer que você pensa que o seu pai é muito estimado e respeitado? — volveu ele, em tom sarcástico.

— E quem é você? — quis saber Catherine, com olhar curioso. — Esse rapaz, eu já vi antes. É seu filho?

Apontou para Hareton, a outra pessoa, que em nada mais progredira senão na altura e na força: parecia tão desajeitado e bruto como antes.

— Srta. Cathy — interrompi —, já vai fazer três horas, em vez de uma, que estamos longe de casa. Temos de voltar.

— Não, este rapaz não é meu filho — respondeu Heathcliff, empurrando-me para o lado. — Mas eu tenho um filho e você também já o

viu. Acho que, embora a sua governanta esteja com pressa, seria boa idéia descansarem um pouco. Por que não caminhar mais um pouco e vir até a minha casa? Uma vez repousadas, o caminho de volta lhes parecerá mais curto; e serão bem recebidas.

Sussurrei ao ouvido de Catherine que de nenhuma maneira aceitasse aquela oferta, que era totalmente despropositada.

— Por quê? — perguntou ela, em voz alta. — Estou cansada de correr e a terra está úmida: não posso sentar-me nela. Vamos, Ellen. Além disso, ele diz que eu já vi o seu filho. Acho que está enganado, mas creio que sei onde ele mora: na fazenda onde uma vez entrei, ao vir de Peniston Crag. Não é lá?

— É. Venha, Nelly, e não resmungue. . . ela vai gostar de nos fazer uma visita. Hareton, vá à frente com a menina. Você vem comigo, Nelly.

— Não, ela não vai a nenhum lugar! — gritei, debatendo-me para soltar o braço, que ele tinha agarrado. Mas ela já estava quase à porta, correndo a toda velocidade. Hareton não fingiu, sequer, acompanhá-la: entrou por um atalho e desapareceu.

— Sr. Heathcliff, o que está fazendo é muito malfeito — continuei. — O senhor sabe disso. Ela vai ver Linton e contar tudo tão logo voltarmos a casa; e eu terei a culpa.

— Quero que ela veja Linton — respondeu ele. — Está com melhor aspecto estes últimos dias. . . e não é sempre que isso acontece. Nós a convenceremos a guardar segredo da visita; que mal há nisso?

— O mal está em que o pai dela vai me odiar se descobrir que a deixei entrar na sua casa; e estou convencida de que os seus desígnios não são bons — respondi.

— Os meus desígnios são tão honestos quanto possível, você vai ver — retrucou ele. — A minha intenção é que os primos se apaixonem e acabem casando. Como vê, estou agindo generosamente para com o seu patrão: a filha dele não tem esperanças de herdar nada e, se ela reagir como desejo, passará a herdeira, conjuntamente com Linton.

— Se Linton morresse — falei —, e a sua vida parece precária, Catherine seria a única herdeira.

— Nada disso — replicou ele. — Não há nenhuma cláusula, no testamento, que diga isso: a propriedade dele passaria a mim. Mas, para evitar disputas, desejo que eles se unam e estou decidido a propiciar esse casamento.

— Pois eu estou decidida a não deixá-la mais aproximar-se desta casa — respondi, ao chegarmos ao portão, onde Cathy já nos esperava.

Heathcliff mandou-me calar e, precedendo-nos, apressou-se a nos abrir a porta. A minha jovem patroa deu-lhe várias olhadelas, como se não soubesse o que pensar dele; mas ele sorria sempre que dava com os olhos dela e amaciava a voz ao falar-lhe — e eu fui suficientemente idiota para imaginar que a lembrança da mãe dela pudesse fazê-lo desistir de lhe desejar mal. Linton estava de pé junto à lareira. Devia estar voltando de um passeio pelos campos, pois ainda tinha o boné na cabeça e estava chamando Joseph para lhe levar sapatos secos. Era alto para a idade, dezesseis anos incompletos. Seus traços continuavam corretos e tinha a pele e os olhos mais brilhantes do que outrora, embora fosse apenas um brilho temporário, obra dos bons ares e do sol.

— Quem é aquele? — perguntou o Sr. Heathcliff, voltando-se para Cathy. — Será que você sabe?

— Seu filho? — retrucou ela, após examinar primeiro um e depois o outro.

— Isso mesmo — respondeu ele. — Mas é a primeira vez que você o vê? Pense! Oh, como você tem pouca memória! Linton, você não se lembra de sua prima, que antigamente tanto nos pedia para ver?

— O quê, esse é Linton! — exclamou Cathy, tomada de alegre surpresa. — É este o pequeno Linton? Está mais alto do que eu! Você é mesmo Linton?

O rapaz aproximou-se. Cathy beijou-o fervorosamente e olharam um para o outro, admirados com a mudança que o tempo operara. Catherine atingira o máximo de sua altura; sua silhueta era ao mesmo tempo roliça e esbelta, elástica e flexível, e toda ela resplandecia de saúde e animação. O aspecto e os movimentos de Linton eram muito lânguidos e seu físico demasiado franzino; mas havia nele uma graça de maneiras que mitigava esses defeitos e lhe dava um ar agradável. Após trocar várias demonstrações de carinho com ele, Cathy avançou para o Sr. Heathcliff, que estava à porta, dividindo a sua atenção entre o que se passava dentro e o que se desenrolava lá fora — fingindo preocupar-se mais com o exterior, quando na verdade observava o que acontecia na sala.

— Então o senhor é meu tio! — disse ela, alteando-se para beijá-lo. — Achei-o logo simpático, embora o senhor a princípio estivesse zangado. Por que não costuma ir à granja com Linton? Viver todos estes anos tão perto de nós e nunca nos ter ido visitar é estranho; qual a razão disso?

— Fui à granja vezes demais, antes de você nascer — respondeu ele. — Pare com isso! Se você quer beijar alguém, beije Linton: eu não sou homem para beijos.

— Ellen, sua perversa! — exclamou Catherine, atirando-se sobre mim aos beijos. — Sua má! Não querer que eu entrasse! Doravante vou vir até aqui todas as manhãs . . . posso, tio? E, de vez em quando, vou trazer o meu pai. O senhor não gostaria disso?

— Claro que gostaria! — replicou ele, mal contendo uma careta, resultante da sua profunda aversão pela idéia. — Mas escute. . . — continuou, voltando-se para a menina. — Pensando bem, acho melhor contar-lhe. O seu pai tem má vontade contra mim; brigamos, há anos atrás, brigamos seriamente; e se você lhe disser que veio aqui ele vai proibi-la de voltar. Portanto você não deve dizer-lhe nada, a menos que não queira nunca mais ver o seu primo: pode vir, se quiser, mas não de maneira que ele saiba disso.

— Por que foi que brigaram? — perguntou Catherine, desanimada.

— Ele achava que eu era demasiado pobre para me casar com a irmã dele — respondeu Heathcliff — e não me desculpou, quando consegui conquistá-la. O seu amor-próprio ficou ferido.

— Ele procedeu mal! — exclamou a menina. — Um dia ainda hei de lhe dizer isso. Mas Linton e eu nada temos com a briga. Está bem, não virei aqui; ele irá me visitar na granja.

— É longe demais para mim — murmurou o jovem. — Caminhar quatro milhas daria cabo de mim. Não, venha você aqui de vez em quando; não todas as manhãs, mas uma ou duas vezes por semana.

O pai lançou-lhe um olhar de fuzilante desprezo.

— Receio, Nelly, estar perdendo o meu tempo — resmungou ele. — A Srta. Catherine, como o pobre-diabo a chama, vai acabar descobrindo o que ele é e mandando-o plantar batatas. Se, em vez dele, fosse Hareton! Sabe que, vinte vezes por dia, eu cobiço Hareton, com toda a sua degradação? Se ele fosse filho de outro, acho que o amaria. Mas acho também que ele está a salvo do amor *dela*. Vou colocá-lo contra aquela mesquinha criatura, a não ser que ela se remexa demasiado. Calculamos que ele mal chegará aos dezoito anos. Veja que vergonha! Está tão absorto em mudar de sapatos que não olha para ela. Linton!

— O que é, pai? — respondeu o rapaz.

— Você não tem nada para mostrar à sua prima? Nem um ninho de coelhos? Leve-a ao jardim antes de trocar de sapatos; ou à cavaliariça, para ver o seu cavalo.

— Será que você não prefere ficar aqui? — perguntou Linton, dirigindo-se a Cathy num tom que bem expressava a sua relutância em sair de onde estava.

— Não sei — respondeu ela, deitando uma olhadela para a porta e evidentemente ansiosa por sair.

Ele se manteve sentado e aproximou-se mais do fogo. Heathcliff levantou-se, encaminhando-se para a cozinha e dali para o pátio, chamando por Hareton. O rapaz respondeu e dali a pouco os dois voltaram. Via-se que o jovem se lavara, pelo rubor das faces e o molhado dos cabelos.

— Deixe-me perguntar-lhe, tio — exclamou Cathy, lembrando-se do que a governanta lhe tinha dito. — Esse aí não é meu primo, é?

— É — respondeu ele. — É sobrinho de sua mãe. Você não gosta dele?

Catherine torceu o nariz.

— Não o acha bonito? — continuou o Sr. Heathcliff. A impudente criaturinha ergueu-se nas pontas dos pés

e sussurrou qualquer coisa ao ouvido do tio. Ele riu, mas Hareton fechou a cara: percebi que era muito suscetível a pressupostas ofensas e tinha, evidentemente, noção da sua inferioridade. Mas o seu amo ou guardião fez com que ele desfranzisse a testa, dizendo-lhe:

— Você parece ser o favorito, Hareton! Ela diz que você é um. . . Que foi que ela disse? Bem, algo muito agradável. Vá você mostrar-lhe a fazenda. E porte-se como um cavalheiro, hein? Não diga palavrões, não olhe para a mocinha quando ela não estiver olhando para você, e nem quando ela estiver; e quando falar pronuncie bem as palavras e conserve as mãos fora dos bolsos. Vamos, mostre-se gentil para com ela.

Ficou observando o par, que passava por baixo da janela. Earnshaw olhava para o lado oposto à sua companheira. Parecia contemplar a paisagem tão conhecida com o interesse de um artista e de um forasteiro. Catherine olhava disfarçadamente para ele, com ar de admiração. Vendo que ele não falava, voltou a sua atenção para outras coisas e começou a cantarolar, a fim de compensar a falta de conversa.

— Dobrei-lhe a língua — observou Heathcliff. — Ele não ousará pronunciar uma única sílaba! Nelly, você se lembra de mim com a idade dele. . . não, alguns anos mais moço. Alguma vez eu pareci tão estúpido, tão "burro", como diz Joseph?

— Pior, até — respondi —, porque mais recalcado.

— Sinto prazer em vê-lo — continuou ele, como se pensasse em voz alta. — Satisfaz as minhas expectativas. Se tivesse nascido idiota, eu não gostaria tanto. Mas ele não é idiota e compreendo bem os seus sentimentos, pois já foram os meus. Sei o que ele está sofrendo agora, por exemplo: e sei que é apenas o começo do que há de sofrer; e que ele nunca será capaz de emergir da sua crosta de rudeza e ignorância. Consegui mantê-lo mais dependente do que o canalha do pai dele me mantinha, e mais inferiorizado, pois ele se orgulha da sua animalidade. Ensinei-o a desprezar tudo quanto não é animalesco como coisas bobas e fracas. Não acha que Hindley ficaria orgulhoso do filho se o pudesse ver? Quase tão orgulhoso quanto eu estou do meu. Mas há uma diferença: um é ouro empregado para revestir o chão, o outro é latão lustrado a fim de parecer prata. O *meu* não tem por onde se possa pegar nele, mas eu hei de ter o mérito de esporeá-lo até onde ele possa ir. O *dele* tinha qualidades de primeira, que se perderam: embotei-as completamente. *Eu* nada tenho a lastimar; *ele* teria muito. E o melhor da festa é que Hareton gosta tanto de mim! Você há de convir que nisso eu ganhei de Hindley. Se o patife se erguesse do túmulo para me censurar pelos prejuízos causados ao filho, eu teria o divertimento de ver o filho voltar-se contra ele, indignado por ousar atacar o seu único amigo neste mundo!

Heathcliff soltou uma risada diabólica ao pensar naquilo. Eu não fiz comentários, pois vi que ele não os esperava. Entretanto, o nosso jovem companheiro de sala, que estava sentado longe demais para poder ouvir o que se dizia, começou a mostrar sinais de impaciência, provavelmente arrependido de se ter privado da companhia de Catherine por excesso de comodismo. O

pai reparou nos olhares ansiosos que ele dirigia para a janela e na mão que se estendia, irresolutamente, para o boné.

— Levante-se, seu preguiçoso! — exclamou, fingindo entusiasmo. — Corra atrás deles! Estão bem ali no canto, junto das colméias.

Linton reuniu forças e saiu de perto da lareira. A gelosia estava aberta e, quando ele saiu, ouvi Cathy perguntar ao seu insociável acompanhante o que queria dizer a inscrição por cima da porta. Hareton olhou para cima e coçou a cabeça, igual a um palhaço.

— É qualquer coisa — respondeu. — Não consigo ler.

— Não consegue ler? — exclamou Catherine. — Pois eu posso: está escrito em inglês. Só quero saber por que está aí.

Linton riu — pela primeira vez, para mim.

— Ele não conhece nem as letras — disse para a prima. — Não é de espantar que exista alguém tão burro?

— Ele é normal? — perguntou Cathy, com ar sério. — Ou será débil mental? Perguntei-lhe duas vezes e ele fez uma cara tão estúpida, que acho que não me entendeu. Quanto a mim, mal posso entendê-lo!

Linton riu de novo e olhou provocadoramente para Hareton, que naquele momento parecia estar entendendo muito bem.

— Não há nada com ele, a não ser preguiça; não é, Earnshaw? Minha prima pensa que você é idiota. Aí tem você a consequência do seu desprezo pelo "estudo", como você diz. Já reparou, Catherine, no horrível sotaque dele?

— Ora, que diabo tem isso? — rosnou Hareton, mais habituado a responder ao seu companheiro de todos os dias. Ia falar mais, mas os dois

primos explodiram num ataque de riso, a minha jovem ama encantada de descobrir que poderia transformar aquela estranha pronúncia num motivo de divertimento.

— Que é que o Diabo tem a ver nessa frase? — retrucou Linton. — Papai disse-lhe para não usar palavrões, mas você dá sempre um jeito de praguejar. Tente comportar-se como um cavalheiro, vamos!

— Se você não fosse um maricas, juro que agorinha mesmo lhe esborrachava a cara! — respondeu o furioso rapaz, retirando-se com o rosto em fogo de raiva e vergonha, pois tinha consciência de haver sido insultado.

Tendo, como eu, ouvido a conversa, o Sr. Heathcliff sorriu ao ver a reação de Hareton; mas logo a seguir lançou um olhar de singular aversão ao jovem par, que continuava a conversar junto à porta — o rapaz, todo animado a comentar os defeitos e as deficiências de Hareton e a contar anedotas baseadas nele; e a moça rindo do que ele dizia, sem pensar na maldade que demonstrava. Comecei a sentir mais repulsa do que compaixão por Linton e a desculpar, até certo ponto, o pai por lhe ter desprezo.

Ficamos no Morro até a tarde: não pude arrancar Cathy dali senão quando ela se resolveu a ir embora; felizmente, porém, o meu patrão não saíra do seu quarto e não notara a nossa prolongada ausência. A caminho de casa, tentei esclarecer Cathy sobre a verdadeira natureza das pessoas que acabávamos de deixar, mas ela meteu na cabeça que eu tinha algo contra elas.

— Ora — exclamou —, você se põe do lado de papai, Ellen, você é parcial; senão, nunca me haveria enganado, durante anos, dizendo-me que Linton morava muito longe daqui. Estou muito zangada com você; só que, por outro lado, estou tão feliz, que nem posso ficar zangada! Mas você não

deve dizer nada contra meu tio: ele é *meu* tio, lembre-se; e eu vou ralar com papai por ter brigado com ele.

E assim por diante, até eu me convencer de que não adiantava dizer-lhe que se enganava. Ela não falou da visita essa mesma noite, porque não viu o Sr. Linton. Mas no dia seguinte contou-lhe tudo, para minha tristeza; se bem que eu sentisse um certo alívio, pois achava que o pai seria capaz de orientá-la e preveni-la melhor do que eu. Mas ele relutou em dar-lhe motivos satisfatórios para que ela evitasse manter relações com a casa do Morro, e Catherine gostava de boas razões para todas as objeções às suas vontades de menina mimada.

— Papai! — exclamou, logo de manhã. — Imagine quem eu vi ontem, ao passear pela charneca! Papai, você estremeceu! Consciência pesada, não é? Eu vi. . . mas vou lhe contar como foi que eu descobri. . . e como descobri que Ellen me enganou, embora fingisse ter pena de mim, quando eu esperava que Linton voltasse!

E contou em detalhes o desenrolar do passeio e suas conseqüências. Embora me lançasse mais de um olhar de reprovação, meu patrão nada disse até ela terminar. Puxou-a, então, para ele e perguntou-lhe se sabia por que razão lhe tinha ocultado a proximidade de Linton. Pensaria ela que fora para negar-lhe um prazer que ela pudesse ter sem contratemplos?

— Foi porque você não gosta do Sr. Heathcliff — respondeu ela.

— Nesse caso, você pensa que eu me importo mais com os meus próprios sentimentos do que com os seus, não é, Cathy? — disse ele. — Não; não foi porque eu não gostasse do Sr. Heathcliff, mas porque ele não gosta de mim; e porque é um homem diabólico, cuja maior alegria é desgraçar e

arruinar as pessoas a quem odeia, se elas lhe derem a menor oportunidade. Sabia que você não poderia manter relações com seu primo sem entrar em contato com ele; e sabia que ele a detestaria por minha causa; por isso, para o seu bem, e nada mais, tomei precauções para evitar que você voltasse a ver Linton. Pensava explicar-lhe isso quando você fosse mais velha, e me arrependo agora de não o ter feito antes.

— Mas o Sr. Heathcliff foi muito simpático, papai — objetou Catherine, nada convencida. — E *não* pôs obstáculos a que eu e Linton voltássemos a ver-nos; disse que eu podia ir lá quando quisesse, mas que eu não lhe devia dizer, porque você brigara com ele e não lhe perdoava ter casado com a tia Isabella. E é verdade. *Você* é que tem a culpa: ele, pelo menos, quer que eu e Linton sejamos amigos. Você, não.

Vendo que ela não acreditava no que ele lhe dizia sobre a perversidade do tio, o meu amo delineou rapidamente a conduta dele para com Isabella e a maneira pela qual se apossara do Morro dos Ventos Uivantes. Não agüentava falar muito desse assunto, pois ainda sentia o mesmo horror e a mesma repulsa pelo antigo inimigo que sentia desde a morte da Sra. Linton. "Ela ainda poderia estar viva, se não fosse por ele!", era o seu constante e amargo pensamento; e, a seus olhos, Heathcliff aparecia como um assassino. Cathy — que não conhecia más ações, exceto as suas pequenas desobediências, injustiças e demonstrações de cólera, baseadas na sua educação mimada e no seu temperamento apaixonado, de que se arrependia assim que as cometia — ficou espantada com a existência de um espírito capaz de passar anos arquitetando vinganças e levá-las a cabo sem o mínimo remorso. Tão impressionada e chocada ficou ante aquela nova visão da natureza humana —

até então excluída de todos os seus estudos e pensamentos — que seu pai achou desnecessário continuar. Acrescentou, apenas:

— Mais tarde você saberá, minha querida, por que motivo eu não quero que você freqüente a casa ou a família dele; agora volte às suas ocupações e não pense mais neles.

Catherine beijou o pai e, durante duas horas, dedicou-se sossegadamente às lições, conforme era costume; depois acompanhou-o no seu passeio e o dia se passou como de hábito; mas à noite, quando subi ao quarto para ajudá-la a despir-se, encontrei-a chorando, ajoelhada à beira da cama.

— Deixe disso, bobinha! — exclamei. — Se você tivesse sofrimentos reais, teria vergonha de gastar uma lágrima sequer por causa de uma pequena contrariedade. Você nunca teve um sofrimento real, Catherine. Suponha, por um minuto, que seu pai e eu morrêssemos e você ficasse sozinha no mundo: como se sentiria, então? Compare o seu atual aborrecimento com uma aflição dessas e agradeça a Deus pelos amigos que tem em vez de querer ter mais.

— Não estou chorando por mim, Ellen — retrucou ela —, e sim por ele. Esperava que eu fosse lá amanhã e ficará tão desapontado! Esperará por mim e eu não irei!

— Bobagem — retruquei. — Você julga que ele tem pensado tanto em você quanto você nele? Acaso não tem Hareton para lhe fazer companhia? Ninguém chora por perder um parente que só viu duas vezes. Linton imaginará o que aconteceu e não pensará mais em você.

— Mas será que não posso escrever-lhe um bilhete, dizendo-lhe por que não posso ir lá? — perguntou ela, pondo-se de pé — e mandar-lhe os

livros que lhe prometi emprestar? Os livros dele não são tão bons quanto os meus e ele ficou interessadíssimo em que eu os emprestasse a ele. Não posso, Ellen?

— Não, não pode! — respondi categoricamente. — Ele depois lhe escreveria e a correspondência nunca mais teria fim. Não, as relações entre vocês dois têm de terminar completamente; é isso que seu pai espera e o que será feito.

— Mas como é que um bilhete de nada. . . — insistiu ela, com ar de súplica.

— Silêncio! — atalhei. — Nada de bilhetinhos. Vá Para a cama.

Ela me lançou um olhar furioso, tão furioso, que a princípio me recusei a beijá-la; cobria-a e fechei a porta, aborrecida; mas, arrependendo-me, voltei pé ante pé ao quarto e, para meu espanto, dei com ela de pé junto à escrivaninha, com um pedaço de papel em branco à sua frente e um lápis na mão, que ela tratou de esconder ao me ver entrar.

— Você não arranjará ninguém para mandar bilhete algum, Catherine — falei —, mesmo que o escreva; e vou apagar a vela.

Coloquei o extintor sobre a chama, recebendo, ao fazê-lo, uma palmada na mão e um atrevido "mulher horrível!" Saí de novo do quarto e ela passou o ferrolho na porta, num dos seus piores acessos de má-criação. A carta foi concluída e entregue ao destinatário por um jovem leiteiro do povoado; mas isso eu só vim a saber mais tarde. O tempo foi se passando e Cathy recobrando o bom humor, embora desse para se meter pelos cantos e de vez em quando, se eu chegasse perto quando ela estava lendo, a visse estremecer e curvar-se sobre o livro, como se o quisesse esconder, e percebesse beiradas de

papel solto aparecendo por entre as páginas. Ela também passara a descer bem cedo, de manhã, e a ficar na cozinha, como se estivesse à espera de algo; e tinha urna pequena gaveta, numa escrivaninha da biblioteca, onde remexia horas seguidas e cuja chave tinha o cuidado de guardar.

Um dia em que ela examinava a gaveta, observei que as coisas que anteriormente guardava nela haviam sido substituídas por pedaços de papel dobrado. Minha curiosidade e minhas suspeitas foram logo despertadas e decidi ver quais seriam os seus misteriosos tesouros. À noite, tão logo ela e o patrão subiram para os seus aposentos, procurei, entre as chaves da casa, uma que servisse na fechadura da gaveta. Uma vez aberta, esvaziei todo o seu conteúdo para o meu avental e levei-o comigo, a fim de passá-lo calmamente em revista no meu quarto. Embora suspeitasse, ainda assim fiquei surpresa ao descobrir que havia um monte de cartas — quase uma por dia — de Linton Heathcliff, respostas a missivas enviadas por ela. As mais antigas eram curtas e escritas num tom embaraçado; aos poucos, porém, tinham se transformado em copiosas cartas de amor, ridículas, como era natural devido a idade, mas, aqui e ali, com passagens que me pareciam tiradas de alguma fonte mais experiente. Algumas me impressionaram como estranhas misturas de ardor e prosaísmo, começando num tom sincero e concluindo no estilo afetado, palavroso, que um colegial usaria ao se dirigir a uma amada imaginária, incorpórea. Não sei se Cathy se satisfazia com aquilo; a mim pareciam boas para se jogar no lixo. Após ter lido algumas, amarrei-as num lenço e coloquei-as de lado, voltando a fechar a chave a gaveta vazia.

Seguindo o seu costume, na manhã seguinte Cathy desceu bem cedo e foi logo para a cozinha: vi-a dirigir-se para a porta, ao ver chegar um

rapazinho que vendia leite no povoado; e, enquanto lhe enchiam as vasilhas, ela enfiou algo no bolso do casaco dele, ao mesmo tempo que retirava alguma coisa. Dei a volta ao jardim e fiquei à espera do garoto, que lutou valentemente em defesa do que lhe havia sido confiado. Derramamos metade do leite, mas consegui tirar-lhe a carta de Cathy e, ameaçando-o de sérias conseqüências se ele não fosse direto para o povoado, desdobrei-a e ali mesmo me pus a lê-la. Era bem mais simples e eloqüente do que a correspondência do primo, num estilo bonito e igualmente idiota. Abanei a cabeça e entrei, pensativa, em casa. Como o dia estava chuvoso, ela não podia sair a passear pelo parque e, ao terminar o estudo matinal, correu para a sua gaveta. Seu pai estava lendo à sua mesa de trabalho e eu, propositadamente, entregara-me ao conserto de umas franjas meio rotas na cortina da janela, de onde podia observar tudo o que ela fazia. Jamais uma ave, voltando ao ninho em que deixara os filhotes, e encontrando-o destruído, expressou um desespero tão completo em piados e angustiado bater de asas, do que ela num único "oh!" e na mudança que transfigurou o seu rosto, ultimamente rosado e feliz. O Sr. Linton ergueu os olhos.

— Que foi, meu amor? Você se machucou? — perguntou ele.

O seu olhar e a sua pergunta asseguraram-lhe que não fora *ele* quem descobrira as cartas.

— Não, papai! — respondeu ela. — Ellen, Ellen! Suba, por favor. . . Estou enjoada! — Obedeci e subi com ela.

— Ellen, você tirou as cartas — começou ela imediatamente, pondo-se de joelhos, mal ficamos a sós. — Pelo amor de Deus, dê-as para mim e prometo-lhe que nunca, mas nunca, voltarei a escrever! Não conte nada ao

meu pai. Você não contou, não foi, Ellen? Diga que não! Fui muito desobediente, mas juro que nunca mais escreverei!

Com ar severo e grave, mandei-a levantar-se.

— Pois é! — exclamei. — Srta. Catherine, pode se envergonhar dessas cartas! Em bela coisa você ocupa as suas horas de folga! Essa correspondência do seu primo merecia ser publicada! E que é que você acha que seu pai vai pensar, quando eu a mostrar a ele? Ainda não o fiz, mas não julgue que não vou colocá-lo a par dos seus ridículos segredos. Que vergonha! E você é que deve ter começado, apostado, a escrever tais absurdos: tenho a certeza de que ele nem sequer pensaria nisso.

— Não fui eu! Não fui eu! — soluçou Cathy. — Eu não pensei em amá-lo, até que. . .

— *Amá-lo!* — repeti, em tom de desprezo. — *Amá-lo!* Onde já se viu dizer tal coisa! Era como se eu dissesse que amava o moleiro que vem uma vez por ano comprar o nosso milho. Que belo amor! As duas vezes em que você viu Linton não perfazem sequer quatro horas da sua vida! Aqui estão as ridículas cartas. Vou levá-las para a biblioteca e veremos o que seu pai dirá a respeito desse *amor*.

Ela pulou para salvar as suas preciosas missivas, mas eu as ergui acima da minha cabeça. Ela, então, suplicou-me que as queimasse, que fizesse o que quisesse, menos mostrá-las ao pai. E, tendo tanta vontade de rir quanto de a repreender — pois achava tudo aquilo coisa de criança —, acabei cedendo, com uma condição!

— Se eu consentir em queimá-las, você me promete nunca mais mandar nem receber carta alguma, nem livros (pois vejo que lhe mandou livros), nem cachos de cabelo, nem anéis, nem bugigangas?

— Nunca nos mandamos bugigangas! — replicou Catherine, o orgulho vencendo a vergonha.

— Nem nada de nada, então. A menos que você prometa, entregarei as cartas a seu pai.

— Prometo, Ellen! — gritou ela, agarrando-me o vestido. — Jogue-as já na lareira!

Mas, quando me viu remexer as brasas, o sacrifício pareceu-lhe demasiado difícil de suportar e suplicou-me que lhe poupasse uma ou duas cartas.

— Só uma ou duas, Ellen, para me lembrar de Linton! Desatei o lenço e comecei a jogar as cartas no fogo.

— Vou salvar uma, mulher cruel! — gritou ela, enfiando a mão no fogo e tirando para fora alguns pedaços meio queimados, com risco para os dedos.

— Muito bem. . . e eu terei alguma coisa para mostrar a seu pai! — respondi, levantando-me e dirigindo-me para a porta.

Ela jogou imediatamente os pedaços de carta nas chamas e fez-me sinal para terminar com a imolação. Remexi as cinzas e enterrei-as sobre uma pazada de carvões, enquanto ela se retirava, muda e com uma expressão de injustiçada, para os seus aposentos. Desci para informar o patrão de que o mal-estar da filha estava passando, mas que julgara melhor mandá-la repousar um pouco. Cathy não desceu para o almoço, mas apareceu à hora do chá, pálida e com os olhos vermelhos, mas extraordinariamente sossegada em

aparência. Na manhã seguinte, respondi à carta do primo com um recado em que dizia: *O jovem Sr. Heathcliff não deve mandar mais bilhetes para a Srta. Linton, pois não lhe serão entregues.* E, desse dia em diante, o rapazinho nunca mais trouxe nada.

CAPÍTULO XXII

O verão chegou ao fim, dando lugar ao princípio do outono, mas a colheita estava atrasada aquele ano, e alguns dos nossos campos ainda tinham gente trabalhando. O Sr. Linton e sua filha iam ver o trabalho e muitas vezes ficavam até a noitinha. Como o tempo estivesse frio e úmido, o meu amo apanhou um forte resfriado, que lhe atacou os pulmões, obrigando-o a ficar todo o inverno confinado ao seu quarto, quase sem sair.

A pobre Cathy, desde o término do seu pequeno romance, perdera muito da sua alegria e boa disposição, e seu pai insistia para que ela lesse menos e fizesse mais exercício. Já não tinha a companhia dele e eu achava ser meu dever substituí-lo, no que fosse possível, com a minha

— substituição pouco satisfatória, pois só podia tirar duas ou três horas da minhas várias ocupações diárias para acompanhá-la, e a minha companhia era bem menos apreciada do que a dele.

Numa tarde de outubro ou do começo de novembro

— uma tarde fresca e úmida, em que a grama e os caminhos se cobriam de folhas secas e molhadas e o céu azul e frio estava semi-escondido pelas nuvens: enormes nuvens escuras, correndo rapidamente de oeste e prenunciando chuvas abundantes — pedi à minha jovem ama que desistisse de sair, pois estava certa de que ia chover. Ela recusou, forçando-me a vestir uma capa e a pegar no meu guarda-chuva, a fim de acompanhá-la num passeio até o fundo do parque, um passeio tradicional, que ela geralmente fazia quando deprimida — como ela estava sempre que o Sr. Linton passava

pior do que de costume, coisa que ele nunca dizia, mas que tanto eu como ela adivinhávamos, pelo seu silêncio e pela melancolia em seu rosto. Cathy caminhava tristemente: nada de correrias nem saltos, embora o vento frio pudesse lhe ter dado vontade de correr. De vez em quando, pelo canto do olho, eu a via levantando a mão e limpando algo da face. Olhei em volta, à procura de alguma coisa que lhe distraísse o pensamento. A um lado da estrada havia uma pequena elevação, onde algumas aveleiras e carvalhos retorcidos, com as raízes meio expostas, a custo se seguravam: o solo era demasiado solto; os últimos e fortes ventos tinham tornado alguns quase horizontais. No verão, Catherine adorava subir pelos troncos e sentar-se nos galhos, balançando-se sete metros acima do chão, enquanto eu, satisfeita de ver a sua agilidade e o seu espírito ainda infantil, ainda assim achava conveniente ralar com ela, por trepar tão alto, embora ela soubesse que não havia necessidade de descer. Desde o fim do almoço até a hora do chá, ela ficava no seu berço ninado pela brisa, sem fazer nada a não ser cantar velhas canções — que eu lhe ensinara —, ou ver os passarinhos alimentando os filhotes e ensinando-os a voar; ou aninhar-se com as pálpebras cerradas, meio a pensar, meio a sonhar, numa felicidade inexprimível.

— Veja, senhorita! — exclamei, apontando para um lugar debaixo das raízes de uma das árvores retorcidas. — O inverno ainda não chegou. Ainda há uma florzinha, ali, daquelas campânulas que em julho cobriam a relva de uma colcha lilás. Que tal subir lá e colhê-la, para mostrá-la a seu pai?

Cathy olhou durante algum tempo para a flor solitária, que estremecia ao vento, e por fim respondeu:

— Não, não vou apanhá-la; mas o seu aspecto é melancólico, não é, Ellen?

— É, sim — falei —, quase tanto como o seu; suas faces estão sem cor; que tal darmos as mãos e correremos? Você está tão embaixo que talvez eu possa acompanhá-la.

— Não — repetiu ela, e continuou a avançar, parando de vez em quando para contemplar um pedaço de musgo, um tufo de relva ressecada pelo frio ou um cogumelo que espalhava a sua cor de laranja por entre os montes de folhagem castanha, e, também de vez em quando, erguendo a mão ao rosto.

— Catherine, por que é que você está chorando, meu bem? — perguntei, aproximando-me e pondo-lhe a mão no ombro. — Você não precisa chorar só porque seu pai tem um resfriado; dê graças a Deus por não ser algo pior.

Ela não conteve mais as lágrimas; os soluços sufocaram-na.

— Sim, mas *vai* piorar — chorou ela. — E que será de mim quando você e papai morrerem e eu ficar sozinha? Não posso esquecer as suas palavras, Ellen; estão sempre nos meus ouvidos. Como a minha vida vai mudar, como vai ser horrível o mundo, quando você e papai se forem!

— Ninguém pode garantir que você não morra antes de nós — repliquei. — Não se devem antecipar desgraças. Devemos é esperar que ainda faltem muitos anos para o nosso dia: seu pai é jovem, eu sou forte e tenho apenas quarenta e cinco anos. Minha mãe chegou aos oitenta, cheia de energia até o fim. E se o Sr. Linton viver até os sessenta ainda terá de vida mais do

que os anos que você tem agora. Não acha bobagem estar chorando por algo que talvez só aconteça daqui a vinte anos?

— Mas a tia Isabella era mais jovem do que papai — observou ela, erguendo os olhos numa esperança tímida de consolação.

— Sua tia não tinha a você nem a mim para tomar conta dela — respondi. — Não era feliz como o seu pai: não tinha muita coisa que a prendesse à vida. O que você precisa fazer é cuidar bem do seu pai e animá-lo, mostrando-se animada. Evite dar-lhe preocupações, sejam quais forem; lembre-se disso, Cathy! Não duvido de que você pudesse matá-lo de desgosto, sendo insensata e desobediente, nutrindo um sentimento louco, imaginário, pelo filho de uma pessoa cujo maior prazer seria vê-lo morto e permitindo-lhe descobrir que sofreu com a separação que ele achou necessário efetuar.

— Nada me faz sofrer, neste mundo, senão a doença de papai — respondeu Cathy. — Nada me importa, em comparação com papai. E nunca. . . nunca, nunca. . . enquanto estiver no meu juízo, farei ou direi algo que lhe cause preocupação. Amo-o mais do que a mim mesma, Ellen, e tenho a certeza por isto: todas as noites rezo para que Deus me leve depois dele, pois prefiro sofrer com a falta dele a ele sofrer com a minha perda. Isso prova que o amo mais do que a mim mesma.

— Belas palavras — retruquei. — Mas é preciso prová-lo também por ações. Depois que seu pai ficar bom, não se esqueça das decisões tomadas num momento de medo.

Enquanto falávamos, aproximamo-nos de uma cancela que se abria para a estrada; e a minha jovem ama, novamente alegre, subiu por ela e sentou-se no topo do muro, estendendo os braços para colher uns frutos

silvestres, os quais se destacavam, escarlates, nos galhos mais altos das roseiras bravas que ensombreciam o caminho; os frutos mais baixos tinham desaparecido, mas só os pássaros podiam alcançar aqueles, ou então Cathy, no lugar onde se encontrava. Ao estender o braço, porém, o chapéu caiu-lhe da cabeça; e, como a cancela estivesse trancada, resolveu descer para apanhá-lo. Pedi-lhe que tomasse cuidado para não cair e ela desapareceu agilmente. Mas a volta não foi tão fácil: as pedras do muro eram lisas e bem cimentadas e as roseiras e espinheiros não a ajudavam a subir. Como uma boba, não me lembrei disso, até que a ouvi rindo e exclamando:

— Ellen, você vai ter de ir buscar a chave da cancela ou eu terei de dar a volta até a casa do guarda. Não posso subir o muro por este lado!

— Fique onde está — respondi. — Tenho o meu molho de chaves no bolso: talvez consiga abrir. Senão irei buscar a chave.

Catherine, para passar o tempo, pôs-se a dançar de um lado para outro, diante da cancela, enquanto eu experimentava todas as chaves. Por fim, vi que nenhuma servia e, repetindo-lhe que ficasse ali, à espera, ia correr para casa a fim de apanhar a chave, quando o trotar de um cavalo me fez parar. Cathy parou também de dançar.

— Quem é? — sussurrei.

— Ellen, oxalá você pudesse abrir a cancela — respondeu, num murmúrio aflito, a minha jovem ama.

— Olá, Srta. Linton! — gritou uma voz profunda (a do cavaleiro). — Ainda bem que a encontro. Não tenha pressa de entrar, pois quero lhe perguntar uma coisa.

— Não lhe responderei, Sr. Heathcliff — replicou Catherine. — Papai diz que o senhor é um homem perverso e que nos odeia, a mim e a ele. . . e Ellen diz o mesmo.

— Isso não vem ao caso — disse Heathcliff. (Era ele.) — Certamente não odeio o meu filho e é a respeito dele que quero falar com a senhorita. Sim, você tem motivo para corar. Há dois ou três meses atrás, você costumava escrever a Linton. . . cartinhas de amor? Tanto você como ele mereciam umas boas palmadas! Você principalmente, a mais velha e menos sensível, ao que parece. Tenho as suas cartas em meu poder e, se você me vier com impertinências, juro que as enviarei a seu pai. Suponho que se tenha cansado da brincadeira e resolvido não mais escrever, não foi? Pois bem, com esse seu gesto precipitou Linton num abismo de tristeza. Ele não estava brincando; estava realmente apaixonado, E agora você pode ter a certeza de que ele está morrendo por sua causa, com o coração partido pela sua leviandade. Embora Hareton troce dele e eu tenha tomado medidas mais sérias e tentado meter-lhe medo para tirá-lo da sua idiotice, ele piora de dia para dia; e, a menos que você faça alguma coisa, repousará debaixo da terra antes do verão!

— Como pode o senhor mentir tão descaradamente para a pobre menina? — exclamei, do outro lado do muro. — Pelo amor de Deus, continue o seu caminho! Como é possível que o senhor diga, deliberadamente, tais falsidades? Srta. Cathy, vou partir a tranca com uma pedra e peço-lhe que não acredite em tão vil absurdo. Pense em como é impossível alguém morrer pelo amor de uma desconhecida.

— Não sabia que havia bisbilhoteiros à escuta — resmungou o vilão.
— Cara Sra. Dean, simpatizo com a senhora, mas não gosto das suas maquinações — acrescentou, em voz alta. — Como é que *a senhora* pode mentir tão descaradamente, a ponto de afirmar que eu odiava a "pobre menina" e inventar histórias da carochinha para afastá-la da minha porta? Catherine Linton (só o nome já me faz bem), minha menina bonita, ficarei toda esta semana fora de casa; vá até lá e veja se não falei a verdade: vá, peço-lhe! Imagine o seu pai no meu lugar e Linton no seu: pense como você ficaria decepcionada se a pessoa a quem você amasse se negasse a dar um passo para confortá-la, quando o seu próprio pai lhe houvesse suplicado que fosse; e não caia no mesmo erro, por pura estupidez. Juro, pela minha salvação, que ele está morrendo e que ninguém, a não ser você, pode salvá-lo! A fechadura cedeu e eu saí.

— Juro que Linton está morrendo — repetiu Heathcliff, olhando firme para mim. — A dor e a desilusão estão apressando a sua morte. Nelly, se você não a quiser deixar ir, pode ir você mesma. Mas eu não voltarei até a próxima semana; e pense que nem o seu amo objetaria a que ela fosse visitar o primo!

— Entre — disse eu, pegando em Cathy pelo braço e quase forçando-a a entrar, pois ela se demorava, estudando, com olhar preocupado, o rosto do seu interlocutor, demasiado grave para demonstrar o logro a que a induzia.

Aproximou mais o cavalo e, inclinando-se, comentou:

— Catherine, confesso que tenho pouca paciência com Linton. . . Hareton e Joseph ainda têm menos. Confesso que ele, conosco, está mal servido. Precisa de meiguice, além de amor; uma palavra meiga que você lhe dissesse seria o melhor remédio para ele. Não ligue para as cruéis instigações

da Sra. Dean; seja generosa e procure ir vê-lo. Ele sonha com você noite e dia e não se convence de que você não o odeia, já que não escreve nem o visita.

Fechei o portão e rolei uma pedra, para ajudar a fechar a porta; abri o meu guarda-chuva e tratei de cobrir a minha menina, pois a chuva começava a cair por entre os gementes galhos das árvores, prevenindo-nos para que não demorássemos a entrar. A pressa fez com que não comentássemos o encontro com Heathcliff, a caminho de casa; mas adivinhei, instintivamente, que o coração de Catherine estava agora duplamente pesado. Tinha o rosto tão triste, que não parecia a mesma; evidentemente, acreditava em tudo o que ouvira.

O meu amo subira para descansar, antes da nossa chegada. Cathy entrou no quarto dele, para saber como o pai estava; ele adormecera. Pediu-me, então, que lhe fizesse companhia na biblioteca. Tomamos o chá juntas e depois ela se deitou no tapete e pediu-me que não falasse, pois estava cansada. Peguei num livro e fingi ler. Tão logo ela me julgou distraída, recomeçou a chorar em silêncio: aquilo parecia ser, no momento, o seu divertimento predileto. Deixei-a chorar à vontade por algum tempo, mas depois achei conveniente intervir, ridicularizando tudo o que o Sr. Heathcliff dissera a respeito do filho, como se estivesse certa de que ela concordaria comigo. Infelizmente, não consegui contrabalançar o efeito que as suas palavras tinham produzido: ao contrário, fiz o jogo dele.

— Talvez você tenha razão, Ellen — replicou ela —, mas eu não sossegarei enquanto não tiver certeza. E tenho de dizer a Linton que não foi por minha culpa que não lhe escrevi e convencê-lo de que meus sentimentos não mudaram.

De que me adiantou zangar-me e protestar contra a sua tola credulidade? Separamo-nos, nessa noite, hostis; mas, no dia seguinte, lá fui eu a caminho do Morro dos Ventos Uivantes, ao lado do pônei da minha jovem e caprichosa ama. Não podia ver o seu sofrimento, contemplar o seu rosto pálido e infeliz, os seus olhos pisados; e cedi, na débil esperança de que o próprio Linton provasse, ao receber-nos, quão pouco verdadeira era a história que seu pai nos contara.

CAPÍTULO XXIII

A noite chuvosa dera lugar à manhã encoberta — meio geada, meio chuva fina — e riachos temporários cortavam-nos o caminho, descendo das alturas. Meus pés estavam completamente encharcados; sentia-me irritada e deprimida, num estado de espírito em que tudo me parecia desagradável. Entramos na casa pela porta da cozinha, para nos certificar de que o Sr. Heathcliff estava mesmo ausente, pois eu pouco acreditava nas suas afirmações.

Joseph parecia estar numa espécie de paraíso, sozinho ao lado de um fogo crepitante, uma caneca de cerveja sobre a mesa, perto dele, e o seu curto cachimbo preto na boca. Catherine correu para junto da lareira, a fim de se aquecer. Perguntei se o patrão estava em casa. Minha pergunta demorou tanto tempo a ser respondida, que pensei que o velho tivesse ficado surdo, de modo que a repeti, mais alio.

— Nã. . .ão! — rosnou ele. — Nã. . .ão! Vocês devem voltar para onde vieram.

— Joseph! — gritou uma voz caprichosa, ao mesmo tempo que eu, mas vinda de dentro da casa. — Quantas vezes preciso chamá-lo? Só há umas poucas brasas agora. Joseph! Venha já, imediatamente.

Vigorosas baforadas e um olhar fixo no fogo mostraram que ele resolvera não ouvir o chamado. A governanta e Hareton estavam invisíveis; a primeira devia ter ido dar algum recado e o outro, provavelmente, estaria trabalhando. Reconhecemos a voz de Linton e entramos.

— Espero que você morra sozinho na sua mansarda! Que morra de fome e abandonado! — gritou o rapaz, pensando tratar-se do negligente criado.

Ao ver que se enganava, parou; a prima correu para ele.

— Oh, Srta. Linton! — exclamou, levantando a cabeça do braço da grande poltrona em que estava afundado. — Não, não me beije: fico sem ar. Pobre de mim! Papai disse que você viria visitar-me — continuou, após se recuperar do abraço de Catherine, que, de pé ao lado dele, olhava-o com ar contrito. — Querem fazer o favor de fechar a porta? Deixaram-na aberta e essas. . . essas *detestáveis* criaturas, não há maneira de me trazerem carvões para avivar o fogo. Está tão frio!

Remexi as cinzas e fui eu própria buscar um balde de carvões. O inválido queixou-se de que estavam cobertos de cinzas mas, como tinha uma tosse persistente e parecia febril, não quis contrariá-lo.

— Então, Linton — murmurou Catherine, quando ele, por fim, desfranziu a testa. — Está contente de me ver? Acha que a minha visita lhe faz bem?

— Por que é que você não veio antes? — perguntou ele. — Devia ter vindo, em vez de escrever. Nem calcula como me cansava escrever aquelas cartas enormes. Teria sido melhor conversar com você. Agora não posso nem falar. Onde andará Zillah? Quer ir à cozinha — dirigindo-se a mim — e procurá-la para mim?

Ele não me agradecera pelos carvões e, sem nenhuma vontade de andar de um lado para outro para lhe fazer as vontadinhas, respondi:

— Não há ninguém na cozinha, a não ser Joseph.

— Tenho sede — falou ele em voz chorosa, virando o rosto. — Zillah está sempre indo a Gimmerton, desde que papai se foi: é horrível! E eu sou obrigado a descer... fingem que não me ouvem quando estou lá em cima.

— Seu pai lhe dá atenção, Sr. Heathcliff? — perguntei, vendo que o carinho de Catherine não parecia ter sido bem recebido.

— Atenção? Bem, pelo menos obriga-os a me obedecerem — respondeu ele. — Desgraçados! Sabe, Srta. Linton, que aquele bruto do Hareton ri de mim? Odeio-o! Odeio a todos eles: são todos seres odiosos.

Cathy pôs-se à procura de água; descobriu um jarro em cima da cômoda, encheu um copo e trouxe-o. Ele lhe pediu que acrescentasse uma colher de vinho, de uma garrafa que havia sobre a mesa e, após ter tomado um gole, pareceu mais calmo e disse que ela era muito boa.

— E está contente de me ver? — insistiu Cathy, satisfeita de vê-lo esboçar um sorriso.

— Estou, sim. Para mim é uma coisa nova ouvir uma voz como a sua! — respondeu ele. — Mas eu *fiquei* zangado por você não me vir visitar. Papai jurou que era por minha culpa: disse que eu era uma criatura desprezível e que você me desprezava; e que, se ele estivesse no meu lugar, a esta altura já mandaria mais na granja do que o seu pai. Mas você não me despreza, não é, Srta. . .

— Gostaria de que você me chamasse Catherine, ou Cathy — interrompeu ela. — Desprezá-lo, eu? Não! Depois de papai e de Ellen você é a pessoa que eu mais amo. Mas não gosto do seu pai e não ousa vir aqui quando ele voltar; vai ficar ausente muitos dias?

— Não muitos — respondeu Linton. — Mas, desde que a temporada começou, ele costuma ir à caça e você poderia aproveitar para vir passar uma hora ou duas aqui comigo. Prometa que vem! Acho que, com você, eu não ficaria irritado; você não me provocaria e estaria sempre pronta a me ajudar, não é?

— É — assentiu Catherine, passando-lhe a mão pelos cabelos longos e macios. — Se eu conseguisse que papai me desse licença, passaria a metade do meu tempo com você. Como você é bonito, Linton! Gostaria que fosse meu irmão.

— E aí você gostaria de mim tanto quanto do seu pai? — comentou ele, mais animado. — Mas papai diz que você me amaria mais do que a seu pai e a todo o mundo se fosse minha esposa; por isso, é o que eu também gostaria que você fosse.

— Não, eu nunca amaria ninguém mais do que ao meu pai — retrucou ela, gravemente. — E, às vezes, as pessoas odeiam suas esposas, mas nunca suas irmãs ou seus irmãos; se você fosse meu irmão, viveria conosco e papai gostaria tanto de você quanto gosta de mim.

Linton negou que as pessoas odiassem suas esposas, mas Cathy afirmou que sim e, como prova, citou a aversão do pai dele pela tia dela. Tentei calá-la, mas só o consegui quando ela já pusera para fora tudo o que sabia. O rapazi-nho, muito irritado, declarou que aquilo era falso.

— Foi papai quem me contou, e ele não diz mentiras — respondeu ela, impertinente.

— *Meu* pai despreza o seu! — exclamou Linton. — Diz que ele é um imbecil e um abelhudo.

— Pois o seu é um malvado — replicou Catherine —, e você devia ter vergonha de repetir o que ele diz. Deve ser muito mau, para fazer com que tia Isabella o abandonasse.

— Ela não o abandonou — disse o rapaz. — Você não pode contradizer-me.

— Abandonou, sim! — gritou a minha jovem ama.

— Pois bem, vou *lhe* dizer uma coisa! — berrou Linton. — Sua mãe odiava seu pai! E agora?

— Oh! — exclamou Catherine, demasiado furiosa para continuar a falar.

— E amava o meu — acrescentou ele.

— Seu mentiroso! Agora odeio-o! — arquejou ela, com o rosto vermelho de raiva.

— Amava! Amava! — entoou Linton, afundando na poltrona e inclinando a cabeça para trás, a fim de desfrutar a agitação da sua opositora, de pé atrás dele.

— Cale-se, menino! — disse eu. — Aposto como essa é outra das histórias do seu pai.

— Não é, e dobre a língua — replicou ele. — Ela amava meu pai, Catherine! Amava, amava!

Fora de si, Catherine empurrou violentamente a poltrona, fazendo com que ele caísse contra um braço. Imediatamente, um sufocante acesso de tosse acabou com o seu ar de triunfo. Demorou tanto, que até eu me assustei. Quanto à prima, rompeu a chorar copiosamente, com remorsos do que fizera, embora nada dissesse. Segurei-o até que o ataque terminasse. Ele então

afastou-me e inclinou a cabeça para baixo, silencioso. Catherine também parou de se lamentar, sentou-se em frente dele e pôs-se a olhar solenemente para o fogo.

— Que tal se sente agora, Sr. Heathcliff? — perguntei, após dez minutos.

— Queria que *ela* se sentisse como eu — replicou ele; — criatura cruel, horrível! Hareton nunca toca em mim: jamais me bateu. Eu estava me sentindo melhor, hoje; mas agora. . . — e a sua voz transformou-se num gemido.

— Não bati em você! — murmurou Cathy, mordendo o lábio, a fim de evitar outra explosão emocional.

Ele suspirou e gemeu durante um quarto de hora, como se estivesse sofrendo muito, aparentemente com o intuito de afligir a prima, pois respondia aos seus soluços abafados com renovadas inflexões de dor e padecimento.

— Sinto muito tê-lo feito tossir, Linton — disse ela por fim, aflita até não poder mais. — Mas um empurrãozinho daqueles não me faria nada e nunca podia imaginar que você fosse ficar assim. Você é bem fraquinho, não é, Linton? Não me deixe voltar para casa pensando que lhe fiz mal. Responda! Fale comigo.

— Não posso — murmurou ele. — Você me fez tanto mal, que vou ficar toda a noite acordado, com uma tosse de não poder respirar. Se você alguma vez tivesse tido uma tosse dessas, saberia o que era; mas *você* vai dormir calmamente, enquanto eu estiver nessa agonia, sem ninguém perto de

mim. Só queria ver se suportaria passar uma noite acordada, tossindo! — E começou a lamentar-se em voz alta, movido de piedade por si mesmo.

— Já que você parece estar acostumado a passar noites em claro — falei —, não será por culpa da Srta. Cathy que não vai dormir: se ela não tivesse vindo, seria a mesma coisa. Contudo, ela nunca mais virá incomodá-lo; e talvez fique mais tranqüilo quando nos formos embora.

— Devo ir embora? — perguntou Catherine tristemente, debruçando-se sobre ele. — Você quer que eu vá embora, Linton?

— Você não pode alterar o que fez — respondeu ele, caprichosamente, afastando-se dela —, a menos que a alteração seja para pior, ainda, causando-me febre.

— Quer dizer que devo ir embora? — repetiu ela.

— Deixe-me sossegar, pelo menos — retrucou ele. — Não posso suportar ouvi-la falar.

Cathy resistiu aos meus chamados para ir embora; mas, vendo que ele não respondia nem sequer levantava os olhos, resolveu, finalmente, dirigir-se para a porta, e eu a segui. Fomos paralisadas por um grito. Linton escoregara da sua poltrona para o chão em frente à lareira e contorcia-se todo, tal e qual uma criança mimada e decidida a ser o mais impertinente possível. Percebi isso imediatamente e vi que seria loucura fazer-lhe a vontade. Mas tal não aconteceu com a minha jovem ama: correu para ele, apavorada, ajoelhou-se e chorou, e acarinhou-o até ele se aquietar, por falta de ar — e não por remorso de a ter assustado.

— Vou levá-lo para o sofá — disse eu —, e lá ele poderá rolar de um lado para o outro o quanto quiser: não vamos perder tempo a contemplá-lo.

Espero que esteja satisfeita, Srta. Cathy, e convencida de não ser a pessoa indicada para beneficiá-lo e de que o seu estado de saúde nada tem a ver com os seus sentimentos para com você. Pronto, ele já está instalado! Agora vamos embora: logo que ele se aperceba de que não há ninguém para lhe ligar aos caprichos, ficará deitado e quietinho.

Cathy colocou-lhe uma almofada debaixo da cabeça e ofereceu-lhe um copo de água; ele rejeitou a água e começou a remexer-se sobre a almofada, como se fosse um pedra ou um pedaço de madeira. Ela tentou ajustá-la de modo a ficar mais confortável.

— Não posso ficar assim — disse ele. — É baixa demais.

Catherine trouxe outra almofada, que sobrepôs à primeira.

— Agora está *alto* demais — murmurou a desagradável criatura.

— Como é que eu devo arrumá-las, então? — perguntou ela, desesperada.

Ele se virou para a prima, que se ajoelhava no sofá, e transformou o ombro dela num suporte.

— Não, assim não — disse eu. — Conte-se com a almofada, Sr. Heathcliff. Cathy já desperdiçou muito tempo com você: não podemos ficar aqui nem mais cinco minutos.

— Podemos, sim, podemos! — replicou Cathy. — Ele agora está bonzinho e paciente. Está começando a acreditar que passarei a noite muito pior do que ele, se pensar que a minha visita o fez piorar. . . e não ousarei voltar. Diga-me a verdade, Linton: se o tiver prejudicado, não volto mais.

— Não, você tem de voltar, para me curar — respondeu ele. — Tem de voltar, porque me fez piorar, e muito! Eu não estava sentindo-me mal, quando vocês chegaram. . . estava?

— Não, mas você mesmo se pôs doente, chorando e enfurecendo-se. Eu não fiz nada — disse ela. — Mas não faz mal, vamos fazer as pazes. Você gosta de mim? Quer mesmo que eu venha visitá-lo, de vez em quando?

— Já lhe disse que sim — respondeu ele, impaciente. — Sente-se no sofá e deixe-me apoiar a cabeça no seu joelho. Era o que mamãe costumava fazer quando passávamos as tardes juntos. Sente-se bem quieta e não fale: em vez disso, cante alguma coisa, se é que você sabe cantar; ou recite uma balada bem comprida. . . uma das que você prometeu ensinar-me; ou uma história. Mas acho que prefiro uma balada; pode começar.

Catherine contou a balada mais longa de que se lembrava. Tanto um quanto o outro pareciam muito satisfeitos. Linton pediu outra balada e depois outra, apesar das minhas objeções; e assim foram até que o relógio bateu meio-dia e ouvimos Hareton entrar no pátio, de volta para o almoço.

— E amanhã, Catherine, você volta amanhã? — perguntou o jovem Heathcliff, segurando-lhe o vestido, ao vê-la levantar-se relutantemente.

— Não — respondi. — Nem amanhã nem nunca mais. — Mas ela, evidentemente, respondeu-lhe de maneira muito diferente, pois ele desfranziu a testa quando ela lhe sussurrou algo ao ouvido.

— Você não vai voltar amanhã, preste atenção, senhorita! — comecei, assim que saímos. — Não está pensando nisso, está?

Ela sorriu.

— Pode deixar que eu cuido disso — continuei. — Vou mandar consertar aquela fechadura, para que você não possa fugir.

— Posso pular o muro — retrucou ela, rindo. — A granja não é nenhuma prisão, Ellen, e você não é a minha carcereira. Além do mais, tenho quase dezessete anos: já sou uma mulher. E estou certa de que Linton ficaria logo bom se eu pudesse cuidar dele. Sou mais velha, você sabe, e bem mais madura: menos infantil, não sou? Com um pouco de paciência, ele não tardaria a fazer o que eu lhe dissesse. É um amor de rapaz quando fica bonzinho. Se fosse meu, como haveria de mimá-lo! Nunca brigáramos, quando estivéssemos acostumados um ao outro, você não acha? Não gosta dele, Ellen?

— Eu, gostar dele! — exclamei. — Nunca vi adolescente mais enjoado e mal-humorado! Felizmente, conforme previu o Sr. Heathcliff, acho que não vai chegar aos vinte anos. Duvido, mesmo, de que consiga chegar à primavera. E olhe que a família não vai sentir muito, quando ele se for. Ainda bem que o pai dele fez questão de levá-lo: quanto melhor fosse tratado por nós, mais cacete e egoísta se tornaria. É uma sorte você não correr o risco de o ter para marido, Catherine.

Mas ela ficou séria, ao ouvir-me falar assim. O fato de eu me referir à morte do primo de maneira tão indiferente feria-lhe os sentimentos.

— Ele é mais moço do que eu — respondeu, após uma longa pausa — e deverá viver mais tempo; e vai viver. . . pelo menos, tanto quanto eu. Está tão forte agora como quando veio do norte; tenho a certeza disso. É apenas um resfriado o que o faz tossir daquela maneira; um resfriado como o de papai. Você diz que papai vai ficar bom; por que é que ele não vai?

— Bem — repliquei —, afinal de contas, não precisamos preocupar-nos. Mas fique sabendo e não se esqueça, senhorita, de que manterei a minha palavra. . . Se você tentar voltar ao Morro dos Ventos Uivantes, comigo ou sem mim, vou dizê-lo ao Sr. Linton e, a menos que ele o permita, as relações com seu primo não serão reatadas.

— Já foram — murmurou Cathy, teimosamente.

— Então não devem ser continuadas — retruquei.

— Veremos! — falou ela, e lançou-se a galope, deixando-me para trás com as minhas preocupações.

Chegamos ambas a casa antes da nossa hora de almoço. Meu amo supunha que tínhamos ido dar um passeio pelo parque, de modo que não pediu explicações sobre a nossa ausência. Tão logo entramos, apressei-me a tirar as meias e os sapatos encharcados; mas ter estado sentada, molhada, durante tanto tempo, no Morro, fizera os seus estragos. Na manhã seguinte não consegui levantar-me e por três semanas fiquei sem poder atender às minhas obrigações — calamidade até ali nunca experimentada, e depois também não, graças a Deus.

Minha jovem ama portou-se como um anjo, cuidando de mim e aliviando a minha solidão, pois o fato de ter de estar de cama me pôs de moral muito baixo. É algo extremamente aborrecido para um pessoa ativa; mas poucas terão menos razões de queixa do que eu tive. Tão logo Catherine saía do quarto do pai, aparecia à minha cabeceira. O seu dia era dividido entre nós dois; nenhuma diversão lhe tomava o tempo: descuidava as refeições, os estudos, os passeios, e era a enfermeira mais devotada que jamais conheci. Devia ter um grande coração, para amar tanto o pai e ainda sobrar tanto para

mim. Eu disse que os seus dias eram divididos entre nós dois; mas o meu amo recolhia-se bem cedo e eu geralmente não precisava de mais nada depois das seis; portanto, as noites pertenciam-lhe. Pobrezinha! Nunca pensei no que ela pudesse ocupar-se depois do chá. E, embora freqüentemente, quando me vinha desejar boa-noite, eu reparasse no rubor das suas faces e no tom róseo que lhe cobria os dedos finos, em vez de imaginar que aquelas cores eram provocadas por uma cavalgada através da charneca, atribuía-as ao calor do fogo na biblioteca.

CAPÍTULO XXIV

Ao cabo de três semanas, pude finalmente deixar o meu quarto e andar pela casa. Na primeira noite, pedi a Catherine que lesse para mim, pois tinha a vista fraca. Estávamos na biblioteca e o meu amo já se retirara. Ela acedeu, se bem que me parecesse a contragosto; e, pensando que talvez não gostasse do meu tipo de leituras, disse-lhe que escolhesse entre os livros dela. Selecionou um dos seus favoritos e leu mais ou menos durante uma hora; depois começou a fazer perguntas.

— Ellen, você não está cansada? Não seria melhor deitar-se? Pode ter uma recaída, Ellen, ficando de pé até tão tarde.

— Não, minha querida, não estou cansada — respondi.

Vendo que não conseguia nada, tentou outra maneira de me mostrar que não gostava daquela ocupação. Pôs-se a bocejar e a espreguiçar-se, dizendo:

— Ellen, estou cansada.

— Pare de ler, então, e vamos conversar — sugeri.

Aquilo foi pior ainda: começou a suspirar e a mostrar-se impaciente, de vez em quando consultando o relógio, até que, às oito horas, foi para o seu quarto, tonta de sono, a julgar pelo seu olhar pesado e o constante esfregar de olhos. Na noite seguinte pareceu-me ainda mais impaciente; e na terceira noite queixou-se de uma dor de cabeça e recolheu-se. Achei aquele comportamento muito estranho e, após ter ficado muito tempo sozinha, resolvi ir ver se ela estava melhor e perguntar-lhe se não preferia descer e

deitar-se no sofá, em vez de ficar às escuras, no quarto. Mas não achei Catherine, nem em seu quarto, nem em lugar nenhum da casa. Os criados afirmavam que não a tinham visto. Encostei o ouvido à porta do quarto do Sr. Linton: silêncio completo. Voltei para o quarto dela, apaguei a vela e sentei-me à janela.

Era uma noite de luar; uma neve fina cobria o chão e pensei que talvez ela pudesse ter tido a idéia de dar uma volta pelo jardim, para desanuviar a cabeça. Vi um vulto esgueirar-se ao longo da cerca interna do parque, mas não era a minha jovem ama: à luz de uma lanterna, não tardei a reconhecer um dos cavaleiros. Ficou um tempo considerável olhando para a estrada que atravessava o parque e depois começou a andar rapidamente, como se tivesse visto alguma coisa, e voltou dali a pouco, puxando pela rédea o pônei de Catherine; não tardou que ela aparecesse ao seu lado, em roupa de montaria. O homem levou o animal silenciosamente pela grama, em direção à cavalaria. Cathy entrou pela janela envidraçada da sala de visitas e subiu, sem fazer barulho, até o quarto, onde eu a esperava. Fechou cuidadosamente a porta, tirou os sapatos cobertos de neve, desatou o chapéu e estava tratando, sem suspeitar da minha presença, de despir a capa, quando de repente me levantei e lhe revelei minha presença. A surpresa petrificou-a, durante um instante: ela deixou escapar uma exclamação de espanto e ficou como que presa ao chão.

— Minha querida Srta. Catherine — comecei, demasiado agradecida pela sua recente meiguice para me pôr a zangar com ela. — Onde é que você foi, a esta hora? E por que tentar enganar-me, contando-me uma mentira? Onde foi que esteve? Fale.

— Fui até o fundo do parque — gaguejou ela. — Não lhe contei nenhuma mentira.

— Não foi a nenhum outro lugar? — perguntei.

— Não — foi a resposta murmurada.

— Oh, Catherine! — exclamei, tristemente. — Você bem sabe que não andou procedendo direito, ou não seria obrigada a me dizer uma mentira. Isso é que me entristece. Preferia ficar três meses doente a ouvi-la inventar uma mentira.

Ela rompeu em lágrimas e abraçou-me.

— Ellen, tenho tanto medo de que você se zangue! — disse. — Prometa que não se zanga e lhe contarei a verdade: detesto ter de escondê-la.

Sentamo-nos junto à janela; garanti-lhe que não ralharia com ela, fosse qual fosse ou seu segredo — de que, naturalmente, suspeitava —, e ela começou:

— Fui ao Morro dos Ventos Uivantes, Ellen, e não deixei de ir nem um dia, desde que você caiu doente; a não ser três dias antes e dois depois que você se levantou. Dei a Michael livros e gravuras em troca de aprontar Minny todas as noites e de pô-la de volta na cavaliariça: mas você também não deve ralar com *ele*. Chegava ao Morro às seis e meia e geralmente ficava até as oito e meia; depois, galopava para casa. Não ia lá para me divertir: quase sempre me sentia muito infeliz. Só de vez em quando me sentia feliz: uma vez por semana, talvez. A princípio, pensei que ia ser muito difícil convencê-la a me deixar cumprir a palavra dada a Linton, pois prometera voltar no dia seguinte, quando viemos embora; mas você não desceu, facilitando-me as coisas. Enquanto Michael consertava a fechadura do portão do parque, naquela

tarde, apossei-me da chave e contei-lhe que o meu primo queria que eu fosse visitá-lo, porque estava doente e não podia vir à granja; e que papai não me queria deixar ir. . . e negocieei com ele a respeito do pônei. Michael gosta muito de ler e está pensando em deixar o emprego para se casar; de modo que me propôs que lhe emprestasse livros da biblioteca, em troca de fazer o que eu quisesse; mas preferi emprestar-lhe dos meus livros, o que ele ainda achou melhor.

"Na minha segunda visita, encontrei Linton bem-humorado. Zillah (a governanta deles) preparou-nos um aposento limpo e um bom fogo e disse-nos que Joseph estava na igreja e Hareton Earnshaw saíra com os cães (para caçar faisões nos nossos bosques, conforme ouvi dizer mais tarde), de modo que podíamos fazer o que quiséssemos. Trouxe-me vinho licoroso e pão de mel, parecendo-me muito solícita. Linton sentou-se na poltrona e eu na cadeirinha de balanço, junto à lareira, e rimos e conversamos e falamos de muitas coisas: planejamos aonde iríamos e o que faríamos no verão. Não vou repetir o que combinamos, porque você acharia isso tolo.

"Por pouco, porém, não discutimos. Ele disse que a melhor maneira de passar um dia quente de julho era ficar deitado, da manhã à noite, numa moita de urzes, no meio da charneca, com as abelhas zumbindo de flor em flor e as cotovias cantando bem alto, sobre as nossas cabeças, e o céu azul e o sol brilhando sem parar e sem nuvens. Essa era a sua idéia da perfeita ventura celestial: a minha era balançar-me numa árvore verde e rumorejante, com o vento de oeste soprando nas folhas e nuvens brancas esvoaçando no céu; e não só cotovias, mas também tordos e melros e pintarroxos e cucos derramando música por todos os lados e a charneca vista a distância e

quebrada em ravinas frescas e nebulosas; perto, grandes massas de erva alta, ondulando à brisa; e bosques e água cantante e o mundo inteiro desperto e triunfante de alegria. Ele queria fazer num êxtase de paz; eu queria que tudo resplandecesse e dançasse em gloriosa aleluia. Disse-lhe que o seu paraíso não teria vida, e ele retrucou que o meu pareceria ébrio; disse-lhe que, no dele, eu adormeceria, e ele, que não poderia respirar no meu, e começou a ficar muito irritado. Finalmente, concordamos em experimentar ambos, tão logo chegasse o bom tempo; e nos beijamos e fizemos as pazes.

"Após termos ficado sentados uma hora inteira, olhei para a grande sala, com seu soalho liso e sem tapetes, e pensei que bom seria inventarmos uma brincadeira, se tirássemos a mesa do lugar; e pedi a Linton que fosse chamar Zillah, para brincarmos de cabra-cega; ela tentaria pegar-nos — como você costumava fazer, Ellen. Mas ele não quis: disse que aquilo não tinha graça. Concordou, porém, em jogar bola comigo. Encontramos duas bolas num armário, entre um monte de brinquedos velhos, arcos, piões, raquetes e pelotas. Uma delas tinha marcado um *C*, a outra, um *H*; quis ficar com a *C*, pois era a inicial de Catherine, ao passo que *H* podia significar Heathcliff, seu sobrenome; mas a bola *H* tinha o farelo saindo e Linton reclamou. Venci-o sempre e ele ficou novamente zangado; começou a tossir e voltou para a sua poltrona. Essa noite, porém, recuperou facilmente o bom humor: ficou encantado com duas ou três canções que lhe cantei — as *suas* canções, Ellen; e, quando tive de me vir embora, suplicou-me que voltasse na noite seguinte. Prometi-lhe que voltaria e vim a galope para casa. Sonhei com o Morro dos Ventos Uivantes e com o meu querido primo até de manhã cedo.

"Passei o dia seguinte triste: em parte por você estar doente e em parte por desejar que meu pai soubesse das minhas visitas e as aprovasse. Mas, depois do chá, o luar cobriu tudo; e, enquanto eu galopava, a tristeza foi se dispersando. 'Terei outro belo serão', pensava comigo mesma; 'e, o que é melhor, o meu querido Linton também o terá.' Subi o jardim deles e ia dar a volta pelos fundos, quando o tal Earnshaw me apareceu, pegou nas rédeas e convidou-me a entrar pela frente. Acariciou o pescoço de Minny, dizendo que era um belo animal e que parecia querer falar com ele. Disse-lhe que largasse o meu cavalo ou se arriscaria a receber um coice. Ele respondeu, na sua pronúncia vulgar: 'Não pode fazer muito estrago', e examinou as patas de Minny com um sorriso. Tive vontade de fazê-lo experimentar, mas ele se afastou para abrir a porta e, ao levantar a tranca, olhou para a inscrição, em cima, e disse, com uma estúpida mistura de timidez e orgulho:

" 'Srta. Catherine! Já sei ler aquilo'.

" 'Ótimo!', exclamei. 'Vamos ouvir, então. Você *ficou* inteligente!'

"Ele soletrou e leu, sílaba por sílaba, o nome 'Hareton Earnshaw'.

" 'E os números?', perguntei, encorajando-o, ao perceber que ele tinha parado.

" 'Ainda não sei ler eles', respondeu.

" 'Puxa, que burro!', exclamei, com uma risada.

"O pateta ficou me olhando, com um sorriso pairando nos lábios e uma ruga entre os olhos, como se hesitasse em rir também: como se não soubesse ao certo se a minha risada fora fruto de uma agradável familiaridade ou — o que realmente era — expressão de desprezo. Acabei-lhe com as dúvidas recuperando a gravidade e dizendo-lhe que fosse embora, pois viera visitar

Linton, e não a ele. O bobo corou — o luar bastava para que se pudesse ver isso —, deixou cair a mão da tranca e foi-se embora, o retrato vivo da vaidade ferida. Julgava-se no mesmo pé de igualdade de Linton, só por conseguir ler o seu próprio nome — e ficou tremendamente desapontado por eu não achar o mesmo."

— Um momento, Srta. Catherine! — interrompi. — e levou-me, ou, melhor, quase me carregou para dentro de casa.

"Ellen, eu estava completamente desesperada! Solucei e chorei tanto, que quase fiquei cega; enquanto isso, o rufião por quem você demonstra tanta simpatia permanecia de pé, à minha frente, atrevendo-se, de vez em quando, a me mandar calar e negando que tivesse tido a culpa; finalmente, assustado pela minha promessa de contar tudo a papai e fazer com que ele fosse preso e enforcado, começou também a gaguejar e saiu correndo, para esconder a sua covarde agitação. Mesmo assim, não consegui ver-me livre dele: quando, por fim, me convenceram a partir e eu já estava a umas cem jardas da propriedade, ele de repente emergiu das sombras da estrada, deteve Minny e impediu-me de continuar.

" 'Srta. Catherine, estou muito aflito', começou, 'mas acho que a culpa. . . !

"Dei-lhe uma chicotada, temendo que talvez ele me quisesse matar. Soltou as rédeas, explodindo numa das suas horríveis pragas, e eu voltei para casa a galope, quase fora de mim.

"Nessa noite não vim dar boa-noite a você e no dia seguinte não fui ao Morro: desejava muito ir, mas estava terrivelmente excitada e temia receber a notícia de que Linton morrera; por outro lado, estremecia, só de pensar que

encontraria Hareton. No terceiro dia tomei coragem: de qualquer modo, não agüentava mais aquela ansiedade e novamente resolvi ir até lá. Saí às cinco, caminhando, pois pensava que poderia entrar na casa e subir ao quarto de Linton sem que ninguém me visse. Entretanto, os cães anunciaram a minha aproximação. Zillah veio receber-me e, dizendo que 'o rapaz estava quase fino', fez-me entrar numa salinha toda atapetada e bem-arrumada, onde, para minha enorme alegria, deparei com Linton deitado num pequeno sofá, lendo um dos meus livros. Mas, durante uma hora inteira, recusou-se a falar comigo ou mesmo a olhar para mim, Ellen. Tem um gênio tão difícil! E o que mais me espantou, quando finalmente resolveu abrir a boca, foi ouvi-lo dizer a mentira de que eu fora a causadora de tudo e Hareton não tivera a menor culpa! Incapaz de responder, a não ser exaltada, levantei-me e saí da sala. Ele me chamou logo com um débil 'Catherine!' Não contava com a minha reação, mas não me virei e, no dia seguinte, não voltei lá, determinada a não mais visitá-lo. Só que era tão horrível ir para a cama e acordar sem ter notícias dele, que a minha decisão dissolveu-se antes mesmo de estar bem assente. Antes parecera-me malfeito ir até lá; agora parecia mal não ir. Michael veio perguntar-me se devia encilhar Minny. Respondi que sim e achei que estava cumprindo um dever, à medida que me aproximava do Morro. Tive de passar pelas janelas da frente para chegar ao terreiro: não adiantava esconder a minha presença.

" 'O patrãozinho está em casa', disse Zillah, vendo-me andar na direção da salinha de estar. Entrei; Earnshaw também lá estava, mas saiu imediatamente. Linton estava sentado na poltrona grande, meio adormecido.

Encaminhando-me para a lareira, comecei, num tom sério, desejando que soasse verdadeiro:

" 'Como você não gosta de mim, Linton, e como pensa que vim de propósito para aborrecê-lo e prejudicá-lo, esta será a última vez que nos vemos: vim para me despedir. Diga ao Sr. Heathcliff que você não tem a mínima vontade de me ver e que ele não deve inventar mais mentiras a respeito!'

" 'Sente-se e tire o chapéu, Catherine!', respondeu ele. 'Você é tão mais feliz do que eu, que deveria ser melhor. Papai fala tanto nos meus defeitos e mostra tanto desprezo por mim, que é natural que eu seja inseguro. Fico pensando se não serei mesmo tão desprezível como ele diz que eu sou — e fico tão amargurado, que odeio todo o mundo! *Sou* desprezível e quase sempre tenho mau gênio e maus pensamentos; se você quiser, *pode* se despedir de mim: ficará livre de um aborrecimento. Só lhe peço, Catherine, para me fazer justiça: acredite que, se pudesse ser bom e gentil como você é, eu o seria: e feliz e saudável. E acredite, também, que a sua bondade fez com que eu a amasse mais profundamente do que merecia: e, embora eu não pudesse e não possa deixar de lhe mostrar como sou, lamento muito e sinto-me arrependido; hei de sentir-me arrependido e lamentar isso até o dia da minha morte!'

"Senti que ele falava a verdade e que devia perdoá-lo, embora pudéssemos brigar logo a seguir. Reconciliamo-nos; mas choramos, choramos ambos, durante o tempo todo em que lá fiquei: não inteiramente de pena, embora eu *tivesse* pena de que Linton tivesse aquela triste maneira de ser. Nunca fará com que os seus amigos se sintam bem e ele próprio nunca se

sentirá bem! A partir daquela noite fui sempre para a salinha dele, pois seu pai voltou no dia seguinte.

"Três vezes apenas, se não me engano, passamos um serão alegre, fazendo planos e rindo, como na primeira noite; as demais visitas foram pouco agradáveis, ora pelo egoísmo e mau gênio dele, ora pelos seus queixumes: mas eu aprendi a suportar aqueles quase com tanta paciência quanto estes. O Sr. Heathcliff evita-me propositadamente: pode-se dizer que não o tenho visto. Este último domingo, tendo chegado mais cedo do que de hábito, ouvi-o ralar de maneira cruel com o pobre Linton, pelo seu comportamento na noite anterior. Não sei como foi que ele soube, a menos que escutasse. Realmente, Linton comportara-se bastante mal. Mas só a mim dizia respeito e interrompi a reprimenda do Sr. Heathcliff para lhe dizer isso. Ele caiu na risada e saiu, dizendo estar satisfeito por eu levar a coisa assim. Desde então, tenho dito a Linton que, quando quiser dizer coisas desagradáveis, fale baixo. Pronto, Ellen, você está a par de tudo. Não posso deixar de ir ao Morro, a menos que faça sofrer duas pessoas: ao passo que, se você não contar nada a papai, o fato de eu ir lá não prejudicará ninguém. Você não vai contar, não é? Seria horrível da sua parte."

— Decidirei isso até amanhã, Srta. Catherine — respondi. — Preciso pensar bem; vou deixá-la agora, para poder meditar.

Meditei sobre o assunto em voz alta, na presença do meu amo, pois fui direto ao quarto dele e contei-lhe toda a história, com exceção das conversas dela com o primo e de fazer menção a Hareton. O Sr. Linton ficou mais alarmado e preocupado do que me demonstrou. Na manhã seguinte, Catherine soube da minha traição e soube também que as suas visitas secretas tinham

chegado ao fim. Em vão chorou e suplicou ao pai que tivesse pena de Linton: tudo o que conseguiu foi a promessa de que ele escreveria, dando-lhe licença de vir à granja sempre que quisesse, mas explicando que não esperasse mais visitas de Catherine. Se ele soubesse do temperamento do sobrinho e do seu estado de saúde, talvez os tivesse privado até mesmo desse leve consolo.

CAPÍTULO XXV

— Essas coisas aconteceram no inverno passado — disse a Sra. Dean —, pouco mais do que há um ano atrás. No inverno passado, eu não poderia imaginar que, doze meses depois, eu distrairia uma pessoa estranha à família contando-lhe esses fatos! Mas quem sabe até quando o senhor vai ser estranho à família? É demasiado jovem para continuar a viver satisfeito sozinho; e eu acho que ninguém pode conhecer Catherine Linton sem amá-la. O senhor sorri, mas. . . por que mostra sempre tanto interesse quando eu falo dela? E por que me pediu para pendurar o retrato dela sobre a sua lareira? E por que. . .

— Chega, minha amiga! — exclamei. — É possível que *eu* venha a amá-la. Mas ela me amaria? A dúvida é demasiado grande para que eu arrisque a minha tranqüilidade, caindo em tentação: além disso, eu não sou daqui. Pertencço ao mundo apressado, ocupado, e a ele tenho de voltar. Mas continue. Catherine obedeceu às ordens do pai?

— Obedeceu — prosseguiu a governanta. — O afeto por ele ainda predominava em seu coração; além do mais, ele falara sem ira: falara com a profunda ternura de alguém receoso de deixar o seu tesouro em meio a perigos e inimigos, onde ele sabia que as palavras seriam a única ajuda que poderia legar-lhe para orientá-la. Alguns dias mais tarde, disse-me:

— Gostaria de que meu sobrinho escrevesse, Ellen, ou viesse visitar-nos. Diga-me, sinceramente, o que acha dele: melhorou ou há probabilidades de que melhore à medida que se tornar, homem?

— Ele é muito delicado de saúde — respondi —, e não me parece que vá chegar a homem; mas uma coisa lhe digo: é que ele não se parece com o pai; se a Srta.

Catherine tivesse a pouca sorte de casar com ele, acho que conseguiria controlá-lo, a não ser que ela fosse extrema e estupidamente indulgente. Mas, patrão, o senhor vai ter muito tempo para conhecê-lo e verificar se ele convém a ela: ainda lhe faltam quase cinco anos para a maioridade.

Edgar suspirou e, encaminhando-se para a janela, olhou na direção da igreja de Gimmerton. A tarde estava nebulosa, mas o sol de fevereiro brilhava por entre a neblina e podiam-se distinguir os dois ciprestes do cemitério e as sepulturas, bem afastadas umas das outras.

— Muitas vezes rezei — falou ele, como que para si mesmo — para que chegasse logo o que agora vem vindo. . . e agora começo a ter medo. Pensava que a lembrança da hora em que descii aquele vale, recém-casado, seria menos doce do que a expectativa de que em breve, dentro de alguns meses ou, quem sabe? algumas semanas, eu fosse levado vale acima e deposto no seu solitário regaço! Ellen, tenho me sentido muito feliz com a minha pequena Cathy: através das noites de inverno e dos dias de estio, ela tem sido uma esperança viva a meu lado. Mas tenho me sentido igualmente feliz meditando, sozinho, entre aquelas sepulturas, abaixo daquela velha igreja; jazendo, durante as longas noites de junho, sobre o musgo verde do túmulo da mãe dela e ansiando pela hora em que pudesse jazer debaixo dele. Que posso fazer por Cathy? Como posso deixá-la? Não me importaria de que Linton fosse filho de Heathcliff, nem que a roubasse de mim, se ele pudesse consolá-la da minha perda. Não me importaria de que Heathcliff conseguisse

o que pretende e triunfasse, tirando-me a minha última bênção! Mas se Linton for indigno (apenas um débil instrumento nas mãos do pai) não poderei abandoná-la a ele! E, embora seja duro fazê-la sofrer, terei de continuar a causar-lhe tristeza enquanto eu viver e deixá-la sozinha quando morrer. Minha querida! Preferia entregá-la a Deus e enterrá-la antes de mim.

— Entregue-a a Deus assim mesmo — respondi. — E, se acaso a perdermos (que Deus não o permita), com a ajuda da Divina Providência eu ficarei ao lado dela até o fim. A Srta. Catherine é uma boa menina; não tenho medo de que ela faça algo propositalmente errado; e as pessoas que cumprem com o seu dever são sempre recompensadas.

A primavera chegou, mas as forças não voltaram ao meu amo, embora ele retomasse os seus passeios pelo parque com a filha. Para a inexperiência dela, aquilo em si já era um sinal de convalescença; além disso, ele tinha as faces geralmente rosadas e olhos brilhantes: ela estava certa da sua recuperação. No dia do seu décimo sétimo aniversário, ele não foi ao cemitério. Estava chovendo e observei:

— Decerto o senhor não vai sair esta noite, não é? Ele respondeu:

— Não, este ano irei um pouco mais tarde. Escreveu novamente a Linton, expressando o seu

grande desejo de vê-lo, e, estivesse o inválido apresentável, tenho a certeza de que seu pai o teria deixado ir à granja. Como não estava, instruído pelo pai, respondeu insinuando que o Sr. Heathcliff punha objeções a que ele fosse à granja, mas que a atenção do tio lhe dera grande alegria e que esperava encontrá-lo, alguma vez, nos seus passeios, e pedir-lhe, pessoalmente, licença para ele e a prima não permanecerem por tanto tempo separados.

Essa parte da carta era escrita em tom simples, provavelmente por ele mesmo. Heathcliff sabia que o filho era mais capaz do que ele de suplicar eloqüentemente a companhia de Catherine.

Não lhe peço, dizia, que ela me venha visitar aqui; mas nunca mais hei de poder vê-la, só porque meu pai me proíbe de ir à casa dela e o senhor a proíbe de vir à minha? De vez em quando, venha passear com ela na direção do Morro e deixe-nos trocar algumas palavras, na sua presença! Nada fizemos para merecer esta separação e o senhor não está zangado comigo; é o senhor mesmo quem diz não ter razão para não gostar de mim. Querido tio, mande-me, por favor, um bilhete amanhã, dando-me permissão para me encontrar com o senhor e Catherine, em qualquer lugar, exceto na granja. Creio que um encontro o convenceria de que o caráter de meu pai não é, absolutamente, o meu: ele próprio afirma que eu sou mais seu sobrinho do que filho dele; e, embora eu tenha defeitos que me tornam indigno de Catherine, ela os perdoou e, por causa dela, o senhor também deveria perdôá-los. Pergunta pela minha saúde — está melhor; mas, vivendo sem qualquer esperança e condenado à solidão ou à companhia de quem nunca de mim gostou nem há de gostar, como posso me sentir feliz e bem?

Embora sentisse pena do rapaz, Edgar não podia consentir no que ele lhe pedia, por não poder acompanhar Catherine. Respondeu que, no verão, talvez pudessem encontrar-se: entretanto, desejava que ele lhe continuasse a escrever, prometendo dar-lhe conselhos e confortá-lo no que pudesse, por carta, pois bem sabia como era dura a sua vida. Linton aquiesceu e, deixado por sua conta, sem dúvida teria estragado tudo, enchendo as suas cartas de queixas e lamentações; mas seu pai não relaxava a vigilância e, naturalmente,

insistia para que ele lhe mostrasse tudo o que o meu amo lhe escrevia; assim, em vez de desabafar todos os seus sofrimentos físicos e morais, temas sempre presentes no seu pensamento, ele repisava sempre na cruel obrigação de se manter separado da sua única amiga e amada, e gentilmente teimava em que o Sr. Linton lhes permitisse que se encontrassem sem mais demora, ou ele acabaria achando que estava sendo enganado com promessas vãs.

Por seu lado, Cathy não cessava de suplicar a mesma coisa; e ambos acabaram persuadindo o meu amo a deixá-los passear a pé ou a cavalo juntos, uma vez por semana, sob a minha guarda e na charneca vizinha à granja, pois junho veio encontrá-lo ainda mais fraco, e, embora tivesse posto de lado uma parte do seu rendimento anual para o futuro da filha, ele alimentava o desejo natural de que ela viesse a conservar a casa dos seus antepassados e achava que a sua única probabilidade de o fazer era através de uma união com o seu herdeiro; não sabia que Linton definhava quase tão depressa quanto ele próprio, e nem eu, pois nenhum médico ia ao Morro e ninguém visitava o jovem em casa, para poder saber do seu verdadeiro estado de saúde. Quanto a mim, comecei a pensar que os meus pressentimentos eram falsos e que ele devia estar muito melhor, ao vê-lo sugerir passeios a pé e a cavalo pela charneca, aparentemente entusiasmado. Não podia imaginar que um pai tratasse um filho moribundo de maneira tão tirânica e perversa como soube, mais tarde, que Heathcliff o tratara, a fim de incitá-lo a esse aparente entusiasmo — e seus esforços duplicavam de intensidade ao ver os seus planos de cobiça ameaçados de fracasso pela morte.

CAPÍTULO XXVI

O verão já estava adiantado quando Edgar relutantemente cedeu e eu e Catherine partimos a cavalo ao encontro do primo. Era um dia quente e abafado; não havia sol, mas o céu estava demasiado branco e nebuloso para ameaçar chuva. Tínhamos marcado encontro junto ao marco, na encruzilhada. Lá chegando, porém, um pastorzinho, enviado como mensageiro, anunciou-nos:

— O Sr. Linton está do lado do Morro e pede para avisá-los de que têm de andar um pouco mais.

— Então ele esqueceu a primeira condição que o tio impôs — observei. — Mandou-nos ficar dentro dos limites da granja e não vamos transgredi-los.

— Ora, podemos virar as cabeças dos nossos cavalos, quando chegarmos ao lugar onde ele está — retrucou Cathy. — Assim, ficaremos voltados para casa.

Mas, ao chegarmos junto dele, a menos de um quarto de milha do Morro, vimos que não trouxera cavalo e fomos obrigadas a desmontar, deixando os nossos animais a pastar. Ele jazia sobre as urzes, à nossa espera, e só se levantou quando chegamos a poucos metros de distância. Encaminhou-se para nós de maneira tão cambaleante e com ar tão pálido, que logo exclamei:

— Oh, Sr. Heathcliff, está com um aspecto tão mau! Não me parece que esteja bom para dar um passeio a pé.

Catherine olhou para ele com um misto de dor e espanto; mudou a exclamação de alegria já em seus lábios para outra, de alarma, e as congratulações pelo encontro de ambos para uma pergunta aflita sobre a saúde dele — acaso estava pior do que de hábito?

— Não, melhor. . . muito melhor! — arquejou ele, tremendo e segurando a mão dela como se necessitasse de apoio, enquanto os seus grandes olhos azuis erravam timidamente; as olheiras que os cercavam transformavam em abatimento a lânguida expressão que antes possuíam.

— Mas você está pior — persistiu a prima. — Pior do que da última vez que o vi; está mais magro e. . .

— Estou cansado — interrompeu ele, apressado. — Faz demasiado calor para andar, vamos ficar aqui mesmo. E, de manhã, às vezes sinto-me tonto. Papai diz que estou crescendo. . . muito rápido.

Mal satisfeita, Cathy sentou-se e ele se deitou ao lado dela.

— Isto até parece o seu paraíso — comentou ela, esforçando-se por criar um ambiente de animação. — Lembra-se dos dois dias que combinamos passar num lugar e da maneira que cada qual achasse mais agradável? Sem dúvida aqui tem você o seu, com a exceção apenas de que há nuvens; mas são tão macias, que está quase melhor do que se houvesse sol. Na semana que vem, se você puder, iremos a cavalo até o parque da granja, experimentar o meu paraíso.

Linton não parecia lembrar-se do que ela estava falando e tinha, evidentemente, grande dificuldade em sustentar qualquer espécie de conversa. Sua falta de interesse pelos assuntos que ela começava e a sua incapacidade de

contribuir com qualquer outro assunto eram tão óbvias, que Cathy não conseguiu esconder o seu desapontamento. Uma indefinida alteração se processara na pessoa e na atitude dele. O seu ar caprichoso e mimado dera lugar à indiferença e à apatia; havia nele menos das artimanhas de uma criança que se queixa e provoca os outros para lhes atrair propositadamente a atenção, e mais do obstinado egocentrismo de um doente pronto a repelir qualquer consolo e a considerar o bom humor dos outros como um insulto. Catherine apercebeu-se, tanto quanto eu, de que a nossa companhia era para ele mais um castigo do que uma satisfação e não teve escrúpulos em propor que nos fôssemos. Essa proposta, inesperadamente, despertou Linton da sua letargia, pondo-o num estado de estranha agitação. Olhou, apavorado, na direção do Morro, suplicando-lhe que ficasse pelo menos outra meia hora.

— Mas eu acho — retrucou Cathy — que você estaria melhor em casa do que sentado no chão, aqui; e estou vendo que não o posso distrair, hoje, com as minhas histórias, as minhas canções e a minha conversa: você se tornou mais adulto do que eu, nestes seis meses. . . Pouco lhe interessa o que eu digo. Se eu visse que estava interessado ficaria de bom grado.

— Fique para descansar um pouco — replicou ele. — E, Catherine, não pense ou diga que eu estou *muito* mal: é este tempo abafado, este calor, que me fazem assim; e, antes de você chegar, andei demais para o meu hábito. Diga ao meu tio que estou passando razoavelmente, está bem?

— Vou lhe dizer que *você* acha que está, Linton. Não poderia afirmar que isso é verdade — observou a minha jovem ama, espantada com a insistência dele em algo que se via não ser verdade.

— E volte na próxima quinta-feira — continuou ele, evitando o olhar dela. — Agradeça-lhe por ter permitido que você viesse. . . agradeça-lhe da minha parte, Catherine. E. . . e se por acaso encontrar o meu pai e ele lhe perguntar a meu respeito, não lhe diga que estive tão calado; não fique com esse ar triste e desanimado. . . ele ficará furioso.

— Não me importa nada que ele fique furioso! — exclamou Catherine, imaginando ser ela mesma a vítima dessa fúria.

— Mas a mim importa — retrucou o primo, estremeando. — *Não* o irrite contra mim, Catherine. Você não sabe como ele é.

— Por acaso o maltrata, Sr. Heathcliff? — perguntei. — Ter-se-á cansado de ser indulgente e seu ódio terá passado de passivo a ativo?

Linton olhou para mim, mas não respondeu; e, após ter ficado sentada ao lado do primo mais dez minutos, durante os quais ele deixou pender a cabeça sobre o peito e só fez soltar gemidos mal contidos de dor e exaustão, Cathy levantou-se e começou a procurar amoras, dividindo-as comigo; não lhe ofereceu nenhuma, pois viu que só faria aborrecê-lo e cansá-lo.

— Já terá passado meia hora, Ellen? — cochichou ela no meu ouvido, por fim. — Não sei por que nos pediu que ficássemos. Adormeceu e papai já deve estar à nossa espera.

— Bem, não devemos deixá-lo dormindo — respondi. — Espere até que ele acorde, tenha paciência. Você estava muito ansiosa por vir, mas parece que o seu desejo de ver o seu pobre primo logo se evaporou!

— Por que foi que *ele* me quis ver? — retrucou Catherine. — Mesmo nos seus piores dias, gostava mais dele do que como ele está agora. Parece até que este nosso encontro é uma tarefa que ele foi obrigado a cumprir por

temor a que seu pai ralhasse com ele. Mas eu não vou vir até aqui só para dar prazer ao Sr. Heathcliff, seja qual for a razão que ele tiver para forçar Linton a tal penitência. E, embora me alegre de que ele esteja melhor de saúde, acho que está muito pior de gênio e muito menos afetuoso para comigo.

— Você acha que ele *está* melhor de saúde? — volvi.

— Acho — respondeu ela —, porque ele sempre fez um bicho de sete cabeças dos seus padecimentos. Acho que ele não está apenas melhor, conforme me pediu para dizer a papai, mas muito melhor.

— Nisso não concordamos, Srta. Cathy — observei. — Eu acho que ele está muito pior.

Nesse ponto, Linton acordou do seu cochilo e, com uma expressão de terror, perguntou se alguém tinha chamado o seu nome.

— Não — respondeu Catherine. — Só se tiver sido em sonhos. Não posso entender como é que você pode cochilar no meio do campo, e de manhã.

— Parece-me ouvir o meu pai — arquejou ele. — Tem certeza de que ninguém me chamou?

— Certeza absoluta — replicou sua prima. — Só eu e Ellen é que estávamos falando, sobre o seu estado de saúde. Você está mesmo melhor do que da última vez em que nos vimos, no inverno? Sente-se mais forte? Porque uma coisa, pelo menos, não me parece mais forte. . . o seu afeto por mim. Diga-me. . . Você está mesmo melhor?

As lágrimas brotaram dos olhos de Linton, ao mesmo tempo em que ele respondia: — Estou, sim, estou! — E, ainda sob o impacto da voz imaginária, seu olhar errava para cima e para baixo, à procura de quem falara.

Cathy levantou-se. — Por hoje, temos de ir embora — declarou. — Não escondo que fiquei muito decepcionada com este nosso encontro, embora não vá dizer nada a ninguém. . . e olhe que não tenho medo do Sr. Heathcliff!

— Fale baixo! — murmurou Linton. — Pelo amor de Deus, fale baixo! Ele está vindo. — E agarrou-se ao braço de Catherine, tentando detê-la; mas, ao ouvir aquilo, ela se apressou a chamar Minny, que lhe obedecia como se fosse um cão.

— Voltarei na próxima quinta-feira! — gritou, pulando para a sela. — Até lá! Depressa, Ellen!

E assim o deixamos, quase sem se dar conta da nossa partida, tão aflito estava ele com a aproximação do pai.

Antes de chegarmos a casa, a frustração de Catherine já se transformara num perplexo sentimento de pena e de dúvida quanto ao estado físico e social de Linton — dúvida que também eu partilhava, embora a aconselhasse a não fazer comentários, pois um segundo encontro nos daria melhores bases para julgar. Meu amo pediu que lhe relatássemos o encontro. Cathy transmitiu-lhe os agradecimentos do primo e pouco falou do resto; eu também, pois não sabia o que ocultar e o que revelar.

CAPÍTULO XXVII

Sete dias se passaram, cada qual marcando o seu curso pela rápida alteração do estado de saúde de Edgar Linton. O estrago que os meses até ali tinham feito era agora superado pela ação dos dias e das horas. Ainda nos esforçávamos por iludir Catherine; mas a sua inteligência viva recusava-se a aceitar essa ilusão: adivinhava em segredo a terrível possibilidade que aos poucos se ia transformando em certeza, e afligia-se com isso. Quando a quinta-feira chegou, ela não teve coragem de falar no passeio; eu o fiz por ela e obtive permissão para levá-la a passear, pois a biblioteca, onde o meu amo passava uma pequena parte do dia — o breve período em que tinha forças para estar sentado —, e o quarto dele haviam-se tornado todo o seu mundo. Ela chorava todos os momentos em que não estava cuidando do pai ou sentada a seu lado. Seu rosto estava abatido de preocupação e vigília e o meu amo de bom grado lhe deu licença para um passeio que — achava ele — seria uma feliz mudança de ambiente e companhia, confortando-se com a esperança de que a filha não ficaria inteiramente só, depois que ele morresse.

Tinha ele a idéia fixa, ao que deduzi através de vários comentários, de que, da mesma forma que o sobrinho se assemelhava a ele fisicamente, também se pareceria a ele em espírito, pois as cartas de Linton deixavam transparecer pouca ou nenhuma indicação dos seus defeitos de caráter. E eu, por uma fraqueza perdoável, hesitava em corrigir-lhe o engano, perguntando a mim mesma que vantagem havia em perturbar-lhe os últimos momentos com revelações de coisas que ele não tinha tempo nem poder para alterar.

Deixamos o nosso passeio para a tarde, uma dourada tarde de agosto, com o ar dos morros tão cheio de vida que até dava a impressão de que quem o respirasse, embora moribundo, reviveria. O rosto de Catherine era como a paisagem — as sombras e o sol passando por ele em rápida sucessão; mas as sombras perduravam mais e o sol era mais passageiro e o seu pobre coraçãozinho censurava até mesmo aquele transitório esquecimento dos seus cuidados.

Avistamos Linton esperando-nos no mesmo lugar da semana anterior. Minha jovem ama desmontou, dizendo-me que, como estava resolvida a não demorar nada, seria melhor que eu segurasse o pônei e permanecesse a cavalo. Não concordei: não queria correr o risco de perdê-la de vista, nem mesmo um minuto, e subimos juntas a encosta coberta de urze. O rapaz recebeu-nos com maior animação do que da outra vez, embora não fosse uma animação provocada pela alegria ou pelo entusiasmo — parecia mais causada pelo medo.

— É tarde! — exclamou, falando em frases curtas e com dificuldade. — Seu pai não está muito doente? Pensei que você não viesse.

— *Por que é* que você não é franco? — perguntou Catherine, engolindo o desapontamento. — Por que não diz logo que não me quer ver mais? É estranho, Linton, que pela segunda vez você me tenha feito vir até aqui aparentemente só com o fim de nos aborrecer e sem qualquer motivo!

Linton estremeceu e olhou para ela, meio suplicante, meio envergonhado; mas a paciência da prima não era suficiente para suportar aquele comportamento enigmático.

— Meu pai *está* doente — disse ela. — Por que me tirar, então, da sua cabeceira? Por que você não mandou recado liberando-me da promessa, se não desejava que eu a mantivesse? Vamos, quero uma explicação: brincadeiras e bobagens estão completamente fora dos meus pensamentos e não posso perder tempo atendendo aos seus caprichos!

— Os meus caprichos! — murmurou ele. — Quais são eles? Pelo amor de Deus, Catherine, não fique tão zangada! Despreze-me à vontade. . . sou um covarde, um desgraçado, mereço todo o desprezo. . . mas não mereço a sua zanga. Odeie o meu pai, mas despreze-me apenas!

— Tolice! — exclamou Catherine, fora de si. — Rapaz bobo, pateta! Veja! Treme como se eu fosse realmente tocá-lo! Não precisa pedir que o desprezem, Linton: todo o mundo o desprezará espontaneamente. Vá-se embora! Vou voltar para casa: é loucura tirá-lo de junto da lareira e fingir. . . fingir o quê? Largue o meu vestido! Se eu tivesse pena de você por estar chorando, com esse ar tão apavorado, você desprezaria esse meu sentimento. Ellen, faça-o ver como está ridículo. Levante-se, não queira parecer um réptil abjeto!

Com o rosto lavado em lágrimas e uma expressão de agonia, Linton jogara o seu corpo frágil no chão e parecia convulsionado de terror.

— Oh! — soluçou. — Não posso, não posso! Catherine, Catherine, sou um traidor e não ousou dizer-lhe! Mas se você me abandonar eu serei morto! Minha *querida* Catherine, a minha vida está nas suas mãos: você disse que me amava e se isso fosse verdade tudo estaria bem. Você fica, então? Minha boa, minha doce Catherine! E talvez você consinta. . . e ele me deixe morrer com você!

Ao ver a angústia dele, a minha jovem ama inclinou-se para levantar o primo. O velho sentimento de ternura e indulgência sobrepujara a sua irritação, e ela ficou comovida e alarmada.

— Consentir em quê? — perguntou. — Em ficar? Diga-me o que quer dizer tudo isso e ficarei. Você contradiz as suas próprias palavras e me põe fora de mim! Fique calmo, seja franco e confesse, de uma vez por todas, o que tanto o preocupa. Você não me faria sofrer, Linton, faria? Não permitiria que nenhum inimigo me fizesse mal se pudesse evitá-lo, não é? Acredito que você seja covarde, mas nunca um traidor da sua melhor amiga!

— Mas o meu pai ameaçou-me — arquejou o rapaz, torcendo os dedos finos —, e eu tenho medo dele. . . tenho medo! *Não* me atrevo a contar!

— Está bem! — exclamou Catherine, num misto de dó e desprezo. — Guarde o seu segredo: *eu* não sou covarde. Poupe-se você mesmo: eu não tenho medo!

A magnanimidade dela fez com que ele chorasse: chorou copiosamente, beijando-lhe as mãos, que o apoiavam, mas não conseguiu criar coragem para falar. Eu estava pensando que mistério seria aquele e resolvida a que Catherine, por minha vontade, não sofresse por causa dele ou de qualquer outra pessoa, quando, ouvindo passos na urze, levantei a cabeça e vi o Sr. Heathcliff já quase junto de nós, descendo do Morro. Não olhou para os dois jovens, embora eles estivessem suficientemente perto para que ouvisse os soluços de Linton; mas, saudando-me no tom quase alegre que só usava para comigo e cuja sinceridade eu não podia evitar pôr em dúvida, disse:

— Que novidade, vê-la tão perto da minha casa, Nelly! Que tal vão as coisas na granja? Conte-nos. Dizem

— acrescentou, num tom de voz mais baixo — que Edgar Linton está à morte: talvez exagerem a gravidade da sua doença!

— Não, meu amo está mesmo morrendo — respondi.

— Será uma tristeza para todos nós, mas uma bênção para ele!

— Quanto tempo pensa que ele vá durar? — perguntou.

— Não sei — retruquei.

— Porque. . . — continuou ele, olhando para os dois jovens, aparentemente transformados em estátuas: Linton dava a impressão de não ousar mexer-se, nem mesmo erguer a cabeça, e Catherine não podia mover-se por causa dele — porque esse rapaz aí parece determinado a derrotar-me e eu gostaria muito de que o tio dele andasse depressa e fosse antes do sobrinho. Ei! Esse idiota tem se portado sempre assim? *Eu* já lhe ensinei a se arrastar pelo chão! Costuma mostrar-se animado na companhia dela?

— Animado? Não. . . tem se mostrado é muito desanimado — respondi. — A julgar pela aparência, eu diria que, em vez de andar passeando com a namorada, ele deveria mas era estar na cama, aos cuidados de um médico.

— E estará, dentro de um dia ou dois — murmurou Heathcliff. — Mas primeiro. . . levante-se, Linton! Levante-se! — gritou. — Não se esfregue pelo chão! Levante-se já!

Linton caíra novamente ao chão, noutra paroxismo de medo, causado, ao que tudo indicava, pelo olhar que o pai lhe lançara — nada mais havia que lhe pudesse provocar tal reação. Fez vários esforços para obedecer, mas as suas poucas forças pareciam aniquiladas e caiu para trás, com um gemido. O Sr. Heathcliff avançou e levantou-o, apoiando-o contra uma saliência relvada.

— Agora — falou, com ferocidade contida — estou ficando zangado; e, se não controlar essa sua maldita fraqueza. . . ai de você! Ponha-se imediatamente de pé!

— Já vou, pai — ofegou ele. — Mas deixe-me, ou desmaiarei. Fiz o que o senhor queria, tenho a certeza de que fiz. Catherine dir-lhe-á que eu. . . que eu. . . me tenho mostrado animado. Fique ao meu lado, Catherine: dê-me a sua mão.

— Pegue na minha — retrucou o pai. — Fique de pé. Pronto. . . ela lhe dará o braço. Assim, olhe para *ela*. Até parece que eu sou o Demônio encarnado, para lhe suscitar tal horror. Por favor, Catherine, acompanhe-o até a casa, sim? Ele estremece quando lhe toca.

— Linton, meu querido! — sussurrou Catherine. — Não posso ir ao Morro: papai me proibiu. Seu pai não lhe vai fazer mal. Por que é que você tem tanto medo?

— Não posso voltar para casa — respondeu ele. — *Não* posso voltar a entrar nela sem você!

— Chega! — exclamou o pai. — Vamos respeitar os escrúpulos filiais de Catherine. Nelly, entre com ele e eu seguirei imediatamente o seu conselho de chamar o médico.

— O senhor faria bem — repliquei. — Mas eu tenho de ficar com a menina: cuidar do seu filho não me compete.

— Você é muito severa — disse Heathcliff —, eu sei disso. Mas vai me obrigar a beliscar o bebê e fazê-lo gritar para provocar a sua piedade. Vamos, meu herói. Quer voltar para casa, acompanhado por mim?

E avançou mais uma vez, como se fosse pegar o rapazinho; mas, recuando, Linton agarrou-se à prima e implorou-lhe que o acompanhasse, num tom frenético, que não admitia negativa. Por mais que eu desaprovasse a sua ida, não podia impedi-la: na verdade, como podia ela ter-se recusado? O que o enchia de pânico, nós não tínhamos meios de descobrir — mas lá estava ele, apavorado a ponto de parecer idiotizado. Chegamos à porta principal: Catherine entrou e eu fiquei esperando que ela tivesse conduzido o doente para uma poltrona e voltasse logo, quando o Sr. Heathcliff, empurrando-me para a frente, disse:

— Minha casa não está assolada por nenhuma praga, Nelly, e estou com vontade de ser hospitaleiro: sente-se e deixe-me fechar a porta.

Dito isso, fechou-a e trancou-a. Estremeci.

— Vocês vão tomar chá, antes de irem para casa — acrescentou. — Estou sozinho, Hareton foi levar umas cabeças de gado a Lees e Zillah e Joseph estão de folga. Embora eu esteja acostumado a ficar sozinho, prefiro uma boa companhia. Catherine, sente-se ao lado *dele*. Ofereço-lhe o que tenho: o presente não vale muito a pena, mas nada mais tenho para oferecer. Refiro-me a Linton. Como ela me olha! É estranho o sentimento de fúria que se apossa de mim contra quem parece temer-me! Se eu tivesse nascido onde as leis são menos estritas e os gostos menos delicados, divertir-me-ia, ao serão, com uma lenta vivis-seccão desses dois.

Respirou profundamente, bateu com o punho na mesa e praguejou para si mesmo: — Com mil diabos! Eu os odeio.

— Não tenho medo do senhor! — exclamou Catherine, que não tinha ouvido a última parte da conversa. Aproximou-se, com os olhos negros

brilhantes de indignação. — Dê-me essa chave: quero sair daqui! — gritou. — Nem que estivesse morrendo de fome eu comeria ou beberia aqui.

Heathcliff tinha a chave na mão, que permanecia fechada sobre a mesa. Olhou para ela, tomado de surpresa ante a sua audácia ou, talvez, lembrando-se, através da voz e do olhar, da pessoa de quem ela a tinha herdado. Catherine estendeu a mão e quase conseguiu tirar a chave dos dedos dele; mas aquele gesto trouxe-o de volta ao presente.

— Catherine Linton — ameaçou ele —, cuidado ou acabo jogando-a no chão; e a Sra. Dean ficará furiosa.

Sem lhe dar ouvidos, ela agarrou novamente a mão dele. — *Havemos* de sair! — repetiu, envidando todos os esforços para fazê-lo soltar a chave; e, ao ver que as suas unhas não bastavam, apelou para os dentes. Heathcliff lançou-me um olhar que evitou qualquer interferência da minha parte. Catherine estava demasiado atenta aos dedos dele para reparar no seu rosto. De repente, ele abriu a mão e soltou a chave; mas, antes que ela a pudesse pegar, ele a agarrou com a mão livre e, puxando-a para si, administrou-lhe com a outra mão uma quantidade de tapas nas orelhas, cada qual suficiente para levar a cabo a sua ameaça, se houvesse ela podido cair.

Ao ver aquela violência, atirei-me sobre ele, furiosa. — Seu canalha! — gritei. — Seu canalha! — Mas uma pancada no peito silenciou-me: sou forte mas fico logo sem ar; além do mais, com a raiva, cambaleei para trás, sentindo-me prestes a sufocar ou a arrebentar uma artéria. A cena não durou mais do que dois minutos; assim que se viu solta, Catherine levou as mãos às têmporas, como se não estivesse bem certa de que ainda tinha orelhas. Tremia, pobrezinha, e apoiava-se à mesa com ar apavorado.

— Como vêm, eu sei lidar com crianças — disse o patife, enquanto se abaixava para apanhar a chave, que caíra no chão. — Vá ter com Linton, como lhe ordenei. . . e chore à vontade! Amanhã serei seu pai. O único pai que você terá, dentro de alguns dias, e então vai ver com quantos paus se faz uma canoa. Você não é nada fraquinha. . . e se voltar a mostrar um diabo de gênio como ainda há pouco mostrou terá uma dose diária de pancadas!

Em vez de correr para Linton, Cathy dirigiu-se para mim. Ajoelhou-se e pôs o rosto em brasa no meu regaço, chorando alto. Seu primo encolhera-se a um canto do sofá, mais quieto que um rato, congratulando-se, creio, pelo fato de o pai ter batido na prima e não nele. Vendo-nos a todos atônitos, o Sr. Heathcliff levantou-se e tratou de preparar ele mesmo o chá. As xícaras e os pires foram postos na mesa. Ele mesmo serviu o chá e me passou uma xícara.

— Lave a sua bile — falou ele. — E sirva a atrevida da sua menina e o meu rapaz. Não tem veneno, embora eu o tenha preparado. Vou sair para buscar os cavalos.

O nosso primeiro pensamento, assim que ele saiu, foi procurar uma saída qualquer. Experimentamos a porta da cozinha, mas estava trancada por fora. Olhamos para as janelas — eram demasiado estreitas para dar sequer passagem à fina silhueta de Cathy.

— Sr. Linton — falei, vendo que estávamos virtualmente prisioneiras —, decerto sabe qual a intenção do seu diabólico pai e vai nos dizer qual é, ou lhe encho as orelhas de tapas, como ele fez com a sua prima.

— Sim, Linton, você precisa nos dizer — falou Catherine. — Foi por sua causa que eu vim e você será muito ingrato se não nos disser.

— Dê-me um pouco de chá, estou morto de sede. Depois lhe direi — respondeu ele. — Sra. Dean, afaste-se. Não gosto de vê-la de pé junto de mim. Catherine, você está deixando as suas lágrimas caírem na minha xícara. Não vou beber esse chá. Dê-me outra xícara.

Catherine obedeceu e enxugou o rosto. Senti-me enojada com a compostura daquele pobre-diabo, que já não parecia apavorado. A aflição que mostrara na charneca desaparecera tão logo entrara em casa, levando-me a imaginar que ele fora ameaçado com uma terrível explosão de ira, se falhasse em nos arrastar até lá; uma vez conseguido isso, não tinha mais receios imediatos.

— Papai quer que nos casemos — disse, após ter tomado uns goles de chá — e sabe que o seu pai não nos deixaria casar agora. Tem medo de que eu morra, se esperarmos; por isso, vamos casar amanhã de manhã e você vai ficar aqui toda a noite. Se você fizer o que ele quer, voltará para casa amanhã mesmo e poderá levar-me junto.

— Levá-lo junto, pobre infeliz? — exclamei. — Casar com *você*? O seu pai deve estar louco. . . ou então pensa que somos todos idiotas. Por acaso você pensa que essa moça bonita, essa jovem sadia e cheia de vida vai se amarrar a um não-me-toques como você? Imagina acaso que *alguém*, e muito menos Catherine Linton, vai gostar de tê-lo por marido? Você precisava era de uma boa surra, por nos ter trazido até aqui, com os seus truques desleais e. . . não fique com esse ar de bobo! Tenho uma vontade enorme de o sacudir, pela sua traição e pelo seu egoísmo imbecil.

E dei-lhe umas sacudidelas; mas ele começou logo a tossir e lançou mão do seu costumeiro recurso de gemer e choramingar, fazendo com que Catherine me censurasse.

— Ficar aqui a noite inteira? Não — disse ela, olhando lentamente em volta. — Ellen, vou deitar fogo àquela porta, mas hei de sair.

E poria em ação a sua ameaça, se Linton não se levantasse, novamente alarmado com a sua própria e preciosa pessoa. Enlaçou-a com os seus débeis braços, soluçando!

— Você não quer casar comigo e salvar-me. . . Não me quer deixar ir para a granja? Oh, minha querida Catherine! Você não pode ir embora. *Tem* de obedecer a meu pai. . . *Tem!*

— Tenho de obedecer é ao meu — replicou ela — e evitar-lhe tão cruel expectativa. A noite inteira! Que pensaria ele? A estas horas já estará em cuidados. Hei de conseguir sair desta casa, seja como for. Cale-se! Você não corre perigo; mas se tentar impedir-me. . . Linton, amo muito mais a meu pai do que a você!

O terror mortal que ele sentia pelo Sr. Heathcliff restaurou-lhe a covarde eloqüência. Catherine estava quase louca, mas insistia em que tinha de ir para casa e tentou convencê-lo a abrir a porta, a esquecer por um pouco o seu egoísmo. Enquanto discutiam, o nosso carcereiro voltou.

— Os seus cavalos desapareceram — anunciou. — Então, Linton! Choramingando outra vez? Que é que ela lhe andou fazendo? Vamos, vamos. . . chega, e vá para a cama. Dentro de um mês ou dois, meu rapaz, você estará apto a lhe pagar as atuais tiranias com mão de ferro. Está se consumindo de amor, não é? Nada mais o aflige. . . e ela há de tê-lo! Vamos, para a cama!

Zillah não está aqui esta noite; você tem de se despir sozinho. Psiu, pouco barulho! Uma vez no seu quarto, não precisa ter medo, que eu não irei lá. Por sorte, você se comportou passavelmente. Quanto ao resto, deixe comigo.

Falou tudo isso enquanto segurava a porta para o filho sair, coisa que Linton fez à maneira de um cachorrinho temeroso de que o dono lhe desse um pontapé. A porta voltou a ser trancada. Heathcliff aproximou-se da lareira, junto à qual eu e a minha ama permanecíamos, de pé. Catherine olhou para ele e instintivamente levou a mão à face: a presença dele reavivava-lhe a sensação de dor. Qualquer outra pessoa teria sido incapaz de considerar aquele gesto infantil com severidade, mas ele franziu a testa e rosnou:

— Não me vá dizer que está com medo de mim! A sua coragem está bem disfarçada: você *parece* morta de medo!

— E *estou* com medo, agora — replicou ela —, porque, se eu ficar aqui, papai vai ficar preocupadíssimo; e como posso causar-lhe essa preocupação, quando ele . . . quando ele. . . Sr. Heathcliff, *deixe-me* ir para casa! Prometo que casarei com Linton: papai quer isso e eu o amo. Por que razão o senhor há de querer forçar-me a fazer o que eu quero?

— Ele que ouse forçá-la! — exclamei. — Existe uma lei neste mundo, graças a Deus, embora estejamos num lugar afastado. Denunciá-lo-ia, nem que fosse meu filho; e é uma farsa um casamento sem a bênção da Igreja!

— Cale-se! — atalhou o vilão. — Vá para o inferno com as suas ameaças! A conversa *não* é com você. Catherine, será para mim uma satisfação pensar que seu pai vai ficar preocupado: nem dormirei, de alegria. Você não podia ter atinado com maneira mais segura de ficar aqui mais vinte e quatro horas do que me informar que seu pai ficaria preocupadíssimo. Quanto à sua

promessa de casar com Linton, cuidarei de que a cumpra, pois não sairá daqui enquanto não a tiver cumprido.

— Mande Ellen, então, avisar papai de que estou bem! — suplicou Catherine, chorando amargamente. — Ou case-nos agora. Pobre papai! Ellen, ele vai pensar que nos perdemos. Que havemos de fazer?

— Nada disso! Pensará que você se cansou de cuidar dele e resolveu procurar um pouco de divertimento — retrucou Heathcliff. — Você não pode negar que entrou na minha casa porque quis, contrariando as ordens dele. E é muito natural que deseje divertir-se, na sua idade; e que se tivesse cansado de cuidar de um doente, quando ele é *apenas* seu pai. Catherine, os seus dias mais felizes terminaram quando você nasceu. Seu pai amaldiçoou-a por ter vindo ao mundo (pelo menos foi o que eu fiz), de modo que não seria nada de mais se ele a amaldiçoasse quando se fosse desta para melhor. Eu me juntaria a ele. Não a posso ver? Como poderia? Chore o quanto quiser. Chorar vai ser a sua principal diversão, daqui por diante; a menos que Linton compense outras perdas; coisa em que o seu previdente pai parece acreditar. As suas cartas de conselhos e consolo fizeram-me rir. Na última, dizia à minha jóia para cuidar bem da dele; para tratá-la bem, quando lhe pertencesse. Cuidados paternos! Ele não sabe é que Linton só quer que *o* cuidem e tratem *dele!* Linton é um bom tira-nozinho. Não se importaria de torturar cães e gatos, se eles não tivessem dentes nem garras. Garanto-lhe que vai poder contar a seu pai belos exemplos da bondade do sobrinho, quando voltar para casa.

— Aí o senhor tem razão! — exclamei. — Revele-lhe o caráter do seu filho! Mostre-lhe como se parece com o senhor. . . e espero que a Srta. Cathy pense duas vezes antes de aceitá-lo!

— Não me importa falar das suas boas qualidades — respondeu ele —, porque ela vai ter de aceitá-lo ou ficar aqui, prisioneira (e você também, com ela), até que o pai morra. Posso detê-las aqui, a ambas, sem que ninguém desconfie disso. Se duvida, encoraje-a a voltar atrás com a palavra dada, e verãõ!

— Não voltarei atrás com a minha palavra — disse Catherine. — Casarei com ele agora mesmo, se logo depois puder voltar para a granja. Sr. Heathcliff, sei que é um homem cruel, mas certamente não é um demônio; tenho a certeza de que não irá, por *simples* maldade, destruir irrevogavelmente a minha felicidade. Se papai pensasse que eu o tivesse deixado de propósito e morresse antes que eu voltasse, como poderia eu continuar a viver? Já desisti de chorar; mas vou me ajoelhar aqui, aos seus pés; e não me levantarei e não tirarei os meus olhos do seu rosto, enquanto não olhar para mim! Não, não vire o rosto! Olhe! Nada verá que o irrite. Eu não o odeio. Não estou sequer zangada porque o senhor me bateu. Nunca amou *ninguém* na sua vida, tio? *Nunca?* Ah, o senhor tem de olhar para mim! Estou tão desesperada, que o senhor não pode deixar de me lastimar e ter pena de mim!

— Tire esses dedos de cima de mim; e afaste-se, ou lhe dou com o pé! — exclamou Heathcliff, repelindo-a brutalmente. — Preferia ser abraçado por uma serpente.

Como diabos você pode pensar em me agradar? Eu a *detesto!*

E sacudiu-se todo, como se tomado de repulsa física, empurrando a cadeira para trás, enquanto eu me levantava e o cobria de imprecações. Mas tive de calar-me, ante a ameaça de ser posta num cárcere privado. Estava ficando escuro e ouvimos vozes no portão do jardim. Heathcliff saiu para ver o que era: tinha a cabeça fria, coisa que *nós* não tínhamos. Falou durante alguns minutos e depois voltou sozinho.

— Pensei que fosse o seu primo Hareton — comentei com Catherine.
— Oxalá ele viesse logo! Quem sabe se não ficaria do nosso lado?

— Eram três criados, mandados da granja para buscá-las — falou Heathcliff, que me ouvira. — Você devia ter aberto a gelosia e gritado; mas juro que essa lambisgóia está contente por você não o ter feito. Tenho certeza de que está feliz por ser obrigada a ficar.

Ao saber da oportunidade que perdêramos, ambas demos vazão ao nosso desespero e ele nos deixou chorar até as nove, quando nos mandou subir, através da cozinha, para o quarto de Zillah. Murmurei a Cathy que obedecesse: talvez pudéssemos sair pela janela ou passar para uma mansarda e sair pela clarabóia. Mas a janela, como as do andar de baixo, era estreita, e o alçapão que levava à mansarda estava trancado. Nenhuma das duas se deitou: Catherine sentou-se junto à janela, esperando ansiosamente a manhã; um profundo suspiro foi toda a resposta que pude obter às minhas sugestões de que tentasse descansar. Instalei-me numa cadeira de balanço e passei em revista todas as minhas quebras de dever, das quais, verificava de repente, se originavam todas as desventuras dos meus amos. Na realidade, não era esse o caso, bem sei; mas a minha imaginação culpava-me de tudo, naquela horrível noite — a ponto de achar o próprio Heathcliff menos culpado do que eu.

Às sete horas, ele subiu e perguntou se Catherine já se tinha levantado. Ela correu imediatamente para a porta e respondeu: — Já. — Abriu a porta e puxou-a para fora. Levantei-me, para acompanhá-la, mas ele passou a chave na fechadura. Exigi que me soltasse.

— Tenha paciência — replicou. — Mando-lhe o desjejum daqui a pouco.

Bati na porta e tentei arrebentar a fechadura. Catherine perguntou por que motivo eu tinha de permanecer trancada. Ele respondeu que era só mais uma hora e ouvi-os afastando-se. Duas ou três horas se passaram até que, finalmente, ouvi passos — mas não os de Heathcliff.

— Trouxe umas coisas para você comer — disse uma voz.

A porta se abriu e Hareton apareceu diante de mim, trazendo comida suficiente para todo o dia.

— Pegue ela — falou, passando-me a bandeja.

— Fique só um pouco — pedi.

— Não! — respondeu ele, e foi-se embora, apesar das minhas súplicas.

E ali fiquei eu, fechada o dia inteiro e toda a noite seguinte e mais outro dia e outra noite. Ao todo, fiquei prisioneira durante cinco noites e quatro dias, sem ver ninguém a não ser Hareton, e mesmo assim só de manhã, quando me trazia a bandeja. Ele era um modelo de carcereiro: insensível, mudo e surdo a todas as minhas tentativas de suscitar o seu sentimento de justiça ou compaixão.

CAPÍTULO XXVIII

Na quinta manhã, ou, melhor, na quinta tarde, ouvi passos diferentes aproximarem-se da porta — mais leves e mais curtos; dessa vez, a pessoa entrou no quarto. Era Zillah, envolta no seu xale escarlate, com um gorro de seda preta na cabeça e uma cesta pendurada no braço.

— Ei, Sra. Dean! — exclamou. — Fala-se muito da senhora, em Gimmerton. Pensei que se tinha afogado no pântano de Blackhorse, e a menina também, até que o patrão me contou que tinham sido encontradas e que ele as tinha alojado aqui! Quanto tempo ficaram no pântano? Subiram para uma ilha ou foi o patrão que as salvou, hein, Sra. Dean? Más não está com mau aspecto. . . Não passou fome, passou?

— O seu patrão é um canalha! — repliquei. — Mas ele há de pagar por tudo. Não precisava ter inventado essa mentira: a verdade acabará por vir à tona!

— Que quer dizer com isso? — perguntou Zillah. — Ele não inventou nada: é o que dizem no povoado: que a senhora e a menina se perderam no pântano. Mal cheguei a casa, chamei Earnshaw: "Ei, parece que aconteceu uma desgraça, Sr. Hareton, durante a minha folga. Pobrezinha da menina e da boa Nelly Dean!" Ele ficou me olhando. Pensei que não soubesse de nada e contei-lhe o que tinha ouvido. O patrão escutou, sorriu e disse: "Se estiveram perdidas no pântano, agora já estão salvas, Zillah. Nelly Dean está lá em cima, no seu quarto. Pode-lhe dizer para sair, quando subir; aqui está a chave. Bebeu muita água do pântano e queria correr para casa, mas não estava em

condições, de modo que resolvi impedi-la de sair enquanto não se acalmasse. Pode dizer-lhe que vá imediatamente para a granja, se estiver em condições, avisar que a sua jovem ama seguirá a tempo de assistir aos funerais do pai".

— Quer dizer que o Sr. Edgar ainda não morreu? — perguntei. — Oh, Zillah, Zillah!

— Não, ainda não. Sente-se, minha boa Nelly — retrucou ela. — Agora, sim, está com mau aspecto. Ele ainda não morreu; o Dr. Kenneth acha que talvez dure mais um dia. Encontrei-o na estrada e perguntei-lhe.

Em vez de me sentar, peguei nas minhas coisas e desci correndo, aproveitando a porta aberta. Ao entrar na sala, olhei em volta, à procura de alguém que me informasse a respeito de Catherine. A porta estava escancarada e o sol entrava por ela, mas ninguém parecia estar por perto. Eu hesitava entre sair logo ou voltar em busca da minha ama, quando uma tossezinha seca me fez virar para a lareira. Linton jazia no sofá, sozinho, chupando um pedaço de açúcar-cande e seguindo os meus movimentos com olhar apático. — Onde está a Srta. Catherine? — perguntei, com voz severa, supondo que, por tê-lo apanhado assim, a sós, poderia, assustando-o, forçá-lo a dar-me informações. Mas ele continuou a chupar o açúcar, com ar inocente.

— Ela já foi embora? — insisti.

— Não — respondeu ele. — Está lá em cima. Não vai embora; nós não vamos deixar.

— *Você* não vai deixar, seu idiota! — exclamei. — Leve-me imediatamente para junto dela, ou juro que o faço gritar.

— Papai é que ia fazer você gritar, se tentasse chegar junto dela — retrucou ele. — Diz para eu não ser mole com Catherine: ela é minha mulher,

e é uma vergonha querer abandonar-me. Diz que ela me odeia e quer que eu morra, para ficar com o meu dinheiro; mas ela não há de tê-lo e não há de ir para casa! Nunca! Pode chorar o quanto quiser e ficar doente, que nunca irá para casa!

E pôs-se de novo a chupar, fechando os olhos, como se quisesse dormir.

— Sr. Heathcliff — insisti —, será que já esqueceu tudo o que Catherine lhe fez no inverno passado, quando lhe declarou que a amava e ela lhe trouxe livros e lhe cantou baladas e muitas vezes desafiou o vento e a neve para o vir visitar? Chorava, quando não podia vir, não querendo decepcioná-lo; e você dizia que ela era demasiado boa; agora, porém, acredita nas mentiras que o seu pai diz, embora saiba que ele detesta ambos. E põe-se do lado dele, contra ela. Bela gratidão, não acha?

Os cantos da boca de Linton descaíram e ele tirou o açúcar-cande de entre os lábios.

— Ela veio até aqui porque o odiava? — continuei. — Pense por si mesmo! Quanto ao seu dinheiro, ela nem sabe que ele existe. Diz que ela está doente, mas deixa-a sozinha, numa casa estranha! *Deveria* saber o que é ser abandonado à própria sorte! Mas não, só sabe compadecer-se dos seus próprios sofrimentos; ela também se compadecia, mas ninguém se compadece dela! Derramei lágrimas, Sr. Heathcliff, como vê (eu, uma mulher de meia-idade e simples criada), enquanto você, depois de fingir afeto e de ter razões de sobra para idolatrá-la, poupa as lágrimas para si mesmo e fica aí deitado, como se nada estivesse acontecendo. Ah, você não passa de um rapaz egoísta e sem coração!

— Não posso ficar junto dela — replicou ele, irritado. — Não agüento ficar com ela. Chora sem parar e não há meio de se calar, mesmo que eu diga que vou chamar o meu pai. Chamei-o uma vez e ele ameaçou estrangulá-la, se ela não ficasse quieta; mas ela recomeçou a chorar assim que ele saiu do quarto e passou a noite gemendo e chorando, embora eu gritasse que não podia dormir.

— O Sr. Heathcliff saiu? — perguntei, percebendo que a infeliz criatura não tinha capacidade de solidarizar-se com a prima.

— Está no pátio — respondeu ele —, falando com o Dr. Kenneth, que lhe disse ser verdade que o meu tio está morrendo. Fico satisfeito, porque passarei a dono da granja. Catherine sempre se referiu a ela como sendo a casa *dela*. Mas não é dela, é minha: papai diz que tudo o que ela tem é meu. Os seus belos livros são meus; ela disse que os dava a mim e os passarinhos e o pônei, Minny, se eu fosse buscar a chave do nosso quarto e a deixasse sair; mas eu respondi que ela não me podia dar nada, pois era tudo meu. Então ela chorou e tirou um camafeu do pescoço e disse que me daria aquilo: dois retratos dentro de um camafeu de ouro, de um lado a mãe, do outro o meu tio, quando eram jovens. Isso foi ontem; disse-lhe que aquilo também era meu e tentei arrancar-lhe o camafeu. Mas a terrível criatura não me deixou: empurrou-me e machucou-me. Gritei (isso a assusta), ela ouviu papai se aproximar e partiu o camafeu ao meio, ficando-me o retrato da mãe dela na mão; ela tentou esconder a outra metade, mas papai perguntou de que se tratava e eu disse. Ele tirou a minha metade e ordenou-lhe que me desse a dela; Catherine recusou-se e aí ele. . . ele a jogou ao chão com um tapa, arrancou o medalhão da corrente e esmagou-o com o pé.

— E você gostou de vê-lo bater-lhe? — perguntei, com a intenção de encorajá-lo a falar.

— Estremeci — respondeu ele. — Estremeço, sempre que vejo meu pai bater num cão ou num cavalo; bate com tanta força! A princípio gostei; ela merecia isso por me haver empurrado. Mas, quando papai se foi, ela me fez chegar à janela e mostrou-me o lábio cortado, contra os dentes, e a boca enchendo-se de sangue; depois juntou os pedaços do retrato do pai e sentou-se com o rosto para a parede, e desde então nunca mais falou comigo: às vezes penso que ela não pode falar de dor. Não gosto de pensar nisso; mas ela é insuportável, chorando sem parar; e está tão pálida, que até parece louca e eu sinto medo dela.

— E você pode apanhar a chave quando quiser? — perguntei.

— Posso, quando subir — respondeu ele. — Mas agora não vou subir.

— Em que quarto ela está? — insisti.

— Ora — exclamou ele —, não lhe vou dizer onde é! Ninguém, nem Hareton, nem Zillah, pode saber. É segredo! Pronto, você me cansou. . . Vá-se embora, vá! — E, apoiando o rosto no braço, fechou novamente os olhos.

Achei melhor sair sem falar com o Sr. Heathcliff e trazer socorros da granja para a menina. Ao chegar à granja, o espanto dos outros criados e a sua alegria de me ver foram enormes; e, quando ouviram dizer que a sua jovem ama estava bem, dois ou três quiseram logo subir a gritar a boa nova à porta do Sr. Edgar — mas eu própria me encarreguei de lhe dar a notícia. Como o achei mudado, no decorrer daqueles poucos dias! Era a imagem da tristeza e da resignação, à espera da morte. Parecia muito jovem; embora a sua idade

real fosse de trinta e nove anos, dava a impressão de ter dez a menos. Pensava em Catherine, pois murmurou o seu nome. Toquei-lhe na mão e sussurrei:

— Catherine já vem, querido patrão! Está viva e bem; espero que volte esta noite mesmo.

Tremi, ante a sua primeira reação à notícia: ele se soergueu, olhou ansiosamente em volta e desmaiou. Tão logo recobrou os sentidos, narrei-lhe a nossa visita forçada e a nossa detenção no Morro dos Ventos Uivantes. Disse-lhe que Heathcliff me obrigara a entrar — o que não era bem verdade. Falei o menos possível contra Linton e não lhe descrevi a conduta brutal do pai dele, pois não queria amargurá-lo e afligi-lo ainda mais.

Ele adivinhava que um dos propósitos do seu inimigo era apoderar-se da sua fortuna pessoal e da propriedade para o filho, ou antes, para si próprio; por que razão não esperava que ele morresse era algo que intrigava o meu amo, que ignorava estar o sobrinho tão perto da morte quanto ele mesmo. Contudo, achou que devia alterar o seu testamento: em vez de deixar a fortuna de Catherine à sua disposição, resolveu confiá-la a depositários para seu usufruto enquanto ela vivesse e para o dos filhos, se os tivesse, depois que morresse. Dessa maneira, não poderia cair nas mãos de Heathcliff, caso Linton falecesse.

Assim que recebi essas ordens, mandei um criado buscar o advogado e outros quatro empregados, todos armados, salvarem a minha ama da sua prisão. Tanto um quanto os outros demoraram muito a voltar. O criado que fora a Gimmerton regressou primeiro, dizendo que o Sr. Green, o advogado, não estava, quando ele chegara à sua casa, e que tivera de esperar duas horas para que voltasse; e que depois o Sr. Green lhe dissera que tinha um caso

urgente a resolver no povoado, mas que iria à Granja Thrushcross antes que amanhecesse. Os quatro homens também voltaram desacompanhados, anunciando que Catherine estava doente, demasiado doente para sair do seu quarto, e que o Sr. Heathcliff não os deixara vê-la. Passei-lhes uma boa descompostura por terem dado crédito a tal história, que não poderia transmitir ao meu amo, e resolvi, assim que rompesse o dia, levar uma tropa ao Morro e ameaçar invadir a casa, a menos que nos entregassem a prisioneira. "O pai há de voltar a vê-la", jurei, "mesmo que aquele demônio seja morto ao tentar barrar-nos a entrada!"

Felizmente, Deus quis poupar-me a viagem e as dificuldades. Eu tinha descido, às três da manhã, para buscar um jarro de água e estava passando pelo *hall* com ele na mão, quando umas fortes pancadas na porta principal quase me fizeram derramar a água. "Ora, deve ser Green", pensei, serenando. "Só pode ser." E continuei a andar, decidida a mandar que outra pessoa abrisse a porta. Mas as batidas continuavam, não com tanta força, mas insistentes. Pousei o jarro e corri a abrir eu mesma. O luar brilhava, lá fora. Não era o advogado. A minha queridinha pulou-me para o pescoço, soluçando:

— Ellen! Ellen! Papai ainda está vivo?

— Está! — falei. — Está, sim, meu anjo. Deus seja louvado por você estar de novo conosco, sã e salva!

Ela queria correr, mesmo exausta como estava, escada acima, para o quarto do Sr. Linton; mas eu insisti para que se sentasse, fi-la beber uma xícara de chá e lavei-lhe o rosto pálido, esfregando-o depois com o meu avental, até lhe avivar um pouco a cor. Depois convenci-a a deixar-me subir

primeiro, a fim de anunciar a sua chegada, e implorei-lhe que dissesse ao pai que seria muito feliz com o jovem Heathcliff. Ela olhou para mim, mas logo compreendeu por que razão eu a aconselhava a mentir e garantiu-me que não se queixaria.

Não tive forças para assistir ao encontro deles. Fiquei do lado de fora do quarto uns bons quinze minutos e só depois me aventurei a me aproximar da cama. Mas não precisava preocupar-me: o desespero de Catherine era tão silencioso quanto a alegria do pai. Ela o sustentava calmamente, na aparência; e ele fixava nas feições dela os seus olhos erguidos, que pareciam dilatados pelo êxtase.

Morreu feliz, Sr. Lockwood. Beijando-lhe a face, murmurou:

— Vou ter com ela; e você, minha querida, um dia irá ter conosco! — Depois, não mais falou nem se mexeu, mas continuou a olhá-la daquela maneira extasiada, radiante, até seu pulso parar imperceptivelmente e a sua alma partir. Ninguém poderia dizer o exato minuto da sua morte, tão tranqüila ela foi.

Fosse porque Catherine já tivesse gasto todas as suas lágrimas, fosse porque a sua dor era demasiado grande para chorar, o certo é que ficou sentada, sem uma lágrima, até o sol nascer; continuou sentada até o meio-dia e mais tempo ficaria ainda ao lado da cama onde o pai jazia morto, se eu não insistisse para que descansasse um pouco. Ainda bem que consegui convencê-la, pois à hora do almoço apareceu o advogado, após ter ido ao Morro pedir instruções sobre como proceder. Vendera-se ao Sr. Heathcliff: essa fora a causa da sua demora em atender ao chamado do meu amo. Felizmente, após a chegada da filha, ele não pensara mais em nada.

O Sr. Green tomou a casa e os seus habitantes a seu cargo. Deu ordem a todos os criados, menos a mim, para se irem embora e teria levado a sua autoridade ao ponto de insistir para que Edgar Linton não fosse enterrado ao lado da esposa, e sim na capela, com o resto da sua família. Mas havia o testamento e os meus protestos contra qualquer infração dos seus dispositivos. O funeral foi apressado; Catherine, agora Sra. Linton Heathcliff, teve permissão para permanecer na granja até a saída do corpo do pai.

Contou-me ela que a sua aflição levara, por fim, Linton a correr o risco de soltá-la. Ouvira os homens que eu tinha mandado discutir à porta e deduzira o sentido da resposta de Heathcliff. Aquilo a desesperara. Linton, que fora chamado à saleta pouco depois de eu ter saído, de tal maneira ficara com medo dela que fora buscar a chave antes que o pai subisse. Tivera a esperteza de passar a chave na fechadura, sem contudo fechar a porta; e, à hora de ir para a cama, pedira para dormir no quarto de Hareton e seu pedido fora satisfeito, dessa vez. Catherine fugira antes do raiar do dia. Não ousara sair pela porta, com medo de que os cães latassem; entrou nos quartos vazios e examinou as janelas; por sorte, ao chegar ao quarto que fora da sua mãe, passou facilmente pela janela e daí para o chão, ajudada pelos galhos do abeto. Seu cúmplice não escapara ao castigo, apesar da tímida colaboração.

CAPÍTULO XXIX

Na noite seguinte ao funeral, eu e a minha patroazinha ficamos sentadas na biblioteca, ora meditando tristemente — ela, desesperadamente — na nossa perda, ora fazendo conjecturas quanto ao sombrio futuro que nos esperava.

Concordávamos em que o melhor destino que Catherine poderia esperar seria ter permissão para continuar a residir na granja, pelo menos enquanto Linton visse, podendo ele vir ter com ela e eu permanecer como governanta. O arranjo parecia demasiado favorável para que se pudessem ter esperanças, mas a verdade é que eu as tinha e começava a me animar ante a idéia de conservar a minha casa, o meu lugar e, acima de tudo, a minha adorada patroazinha, quando um criado — dos que haviam sido despedidos mas que ainda não se tinham ido — entrou correndo e disse que "aquele diabo de Heathcliff" estava vindo pelo terreiro; deveria fechar-lhe a porta na cara?

Mesmo que houvéssemos tido a loucura de ordenar esse procedimento, não teríamos tempo. Ele não se deu ao trabalho de bater ou de se anunciar: era o dono e, como tal, entrou direto, sem dizer palavra. A voz do nosso informante dirigiu-o para a biblioteca: entrou e, fazendo um gesto para que ele saísse, fechou a porta.

Era a mesma sala na qual ele fora introduzido como visita, dezoito anos antes; o mesmo luar brilhava através da janela e a mesma paisagem outonal se estendia lá fora. Ainda não tínhamos acendido as velas, mas o luar tornava

tudo visível, até mesmo os retratos na parede: a esplêndida cabeça da Sra. Linton e as corretas feições do seu marido. Heathcliff avançou para a lareira. O tempo também quase não alterara a sua pessoa. Era o mesmo homem: seu rosto moreno estava mais pálido e mais composto, seu físico um pouco mais pesado, mas nada mais. Catherine levantara-se, como se fosse sair do aposento, ao vê-lo entrar.

— Pare! — disse ele, segurando-a pelo braço. — Acabaram-se as fugas! Para onde iria você? Vim levá-la para casa e espero que seja uma filha cumpridora dos seus deveres, que não encoraje o meu filho a mais desobediências. Fiquei sem saber como castigá-lo, quando descobri a sua participação na fuga: está tão fraquinho que um simples beliscão poderia dar cabo dele; mas você verá, pelo seu aspecto, que recebeu o que merecia! Trouxe-o para baixo uma noite, anteontem, sentei-o numa cadeira e não o toquei. Mandeí Hareton para fora e ficamos com a sala só para nós dois. Dali a duas horas, chamei Joseph para carregá-lo de novo para cima; e, desde então, a minha presença é tão apavorante quanto um fantasma, para os nervos dele, e parece que está sempre me vendo, embora eu não esteja por perto. Hareton diz que ele acorda e grita no meio da noite, quase de hora em hora, chamando por você para o proteger de mim; e, goste ou não do seu precioso consorte, você terá de vir comigo: ele agora é seu; deixei de me interessar por ele.

— Por que não permitir que Catherine continue aqui — supliquei — e mandar o Sr. Linton para cá? Já que o senhor os detesta, não sentiria falta deles: ao contrário, só podem ser uma autêntica praga para alguém destituído de coração.

— Estou procurando um inquilino para a granja — replicou ele — e quero os meus filhos junto de mim. Além do mais, essa moça deve-me serviços em troca do sustento. Não vou mantê-la no luxo e na ociosidade, depois que Linton se for. Apronte-se depressa, agora; e não me obrigue a levá-la à força.

— Irei — respondeu Catherine. — Linton é tudo quanto eu tenho para amar no mundo e, embora o senhor tenha feito o possível para torná-lo odioso aos meus olhos e vice-versa, *não pode* fazer com que nos odiemos um ao outro. Desafio-o a atormentá-lo quando eu estiver perto e desafio-o a amedrontar-me!

— Você não passa de uma gabola — replicou Heathcliff. — Mas eu não gosto de você o suficiente para atormentá-lo: você é que será a atormentada. E não serei eu que o tornarei odioso para você. . . e sim ele próprio. Está furioso com a sua deserção e suas conseqüências: não espere agradecimentos pela sua nobre devoção. Ouvi-o descrever a Zillah o que ele faria se fosse forte como eu: a inclinação é a mesma e a sua própria fraqueza fará com que ele pense até encontrar um substituto para a força.

— Sei que ele tem mau caráter — disse Catherine. — Basta ser seu filho. Mas felizmente o meu caráter é melhor, capaz de perdoá-lo; sei que ele me ama e, por essa razão, eu o amo também. Sr. Heathcliff, o senhor não tem *ninguém* que o ame; e, por mais sofrimento que nos cause, sempre teremos a vingança de pensar que a sua crueldade resulta de um sofrimento ainda maior. O senhor é desgraçado, não é? Só, igual ao Demônio, e invejoso como ele! *Ninguém* o ama. . . *ninguém* chorará pelo senhor, quando morrer! Não queria estar no seu lugar!

Catherine falou com um ar de triunfo; parecia ter-se resolvido a entrar no espírito da sua futura família e tirar prazer dos sofrimentos dos seus inimigos.

— Você terá mas é pena de ser você mesma — retrucou o sogro — se ficar nesta sala mais um minuto. Fora, diabo, e vá arrumar as suas coisas!

Ela se retirou, com ar desdenhoso. Aproveitei a sua ausência para suplicar que ele me desse o lugar de Zillah, na casa do Morro, oferecendo-me para trocar de posto com ela; mas ele não queria nem ouvir falar nisso. Mandou-me calar e, pela primeira vez, se permitiu olhar em volta da sala e para os retratos. Depois de ter contemplado o da Sra. Linton, falou:

— Este retrato há de ser meu. Não porque precise dele, mas porque. . .
— Voltou-se abruptamente para o fogo e continuou com o que, à falta de palavra melhor, devo chamar um sorriso: — Vou lhe dizer o que fiz ontem. Convenci o coveiro que estava abrindo a sepultura de Linton a remover a terra de cima do caixão dela e abri-lo. Pensei, por um minuto, em ficar lá: quando vi novamente o rosto dela (permanece o mesmo), ele teve muito trabalho para me tirar dali; mas disse que, se o ar entrasse, alteraria o rosto, de modo que desprendi um dos lados do caixão e voltei a cobri-lo: não o lado que dá para Linton, diabos o levem! Por minha vontade, o seu caixão seria *soldado* com chumbo. E dei dinheiro ao coveiro para tirar o corpo dela para fora, quando me enterrar, e o meu também; mandarei fazer o meu caixão especialmente. E então, quando Linton chegar a nós não saberá quem é quem!

— O senhor é mesmo um homem perverso! — exclamei. — Não teve vergonha de perturbar a paz dos mortos?

— Eu não perturbei ninguém, Nelly! — replicou ele. — O que dei foi um pouco de tranqüilidade a mim mesmo. Doravante, sentir-me-ei mais confortado; e vocês terão mais oportunidade de me manterem debaixo da terra, quando eu lá chegar. Eu, perturbá-la? Ela é que me perturbou, noite e dia, durante dezoito anos. . . incessantemente . . . inexoravelmente. . . até anteontem; anteontem à noite, eu fiquei tranqüilo. Sonhei que estava dormindo o último sono junto dela, com o meu coração parado e a minha face gelada contra a sua.

— E se ela tivesse se dissolvido na terra, ou pior ainda, com que é que o senhor teria sonhado? — perguntei.

— Teria sonhado em me dissolver com ela e a minha felicidade seria ainda maior! — respondeu ele. — Você acha que eu tenho medo disso? Esperava vê-la transformada em terra, quando abri a tampa do caixão, mas prefiro que isso não tenha começado antes de eu poder partilhar também dessa alteração. Além do mais, a menos que eu tivesse recebido uma impressão diferente das suas feições impassíveis, esse estranho sentimento dificilmente teria sido modificado. Você sabe como fiquei fora de mim, depois que ela morreu; e eternamente, diariamente, pedia que ela me devolvesse o seu espírito! Acredito piamente em fantasmas: estou convencido de que eles podem existir. . . e existem. . . entre nós! No dia em que ela foi enterrada, caiu uma nevada. À noite, fui até o cemitério. Soprava um vento desolado, como se fosse inverno . . . tudo em volta estava solitário. Não tinha medo de que o imbecil do marido dela fosse até ali tão tarde; e ninguém mais tinha o que fazer no cemitério. Sozinho e sabendo que a única barreira entre nós eram dois metros de terra solta, disse comigo mesmo: "Hei de apertá-la

novamente nos braços! Se ela estiver fria, pensarei que é este vento do norte que me gela; e, se ela estiver imóvel, que está dormindo". Apanhei uma pá na casa de ferramentas e comecei a cavar com todas as minhas forças, até bater no caixão; depois pus-me a trabalhar com as mãos; a madeira já estalava nas dobradiças; eu estava quase alcançando o meu objetivo, quando me pareceu ouvir um suspiro de alguém que estivesse à beira da cova e debruçado sobre ela. "Se eu pudesse tirar isto para fora!", murmurei. "Gostaria que nos cobrissem de terra, a nós dois!" E tentei mais desesperadamente ainda abrir o caixão. Nisso, ouvi outro suspiro, junto a mim, e pareceu-me sentir um hálito quente varrer o vento carregado de granizo. Sabia que não havia ninguém por perto, nenhuma criatura viva, em carne e osso; mas, da mesma forma que a gente percebe a aproximação de um corpo no escuro, embora não se possa vê-lo, assim eu tive a certeza de que Catherine estava ali: não debaixo de mim, mas sobre a terra. Uma súbita sensação de alívio fluiu do meu coração para todos os membros. Desisti dos meus esforços desesperados e senti-me imediatamente consolado. . . indescritivelmente consolado. A presença dela estava comigo; permaneceu comigo enquanto eu enchia de novo a sepultura e conduziu-me para casa. Você pode rir, se quiser, mas eu tinha a certeza de que a veria lá. Ao chegar ao Morro, corri ansiosamente para a porta. Estava trancada e lembro-me de que o maldito Earnshaw e a minha mulher não me queriam deixar entrar. Lembro-me de o moer a pontapés e de precipitar-me escada acima, para o meu quarto e o dela. Olhei em torno, impaciente. . . sentia-a junto a mim. . . *quase* a podia ver e, contudo, *não podia!* Devo ter suado sangue, tal a angústia do meu desejo. . . tal o fervor das minhas súplicas de vê-la pelo menos uma vez! Mas não. Ela se mostrou, como tantas vezes em

vida, um demônio para comigo! E, desde então, às vezes mais e outras vezes menos, tenho sido alvo dessa intolerável tortura! De uma tortura infernal, que me põe os nervos numa tal tensão que, se não parecessem feitos de categute, há muito teriam ficado tão fracos quanto os de Linton. Quando estava em casa com Hareton, parecia-me que, se saísse, a encontraria; quando caminhava pela charneca, era como se fosse encontrá-la, ao entrar em casa. Quando saía de casa, apressava-me a voltar: eu estava certo de que ela estaria em algum lugar, lá no Morro! E quando dormia no quarto dela. . . era horrível! Não podia repousar; desde o momento em que fechava os olhos, ela estava ou do lado de fora da janela, ou correndo os painéis de madeira, ou entrando no quarto, ou até mesmo pousando a sua querida cabeça no mesmo travesseiro que eu, como fazia em criança; e eu tinha de abrir os olhos para vê-la. Abria-os e fechava-os uma centena de vezes por noite. . . para levar sempre uma decepção! Era uma tortura! Muitas vezes gemia em voz alta, fazendo com que aquele diabo de Joseph sem dúvida pensasse que a consciência estava me atormentando. Agora, desde que a vi, fiquei em paz. . . um pouco. Foi uma estranha maneira de matar, não por polegadas, mas por frações e fios de cabelo, enganar-me com o espectro de uma esperança, durante dezoito anos!

O Sr. Heathcliff fez uma pausa e enxugou a testa; o cabelo estava grudado nela, molhado de suor; seus olhos estavam fixos nas brasas vermelhas do fogo, as sobrancelhas não contraídas, mas erguidas quase até as têmporas; diminuindo o ar severo do seu rosto, mas emprestando-lhe um peculiar aspecto de perturbação e de dolorosa tensão mental provocada por um assunto absorvente. Mal se dirigia a mim e eu guardava silêncio. Não gostava de ouvir falar! Após um curto período, voltou a concentrar-se no

retrato, tirou-o da parede e apoiou-o contra o sofá, para melhor o contemplar; enquanto isso, Catherine entrou, anunciando que estava pronta e que só faltava selar o seu pônei.

— Mande-me esse retrato amanhã — ordenou Heathcliff, falando comigo; depois, voltando-se para ela, acrescentou: — Você pode prescindir do pônei; está uma noite linda e não vai precisar de pôneis no Morro dos Ventos Uivantes; para os passeios que der, os seus pés vão-lhe servir. Vamos.

— Adeus, Ellen! — murmurou a minha adorada patroazinha. Beijou-me, com os lábios frios como gelo. — Venha visitar-me, Ellen; não se esqueça.

— Cuidado para não fazer tal coisa, Sra. Dean! — ameaçou Heathcliff. — Quando eu quiser lhe falar, virei até aqui. Não quero nenhuma intromissão da sua parte na minha casa!

Fez sinal para que Cathy o precedesse. Lançando-me um olhar que me cortou o coração, ela obedeceu. Vi-os, da janela, descerem o jardim. Heathcliff prendeu o braço de Catherine no seu, embora ela visivelmente tentasse soltar-se; e, com passadas rápidas, arrastou-a pela aléia cujas árvores os esconderam.

CAPÍTULO XXX

Fui uma vez ao Morro, mas não a vi desde que ela se foi: Joseph segurou a porta com a mão, quando fui perguntar por ela, e não me deixou entrar. Disse que a Sra. Linton estava ocupada e que o patrão não estava em casa. Zillah contou-me alguma coisa da maneira como vivem; de outra forma, eu mal saberia quem tinha morrido e quem continuava vivo. Acha Catherine orgulhosa e, pelos seus comentários, deduzo que não gosta dela. A minha jovem ama pediu-lhe ajuda, assim que chegou, mas o Sr. Heathcliff disse-lhe que cuidasse da sua vida e deixasse a sua nora cuidar de si mesma — ao que Zillah aquiesceu de boa vontade, pois é uma mulher mesquinha e egoísta. Catherine reagiu infantilmente a esse descaso; pagou-o com desdém e assim colocou a minha informante entre os seus inimigos, como se lhe tivesse feito alguma coisa. Há cerca de mês e meio, tive uma longa conversa com Zillah — pouco antes de o senhor vir para cá —, um dia em que nos encontramos na charneca, e eis o que ela me contou:

— A primeira coisa que a Sra. Linton fez, ao chegar ao Morro, foi correr escada acima, sem sequer dar boa-noite a mim e a Joseph; fechou-se no quarto de Linton e lá ficou até de manhã. Depois, quando o patrão e Earnshaw estavam tomando o desjejum, entrou na sala e perguntou, com voz trêmula, se podia chamar o médico, pois o seu primo estava muito mal.

" 'Já sabemos disso!', respondeu Heathcliff. 'Mas a vida dele não vale dez réis e não vou gastar dinheiro com ele.'

" 'Mas eu não sei o que fazer', insistiu ela, 'e se ninguém me ajudar ele morrerá!'

" 'Saia da sala', gritou o patrão, 'e nunca mais me fale dele! Ninguém aqui se importa com o que lhe possa acontecer; se você se importa, cuide dele; se não, tranque-o no quarto e deixe-o morrer.'

"Ela então começou a aborrecer-me e eu lhe respondi que já tinha tido bastante trabalho com aquele garoto impertinente; cada qual tinha a sua tarefa e a dela era cuidar de Linton. O Sr. Heathcliff ordenara-me que deixasse isso a seu cargo.

"Como eles faziam, eu não sei. Imagino que ele se queixasse muito e gemesse noite e dia e que ela quase não descansasse; a gente podia ver isso pela palidez do seu rosto e pelas olheiras. Às vezes ela entrava na cozinha com ar alarmado, como se quisesse pedir ajuda; mas eu não ia desobedecer ao patrão: nunca me atrevo a desobedecer-lhe, Sra. Dean; e, embora achasse que Kenneth devia ser chamado, não era da minha conta dar conselhos ou reclamar, e sempre me recusei a intrometer-me. Uma ou duas vezes, depois de me haver deitado, aconteceu ter de abrir a porta do quarto e vi-a chorando, no alto da escada; mas tratei logo de fechar a porta, com medo de ser obrigada a interferir. Tinha pena dela, claro; mas não queria perder o emprego, a senhora compreende.

"Finalmente, uma noite ela entrou resolutamente no meu quarto e assustou-me terrivelmente, dizendo:

" 'Vá dizer ao Sr. Heathcliff que o filho está morrendo. . . tenho a certeza de que está, desta vez. Levante-se e vá lhe dizer isso.'

"Disse isso e desapareceu. Fiquei um quarto de hora tremendo e de ouvido alerta. Nada se movia. A casa estava em silêncio.

" 'Ela está enganada', pensei com os meus botões. 'Ele teve um acesso, mas já passou. Não preciso incomodá-los.' E comecei a cochilar. Mas o meu sono foi interrompido, uma segunda vez, pelo toque estridente da campainha, a única campainha que temos, instalada propositadamente para Linton; e o patrão chamou-me para saber o que estava acontecendo e informar-lhes que não queria estrondo àquela hora.

"Transmiti-lhe o recado de Catherine. Ele praguejou e dali a poucos minutos saiu com uma vela acesa, a caminho do quarto deles. Acompanhei-o. A Sra. Heathcliff estava sentada junto à cama, com as mãos cruzadas no regaço. O sogro entrou, aproximou a vela do rosto de Linton, olhou para ele e tocou-o; depois, voltou-se para ela.

" 'Como é que você se sente agora, Catherine?', perguntou.

"Ela não respondeu. Ele insistiu.

" 'Ele está livre e eu também', falou, por fim. 'Devia me sentir bem, mas. . .!', continuou, com uma amargura que não conseguia esconder, 'o senhor me deixou tanto tempo lutando sozinha contra a morte, que eu só sinto e vejo morte! Sinto-me como morta, também.'

"E parecia mesmo! Dei-lhe um pouco de vinho. Hareton e Joseph, que tinham sido acordados pela campainha e pelo barulho de passos e das nossas vozes, entraram no quarto. Joseph estava ansioso, eu acho, para que o rapaz fosse removido; Hareton parecia um pouco emocionado, embora estivesse mais ocupado a olhar para Catherine do que a pensar em Linton. Mas o patrão mandou-o voltar para a cama: não precisávamos da sua ajuda. Depois,

ordenou que Joseph levasse o corpo para o seu quarto e disse-me para voltai para o meu, deixando a Sra. Heathcliff sozinha.

"De manhã, mandou-me dizer-lhe que ela devia descer para o desjejum. Ela se despira, aparentemente para se deitar, e disse que não se sentia bem, o que não me surpreendeu. Informei disso o Sr. Heathcliff, que retrucou:

" 'Bem, deixe-a em paz até depois do funeral; e suba de vez em quando, para lhe levar o que for preciso. Tão logo ela pareça melhor, avise-me'."

Cathy ficou no quarto duas semanas, segundo Zillah, que a ia visitar duas vezes por dia, e ter-se-ia mostrado bem mais amiga, se as suas tentativas de aproximação não fossem pronta e orgulhosamente repelidas.

Heathcliff subiu tão logo pôde, para lhe mostrar o testamento de Linton. Legara tudo o que era dele e os bens móveis dela ao pai: a pobre criatura devia ter sido ameaçada ou levada ardilosamente a fazer isso durante a semana em que estivera ausente pela morte do pai. Quanto às terras, sendo ele menor de idade, não podia dispor delas. Contudo, o Sr. Heathcliff apelou e conservou-as em nome da esposa e do seu próprio, creio que legalmente: de qualquer maneira, privada de dinheiro e de amigos, Catherine não pode fazer nada contra isso.

— Ninguém — contou Zillah — aproximou-se do quarto dela, exceto dessa vez, senão eu; e ninguém fez qualquer pergunta sobre ela. A primeira vez que ela desceu para a sala foi um domingo à tarde. Queixara-se, quando lhe levei o almoço, de que não podia mais suportar o frio, e eu disse-lhe que o patrão ia à Granja Thrushcross e que eu e Earnshaw não a impedíamos de descer; de modo que, mal ouviu o galope do cavalo de Heathcliff se afastar,

apareceu, toda vestida de preto e com os cachos louros penteados para trás das orelhas, como se fosse uma quacre: não tinha vontade de se arrumar.

"Eu e Joseph geralmente vamos à capela aos domingos" (a igreja, como o senhor sabe, não tem agora ministro — explicou a Sra. Dean — e chamam capela ao templo dos metodistas ou dos batistas. . . não sei bem qual. . . que há em Gimmerton). "Joseph tinha ido", continuou ela, "mas eu achei conveniente ficar em casa. Os jovens precisam sempre de alguém mais velho para vigiá-los e Hareton, com toda a sua timidez, não é um modelo de bom comportamento. Dei-lhe a entender que a sua prima viria, provavelmente, fazer-nos companhia e que estava habituada a respeitar os domingos, de modo que era melhor ele deixar de lado as suas espingardas e os seus trabalhos, enquanto ela estivesse presente. Ele ficou vermelho e olhou para as mãos e para a roupa. Depois, pôs a pólvora e o óleo lubrificante fora de vista. Percebi que queria fazer-lhe companhia e adivinhei que desejava estar apresentável; por isso, rindo — como não me atrevo a rir, quando o patrão está por perto —, ofereci-me para auxiliá-lo, se ele quisesse, e trocei da sua confusão. Ele se zangou e começou a praguejar.

"Ora, Sra. Dean", prosseguiu Zillah, vendo que não me agradava a sua maneira de falar, "decerto a senhora acha a sua menina demasiado fina para o Sr. Hareton — e tem razão; mas eu confesso que gostaria de ver o orgulho dela diminuído. E de que lhe adiantam agora todos os seus conhecimentos e delicadezas? Está tão pobre quanto eu ou a senhora: ainda mais pobre, eu acho, porque a senhora está poupando e eu também."

Hareton permitiu que Zillah o ajudasse e ela, mediante lisonjas, restituiu-lhe o bom humor, de modo que, quando Catherine entrou, já quase

esquecida dos seus antigos insultos, ele tentou mostrar-se agradável, segundo a narrativa da governanta.

— A senhora entrou — disse ela —, fria como gelo e altiva como uma princesa. Levantei-me e ofereci-lhe o meu lugar na poltrona, mas ela arrebitou o nariz. Earnshaw também se levantou e disse-lhe que se sentasse no sofá, perto do fogo, pois certamente ela estaria com frio.

"Tenho estado com frio há um mês e tanto", respondeu ela, da maneira mais desdenhosa possível.

"Puxou uma cadeira e colocou-a bem afastada de nós dois. Quando já se sentia aquecida, começou a olhar em volta e descobriu alguns livros no aparador; pôs-se imediatamente de pé e esticou-se para tentar alcançá-los, mas eles estavam demasiado altos. O primo, que acompanhava todos os seus gestos, finalmente criou coragem e resolveu ajudá-la; ela levantou o vestido e ele lhe jogou no regaço o primeiro volume que apanhou.

"Era um grande progresso, para o rapaz. Ela não lhe agradeceu, mas assim mesmo ele ficou satisfeito por ela ter aceito a sua ajuda e atreveu-se a ficar de pé atrás da cadeira e até a inclinar-se e apontar para o que mais lhe chamava a atenção numas velhas gravuras que o livro tinha. Fingia não reparar na maneira impertinente como ela virava as páginas de modo a lhe afastar o dedo e contentava-se com recuar um pouco e olhar para ela, em vez de para o livro. Ela continuava a ler ou a procurar alguma coisa para ler. Aos poucos, a atenção dele foi se concentrando na contemplação dos grossos e sedosos cachos dela: não lhe podia ver o rosto, nem ela o podia ver. E, talvez sem saber o que fazia, mas atraído como uma criança para uma vela, por fim ele estendeu a mão e tocou num cacho, tão suavemente como se fosse um

passarinho. Mas foi como se lhe tivesse enfiado uma faca na nuca, tal a reação dela.

"Saia daí imediatamente! Como é que você ousa tocar-me? Por que está aí, de pé?", gritou, num tom de repulsa. 'Não posso com você! Voltarei para o meu quarto, se você se aproximar de mim.'

"O Sr. Hareton recuou, com ar apatetado; sentou-se, muito quieto, no sofá e ela continuou a virar as páginas por mais meia hora; finalmente, Earnshaw atravessou a sala e falou no meu ouvido:

"Quer pedir a ela para ler para nós, Zillah? Estou cansado de não fazer nada; e gostava. . . Acho que gostava de ouvir ela ler! Não diga que eu pedi, tá?"

"O Sr. Hareton gostaria que a senhora lesse para nós', falei imediatamente. 'Gostaria muito. . . Ficaria muito grato.'

"Ela franziu a testa e, olhando para nós, respondeu:

"O Sr. Hareton e todos vocês fiquem sabendo que rejeito todas as simulações de amizade que têm a hipocrisia de me oferecer! Desprezo-os e não tenho nada a dizer a nenhum de vocês! Quando teria dado a minha vida por uma boa palavra ou mesmo por ver o rosto de vocês, todos me falharam. Mas não me queixarei! O frio me impeliu a vir até aqui, não para distraí-los ou gozar da sua companhia'.

"Que foi que eu fiz?', começou Earnshaw. 'Que culpa que eu tenho?'

"Bem, você é uma exceção', respondeu a Sra. Heathcliff. 'Nunca senti falta dos seus cuidados.'

"Mas eu me ofereci mais de uma vez', retrucou ele, abespinhando-se. 'Pedi ao Sr. Heathcliff para me deixar sair da cama pra lhe atender. . .'

"'Cale-se! Irei daqui para fora, sei lá para onde, para não ter de ouvir a sua voz horrível!', disse a minha ama.

"Hareton resmungou que, por ele, ela podia ir para o inferno e, pegando na espingarda, não se incomodou mais em guardar o domingo. Passou a falar alto e livremente, até que ela achou melhor retirar-se para a sua solidão; mas o degelo começara e, apesar do seu orgulho, ela foi obrigada a condescender cada vez mais com a nossa companhia. Contudo, resolvi não deixar que ela voltasse a fazer pouco do meu bom gênio; desde então, tenho me mostrado tão seca quanto ela e a sua ama não tem quem goste dela — nem merece —, pois não se pode dizer-lhe uma palavra, que ela logo se enfurece, sem respeito pôr ninguém! Responde até para o patrão e desafia-o a surrá-la; e quanto mais sofre mais cheia de veneno fica."

Assim que Zillah acabou de me contar isso, resolvi deixar o meu emprego, alugar uma casinha e fazer com que Catherine viesse viver comigo; mas o Sr. Heathcliff nunca permitiria isso, da mesma maneira que não instalaria Hareton numa casa independente; de modo que não vejo saída, atualmente, para esse estado de coisas, a menos que ela pudesse voltar a casar, coisa que está fora do meu alcance.

A história da Sra. Dean terminou aqui. Não obstante o prognóstico do médico, estou recobrando rapidamente as forças e, embora estejamos apenas na segunda semana de janeiro, pretendo, dentro de um ou dois dias, ir a cavalo até o Morro dos Ventos Uivantes, a fim de informar o meu senhorio de que passarei os próximos seis meses em Londres e que, se ele quiser, pode

procurar outro inquilino para alugar a granja a partir de outubro. Eu não passaria outro inverno aqui por nada deste mundo.

CAPÍTULO XXXI

Ontem fez um dia de sol, calmo e frio. Fui até o Morro, conforme pensara; minha governanta pediu-me para levar um bilhete à sua jovem ama e eu não recusei, pois a boa mulher não via nada de estranho no pedido. A porta da frente estava aberta, mas o portão continuava zelosamente trancado, como quando da minha última visita. Bati e chamei Earnshaw, ocupado entre os canteiros do jardim; ele veio abrir e eu entrei. O rapaz é um belo tipo rústico. Desta vez reparei bem nele; mas parece fazer o possível por não tirar partido das suas qualidades.

Perguntei se o Sr. Heathcliff estava em casa. Ele respondeu que não, mas que viria para o almoço. Eram onze da manhã e anunciei a minha intenção de entrar e esperar por ele, diante do que imediatamente largou as ferramentas e me acompanhou, mais como um cão de guarda do que como um substituto para o dono da casa.

Entramos juntos; Catherine estava na sala, preparando hortaliças para o almoço; pareceu-me mais taciturna e menos animada do que da primeira vez em que a vira. Mal levantou os olhos para mim e continuou na sua tarefa com o mesmo descaso para as mais corriqueiras normas de polidez que antes — não retribuindo, de nenhuma maneira, a minha reverência e os meus bons-dias.

"Não me parece tão amável", pensei, "quanto a Sra. Dean quer me levar a crer. É muito bonita, sem dúvida, mas não é nenhum anjo."

Earnshaw ordenou-lhe que levasse as suas coisas para a cozinha. — Leve-as você — retrucou ela, empurrando-as para longe, tão logo terminou; e, sentando-se num banquinho junto à janela, começou a recortar figuras de pássaros e animais nas cascas de nabo que tinha ao regaço. Aproximei-me, fingindo querer ver o jardim, e — pelo menos no meu entender — deixei-lhe cair no colo o bilhete da Sra. Dean, sem que Hareton se apercebesse disso. Mas ela perguntou, em voz alta: — O que é isso? — e sacudiu-o.

— Uma carta de uma velha amiga, a governanta da granja — respondi, aborrecido por ela ter revelado a minha boa ação e temeroso de que se pensasse que era uma carta minha. Ela a teria de bom grado apanhado, mas Hareton foi mais rápido; pegou-a e colocou-a no colete, dizendo que o Sr. Heathcliff a leria primeiro. Ao ouvir isso, Catherine voltou-se silenciosamente de costas para nós e, disfarçadamente, tirou o lenço e levou-o aos olhos; ao que o primo, após ter lutado contra os seus bons sentimentos, puxou da carta e jogou-a no chão, aos pés dela, da maneira mais brutal possível. Catherine apanhou-a e leu-a ansiosamente; depois fez-me algumas perguntas a respeito dos habitantes, racionais e irracionais, da sua antiga casa e, olhando na direção dos morros, murmurou, num solilóquio:

— Como gostaria de descer aquela colina montada em Minny! Como gostaria de subir àquele morro! Oh! como estou cansada. . . Sinto-me *embolorada*, Hareton! — E reclinou a bonita cabeça no peitoril, com um misto de bocejo e suspiro, que lhe dava um ar de abstrata tristeza, não se importando nem querendo saber se a estávamos vendo.

— Sra. Heathcliff — disse eu, após ter passado algum tempo calado —, sabe que a conheço muito bem? Tão bem, que acho estranho a senhora não

falar comigo. A minha governanta não se cansa de falar na senhora e de elogiá-la. Ficará muito desapontada, se eu voltar sem outra notícia a não ser que a senhora recebeu a carta e não disse nada!

Ela pareceu pensar no que eu lhe dizia e perguntou:

— Ellen gosta do senhor?

— Muito — respondi, sem hesitar.

— Diga-lhe — continuou ela — que eu gostaria de poder responder à carta, mas não tenho com que escrever: nem mesmo um livro, do qual arrancar uma folha.

— Nem um livro! — exclamei. — Como pode viver aqui sem livros, se me permite perguntar?! Embora tenha à mão uma grande biblioteca, muitas vezes me sinto entediado, na granja; se me tirassem os livros, ficaria desesperado!

— Eu também estava sempre lendo quando tinha livros — retrucou Catherine. — Mas o Sr. Heathcliff nunca lê e meteu na cabeça a idéia de destruir os meus livros. Há meses que não vejo uma letra. Ou melhor, uma vez passei em revista os volumes de teologia de Joseph, para sua grande irritação; e outra vez, Hareton, descobriu uma biblioteca secreta no seu quarto: alguns livros em latim e grego e alguns volumes de contos e poesia, todos velhos amigos. Trouxe os últimos para cá. . . e você os arrecadou como uma pega junta colheres de prata, pelo simples prazer de roubar! Não lhe servem para nada; ou então você os escondeu com a má intenção de, já que não os pode ler, não deixar ninguém mais ter essa alegria. Quem sabe se a sua inveja não induziu o Sr. Heathcliff a tirar-me os meus tesouros? Mas tenho a maioria gravada na cabeça e no coração e disso vocês não podem privar-me!

Earnshaw enrubesceu, ao ouvir a prima revelar o seu secreto acervo literário, e tartamudeou uma indignada defesa das suas acusações.

— O Sr. Hareton está deseioso de aumentar a sua cultura — falei, acorrendo em defesa dele. — Não o move a *inveja* e sim o desejo de *emular* os seus conhecimentos. Em poucos anos será uma pessoa culta.

— E, enquanto isso, quer *me* ver transformada em burra — replicou Catherine. — Sim, às vezes ouço-o tentando soletrar e ler sozinho, e não imagina os erros que faz! Gostaria que repetisse *Chevy Chase* como o leu ontem: era de morrer de rir. Fique sabendo que o ouvi; e ouvi-o folhear o dicionário, para procurar as palavras difíceis, e depois praguejar porque não conseguia ler as explicações!

O jovem, evidentemente, ficou furioso de ser objeto de troça pela sua ignorância e ridicularizado por tentar acabar com ela. Eu também achei aquilo de muito mau gosto e, lembrando-me do que a Sra. Dean me contara a respeito da sua primeira tentativa de acabar com as trevas em que fora criado, observei:

— Mas, Sra. Heathcliff, todos nós começamos do nada e todos tropeçamos e vacilamos no início. Se os nossos mestres tivessem feito pouco de nós, em vez de nos ajudar, ainda estaríamos tropeçando e vacilando.

— Ora — retrucou ela —, eu não quero limitar os conhecimentos dele; contudo, ele não tem o direito de se apropriar do que é meu e de torná-lo ridículo aos meus ouvidos com os seus erros crassos e a sua terrível pronúncia! Esses livros, sejam de prosa ou poesia, são para mim sagrados e detesto vê-los profanados por ele! Além do mais, ele escolheu os trechos que eu mais gosto de repetir, como que de propósito.

O peito de Hareton arquejou um momento em silêncio: ele estava num estado de mortificação e raiva que não era fácil suprimir. Levantei-me e, desejoso de lhe poupar embaraços, postei-me junto à porta, olhando a paisagem. Ele seguiu o meu exemplo e saiu da sala; mas logo voltou, trazendo meia dúzia de livros nas mãos, os quais jogou no regaço de Catherine, dizendo:

— Pegue eles! Nunca mais vou querer ler eles ou pensar neles!

— Agora não os quero — retrucou ela. — Sempre que os lesse pensaria em você e os odiaria.

Abriu um volume que estava, visivelmente, muito manuseado e leu um trecho, à maneira hesitante de um principante; deu uma risada e jogou-o longe. — E escute só — continuou, provocadoramente, começando a ler uma velha balada do mesmo jeito.

Mas o amor-próprio dele não agüentava mais humilhações. Ouvi — e não posso dizer que o desaprovasse — o ruído sonoro de uma bofetada. A impertinente fizera o possível por ferir a sensibilidade, embora inculta, do primo e um violento tapa foi a única maneira que teve de pagar os tormentos morais por ela infligidos. Depois, juntou os livros e lançou-os ao fogo. Li no seu rosto um sentimento de angústia por ter de sacrificá-los. Imaginei que, ao vê-los se consumirem, ele recordava o prazer que já lhe tinham dado e o triunfo e a satisfação cada vez maior que esperara deles; e adivinhei o estímulo que ele tinha para os seus estudos secretos. Contentara-se com os trabalhos do campo e as diversões animais, até que Catherine surgira no seu caminho. Vergonha de ser escarnecido por ela e a esperança da sua aprovação haviam-no feito dar os primeiros passos; mas, ao invés de evitar o escárnio e

ganhar a estima, os seus esforços para progredir só tinham produzido o efeito oposto.

— Sim, essa é a única vantagem que um bruto como você pode obter dos livros: alimentar o fogo! — gritou Catherine, mordendo o lábio ferido e com um brilho de indignação nos olhos.

— Acho melhor você calar a boca! — exclamou ele, furioso.

A sua agitação pôs fim à conversa; avançou a passos largos para a porta, e dei-lhe passagem. Mas, antes que ele tivesse ultrapassado a soleira, o Sr. Heathcliff, subindo o jardim, deu de encontro com ele e, pondo-lhe a mão no ombro, perguntou:

— Que aconteceu, rapaz?

— Nada, nada — respondeu ele, e afastou-se, para ruminar sozinho o seu sofrimento e a sua ira.

Heathcliff ficou a olhá-lo e suspirou.

— Seria estranho se eu me contradissesse — murmurou, sem saber que eu estava atrás dele. — Mas, quando busco o pai no rosto dele, a cada dia que passa é a *ela* que encontro mais. Como diabos é ele tão parecido? Mal posso olhar para ele.

Pôs os olhos no chão e entrou, a testa franzida. Havia em seu rosto uma expressão inquieta, aflita, que nunca antes lhe notara; e parecia mais magro. Ao vê-lo chegar, pela janela, a nora imediatamente fugiu para a cozinha, de modo que só eu fiquei na sala.

— Apraz-me vê-lo novamente de pé, Sr. Lockwood — disse ele, em resposta aos meus cumprimentos —, em parte por razões egoístas: é difícil

suprir a sua falta neste deserto. Mais de uma vez perguntei o que o teria trazido até aqui.

— Receio que apenas um capricho — respondi —, ou talvez seja um capricho que me vai agora levar daqui. Partirei para Londres na próxima semana e devo avisá-lo de que não pretendo alugar a Granja Thrushcross além dos doze meses do contrato. Acho que não voltarei a morar lá.

— Ah, sim? Está cansado de viver retirado do mundo, não? — perguntou ele. — Mas, se veio pedir-me para deixar de pagar, a viagem foi em vão: nunca perdôo dívidas a ninguém.

— Não vim pedir nada — exclamei, muito irritado. — Se quiser, posso acertar contas já — e puxei da minha carteira.

— Não, não — retrucou ele, friamente. — O senhor deixará o suficiente, em depósito, para cobrir as suas dívidas, se não voltar: não estou com tanta pressa. Sente-se e almoce conosco; um convidado sobre quem estamos certos de que não vai repetir a visita é, geralmente, bem-vindo. Catherine, traga as coisas para pôr a mesa. Onde é que você está?

Catherine reapareceu, carregando uma bandeja cheia de facas e garfos.

— Pode almoçar com Joseph — murmurou Heathcliff, num aparte — e ficar na cozinha até o Sr. Lockwood ir embora.

Ela obedeceu logo; talvez não tivesse desejo de desobedecer. Vivendo entre rústicos e misantropos, provavelmente não sabe apreciar gente superior quando a vê.

Com o Sr. Heathcliff taciturno, de um lado, e Hareton, absolutamente mudo, do outro, tive um almoço bem pouco agradável e despedi-me cedo. Teria saído pelos fundos, a fim de dar uma última olhadela a Catherine e

aborrecer o velho Joseph; mas Hareton recebeu ordens para conduzir o meu cavalo e o meu anfitrião veio pessoalmente acompanhar-me até a porta, de modo que não pude realizar o meu desejo.

"Que vida horrível se leva naquela casa!", pensei, enquanto cavalgava pela estrada. Que coisa mais romântica do que uma história de fadas teria sido para a jovem Sra. Linton Heathcliff se ela e eu tivéssemos iniciado um idílio, como a sua boa governanta desejava, e emigrado juntos para a agitada atmosfera da cidade!

CAPÍTULO XXXII

1802

Este setembro, fui convidado a conhecer as charnecas de um amigo, no norte, e, a caminho, cheguei inesperadamente a quinze milhas de Gimmerton. O estribeiro de uma estalagem de beira de estrada estava trazendo um balde de água para dessedentar os meus cavalos, quando passou uma carroça cheia de aveia verde, acabada de ceifar, e ele comentou:

— Aquilo está vindo de Gimmerton! Estão sempre três semanas atrasados com a colheita deles.

— Gimmerton? — repeti; minha residência nessa localidade já estava nebulosa na minha memória. — Ah, conheço! Fica muito longe daqui?

— Umas catorze milhas pra lá desses morros; mas a estrada é ruim — respondeu ele.

Senti o súbito desejo de fazer uma visita à Granja Thrushcross. Era pouco mais de meio-dia e pensei que melhor passaria a noite sob o meu próprio teto do que numa estalagem. Além do mais, bem poderia aproveitar o dia para acertar contas com o meu senhorio, poupando-me assim o incômodo de vir outra vez até ali. Após descansar um pouco, mandei o meu criado perguntar o caminho para o povoado e, com grande fadiga para as nossas montarias, fizemos a distância em cerca de três horas.

Deixei o meu criado em Gimmerton e descí o vale sozinho. A igreja acinzentada parecia mais cinzenta ainda e o cemitério ainda mais solitário. Avistei uma ovelha pastando a grama curta que crescia sobre as sepulturas.

O tempo estava bom, quente — demasiado quente para viajar; mas o calor não me impediu de apreciar o belo panorama à minha volta: se o tivesse visto, pela primeira vez, no fim do verão, estou certo de que me teria tentado a passar um mês naquela solidão. No inverno, nada havia de mais inóspito e, no verão, de mais divino, do que aqueles vales cercados por morros e do que aquelas ondulações de charneca.

Cheguei à granja antes do pôr-do-sol e bati à porta, mas a família já se tinha retirado para os fundos, a julgar por uma fina fumaça azulada que saía da chaminé da cozinha, e ninguém ouviu. Dei a volta e entrei pelo terreiro. Debaixo do alpendre estava uma menina de nove ou dez anos, tricotando, e uma velha fumava cachimbo, encostada nos degraus.

— A Sra. Dean está? — perguntei à velha.

— A Sra. Dean? Não! — respondeu ela. — Não mora mais aqui: está lá em cima, no Morro.

— A senhora é a governanta, então? — insisti.

— É, eu tomo conta da casa — falou ela.

— Bem, eu sou o Sr. Lockwood, o dono da casa. Há algum quarto onde eu possa ficar? Quero passar a noite aqui.

— O patrão! — exclamou ela, atônita. — Quem que sabia que o senhor ia chegar? — O senhor devia ter mandado avisar. Não tem nada pronto, não senhor!

Tirou o cachimbo da boca e entrou em casa; a menina seguiu-a e eu também, logo percebendo que o que ela dissera era verdade e, também, que a minha inesperada aparição quase a pusera fora de si. Disse-lhe que ficasse calma, que eu iria dar um passeio e que, entretanto, ela preparasse um canto de uma das salas para que eu jantasse e um quarto onde dormir. Não precisava varrer nem limpar o pó, apenas acender um bom fogo e pôr na cama lençóis passados. Ela parecia ansiosa por agradar, embora usasse a vassoura da lareira para remexer as brasas e mal empregasse vários outros utensílios caseiros. Saí, confiando em que encontraria um lugar onde repousar, quando regressasse. O Morro dos Ventos Uivantes era o objetivo da excursão que eu pretendia fazer. Mas pensei melhor e voltei, quando já tinha deixado o terreno.

— Está tudo bem no Morro? — perguntei à velha.

— Está, pelo que a gente sabe — respondeu ela, passando com um balde cheio de carvões em brasa.

Meu desejo era perguntar-lhe por que razão a Sra. Dean abandonara o seu posto na granja, mas era impossível detê-la com os carvões, de modo que dei meia-volta e saí, com o clarão do sol poente atrás de mim e o brilho prateado da lua surgindo à minha frente, quando deixei o parque e subi pelo atalho pedregoso que levava à propriedade do Sr. Heathcliff. Antes que eu chegasse diante da casa, tudo o que restava do dia era uma débil luz cor de âmbar vinda de oeste; mas o luar permitia-me ver todas as pedras no caminho e todas as folhinhas de grama. Não tive nem de pular a cancela, nem de bater — ela cedeu à minha mão. "Que progresso!", pensei. E com as narinas

constatei um outro: um aroma de goivos pairava no ar, vindo de entre as árvores frutíferas.

Tanto as portas quanto as gelosias estavam abertas; e, contudo, como geralmente acontece numa região carbonífera, um belo fogo vermelho iluminava a lareira: a alegria que ele dá aos olhos torna o calor suportável. Mas a sala do Morro é tão grande que os meus moradores têm espaço de sobra para se afastarem do fogo, se assim o desejarem; e, na verdade, as pessoas que lá estavam se tinham colocado perto de uma das janelas. Pude vê-las e ouvi-las falar antes mesmo de entrar e foi o que fiz, levado por um misto de curiosidade e inveja, que aumentou ao chegar mais perto.

— *Con-trário!* — disse uma voz doce e cristalina. — É a terceira vez, seu burro! Não lhe vou dizer de novo. Trate de se lembrar ou lhe puxo o cabelo!

— Muito bem, contrário — retrucou outra voz, ressonante mas suave. — E agora dê-me um beijo, para recompensar o meu esforço.

— Não, primeiro leia tudo certinho, sem um erro. O rapaz começou a ler: era um jovem bem vestido e

sentado a uma mesa, com um livro diante dele. Seus traços corretos iluminavam-se de satisfação e seus olhos deslocavam-se, impacientemente, da página para uma mãozinha branca pousada em seu ombro, que lhe ministrava um tapa no rosto sempre que sua dona percebia no aluno sinais de falta de atenção. A moça estava de pé, atrás dele, seus cachos louros e lustrosos misturando-se, de vez em quando, com os escuros cabelos dele, sempre que se inclinava para acompanhar-lhe a leitura; e o rosto dela!

— ainda bem que ele não lhe podia ver o rosto, ou não poderia prestar atenção ao que lia. Mas eu lhe via o rosto; e mordi os lábios, despeitado, por

ter jogado fora a chance que poderia ter tido de fazer algo mais do que contemplar a sua sorridente beleza.

A tarefa terminou, com mais alguns erros; mas o aluno reclamou um prêmio e recebeu pelo menos cinco beijos

— os quais, entretanto, generosamente retribuiu. Dirigiram-se, depois, para a porta e, pela conversa deles, depreendi que iam sair para dar um passeio pela charneca. Imaginei que seria condenado por Hareton Earnshaw, em pensamento se não por palavras, à região mais profunda do inferno, se me fizesse mostrar naquela ocasião; e, sentindo-me maldoso e mesquinho, esgueirei-me dali e procurei refúgio na cozinha. Também aí a porta estava aberta e na soleira se sentava a minha velha amiga Nelly Dean, cosendo e cantando, o que de vez em quando era interrompido por uma voz vinda de dentro, cujas palavras cheias de intolerância nada tinham de musicais.

— Juro que preferia mil vezes ouvir eles praguejando da manhã até de noite, que ouvir você cantar! É uma vergonha, eu não poder abrir a Bíblia Sagrada, sem você começar a cantar hinos para Satã e em honra de tudo quanto é pecado deste mundo! Agora que vocês estão bem, e o pobre rapaz vai acabar se perdendo! Coitado! — acrescentou, com um gemido. — Está enfeitiçado, eu sei! Ó Senhor, julgai elas, pois não tem outra lei nem outra justiça nesta terra!

— E não! Ou já estaríamos ardendo, creio — retrucou a minha antiga governanta. — Leia a sua Bíblia, como bom cristão, e não ligue para mim. O que eu estou cantando se chama *As bodas da bela Aninha*, e é para dançar.

A Sra. Dean ia recomeçar a cantar, quando eu entrei. Reconhecendo-me logo, ela se pôs de pé num salto, exclamando:

— Deus o abençoe, Sr. Lockwood! Por que é que não nos avisou da sua chegada? Está tudo fechado, lá na granja.

— Já arranjei acomodações lá — respondi. — Amanhã mesmo vou embora. E como veio parar aqui, Sra. Dean? Conte-me.

— Zillah despediu-se e o Sr. Heathcliff pediu-me que viesse para cá, pouco depois de o senhor ter partido para Londres, e que ficasse até o senhor voltar. Mas entre, por favor! Veio de Gimmerton a pé?

— Não, da granja — respondi. — Enquanto preparam um quarto para mim lá, quero acertar contas com o seu patrão, pois não creio que terei outra oportunidade, tão depressa.

— Que contas? — perguntou Nelly, conduzindo-me para dentro da casa. — O patrão saiu e não voltará tão cedo.

— As contas do aluguel — respondi.

— Ah, sim! Nesse caso, tem de acertá-las com a Sra. Heathcliff — falou ela — ou, antes, comigo. Ela ainda não aprendeu a dirigir os seus negócios, de modo que eu me encarrego disso, pois não há mais ninguém.

Olhei para ela, espantado.

— Ah, vejo que não sabe que Heathcliff morreu! — continuou ela.

— Heathcliff morreu! — repeti, atônito. — Há quanto tempo?

— Há três meses. Mas sente-se, dê-me o seu chapéu e já lhe conto tudo. Espere, o senhor não comeu nada, não é?

— Não quero nada, obrigado. Pedi que me preparassem uma ceia, para quando voltar à granja. Sente-se, também. Nunca podia imaginar que ele tivesse morrido! Conte-me como foi. Diz que não os espera de volta cedo. . . os dois jovens?

— Não. Todas as noites preciso ralar com eles por causa desses passeios noturnos. . . mas eles não ligam para mim. Pelo menos, beba uma caneca da sua velha cerveja; o senhor parece cansado.

Apressou-se a ir buscar a cerveja antes que eu pudesse recusar e ouvi Joseph perguntar se "não era um escândalo ela ter amigos com a idade dela? E ainda por cima, roubar cerveja da adega do patrão! Era até uma vergonha ele ver e ficar calado".

Ela não se deu ao trabalho de responder; voltou dali a um minuto, trazendo uma caneca de prata, cujo conteúdo bebi com prazer. A seguir contou-me o resto da história de Heathcliff. Tivera um fim "esquisito", disse.

Fui chamada aqui ao Morro uma quinzena depois de o senhor se ter ido embora — contou; — e obedeci alegremente, por causa de Catherine. Logo que a vi, porém, fiquei chocada e preocupada: ela tinha mudado tanto desde a nossa separação! O Sr. Heathcliff não me explicou as razões por que havia resolvido chamar-me; disse apenas que me queria aqui e que estava farto de ver Catherine. Eu tinha de transformar a saleta numa salinha de estar e fazer com que ela ficasse comigo. Já chegava ele ser obrigado a vê-la uma ou duas vezes por dia. Catherine pareceu satisfeita com isso e, aos poucos, fui lhe trazendo, às escondidas, uma boa quantidade de livros e outros artigos que haviam sido dela, na granja, imaginando que viveríamos relativamente bem. Mas a ilusão não durou muito. Catherine, a princípio contente, não tardou a ficar irritadiça e inquieta. Por um lado, estava proibida de sair do jardim e punha-a num estado de terrível mau humor ser obrigada a ficar confinada aos seus estreitos limites, à medida que a primavera se afirmava; por outro lado, as minhas tarefas forçavam-me a deixá-la constantemente entregue a si mesma, e

ela se queixava de solidão: preferia discutir com Joseph na cozinha a ficar em paz, mas só. Não me importavam as brigas deles; mas Hareton também era muitas vezes compelido a se refugiar na cozinha, quando o patrão queria a casa só para si; e, embora de início ela saísse ao vê-lo entrar ou viesse ajudar-me nas minhas ocupações, e evitasse dirigir-se a ele — e embora ele estivesse sempre tão calado e emburrado quanto lhe era possível —, após algum tempo ela mudou de atitude e ficou incapaz de o deixar sossegado: ora lhe falava, provocando-o; ora comentava a sua estupidez e ociosidade, expressando o seu espanto de que ele pudesse suportar a vida que levava — como podia passar toda a noite olhando para o fogo e cochilando.

— É igualzinho a um cão, não é, Ellen? — observou certa vez. — Ou a um desses burros que puxam carroças. . . Faz o seu trabalho, come o que lhe põem à frente e dorme! Que espírito vazio, horrível, ele deve ter! Você alguma vez sonha, Hareton? Com o quê? Mas você é incapaz de falar comigo!

E olhou para ele; mas Hareton recusou-se a falar ou mesmo a olhar para ela.

— Talvez ele esteja sonhando, agora — continuou ela. — Estremeceu os ombros igualzinho a Juno. Pergunte-lhe, Ellen.

— O Sr. Hareton vai acabar pedindo ao patrão para mandá-la para cima, se você não se comportar! — repliquei. Ele não só estremeceu os ombros, como também fechara o punho, dando a impressão de que pretendia usá-lo.

— Sei por que é que Hareton nunca fala quando eu estou na cozinha! — exclamou ela, de outra feita. — Tem medo de que eu ria dele. Ellen, que é

que você acha? Certa vez, começou a aprender a ler sozinho e, como eu risse, jogou os livros no fogo e desistiu de aprender; não foi, bobo?

— E você, não foi impertinente? Vamos, responda — disse eu.

— Talvez tenha sido — continuou ela —, mas não esperava que ele fosse tão bobo. Hareton, se eu lhe der um livro, você quer tentar de novo?

Colocou-lhe na mão o livro que estava folheando; ele o atirou longe e disse que, se ela não o deixasse em paz, lhe torcia o pescoço.

— Bem, vou pô-lo aqui — falou —, na gaveta da mesa. Vou me deitar.

Sussurrou-me que visse se ele ia buscá-lo e subiu. Mas Hareton nem sequer se aproximou da mesa. Disse-lhe isso no dia seguinte e ela ficou muito desapontada. Via-se que lamentava vê-lo perseverar na teimosia e na indolência; a consciência reprovava-a por tê-lo desmoralizado a ponto de ele não querer mais progredir. Mas não cessava de pensar em como remediar o mal feito: enquanto eu passava a ferro ou fazia qualquer outra coisa na cozinha, ela trazia um dos seus livros prediletos e lia em voz alta, para mim. Se Hareton lá estava, ela geralmente parava num trecho interessante e deixava o livro aberto. Fez isso repetidamente, mas ele era mais teimoso que um burro e, em vez de morder a isca, na estação chuvosa punha-se a fumar com Joseph e os dois ficavam sentados como autômatos, um de cada lado do fogo, o mais velho felizmente demasiado surdo para entender as bobagens danadas que ela falava, como ele dizia, e o jovem esforçando-se por parecer não a ouvir. Nas noites de luar, Hareton saía para caçar e Catherine ficava bocejando ou suspirando e pedindo-me que falasse com ela, para correr para o pátio ou para o jardim, tão logo eu começava; e, como último recurso, chorava e dizia estar cansada de viver, pois a sua era uma vida inútil.

O Sr. Heathcliff, cada vez mais misantropo, quase banira Earnshaw dos seus aposentos. Devido a um acidente ocorrido no começo de março, o rapaz passou alguns dias confinado na cozinha. A espingarda disparara inesperadamente, certo dia que saíra à caça; ferira-se no braço e perdera uma grande quantidade de sangue, antes de chegar a casa. Conseqüentemente, via-se condenado a ficar junto da lareira, sem se mexer, até se recuperar. Catherine parecia gostar de tê-lo ali: pelo menos, parecia detestar cada vez mais a saleta do primeiro andar, e fazia-me procurar ocupações no andar térreo, para poder fazer-lhe companhia.

Na segunda-feira de Páscoa, Joseph foi à feira de Gimmerton, com algumas cabeças de gado para vender. À tarde, pus-me a passar roupa na cozinha. Earnshaw sentava-se, como sempre taciturno, à beira da chaminé e a minha jovem ama procurava passar o tempo desenhando figuras nas vidraças, cantarolando e lançando olhadelas de aborrecimento e impaciência na direção do primo, que continuava a fumar como se nada visse, olhos fixos no fogo. Quando eu lhe disse que não me tirasse a luz, ela se retirou para junto da lareira. Não prestei mais atenção nela, até que a ouvi dizer:

— Sabe de uma coisa, Hareton? Descobri que quero. . . que gostaria de que você me tratasse mesmo como primo. Mas você é sempre tão rude para comigo, parece sempre tão zangado. . .

Hareton não respondeu.

— Hareton, está me ouvindo? — persistiu ela.

— Fora daqui! — grunhiu ele, com inflexível rudeza.

— Deixe-me tirar-lhe esse cachimbo — falou ela, estendendo cautelosamente a mão e puxando-o dentre os lábios dele.

Antes que Hareton pudesse fazer alguma coisa, o cachimbo fora partido e jogado para trás do fogão. Ele praguejou e pegou outro.

— Pare! — gritou ela. — Primeiro você precisa escutar-me. E não posso falar com essas nuvens de fumaça no meu rosto.

— Vá para o inferno! — exclamou ele, com ferocidade. — Vá para o inferno e me deixe em paz!

— Não — retrucou ela —, não vou deixá-lo em paz; não sei o que fazer para que você fale comigo. . . e você está resolvido a não me escutar. Quando o chamo de estúpido, não significa que o desprezo. Vamos, você tem de conversar comigo, Hareton! Você é meu primo.

— Não quero nada com você e com o seu maldito orgulho nem com sua mania de caçoar dos outros! — respondeu ele. — Prefiro ir para o inferno que olhar para você. Vá saindo daqui, já, neste minuto!

Catherine franziu a testa e postou-se novamente junto à janela, mordendo o lábio e cantarolando para ocultar uma vontade crescente de soluçar.

— Devia fazer as pazes com sua prima, Sr. Hareton — intrometi-me —, uma vez que ela se mostra arrependida da sua impertinência. Far-lhe-ia muito bem: o senhor ficaria outro se a tivesse como amiga.

— Amiga! — repetiu ele. — Ela me odeia e não me acha capaz nem de lhe limpar os sapatos! Não! Mesmo que eu me transformasse num rei não ia correr mais o risco de que ela ria de mim.

— Não sou eu que o odeio, Hareton, você é que me odeia! — chorou Cathy, incapaz de se conter por mais tempo. — Você me odeia tanto quanto o Sr. Heathcliff, ou mais ainda.

— Você é uma mentirosa dos diabos — retrucou Earnshaw. — Por que é que eu fiz ele ficar furioso mais de cem vezes, defendendo você? E isso quando você çaoava de mim e. . . Continue me atormentando e eu saio daqui e vou contar que você me obrigou a sair da cozinha!

— Não sabia que você me tinha defendido — respondeu ela, enxugando os olhos — e sentia-me triste e amargurada. Mas agora eu lhe agradeço e lhe peço que me perdoe. Que mais posso fazer?

Voltou para junto dele e estendeu-lhe a mão. Hareton fechou a cara como se fosse uma nuvem carregada e conservou os punhos resolutamente fechados e os olhos fixos no chão. Catherine, instintivamente, deve ter adivinhado que era pura teimosia e não antipatia o que o levava a proceder assim; porque, após permanecer um instante indecisa, curvou-se e beijou-o na face, docemente. Pensou que não a tinha visto e, endireitando-se, postou-se de novo à janela. Abanei a cabeça, desaprovadamente, e ela corou e sussurrou:

— Bem, que é que eu podia fazer, Ellen? Ele não queria dar-me a mão e nem olhar para mim. Tinha de lhe mostrar, de alguma maneira, que gosto dele, que quero que sejamos amigos.

Não posso afirmar se o beijo convenceu Hareton: durante alguns minutos, tomou muito cuidado para não deixar ver o rosto e, quando por fim o ergueu, não sabia para onde olhar.

Catherine pôs-se a embrulhar um dos seus livros preferidos em papel branco e, depois de passar-lhe uma fita, e endereçá-lo ao *Sr. Hareton Earnshaw*, pediu-me que lhe servisse de embaixatriz e entregasse o presente ao destinatário.

— Diga-lhe que, se ele o aceitar, lhe ensinarei a lê-lo corretamente, mas que, se ele o recusar, irei para cima e nunca mais o incomodarei.

Levei o livro e repeti o recado, ante o olhar ansioso da minha patroa. Hareton continuava de punhos cerrados, de modo que lhe pousei o livro nos joelhos, de onde ele não o tirou. Voltei ao meu trabalho. Catherine reclinou a cabeça e os braços na mesa, até ouvi-lo desembulhar o presente; imediatamente se levantou e se foi sentar ao lado do primo. Ele estremeceu e seu rosto abriu-se, como se tivesse descartado de vez toda a rudeza. Mas não pôde criar coragem para responder ao olhar interrogativo da prima ou ao seu sussurrado pedido:

— Diga que me perdoa, Hareton! Ficaria tão feliz se você dissesse que sim!

Ele murmurou algo inaudível.

— E você vai ser meu amigo? — insistiu Catherine.

— Não, você ficaria envergonhada de mim — respondeu ele; — cada vez mais envergonhada, à medida que fosse me conhecendo; e eu não posso agüentar isso.

— Quer dizer que não quer ser meu amigo? — perguntou ela, sorrindo docemente e chegando-se mais perto dele.

Não consegui ouvir mais nada mas, ao erguer a cabeça, vi dois rostos tão radiantes curvados sobre a página do livro, que percebi haver sido o tratado de paz ratificado por ambas as partes — e os inimigos foram, desde então, os melhores aliados.

O livro era cheio de belas gravuras; tanto elas como a posição em que os dois se encontravam fizeram com que permanecessem imóveis até Joseph

voltar para casa. O pobre velho ficou boquiaberto ao deparar com Catherine sentada no mesmo banco que Hareton Earnshaw e apoiando a mão no ombro dele sem que o seu favorito a arredasse; o espanto foi tal, que nem pôde falar nada. A sua emoção revelou-se apenas através dos imensos suspiros que soltou, ao abrir solenemente a sua grande Bíblia em cima da mesa, cobrindo-a de notas sujas que tirara da carteira, o produto das transações do dia. Por fim, chamou Hareton.

— Leve isto para o patrão, rapaz — falou —, e fique por lá. Eu vou indo para o meu quarto. Isto aqui não está próprio para nós: temos de procurar outro lugar.

— Venha, Catherine — disse eu. — Nós também vamos subir; já terminei de passar.

— Ainda não são oito horas! — respondeu ela, levantando-se a contragosto. — Hareton, vou deixar o livro em cima da lareira e amanhã trarei mais.

— Vou jogar fora todo livro que eu encontrar — falou Joseph. — Agora, vocês podem fazer o que quiser!

Cathy respondeu que, se isso acontecesse, ela faria o mesmo com os livros dele e, sorrindo ao passar por Hareton, subiu a escada, cantando — mais alegre, creio, do que jamais estivera naquela casa, exceto, talvez, durante as suas primeiras visitas a Linton.

A amizade assim iniciada cresceu rapidamente, embora encontrasse interrupções temporárias. Earnshaw não se civilizou da noite para o dia e a minha patroa não era nenhum modelo de paciência; mas, como ambos desejava-

vam virtualmente a mesma coisa — uma, amar e estimar, o outro, amar e ser estimado —, no fim conseguiram entender-se muito bem.

Como vê, Sr. Lockwood, era fácil conquistar o coração de Catherine. Mas agora estou contente de que o senhor não o tenha tentado. O que eu mais desejo é a união desses dois jovens. No dia em que eles se casarem, serei a mulher mais feliz de toda a Inglaterra!

CAPÍTULO XXXIII

No dia seguinte, como Earnshaw ainda não pudesse dedicar-se aos seus afazeres habituais e fosse obrigado a ficar em casa, vi-me incapaz de reter a minha jovem ama junto de mim, como até então. Ela acordou e desceu antes de mim, dirigindo-se para o jardim, onde vira o primo ocupado a fazer qualquer trabalho leve; e, quando os fui chamar para o desjejum, vi que ela o persuadira a limpar um grande espaço de terreno, onde cresciam pés de groselha, e que ambos estavam planejando plantar ali uma porção de mudas trazidas da granja.

Fiquei horrorizada com a devastação que eles tinham levado a cabo no breve espaço de meia hora; os pés de groselha eram o orgulho de Joseph e Cathy resolvera plantar um canteiro de flores bem no meio deles.

— Pronto! — exclamei. — Assim que Joseph descobrir, vai mostrar o que vocês fizeram ao patrão. Que desculpa vocês vão dar para modificar assim o jardim? Vamos ouvir muitas. . . vocês vão ver! Sr. Hareton, pensei que o senhor tivesse bom senso suficiente para não fazer isso só porque ela lhe pediu!

— Esqueci que as groselhas eram de Joseph — respondeu ele, perplexo. — Mas vou lhe dizer que fui eu.

Sempre fazíamos as refeições com o Sr. Heathcliff. Eu tinha as funções de dona da casa, fazendo o chá e trinchando a carne, de modo que era indispensável à mesa. Catherine geralmente sentava-se ao meu lado, mas

nesse dia preferiu ficar mais perto de Hareton, e logo vi que não teria mais discrição na sua amizade do que, antes, na sua hostilidade.

— Preste atenção para não conversar nem olhar muito para o seu primo — murmurei-lhe. — Isso aborrecerá o Sr. Heathcliff e ele ficará furioso com ambos.

— Está bem — concordou ela.

Mas um minuto depois ela se esgueirava para o lado dele e enfiava primaveras no seu prato de mingau.

Ele não ousava falar com ela à mesa; mal ousava olhar; mas ela continuava a provocá-lo, a ponto de por duas vezes ele ter dificuldades em controlar o riso. Franzi o sobrolho e ela levantou os olhos para o patrão, cujo pensamento estava longe dali, conforme a sua expressão mostrava — e ela ficou momentaneamente séria, observando-o gravemente. Depois, voltou-se e recomeçou com as suas momices, até que, por fim, Hareton deixou escapar uma risada contida. O Sr. Heathcliff estremeceu e o seu olhar varreu-nos os rostos. Catherine enfrentou-o com o seu costumeiro ar de nervosismo e desafio, que ele detestava.

— Ainda bem que você está fora do meu alcance! — exclamou ele. — Que diabos a levam a olhar assim para mim, com esses olhos infernais? Abaixem-se e não me volte a fazer lembrar-me da sua existência. Pensei que a tinha curado de rir.

— Fui eu — murmurou Hareton.

— Que é que você diz? — perguntou o patrão. Hareton olhou para o prato e não repetiu a confissão.

O Sr. Heathcliff encarou-o durante alguns minutos e depois recomeçou silenciosamente a comer e a meditar. Tínhamos quase terminado e os dois jovens se haviam separado prudentemente, de modo que eu não esperava mais complicações, quando Joseph surgiu à porta, revelando, pelos seus lábios trêmulos e olhos furiosos, que descobrira o ultraje cometido contra os seus preciosos pés de groselha. Devia ter visto Cathy e o primo perto do lugar, antes de perceber o que tinha acontecido, porque, enquanto remoía o queixo como uma vaca ruminando, começou, numa fala difícil de entender:

— Quero receber o meu dinheiro e quero ir embora! Tinha pensado em morrer onde servi durante sessenta anos, e botar os meus livros na mansarda e todas minhas coisas, e que eles iam ficar com a cozinha, para a gente ter sossego. Era duro deixar o meu lugar na lareira, mas até isso eu *ia* fazer! Nunca que pensei que iam me tirar o jardim também e juro por Deus, patrão, que não posso agüentar isso! Vosmecê pode ser capaz de suportar tudo, mas eu não sou. . . não estou acostumado, os velhos não se acostumam com certas coisas. Prefiro mais ir ganhar o meu pão na estrada, com uma picareta!

— Que conversa é essa, velho idiota? — interrompeu Heathcliff. — Pare já com isso! De que é que se queixa? Não me meto nas discussões entre você e Nelly. Pelo que me diz respeito, ela pode até jogá-lo no lixo.

— Não é com ela! — respondeu Joseph. — Eu não ia querer ir embora por causa dela; para mim, ela nem existe. Graças a Deus, *ela* não pode arrastar para o inferno a alma de ninguém! Nunca foi bonita para tentar um cristão. Foi aquela perdida, aquela sonsa que enfeitiçou o rapaz, com seu olhar atrevido e seu modo pecador. . . Até parece que o meu coração vai partir! Ele esqueceu de tudo, o que eu fiz para ele e foi e destruiu uma fila inteirinha de

pés de groselha, no jardim! — E rompeu em novas lamentações, provocadas pelo sentimento de haver sido ofendido, pela ingratidão de Earnshaw e pelos perigos que o rapaz corria.

— O velho estará bêbedo? — perguntou o Sr. Heathcliff. — Hareton, a coisa é com você?

— Arranquei dois ou três pés de groselha — respondeu o rapaz —, mas vou plantá-los de novo.

— E por que foi que os arrancou? — insistiu o patrão.

Catherine resolveu intervir.

— Queríamos plantar umas flores naquele lugar — falou ela. — Sou eu a única culpada, pois lhe pedi para fazer isso.

— E quem diabos *lhe* deu licença para mexer em alguma coisa? — perguntou-lhe o sogro, muito surpreso.

— E quem *lhe* mandou obedecer a ela? — acrescentou, virando-se para Hareton.

O rapaz ficou sem fala, mas a prima respondeu:

— O senhor não deveria negar-me uns poucos metros de terra para plantar flores, uma vez que se apossou de todas as minhas terras!

— Que terras, sua insolente? Você nunca teve terras — replicou Heathcliff.

— E do meu dinheiro também — continuou ela, devolvendo-lhe o olhar furioso e, ao mesmo tempo, mordendo um pedaço de pão que restara do seu desjejum.

— Cale-se! — gritou ele. — Acabe de uma vez e suma!

— E também se apossou das terras e do dinheiro de Hareton — insistiu a imprudente. — Eu e Hareton agora somos amigos e vou contar-lhe tudo o que sei a seu respeito!

O patrão pareceu perder momentaneamente o auto-domínio: empalideceu e levantou-se, olhando-a com uma expressão de ódio mortal.

— Se o senhor me bater, Hareton baterá no senhor

— disse ela —, de maneira que acho melhor sentar-se.

— Se Hareton não a puser para fora da sala, darei cabo dele — trovejou Heathcliff. — Bruxa danada! Por acaso você pretende pô-lo contra mim? Fora daqui! Está ouvindo, Hareton? Jogue-a na cozinha! Juro que a mato, Ellen Dean, se você permitir que ela volte a aparecer diante de mim!

Hareton tentou, em voz baixa, convencê-la a sair da sala.

— Arraste-a para fora daqui! — gritou Heathcliff, fora de si. — Que é que estão falando? — E aproximou-se para executar a sua própria ordem.

— Ele nunca mais lhe obedecerá, homem perverso

— respondeu Catherine —, e não tardará a detestá-lo tanto quanto eu.

— Psiu! Psiu! — murmurou o rapaz, em tom de censura. — Não quero ouvi-la falar assim para ele. Chega.

— Mas não o vai deixar bater em mim, vai? — perguntou ela.

— Vamos — sussurrou ele, aflito. Demasiado tarde: Heathcliff a havia agarrado.

— Agora, *você* vai! — disse ele para Earnshaw. — Bruxa maldita! Desta vez, ela me provocou até o último limite e hei de fazer com que ela se arrependa para toda a vida!

Tinha a mão no cabelo dela; Hareton tentou fazer com que ele lhe soltasse os cachos, pedindo-lhe que não lhe fizesse mal. Os negros olhos de Heathcliff coruscaram: parecia prestes a despedaçar Catherine e eu já estava pronta para ir em seu socorro, quando, de repente, os dedos dele se relaxaram; soltou-lhe o cabelo, agarrou-lhe o braço e olhou fixamente para o rosto dela. Depois passou a mão pelos olhos, ficou um momento tentando recobrar o sangue-frio e, voltando-se novamente para Catherine, disse, com pretensa calma: — Você tem de aprender a evitar enfurecer-me, ou qualquer dia acabo mesmo matando-a! Vá com a Sra. Dean, fique com ela e confine a sua insolência aos seus ouvidos. Quanto a Hareton Earnshaw, se o vir dando-lhe atenção, farei com que vá procurar o seu pão onde o possa conseguir! O seu amor fará dele um pária e um mendigo. Nelly, leve-a. . . e deixem-me a sós, todos vocês! Deixem-me!

Levei a minha jovem ama para fora — ela estava por demais aliviada de ter escapado para resistir. Hareton seguiu-nos e o Sr. Heathcliff ficou com a sala para si até a hora do almoço. Eu havia aconselhado Catherine a levar o seu almoço para cima; mas, tão logo ele percebeu que o lugar dela estava vazio, mandou-me chamá-la. Não falou com ninguém, comeu muito pouco e saiu logo depois, dizendo que não voltaria senão à noite.

Os dois novos amigos aproveitaram a ausência dele para se instalarem na sala. De repente, ouvi Hareton censurar severamente a prima por ela lhe revelar a conduta do sogro para com o seu pai. Disse que não toleraria que se falasse uma só palavra contra ele; mesmo que ele fosse o próprio Diabo, ficaria sempre do seu lado, e preferia que ela falasse mal de si mesmo, como antes fazia, do que do Sr. Heathcliff. Catherine estava ficando irritada; mas ele

achou meios de fazê-la calar, perguntando-lhe se gostaria de que *ele* falasse mal do pai dela. Compreendeu, então, que Earnshaw zelava pela reputação do dono da casa e lhe estava ligado por laços mais fortes do que a razão — laços afirmados pelo hábito, que seria cruel tentar desmanchar. Daí por diante, ela mostrou o seu bom coração, evitando expressar queixas ou antipatia por Heathcliff, e confessou-me a sua pena de haver tentado envenenar as relações entre ele e Hareton: acho que, desde então, ela não falou sequer uma sílaba contra o seu opressor na presença deste último.

Quando esse ligeiro desentendimento passou, os dois fizeram as pazes e voltaram às suas ocupações de aluno e professora. Vim para a sala, assim que terminei o meu trabalho; e senti-me tão consolada de os ver, que nem reparei no passar do tempo. Sabe, até certo ponto ambos pareciam meus filhos: de uma, havia muito que eu me orgulhava; e, agora, tinha a certeza de que o outro seria para mim uma fonte de igual satisfação. Sua natureza sincera, calorosa e inteligente dissipou rapidamente as nuvens da ignorância e da degradação em que ele tinha sido criado; e os elogios de Catherine agiam como um estímulo para os seus progressos. O desenvolvimento da mente iluminava-lhe o rosto, acrescentando nobreza ao seu aspecto: custava-me crer que ele fosse a mesma pessoa que eu vira com a minha jovem ama no Morro, no dia em que ela fora a Peniston Crag. Enquanto eu os via trabalhar, o crepúsculo foi chegando e, com ele, o dono da casa. Chegou inesperadamente, entrando pela porta principal, e deparou com nós três antes que pudéssemos levantar a cabeça para olhar para ele. Bem, refleti, não podia haver cena mais agradável ou mais inofensiva; seria um pecado ralhar com eles. O clarão do fogo fulgia sobre as cabeças deles e mostrava-lhes os rostos,

animados por um interesse quase infantil; porque, embora ele tivesse vinte e três anos e ela dezoito, ambos achavam tanta novidade no sentir e no aprender, que nenhum dos dois experimentava ou demonstrava o desencanto da maturidade.

Ergueram os olhos ao mesmo tempo, para dar de cara com o Sr. Heathcliff. Talvez o senhor nunca tenha reparado que os olhos de Hareton são precisamente iguais aos de Catherine Earnshaw. A atual Catherine não tem mais nada da mãe, exceto a largura da testa e um certo arqueamento do nariz, que a faz parecer altiva, a despeito da sua vontade. Em Hareton, a semelhança vai mais além ainda: naquele momento, então, era impressionante, talvez porque os seus sentidos estivessem alerta e as suas faculdades mentais despertas. Creio que foi essa semelhança que desarmou o Sr. Heathcliff: encaminhou-se para a lareira tomado de evidente agitação; mas, assim que olhou para o jovem, ela diminuiu ou, antes, modificou-se. Tirou-lhe o livro da mão, olhou para a página aberta e depois o devolveu a ele, sem qualquer comentário, apenas fazendo sinal a Catherine para que sáísse. Seu primo não demorou a sair, também, e eu ia igualmente retirar-me, quando ele me pediu que ficasse.

— Que bela conclusão, não é? — observou, após meditar sobre a cena que acabava de testemunhar. — Que fim absurdo para os meus esforços! Emprego todos os meios para demolir as duas casas, trabalho como um Hércules e, quando tudo está pronto e nas minhas mãos, descubro que a vontade me abandonou por completo! Meus velhos inimigos não me derrotaram; agora seria a ocasião precisa para me vingar deles nos seus descendentes; podia fazê-lo; ninguém me pode deter. Mas para quê? Não me interessa a

vingança, não quero ter o trabalho de levantar a mão! Parece até que trabalhei até aqui só para mostrar-me magnânimo, mas o caso é bem outro: perdi a faculdade de gozar com a destruição deles e sou demasiado preguiçoso para destruir por destruir.

"Nelly, aproxima-se uma estranha mudança: estou presentemente à sua sombra. Interessa-me tão pouco a minha vida cotidiana que mal me lembro de comer e de beber. Esses dois que acabam de sair da sala são a única coisa que ainda conserva uma aparência material definida aos meus olhos; e essa aparência causa-me dor, próxima da agonia. Sobre *ela*, não quero falar e nem sequer pensar, mas desejaria que ela fosse invisível: a sua presença só me suscita sensações enlouquecedoras. *Ele* tem um efeito diferente; e, contudo, se pudesse fazê-lo sem parecer doido, nunca mais o veria. Talvez você me ache à beira da loucura", acrescentou, esforçando-se por sorrir, "se eu lhe tentar descrever as mil associações e idéias que ele me desperta ou representa. Mas você não irá espalhar o que eu lhe disser; e a minha mente está sempre tão fechada em si mesma, que é para mim uma tentação abri-la para alguém.

"Há cinco minutos atrás, Hareton parecia uma encarnação da minha mocidade, e não um ser humano: os meus sentimentos em relação a ele foram, naquele momento, tão variados, que me seria impossível falar-lhe racionalmente. Em primeiro lugar, a sua impressionante semelhança com Catherine faz com que ele se relacione terrivelmente com ela. Porém essa relação, que você talvez pense ser a força máxima que excita a minha imaginação, é, na verdade, a força mínima, porque. . . o que é que, para mim, não se relaciona com ela? O que não me faz recordá-la? Não posso olhar para este chão sem que veja as suas feições recortadas nas lajes! Em todas as

nuvens, em todas as árvores. . . enchendo o ar, à noite, e refletida em todos os objetos, durante o dia, eu vejo a sua imagem! Os rostos mais comuns de homens e mulheres, os meus próprios traços traem-me com uma semelhança. O mundo inteiro é um terrível álbum de recordações a provar que ela existiu e que eu a perdi! A figura de Hareton surgiu, diante dos meus olhos, como o fantasma do meu amor imortal, das minhas desesperadas tentativas de defender os meus direitos, da minha degradação, do meu orgulho, da minha felicidade e da minha angústia.

"Mas é loucura repetir-lhe estes meus pensamentos. Apenas lhe explicará por que razão, apesar da minha relutância em estar sempre só, a sua companhia não me beneficia, ao contrário, agrava os meus constantes tormentos e contribui, em parte, para que eu não me importe de que ele ande, agora, com a prima. Não posso mais prestar atenção neles."

— Mas que quer o senhor dizer com uma "mudança"? — perguntei, alarmada com a sua atitude, embora', na minha opinião, não estivesse em risco de perder o juízo ou de morrer, antes, pelo contrário, me parecesse forte e saudável. Quanto à razão, desde a infância ele gostara de meditar sobre coisas estranhas e mórbidas. Talvez tivesse uma idéia fixa quanto à perda da sua amada; nas outras coisas, porém, era tão sensato quanto eu.

— Não posso saber ainda — respondeu ele. — Tenho apenas uma vaga consciência dela, por enquanto.

— Mas não se sente doente, não é? — perguntei.

— Não, Nelly — disse ele.

— Nem teme a morte? — insisti.

— Eu, temê-la? Oh, não! — retrucou ele. — Não tenho nem medo, nem o pressentimento, nem a esperança da morte. Por que haveria de ter? Com a minha constituição rija, o meu modo de vida sóbrio, as minhas ocupações sem perigo, deverei, provavelmente, permanecer sobre a terra até que não tenha mais um cabelo preto na cabeça. E, contudo, não posso continuar assim! Tenho de me lembrar de respirar. . . quase de lembrar o meu coração de bater! E é como dobrar uma mola dura: é por compulsão que executo o mais simples ato não impellido por um único pensamento; e é por compulsão que reparo em qualquer coisa, viva ou morta, que não esteja ligada à minha única idéia. Só tenho um desejo e todo o meu ser e as minhas faculdades estão ansiosas por alcançá-lo. Há tanto tempo anseiam isso, e tão firmemente, que estou convencido de que ele *será* alcançado (e em breve) pois já devorou a minha existência: sinto-me tragado pela expectativa da sua realização. Minha confissão não me aliviou, mas pode explicar as (de outro modo inexplicáveis) alterações de humor que eu demonstro. Ó Deus! É uma longa luta; desejaria que estivesse terminada!

Começou a andar de um lado para outro e a murmurar coisas horríveis para si mesmo, a ponto de eu quase acreditar, como ele dizia que Joseph acreditava, que a consciência transformara o seu coração num inferno terreno. Fiquei pensando em como tudo aquilo acabaria. Embora ele raramente tivesse revelado este estado de espírito, eu não tinha dúvida de que era o seu estado habitual: ele próprio o confessara. Mas ninguém, ao vê-lo, teria suspeitado disso. O senhor, por exemplo, não suspeitou, Sr. Lockwood; e, no período de que lhe falo, ele era o mesmo que antes — apenas mais amigo de estar só e talvez ainda mais lacônico quando em companhia de alguém.

CAPÍTULO XXXIV

Durante alguns dias, depois dessa noite, o Sr. Heathcliff evitou encontrar-se conosco, às refeições; contudo, não consentia em excluir formalmente Hareton e Cathy. Repugnava-lhe ceder tão completamente aos seus sentimentos e preferia ausentar-se; comer apenas uma vez, em vinte e quatro horas, parecia o suficiente, para ele.

Uma noite, depois que todo o mundo já estava deitado, ouvi-o descer a escada e sair pela porta da frente. Não o ouvi voltar e, de manhã, vi que ele ainda não regressara. Estávamos em abril: o tempo era quente e bom, a grama verde das chuvas e do sol primaveril e as duas macieiras anãs perto do muro estavam em flor. Depois do desjejum, Catherine insistiu para que eu trouxesse uma cadeira e me sentasse a costurar debaixo dos abetos, na extremidade da casa; e convenceu Hareton, que já se recuperara do acidente, a cavar e plantar o seu jardinzinho, trasladado para aquela ponta devido às queixas de Joseph. Eu estava confortavelmente gozando do cheirinho da primavera e do belo céu azul, quando a minha patroazinha, que corraera até perto da cancela, à procura de raízes de primaveras para plantar, voltou, com o cesto apenas meio cheio, e nos informou que o Sr. Heathcliff estava chegando. — E falou comigo — acrescentou, o rosto perplexo.

— Que foi que ele disse? — perguntou Hareton.

— Disse-me que sumisse o mais depressa possível — respondeu ela. — Mas estava tão diferente, que parei para olhar para ele.

— Como diferente? — inquiri.

— Bem, quase alegre. Não, *quase*, não. . . *muito* excitado e alegre! — afirmou ela.

— Passear à noite faz-lhe bem, então — observei, afetando uma atitude despreocupada, quando na verdade estava tão surpresa quanto ela e ansiosa por confirmar o que ela dissera, pois ver o patrão alegre não era espetáculo corriqueiro. Inventei uma desculpa para entrar. Heathcliff estava de pé, junto à porta aberta. Seu rosto estava pálido e todo ele tremia; contudo, tinha um brilho estranho, alegre, nos olhos, o que alterava todo o seu aspecto.

— Quer comer algo? — perguntei. — Deve estar com fome, depois de errar durante toda a noite! — Queria descobrir onde ele estivera, mas não me atrevi a perguntar-lhe diretamente.

— Não, não estou com fome — respondeu ele, virando a cabeça e falando num tom de desdém, como se percebesse que eu estava tentando adivinhar a razão do seu bom humor.

Fiquei perplexa. Não sabia se não seria aquela uma boa oportunidade de lhe dar uns conselhos.

— Não me parece próprio andar fora de casa — comentei — quando é hora de repousar; pelo menos, não é aconselhável com esta umidade. Está me parecendo que o senhor vai pegar uma febre. Está diferente do costumel Sente alguma coisa?

— Nada que eu não possa suportar — retrucou ele —, e com o maior prazer, desde que você me deixe em paz; entre logo e não me aborreça.

Obedeci. Ao passar por ele, reparei que ofegava como um gato.

"É isso mesmo", pensei. "Vem aí uma doença. Não posso imaginar o que ele andou fazendo."

Ao almoço, ele se sentou à mesa conosco e recebeu uma pratada das minhas mãos, como se quisesse compensar o jejum matinal.

— Não estou resfriado nem tenho nenhuma febre, Nelly — observou, aludindo ao meu sermão daquela manhã. — Estou pronto a fazer justiça a tudo o que você me puser no prato.

Pegou na faca e no garfo e ia começar a comer, quando o apetite pareceu passar-lhe por completo. Pousou os talheres na mesa, olhou ansiosamente na direção da janela, levantou-se e saiu. Vimo-lo andar de um lado para outro, no jardim, enquanto acabávamos de almoçar, e Earnshaw resolveu ir perguntar-lhe por que não voltava para a mesa, pensando que o tivéssemos irritado.

— Então, ele vem? — perguntou Catherine, quando o primo voltou.

— Não — respondeu ele —, mas não está zangado; pelo contrário, parecia estranhamente satisfeito. Só que eu o impacientei, falando-lhe por duas vezes. Mandou-me vir para junto de você; disse que não sabia como é que eu podia desejar outra companhia.

Coloquei o prato dele no fogão, para não esfriar, e depois de uma hora ou duas ele voltou, quando a sala já estava vazia, igualmente excitado: o mesmo ar não natural de alegria sob as sobranceiras negras, a mesma cor pálida, os dentes de vez em quando visíveis numa espécie de sorriso, todo ele tremendo, não como se treme de frio ou de fraqueza, mas como uma corda bem tensa vibra — sim, era algo como uma vibração.

"Vou perguntar-lhe o que houve", pensei; só eu poderia perguntar. Foi o que fiz.

— Recebeu alguma boa notícia, Sr. Heathcliff? Parece muito animado!

— De onde me poderiam vir boas notícias? — retrucou ele. — A animação é de fome, mas parece que não devo comer.

— O seu almoço está guardado — volvi. — Por que não come?

— Não quero, agora — murmurou ele, apressadamente. — Vou esperar até o jantar. E, Nelly, de uma vez por todas, peço-lhe que avise Hareton e a outra para não se aproximarem de mim. Não quero ser incomodado por ninguém; quero ter a casa só para mim.

— Há alguma razão para isso? — perguntei. — Diga-me por que está tão esquisito, Sr. Heathcliff. Onde esteve ontem à noite? Não estou perguntando por mera curiosidade, e sim porque. . .

— Está perguntando, sim, por mera curiosidade — atalhou ele, com uma risada. — Mas vou responder. Ontem à noite estive às portas do inferno. Hoje tenho o meu céu à vista; nem um metro me separa dele! E agora é melhor você ir embora! Não verá nem ouvirá nada que a assuste, se evitar bisbilhotar.

Após ter varrido o chão e passado um pano na mesa, saí da sala, mais perplexa do que nunca.

Ele não saiu durante toda a tarde e ninguém interferiu na sua solidão; até que, às oito horas, achei que devia — embora não tivesse sido chamada — levar-lhe uma vela e o jantar. Ele estava encostado ao peitoril de uma janela aberta, mas não olhava para fora: seu rosto estava voltado para a escuridão que reinava na sala. O fogo transformara-se em cinzas; a sala estava cheia do ar úmido da noite e o silêncio era tal, que se distinguia o murmúrio do riacho de Gimmerton, com o seu gorgolejar por sobre os seixos e através das grandes pedras, que não conseguia cobrir. Soltei uma exclamação de

descontentamento ao ver o fogo extinto e comecei a fechar as janelas, uma após a outra, até chegar à dele.

— Quer que feche esta também? — perguntei, a fim de despertá-lo, pois ele não se mexia.

A luz da vela bateu-lhe no rosto. Sr. Lockwood, não posso exprimir o susto que levei! Aqueles olhos fundos e negros! O sorriso, a palidez mortal! Não me parecia o Sr. Heathcliff, e sim um demônio; e, no meu terror, deixei a vela inclinar-se para a parede e ficamos no escuro.

— Isso, feche a janela — respondeu ele, na sua voz habitual. — Ora, que falta de jeito! Por que segurou a vela horizontalmente? Traga outra, depressa.

Sai correndo, apavorada, e disse a Joseph:

— O patrão quer que você lhe leve uma vela e lhe acenda o fogo. — Eu própria não ousava voltar a entrar na sala.

Joseph apanhou alguns carvões em brasa na pá e foi; mas logo voltou, com a bandeja do jantar na outra mão, explicando que o Sr. Heathcliff ia se deitar e não queria comer nada até de manhã. Ouvimo-lo subir a escada; ele não se dirigiu para o seu quarto, entrou no da cama embutida. A janela, como já lhe disse, é suficientemente larga para deixar passar uma pessoa, e fiquei pensando que ele planejasse outra saída noturna, de que não quisesse que suspeitássemos.

"Será ele um vampiro?", perguntei-me. Tinha lido a respeito de tão horríveis demônios. Mas logo pensei em como o cuidara na infância e o vira crescer e lhe acompanhara quase toda a vida — e como era absurdo entregar-me a tão horríveis cogitações. "Mas de onde viera ele, de onde viera aquele

menino escuro, trazido por um bom homem para o seu lar?", murmurou a Superstição, enquanto eu adormecia. E comecei, meio em sonho, a imaginar quem seriam seus pais; e, ecoando os meus pensamentos acordada, passei novamente em revista a sua existência, com soturnas variações, que culminavam com a sua morte e o funeral, do qual tudo quanto recorde é de não saber que inscrição ditar para sua lápide e consultar o coveiro a respeito; e, como ele não tinha sobrenome e não pudésemos saber a sua idade, sermos obrigados a contentar-nos com uma única palavra, Heathcliff. Isso aconteceu mesmo. Se o senhor entrar no cemitério, só lerá isso na sua lápide, mais a data da morte.

O nascer do dia restituiu-me a sensatez. Levantei-me e, tão logo se fez dia claro, desci ao jardim, a fim de ver se havia pegadas debaixo da janela dele. Não havia. "Ficou em casa", pensei, "e vai estar normal, hoje." Preparei o desjejum para toda a casa, conforme era meu costume, mas disse a Hareton e Catherine que o tomassem antes que o patrão descesse, pois ele ainda devia estar dormindo. Preferiram tomá-lo ao ar livre, sob as árvores, e preparei uma mesinha especialmente para eles.

Ao voltar, encontrei o Sr. Heathcliff embaixo, falando com Joseph sobre os negócios da fazenda; dava-lhe ordens precisas, minuciosas, mas falava rapidamente e desviava constantemente a cabeça, com a mesma expressão agitada, ainda mais exagerada, talvez. Assim que Joseph saiu da sala, sentou-se no seu lugar habitual e coloquei-lhe à frente um bule de café. Ele o aproximou, depois pousou os braços na mesa e olhou para a parede que lhe estava frente, parecendo fixar-se só num trecho com olhos brilhantes, inquietos, e com tal interesse, que deixou de respirar durante meio minuto.

— Tome! — exclamei, aproximando-lhe o pão da mão. — Coma e beba o café enquanto está quente. Há quase uma hora que está pronto.

Ele não reparou em mim, mas sorriu. Preferia tê-lo visto ranger os dentes do que sorrir daquela maneira.

— Sr. Heathcliff! Patrão! — gritei. — Pelo amor de Deus, não olhe dessa maneira, como se estivesse tendo uma visão do outro mundo.

— E você, pelo amor de Deus, não grite tão alto! — retrucou ele. — Volte-se e diga-me, estamos sós?

— Naturalmente — respondi. — Claro que estamos. Mas, involuntariamente, obedeci-lhe, como se não

estivesse bem segura. Com um gesto de mão, ele abriu um espaço livre entre as vasilhas do desjejum e inclinou-se para a frente, a fim de poder olhar mais à vontade.

Percebi, então, que ele não olhava para a parede; reparando bem nele, parecia que contemplava algo a duas jardas de distância. E, fosse o que fosse, proporcionava-lhe, aparentemente, tanto prazer como dor em extremo: pelo menos era o que a expressão do seu rosto, ao mesmo tempo angustiada e extasiada, sugeria. O que ele contemplava tampouco estava fixo: os olhos dele perseguiam-no com incansável vigilância e, mesmo ao falar comigo, nunca se arredavam do objeto em foco. Em vão lhe recordei que havia muito tempo não comia: se se mexia para tocar em algo, conforme eu lhe dizia, se estendia a mão para pegar numa fatia de pão, logo os seus dedos se fechavam e permaneciam sobre a mesa, esquecidos do seu objetivo.

Armei-me de paciência e sentei-me, tentando desviar a sua atenção para a comida, até que ele se irritou e, levantando-se, perguntou por que razão eu

não o deixava comer quando ele quisesse, e disse que, da próxima vez, eu não precisava esperar: punha a bandeja em cima da mesa e ia embora. Com essas palavras, saiu da casa, desceu lentamente o jardim e desapareceu na estrada.

As horas passaram-se, ansiosamente: outra noite chegou. Não me recolhi senão muito tarde e, mesmo assim, não consegui dormir. Ele voltou depois da meia-noite e, em vez de ir para a cama, fechou-se na sala. Fiquei de ouvido alerta, remexendo-me na cama, até que, finalmente, vesti-me e desci. Era impossível ficar deitada, dando voltas à cabeça com mil e um pensamentos e preocupações.

Distingui os passos do Sr. Heathcliff, andando sem parar de um lado para outro, e, de vez em quando, uma espécie de gemido, quebrar o silêncio. Murmurava, também, palavras soltas; a única que consegui pegar foi o nome de Catherine, junto com algum termo de carinho ou sofrimento, dito como se ele falasse com uma pessoa presente: em voz baixa e sincera, saída do mais fundo da alma. Não tive coragem de entrar na sala, mas, desejosa de arrancá-lo daquele devaneio, comecei a remexer o fogo da cozinha e a varrer as cinzas. O barulho atraiu-o mais depressa do que eu esperava. Ele abriu a porta e perguntou:

— Nelly, venha cá. Já é de manhã? Traga a sua vela.

— São quase quatro horas — respondi. — Quer uma vela para levar para cima? Podia ter acendido uma no fogo.

— Não, não quero ir para cima — replicou ele. — Venha até aqui, acenda-me um bom fogo e faça tudo o que for preciso fazer.

— Primeiro, tenho de atçar os carvões — falei, apanhando uma cadeira e o fole.

Enquanto isso, ele continuava a andar de um lado para outro, num estado de excitação que se aproximava da loucura, os suspiros sucedendo-se um ao outro de uma tal maneira, que mal lhe deixavam tempo para respirar normalmente.

— Quando o dia raiar, vou mandar buscar Green — falou. — Quero fazer-lhe umas consultas jurídicas, enquanto posso pensar nesses assuntos e agir calmamente. Ainda não escrevi o meu testamento e não sei como legar os meus bens. Oxalá os pudesse varrer da face da terra.

— Eu não falaria assim, Sr. Heathcliff — retruquei. — Não se preocupe já com o testamento: terá muito tempo de se arrepender das suas muitas injustiças. Nunca pensei que os seus nervos viessem a ficar tão alterados e quase que inteiramente por sua culpa. A maneira pela qual o senhor passou estes três últimos dias era capaz de arrasar um titã. Coma alguma coisa e descanse um pouco. É só olhar-se num espelho para ver como está. Suas faces estão cavadas e seus olhos raiados de sangue, iguais aos de uma pessoa semimorta de fome e a ponto de ficar cega por não dormir.

— Não é minha culpa se não posso comer nem descansar — replicou ele. — Asseguro-lhe que comeria e repousaria se pudesse. Mas seria a mesma coisa que pedir a um homem prestes a se afogar que abandonasse todas as tentativas e descansasse, a um metro da praia. Preciso alcançá-la primeiro, depois descansarei. Bem, não chame o Sr. Green. Quanto a me arrepender das minhas injustiças, não cometi nenhuma e não me arrependo de nada. Sinto-me muito feliz, mas não suficientemente feliz. A ventura está me matando, mas mesmo assim não está satisfeita.

— Sente-se feliz, patrão? — exclamei. — Que estranha felicidade! Se me prometer escutar-me sem se zangar, acho que lhe posso dar um conselho para torná-lo mais feliz ainda.

— Qual é, Nelly? — perguntou ele. — Diga.

— O senhor bem sabe — comecei — que, desde os seus treze anos, tem levado uma vida egoísta e pouco cristã; sem dúvida, durante todo esse tempo não pegou sequer na Bíblia. Deve ter se esquecido dos ensinamentos do Livro e pode não ter tempo de relê-lo agora. Será que o senhor não quer mandar chamar alguém (um ministro de qualquer igreja, não importa qual) que lhe explique e lhe mostre a que ponto se desviou dos seus preceitos e como está longe de merecer o céu, a menos que uma mudança se opere no senhor antes de morrer?

— Não fico zangado, Nelly, e sim grato — respondeu ele —, pois você me lembrou da maneira pela qual desejo ser enterrado. Quero ser transportado para o cemitério de noite. Você e Hareton, se quiserem, podem me acompanhar: mas cuide, particularmente, de que o coveiro obedeça às minhas instruções a respeito dos dois ataúdes! Não é preciso chamar nenhum ministro, nem dizer qualquer oração; já lhe disse que estou quase alcançando o *meu* céu e que o dos outros não tem nenhum valor para mim.

— E se acaso o senhor perseverasse no seu obstinado jejum e morresse em consequência dele e se recusassem a enterrá-lo no campo-santo? — perguntei, chocada pela sua indiferença religiosa. — O senhor gostaria?

— Não farão isso — replicou ele. — Se fizerem, você deve tratar de trasladar-me em segredo para o cemitério; se não o fizer, hei de lhe provar que os mortos não se aniquilam!

Tão logo ouviu os outros membros da família descerem, retirou-se para os seus aposentos e eu respirei mais aliviada. Mas, de tarde, enquanto Joseph e Hareton estavam nas suas tarefas, entrou novamente na cozinha e, com um olhar desatinado, pediu-me que fosse para a sala e lhe fizesse companhia: queria alguém com ele. Recusei-me a isso, dizendo-lhe, francamente, que a sua estranha atitude e maneira de falar me assustavam e que não tinha nem vontade, nem coragem de ficar a sós com ele.

— Acho que você me julga um demônio — disse ele, com o seu riso sombrio —, algo por demais horrível para viver numa casa decente. — Depois, voltando-se para Catherine, que se escondera atrás de mim ao vê-lo aproximar-se, perguntou, sarcástico: — E *voce*, vem comigo? Não lhe vou fazer mal. Não! Aos seus olhos eu me transformei em algo pior do que o Diabo. Bem, há *uma* pessoa que não foge da minha companhia! Por Deus, ela é inexorável! É demais! Ninguém de carne e osso pode suportar. . . Nem eu!

Não pedi a companhia de ninguém mais. Ao anoitecer foi para o seu quarto. Durante toda a noite e na manhã seguinte ouvimo-lo gemer e murmurar consigo mesmo. Hareton estava ansioso por entrar, mas eu lhe pedi que fosse buscar o Dr. Kenneth, para que o visse. Quando o médico chegou e pedi licença para entrar e tentei abrir a porta, vi que estava trancada. E Heathcliff mandou-nos para o inferno, dizendo que estava melhor e queria que o deixassem em paz. Em vista disso, o médico foi-se embora.

A noite seguinte foi de chuva: na verdade, choveu até de manhãzinha. Ao dar o meu costumeiro passeio matinal em volta da casa, observei que a janela do patrão estava escancarada e que a chuva entrava por ela às rajadas.

"Ele não pode estar na cama", pensei: a chuva tê-lo-ia encharcado. "Deve estar levantado ou ter saído. Mas basta de conjeturas, vou ver."

Após ter conseguido entrar com outra chave, corri a abrir os painéis, pois o quarto estava vazio. Empurrei-os depressa para o lado e olhei. O Sr. Heathcliff estava lá — caído de costas. Seus olhos encaravam-me com tal fixidez, que estremei; depois, ele pareceu sorrir. Não podia crer que estivesse morto: mas o seu rosto e pescoço estavam encharcados; as roupas de cama pingavam água e ele estava perfeitamente imóvel. A gelosia, batendo com o vento, arranhara-lhe uma das mãos, pousada no peitoril; mas não saía sangue da ferida e, quando a toquei com os dedos, não duvidei mais: ele estava mesmo morto!

Tranquei a janela; pentei-lhe os longos cabelos pretos, caídos para a testa, e tentei fechar-lhe os olhos: extinguir, se possível, aquele olhar terrível e ainda vivo de exultação, antes que outra pessoa o pudesse ver. Mas eles não se fechavam: pareciam troçar dos meus esforços — e os seus lábios abertos, deixando à mostra os dentes brancos e aguçados, também pareciam troçar! Tomada de novo acesso de covardia, gritei por Joseph. Ele apareceu logo, mas recusou-se a mexer nele.

— O Demo carregou a alma dele! — falou. — Pode levar também a carcaça! Credo! Até da morte ele caçoa! — e o velho pecador fez uma cara de troça. De repente, porém, recobrando a compostura, ajoelhou-se, ergueu as mãos ao céu e deu graças por ficar Hareton, o legítimo dono, novamente na posse dos seus direitos.

Quanto a mim, estava perplexa — e a minha memória pôs-se a recordar tempos passados, com uma espécie de opressiva tristeza. Mas foi o pobre

Hareton, precisamente o mais injustiçado, o único a sofrer realmente muito. Velou o corpo durante toda a noite, chorando sem parar. Apertava-lhe a mão, beijava-lhe o rosto sarcástico e terrível, que todos os demais evitavam contemplar, e carpia-o como só sabem fazer os corações generosos, embora endurecidos como aço temperado.

O Dr. Kenneth não conseguiu diagnosticar a causa da morte. Ocultei o fato de ele nada ter comido durante quatro dias, temendo que originasse complicações e também porque estava convencida de que ele não jejuara propositadamente, e sim em consequência da estranha doença que o acometera.

Foi sepultado, para escândalo de toda a região, segundo o seu desejo. Eu e Earnshaw, o coveiro e seis gatos-pingados — eis o acompanhamento. Os seis gatos-pingados foram embora assim que puseram o caixão na sepultura; nós ficamos para vê-lo ser coberto. Com o rosto lavado em lágrimas, Hareton arrancou tufo de grama verde e colocou-os sobre a terra: atualmente, a sepultura está tão verdejante quanto a da companheira — e espero que o seu ocupante tenha um sono igualmente sossegado. Mas a gente do campo, quando se lhes pergunta, jura pela Bíblia que o vê *caminhar*: há quem diga que o enxergou perto da igreja, na charneca e até mesmo nesta casa. Histórias, dirá o senhor, e eu também. Contudo, aquele velho sentado diante do fogo afirma que vê os dois, olhando pela janela do quarto dele, todas as noites de chuva, desde que o patrão morreu — e uma coisa estranha aconteceu-me, há cerca de um mês. Eu estava indo para a granja, uma noite — uma noite escura, ameaçando trovoadas —, e, bem na encruzilhada que leva ao Morro, encontrei um rapazinho com um carneiro e duas ovelhas;

chorava horrivelmente e eu supus que as ovelhas estivessem assustadiças e se recusassem a obedecer-lhe.

— Que foi, meu homenzinho? — perguntei.

— Heathcliff e uma mulher estão ali, perto do morro — gaguejou ele —, e estou com medo de passar.

Nada vi; mas tanto as ovelhas quanto ele se negavam a passar, de modo que lhe disse para ir pela estrada de baixo. Provavelmente ele imaginara os fantasmas de tanto pensar, ao atravessar sozinho a charneca, nas bobagens que ouvira os pais e os colegas repetirem. Mas a verdade é que já não gosto de sair no escuro e nem de ficar sozinha neste casarão. Que alívio vai ser, quando mudarem daqui para a granja!

— Vão para a granja? — perguntei.

— Vão — respondeu a Sra. Dean —, tão logo se casarem, no dia de Ano Novo.

— E quem ficará morando aqui?

— Joseph ficará tomando conta da casa e talvez um rapaz lhe fará companhia. Vão viver na cozinha e o resto da casa será fechado.

— Para uso dos fantasmas — comentei.

— Não, Sr. Lockwood — falou Nelly, abanando a cabeça. — Creio que os mortos descansam em paz, mas não é direito falar deles com tal leviandade.

Nesse momento, a cancela do jardim rangeu: os namorados estavam de volta.

— *Esses* não têm medo de nada — resmunguei, vendo-os entrar. — Juntos, seriam capazes de desafiar Satã e todas as suas legiões de demônios.

Vendo-os parar um instante diante da porta, para olharem uma última vez para a lua — ou, melhor, um para o outro, banhados pelo luar —, senti-me novamente impellido a ir embora; e, enfiando uma lembrança na mão da Sra. Dean, não obstante os seus protestos, saí pela cozinha no exato momento em que eles abriam a porta de entrada — e teria confirmado a opinião de Joseph quanto às indiscrições da velha colega, se ele não tivesse considerado como prova da minha respeitabilidade o soberano de ouro que lhe atirei aos pés.

Meu caminho de volta foi alongado por um desvio na direção da igreja. Uma vez dentro dela, percebi quanto envelhecera em apenas sete meses: muitas janelas mostravam buracos negros, destituídos de vidraças; e, aqui e ali, telhas saíam fora da linha do telhado, candidatando-se a serem arrancadas pelas próximas tempestades de outono.

Procurei, e logo descobri, as três lápides na encosta próxima à charneca: a do meio, cinzenta e meio enterrada na urze; a de Edgar Linton, com a grama e o musgo trepando-lhe pela base — e a de Heathcliff, ainda nua.

Demorei-me a contemplá-las, sob aquele céu clemente, a ver as borboletas esvoaçando por entre a urze e as campânulas, a ouvir a brisa suave soprando através da relva e a pensar como poderia alguém imaginar, sequer, sonos agitados sob aquela terra.

FIM

O AUTOR E SUA OBRA

A mais talentosa das irmãs Brontë — mulheres que se celebrizaram na literatura inglesa do século XIX —, Emily só teve o seu mérito reconhecido muitos anos após a sua morte. Quando "O Morro dos Ventos Uivantes" foi publicado, em 1847, os críticos o classificaram como uma obra sádica, pervertida e patológica. E tacharam de imaturos os sentimentos da autora. Uma mulher, segundo um crítico inglês, precisaria de um poderoso demônio para se sobressair na Inglaterra vitoriana. Mas Emily o conseguiu. "O Morro dos Ventos Uivantes" é uma obra que não pode ser catalogada em nenhuma escola. Ela é única em seu tempo. Não pertence à tradição nem ao estilo literário dos escritores da época. Uma coisa à parte, apaixonante e terrivelmente melancólica.

Emily Brontë nasceu em Yorkshire, em agosto de 1818. Seus pais eram luteranos pobres, porém cultos. Tendo perdido a mãe aos dois anos, foi criada por uma tia, juntamente com um irmão e mais quatro irmãs, duas das quais precocemente falecidas. Residentes num distrito isolado, onde a educação não tinha avançado, os Brontë não mantinham relações sociais, e viviam uns para os outros. Estudavam e liam muito. As crianças chegaram a criar o reino imaginário de Angria, enchendo vários cadernos com a história de suas guerras, suas leis, seus reis e seus feudos.

A única vez em que Emily saiu de casa foi para estudar francês em Bruxelas. Aí, teve uma vida infeliz, que seria mais tarde retratada por sua irmã Charlotte em "Jane Eyre". Yorkshire era o único lugar em que ela se sentia à vontade em sua solidão.

Seus poemas foram descobertos pela primeira vez por Charlotte. Emily ficou muito sentida com a descoberta, mas acabou por concordar em que ambas publicassem juntas um livro de poemas. O livro saiu em 1846 e foi um fracasso.

Pouco depois da publicação de "O Morro dos Ventos Uivantes", Emily ficou muito doente. Recusou qualquer tipo de tratamento, e foi piorando, até que veio a falecer em 19 de dezembro de 1848. Tinha apenas trinta anos de idade.

Sobre sua irmã, diria Charlotte: "Mais forte do que um homem, mais simples do que uma criança, a natureza de Emily erguia-se solitária. Sob uma cultura em nada sofisticada, e gostos em nada artificiais, havia nela um fogo secreto que deve ter lhe inflamado o cérebro e as veias". Charlotte foi uma das poucas pessoas que puderam descrever a personalidade de Emily, uma vez que ela não deixou nenhuma correspondência e a sua obra não nos dá nenhuma chave que a possa decifrar.